Obras Completas

de

Luiz de Camões

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

DE

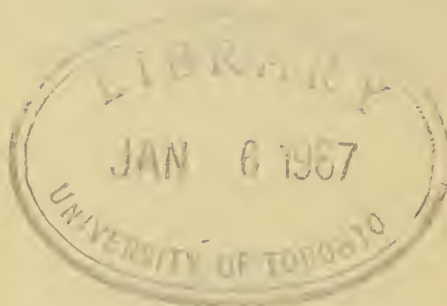
LUIZ DE CAMÕES

NOVA EDIÇÃO

Noticia biographica de Luiz de Camões—Sonetos
—Elegias—Eglogas—Outavas

VOLUME I

1912

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

1912

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
Da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 44, 46 e 48 — 1.º e 2.º andar
LISBOA

NOTICIA BIOGRAPHICA

DE

LUIZ DE CAMÕES

I

Deixando, como elle proprio nos declara, a vida *pelo mundo em pedaços repartida*, e consignados em suas poesias alguns traços d'ella, mais ou menos obscuramente, legou Camões á posteridade uma serie de incertezas e de pontos controversos em quasi tudo que lhe diz respeito. Com elles tiveram de luctar os biographos, que mais tarde assumiram o difficil encargo de circumstanciar os feitos e successos do varão preclaro, do homem que (segundo o pensamento de Schlegel) «resume em si uma litteratura inteira.» Na mingua de documentos authenticos, e perante a deficiencia de informações dos contemporaneos, que por bem instruidos podiam melhor fornecel-as, foi-lhes forçoso lançarem-se desde o principio no mar das conjecturas, soccorrendo-se de inducções mais ou menos fundamentadas, quer para determinar questões de logar e tempo, quer para dar luz a factos muitas vezes envoltos nas sombras do mysterio.

Cumpre porém confessar, que, apesar do muito que (mórmente em epochas modernas) a critica tem lidado para apurar a verdade, não são poucos nem de pequena monta os pontos sobre os quaes mal póde ainda assentar-se um juizo definitivo. Facil nos seria comprovar este asserto, mediante uma discussão em que não receiáramos entrar: veda-o porém a indole da tarefa que nos foi commettida, e

ainda mais a exiguidade do espaço que para ella se nos faculta.

Assim limitar-nos-hemos á simples e succinta exposição chronologica da vida e acções do poeta, acostando-nos ás opiniões mais correntes, mas tomando principalmente por guia o sr. visconde de Juromenha, nos pontos em que este erudito e perseverante investigador conseguiu rectificar alguns erros e inadvertencias de seus predecessores.

Descendente de familia nobre, oriunda de Galliza, e cujo tronco começa em Vasco Pires de Camões, vindo para este reino no tempo de D. Fernando I, nasceu Luiz de Camões em Lisboa, ao que passa por mais certo, posto que antiga e modernamente Coimbra, Santarem e Alemquer pretendessem, com argumentos especiosos, disputar á capital a gloria que em verdade lhe resulta, de ter sido o berço de tão esclarecido filho. Foram seus paes Simão Vaz de Camões, e Anna de Sá, a quem alguns accrescentam o appellido de Macedo.

Se devemos inteira fé e credito a Manuel de Faria e Sousa, isto é, ao assento que elle affirma haver encontrado nos registros da Casa da India, (sem que todavia saibamos como foram parar-lhe ás mãos, nem que descaminho ou extravio levaram depois) o poeta, contando de idade vinte e cinco annos no de 1550, deveria ter nascido por fins de 1524 ou principios de 1525: ao passo que os seus primeiros biographos lhe assignam a data do nascimento em 1517.

Não sendo para nós de peso algum o que ultimamente se escreveu em contrario, continuaremos a ter por mais provavel que em Lisboa começasse os seus primeiros estudos, indo depois continual-os em Coimbra, sob a direcção de seu tio D. Bento de Camões, que no anno de 1539 saira eleito geral da Congregação de Santa Cruz, e fôra pouco

depois nomeado chancellario da Universidade. Da sua estada n'aquella cidade encontra-se mais de uma allusão nas suas poesias lyricas. Do seu aproveitamento litterario dão pleno e exuberante testemunho as suas obras. Não ha comtudo memoria ou vestigio de que chegasse a ser lhe conferido algum dos degraus, que, no concluir dos estudos, põem pelo dizer assim o sêllo aos trabalhos academicos.

Foi ainda nos ultimos tempos da sua permanencia em Coimbra (ao menos na opinião do sr. visconde de Juromenha) que teve começo a paixão amorosa, que tão poderosamente devia influir em toda a sua vida. O objecto d'esses amores, que o poeta á sua volta para Lisboa pelos annos de 1542 a 1545 veiu encontrar na côrte, era D. Catharina de Ataide, donzella da rainha D. Catharina, e filha de D. Antonio de Lima, então mordomo-mór do infante D. Duarte.

Os primeiros annos da sua residencia na côrte parece haverem sido para Luiz de Camões a epocha de felicidade, em que elle diz de si: «que andava farto, querido e cheio de favores e mercês de amigos e damas.» Seu talento e dotes naturaes não só lhe conciliaram a estima e convivencia das pessoas mais qualificadas, mas até lhe facilitaram a entrada no paço. Ahi com a frequencia e trato da dama, sem respeito ao local privilegiado, tomaram incremento os amores, que divulgados por inveja ou ciume, provocando talvez as iras de parentes poderosos, fizeram que sobre o poeta recaisse a severidade da lei. E a essa causal attribue uma tradição, com visos de bem fundada, o desterro, que primeiro soffreu em logar situado nas margens do Tejo, que o sr. visconde conjectura ser Punhete (hoje villa de Constancia), e mais tarde, ao que se presume, por effeito de nova reincidencia, nas possessões d'Africa.

Na praça de Ceuta assistiu e militou por algum tempo, tomando parte nas refregas contra os mouros, e perdendo em um d'esses recontros o olho direito; se não é que, como

alguns pretendem, tal desastre lhe sobreveiu á ida em combate naval, travado no estreito de Gibraltar com a propria embarcação que o transportava.

Parece que no anno de 1549, sendo chamado á côrte D. Affonso de Noronha, que estava de capitão em Ceuta, para ir succeder no governo da India a D. João de Castro, com elle viera o poeta no intuito de acompanhal-o áquellas paragens; para o que effectivamente se alistára em 1550, segundo consta do assento citado por Faria e Sousa.

Mas é facto não haver partido n'esse anno, e sómente seguiu viagem no de 1553, embarcando-se na armada de que ia por capitão-mór Fernão Alvares Cabral, que largou d'este porto a 24 de março.

No intervallo d'esta sua demora em Lisboa foi que por um caso fortuito, houve de jazer durante alguns mezes na cadeia publica.

Era Luiz de Camões de indole buliçosa, e naturalmente ousado. Elle mesmo diz algures, que seus adversarios nunca lhe viram as sola dos pés. Quiz a sorte que nas festas e folgares, que por aquelles tempos eram de costume em Lisboa para solemnisar o dia de Corpus Christi, se armasse desordem entre dois mascarados e um Gonçalo Borges, creado d'el-rei. O poeta, que presenciou este conflicto, acudiu para logo em defeza dos mascarados, que reconheceu por amigos, e com a espada deu a Gonçalo Borges um golpe no pescoço. Capturado em flagrante pela justiça, houve de expiar o crime na prisão do *Tronco*, d'onde só logrou vêr-se livre pela carta de perdão, que el-rei lhe mandou passar, attendendo a ter elle sido já perdoado pelo offendido, e «por ser homem mancebo e pobre, que se propunha ir servir na India.» Tem esta carta a data de 13 de março de 1553.

Partiu pois, e em tão má hora se despedia de Lisboa, que tornava suas aquellas memoraveis palavras attribuidas a Scipião Africano: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*

II

Decorridos seis mezes de arriscada e trabalhosa viagem, desembarcou em Gôa da nau *S. Bento*, unica entre as quatro da armada que conseguiu chegar ao seu destino n'aquelle anno. Achou o vice-rei D. Affonso de Noronha, com quem servira em Ceuta, occupado nos preparativos de uma forte expedição, com que determinára sair em soccorro dos reis de Cochim e Poleá, nossos amigos, aos quaes movia guerra o da Pimenta, denominado por outros de Chambé. Não desprezou Camões para a sua estreia tão opportuno ensejo, e tomou parte n'essa expedição, de cujo successo dá conta na elegia que começa: *O poeta Simonides falando*, etc., na qual tambem relata o que lhe aconteceu durante a navegação de Lisboa para a India, e a furiosa tormenta que o assaltára ao passar o cabo da Boa Esperança.

Após esta entrou em outras emprezas militares, sem que todavia essas occupações, e os trabalhos padecidos nos intervallos, podessem desvial-o do cultivo das musas; tendo, como elle diz, nos dezeseis annos vividos na Asia: *N'hua mão sempre a espada e n'outra a penna.* Foi assim que discorreu a India por todas as partes; penetrou no mar Roxo e no golfo Persico; residiu em Malaca, nas Molucas e em Macau; visitou Sumatra, Ceilão e as Maldivas. E como esmerado e curioso observador, soube debuxar fielmente o quadro d'estas paragens, tanto no seu immortal poema, como em varias composições avulsas, que lemos nas suas rythmas.

Passados os primeiros annos da chegada á India começou a experimentar novos dissabores e revezes da fortuna. A D. Pedro de Mascarenhas succedêra no governo d'aquelles estados Francisco Barreto, cujo caracter ha sido mui diversamente avaliado pelos biographos do poeta. Houve por occasião da sua investidura jogos, banquetes, e até (cousa

não vulgar n'aquelles tempos!) representações theatraes. Para estas concorreu Luiz de Camões com o seu *Auto de Filodemo.* Mas por esse mesmo tempo escreveu os *Disparates da India*, e outras satyras pungentes, em que pintava com vivas côres a dissolução e os vicios que reinavam nos poderosos de Gôa. Deram-se por aggravados os viciosos, e o imprudente censor teve de pagar cara a ousadia, recebendo ordem de partir para a China com o cargo de provedor dos defuntos e ausentes Querem alguns vêr na sua nomeação um despacho, por ser o emprego azado para lucros: outros porém sustentam que elle não fôra mais que um simulado degredo. Parece haver se realisado esta partida em março de 1556, anno em que tambem se conjectura haver fallecido em Lisboa D. Catharina de Ataide.

Demorou se o poeta em Macau cerca de dois annos, e n'esse intervallo é tradição constante que compozera uma boa parte dos seus *Lusiadas.* Em 1558 o governador Francisco Barreto o mandou recolher a Gôa debaixo de prisão, diz-se que por intrigas ou mexericos de seus emulos, que o accusavam de malversações na gerencia do officio. A nau em que vinha naufragou na costa de Camboja, na Cochinchina. Ahi perdeu toda a fazenda que havia adquirido, conseguindo apenas salvar-se a nado, e levando em uma das mãos o manuscripto do poema que devia perpetuar-lhe a fama.

E' elle mesmo que nol o attesta, quando ao fallar do rio Mecon diz na estancia 128.ª do canto X:

«Este receberá placido e brando
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.»

Regressando a Gôa, já pelos fins do governo de Francisco Barreto, foi mandado para a cadeia publica, para se lhe instaurar ou continuar tal ou qual processo ; e ahi mesmo, segundo a opinião do sr. visconde de Juromenha (de quem tomámos a ordem chronologica d'estes successos) escreveu o bello e conceituoso soneto *Alma minha gentil, que te partiste*, etc., em que parece alludir á morte da sua querida Natercia.

Com a vinda de D. Constantino de Bragança, aportado a Gôa em setembro de 1558 para succeder no governo a Francisco Barreto, pôde Camões recobrar a liberdade. Solto e bemquisto do novo vice-rei, é de presumir que continuasse no serviço e expedições militares ; pretende-se porém que ao terminar aquelle o triennio do seu governo, jazia outra vez em ferros o poeta ; ou fosse por algumas travessuras recentemente praticadas, ou porque se levantassem contra elle novas recriminações com respeito ao logar que exercera em Macau.

N'estes trabalhos, e quando, diz-se, estava proximo a saír da prisão, achou-se embargado a requerimento de Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha o Fios-Seccos (homem de coração pouco generoso, comquanto nobre por nascimento e esforçado nas pelejas), a quem o poeta devia certa porção de dinheiro, obtido por emprestimo em precisões urgentes. Foi n'esta conjunctura que, recorrendo ao patrocinio do novo vice-rei D. Francisco Coutinho, conde do Redondo, implorou a sua protecção no chistoso e epigrammatico memorial, que levará á mais remota posteridade o ignobil procedimento de quem assim o maltratára.

Restituido á liberdade, gosou sempre da estima dos novos governadores, que successivamente regeram aquelle estado. Em carta do conde do Redondo, mandada para o reino (ainda que não dirigida a D. João III, como, com inconsiderada leveza, aventára ha pouco um biographo ami-

go de novidades, sendo aquelle monarcha fallecido desde 11 de julho de 1557, e a carta inquestionavelmente de data mui posterior, isto é, entre 1561-1564) lê-se que elle vice-rei, para occorrer ao despacho dos feitos *se valia algum tanto do provedor mór dos defuntos*. Mas que este innominado *provedor mór* em Gôa fosse o proprio Luiz de Camões, que annos antes deixára de ser *provedor* em Macau, fica ainda para nós, força é confessal-o, mais que muito duvidoso...

O seu cabimento com D. Francisco Coutinho aliás testemunhado até á evidencia por algumas de suas poeticas composições, nada perdeu com a morte d'este vice rei em 1564, perante o successor D. Antão de Noronha, que, justo apreciador dos meritos do poeta, do tempo em que ambos haviam militado em Ceuta, continuára a dispensar-lhe igual benevolencia.

No intervallo que decorre de 1562 até 1567 empregou-se Camões por vezes no serviço das armadas. E' n'esta epoca que os biographos, supprindo a falta de documentos authenticos por inducções fundadas ou conjecturas verosimeis, collocam suas digressões militares a Malaca, e de lá ás ilhas Molucas, trazendo de volta para Gôa o fiel escravo Jáo, que tão prestimoso tinha de ser-lhe no derradeiro periodo da vida.

Póde dar-se por facto averiguardo, pois d'elle existe prova em documento escripto, que D. Antão de Noronha, como devida remuneração de tantos e tão valiosos serviços, lhe conferira a supervivencia no logar de feitor em Chaul, cargo a que andavam annexos, afóra o vencimento fixo de 100$000 réis annuaes (hoje pelo augmento do numerario equivalente a bons 600$000 réis) outros logares de representação e proveito, quaes os de alcaide-mór, provedor dos defuntos e vedor das obras. Saudades da patria, ou talvez o destino providencial que a ella o chamava para immortalisar-lhe a gloria, não consentiram que aguardasse a even-

tualidade da vagatura em que viria a realisar-se o provimento da mercê.

Determinado a passar ao reino, aproveitou o ensejo que para isso lhe proporcionava Pedro Barreto. Este se offerecia a leval-o comsigo até Moçambique, de cuja capitania ía tomar posse, e onde mais facil ficaria ao poeta esperar embarcação que o trouxesse a Lisboa. Mas a sorte, apostada a perseguil-o, ahi lhe preparava novas amarguras. Desavindo-se com Pedro Barreto, por causa que se ignora, achou-se a braços com a miseria, e chegado ao extremo de *comer de amigos*, na phrase de Diogo do Couto, que n'esse lastimoso estado nos conta o encontrára ao arribar a Moçambique na nau onde felizmente vinham outros affeiçoados do poeta. Fintaram-se estes entre si, não só para provel-o de todo o necessario, mas até, segundo se affirma, para embolsar Pedro Barreto de duzentos cruzados de que se dizia credor, por despezas que com elle fizera, e pelos quaes lne embargava a saída. Por este vil preço foi pois resgatada a pessoa de Luiz de Camões, e vendida a honra de Pedro Barreto.

III

Em novembro de 1569 largou de Moçambique para Portugal com as mais da armada a nau *Santa Clara*, a que outros deram o nome de *Santa Fé*. A seu bordo vinha Luiz de Camões, que regressando á patria depois de dezeseis annos passados entre o fragor das armas, com perigos e trabalhos de toda a especie, trazia por sua unica riqueza o já acabado poema, que ainda assim no curso da viagem se não descuidava de polir e aperfeiçoar. Novo infortunio lhe estava reservado antes de entrar no Tejo: a perda de um

amigo intimo e companheiro na viagem, Heitor da Silveira, como elle poeta e egualmente desfavorecido da sorte. Em abril de 1670 aportava emfim a Lisboa, n'esse tempo flagellada pelos horrores da peste, que nas historias ficou consignada com o epitheto de *grande*.

Os seus primeiros cuidados ao pousar na patria foram pelo que se vê dedicados á immediata publicação dos *Lusiadas*. Para ella obteve alvará de privilegio a 4 de setembro do anno seguinte, e logo nos principios de 1572 saía dos prelos do impressor Antonio Gonçalves a primeira edição, e após esta outra com a mesma data, se não é contrafacção, como alguns pensam. O que se passou n'este curto intervallo da vida do poeta é egualmente escuro e incerto, como tudo o mais. Todavia, fundamentos que se pretendem deduzir das suas proprias rythmas, dão azo a conjecturar que seu protector e amigo D. Manuel de Portugal, da casa de Vimioso (da qual devia sair mais tarde o lençol que lhe serviu de mortalha) empregára a favor d'elle o seu valimento no paço, e concorrera efficazmente para esse tal ou qual galardão com que foi remunerado.

Com effeito, por alvará de 28 de julho de 1672, el-rei D. Sebastião, «*havendo respeito aos serviços que lhe fizera nas partes da India por muitos annos*, *aos que ainda poderia fazer*, *e á sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India*, concedeu a Luiz de Camões 15$000 réis de tença annual, para lhe serem pagos durante tres annos, impondo-lhe a obrigação de residir na côrte. Esta mercê foi depois renovada por successivas apostillas nos triennios que decorreram até o obito do poeta, passando depois (já em tempo de Filippe II) para a mãe, que lhe sobreviveu, e que por ser *muito velha e pobre*, obteve de principio 6$000 réis, e mais tarde a pensão por inteiro.

Escassa tem sido julgada a remuneração, e em verdade a devemos considerar tal, se attendermos ao merito e serviços do agraciado. Entretanto é certo que a pensão lhe

foi pontualmente paga (do que até ha pouco se duvidava) e que os 15$000 réis d'aquelle tempo representariam hoje 90$000 réis, pela differença no valor da moeda. Mal chegava ella comtudo para livral-os dos horrores da miseria, pois que a tradição constante nos affirma que Antonio, o escravo Jáo, que da India trouxéra, saia de noite a esmolar pelas portas á caridade publica o pão, que seu senhor havia de comer no dia seguinte. Esse mesmo soccorro veiu a faltar-lhe, pela morte prematura do escravo.

Cançado de luctar com tantas adversidades, e já perdida a esperança de melhor futuro, passou em continua tristeza os ultimos annos da vida. Esquivava-se á convivencia e trato dos homens, e por unica diversão apenas saía de casa para descer até o convento de S. Domingos, onde ía umas vezes ouvir as lições de theologia moral, e outras procurar na conversação de alguns religiosos seus affeiçoados os sentimentos de resignação e conformidade que havia mister.

Uma pertinaz enfermidade, prolongada talvez á mingua de recursos, veiu ainda aggravar a sua situação ; e jazia, segundo se diz, prostrado no leito, quando para cumulo de desditas chegou-lhe e ao reino a infausta nova da perda de el-rei D. Sebastião e da derrota do exercito portuguez em Alcacerquibir, a 4 de agosto de 1578. Facilmente se imagina quanto este infelicissimo successo e as deploraveis consequencias que elle presagiava, deveriam influir no animo de um tão devotado adorador da sua patria como indubitavelmente o foi Luiz de Camões ! Se á noticia do fatal golpe não succumbiu de prompto, como chegára a affirmar algum dos seus biographos, bem pôde dar-se por certo que os curtos dias que ainda lhe restaram foram para elle de incessante e doloroso martyrio, afigurando-se-lhe a cada momento a imagem de Portugal agonisante, e prestes a caír nas garras de Castella.

Sobre a data do seu fallecimento vogou por muito tempo

uma opinião erronea. Todos os biographos, copiando-se uns aos outros, e seguindo n'essa parte a inscripção sepulchral, lhe assignavam o anno de 1579. O erro acha-se porém desfeito: á vista do documento irrecusavel, e graças á investigação do sr. visconde de Juromenha, não mais é licito duvidar de que Camões falleceu a 10 de junho de 1570, isto é, precisamente quando Filippe II, para apossar-se de Portugal á viva força, fazia marchar para as fronteiras, sob as ordens do terrivel duque d'Alba, um exercito de oitenta mil homens!

Quanto ao local da morte, houve sempre n'esse ponto notavel discordancia. D. Fernando Alvia de Castro, que foi contemporaneo de Camões, escrevendo em 1621, isto é, quarenta annos depois do obito do poeta, affirma «*que elle morrera miseravelmente em UM hospital d'esta cidade.*» Esta opinião achou muitos seguidores, e é ainda corroborada pelo testemunho do missionario, que de facto presencial escreveu a nota, que se lê no celebrado exemplar dos *Lusiadas*, pertencente a Lord Holland. Outros porém sustentaram com Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que Camões fallecêra em seu proprio domicilio, na casa que, segundo a descripção que d'ella fazem, o sr. visconde conclue ser a que na calçada de Santa Anna tem hoje os numeros 52 e 54, e em cuja frente, cremos foi ha poucos annos collocada uma lapide com inscripção commemorativa do facto.

Confessamos á nossa parte, que n'este embate de encontrados pareceres não nos julgamos em nosso entender habilitado para tomar por qualquer d'elles partido decisivo.

O que não padece duvida é que, após o fallecimento, fôra o cadaver do poeta conduzido á egreja das religiosas de Santa Anna (que então servia de parochia) e ahi sepultado sem alguma distincção ou epitaphio. Assim permaneceu, até que passados annos (diz-se que no de 1595) D.

Gonçalo Coutinho o fez trasladar para diverso jazigo, mandando cobrir este com uma campa em que se lia a seguinte inscripção:

AQVI JAZ LUIZ DE CAMOENS
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEO TEMPO
MORREO NO ANNO DE 1579
ESTA CAMPA LHE MANDOU PÔR
D. GONÇALO COUTINHO NA QUAL SE
NÃO ENTERRARÁ NINGUEM

Observando de passagem como já n'este tempo se havia perdido a memoria da verdadeira data do obito, cabe tambem notar que ao singelo epitaphio que fica transcripto, appareceram depois acrescentadas em diversas biographias do poeta as clausulas:

VIVEO POBRE E MISERAVELMENTE
E ASSIM MORREO

que nunca existiram lavradas na pedra tumular, segundo a affirmação expressa e testemunhal do chronista da ordem Seraphica, Fr. Fernando da Soledade.

E pois que a natureza d'este esboço não comporta outras explanações, vendo-nos por todo elle e a cada passo forçado a omittir ou a tocar de leve factos e circumstancias, que mais requeriam pausada narrativa e discussão critica e sizuda, por aqui nos cerraremos, epilogando com

as seguintes linhas que a proposito se nos depararam, servindo de condigno remate a obra de maior folego: [1]

«Este homem, a quem seus concidadãos deixaram morrer nos desamparos e nas attribulações da pobreza, legou todavia á sua patria, não só riquissima herança de gloria, mas inda um tão patriotico enthusiasmo, que, fazendo-nos palpitar os corações, nos infunde d'elles os heroicos brios que serão em todo o tempo a garantia fiel da nossa independencia nacional. — O conquistador, que pretender subjugar a nossa querida patria, ha de primeiro rasgar, até á ultima pagina, o poema immortal dos *Lusiadas.*»

12 de abril de 1874.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

---

[1] *Camões e os Lusiadas, ensaio historico-critico-litterario,* por Francisco Evaristo Leoni. Lisboa, 1873. Editor, A. M. Pereira.

SONETOS

I

Emquanto quiz fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse;
Porém temendo Amor que aviso désse
Minha escriptura a algum juizo isento,
Escureceu-me o engenho co'o tormento,
Para que seus enganos não dissesse.
Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! quando lerdes
N'hum breve Livro casos tão diversos;
(Verdades puras são, e não defeitos)
Entendei que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

2

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por huns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.
Farei que o Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, e pena, ausente.
Tambem, Senhora, do desprêzo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte,
Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

3

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente chóro e rio,
O mundo todo abarco, e nada apérto.
He tudo quanto sinto hum desconcêrto:
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum rio;
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvarío, agora acérto.
Estando em terra, chego ao Ceo voando;
N'hum'hora acho mil annos, e he de geito
Que em mil annos não posso achar hum'hora.
Se me pergunta alguem, porque assi ando?
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

4

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se n'ella está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente póde descansar,
Pois com elle tal alma está liada.
Mas esta linda e pura semidêa,
Que como o accidente em seu sojeito,
Assi com a alma minha se confórma;
Está no pensamento como idêa;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a fórma.

5

Passo por meus trabalhos tão isento
De sentimento grande nem pequeno,
Que só por a vontade com que peno
Me fica amor devendo mais tormento.
Mas vai-me amor matando tanto a tento
Temperando a triaga co'o veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não m'o consente o soffrimento.
Porém se esta fineza o Amor sente,
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer como ao sol neve;
Mas se me vê co'os males tão contente,
Faz-se avaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deve.

6

Em flôr vos arrancou, de então crescida,
(Ah Senhor Dom Antonio!) a dura sorte
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antiguos esquecida.
Huma só razão tenho conhecida
Com que tamanha mágoa se conforte:
Que se no mundo havia honrada morte,
Não podieis vós ter mais larga vida.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que co'o desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

7

N'hum jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima várias flôres,
Entrou hum dia a Deosa dos amores,
Com a Deosa da caça e da espessura.
Diana tomou logo uma rosa pura,
Venus hum roxo lyrio, dos melhores;
Mas excediam muito ás outras flôres
As violas na graça e formosura.
Perguntam a Cupido, que alli estava:
Qual d'aquellas três flôres tomaria
Por mais suave e pura, e mais formosa?
Sorrindo-se, o menino lhes tornava:
Todas formosas são; mas eu queria
Viola antes que lyrio, nem que rosa.

8

Todo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor d'ella não sentia;
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na Nympha que buscava.
Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia;
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava.
Cansado já de andar por a espessura,
No tronco de huma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza

9

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho.
Olhae de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas com quanto não póde haver desgôsto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor hum mal, que mata e não se vê.
Que dias ha que na alma me tem posto
Hum não sei quê, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e dóe não sei porquê.

10

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo sêr de vossos olhos bellos,
Se não perder a vista só com vel-os,
Já não paga o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantagem merecel-os,
Dei mais a vida e alma por querel-os;
Donde já me não fica mais de resto.
Assi que alma, que vida, que esperança,
E que quanto fôr meu, he tudo vosso:
Mas de tudo o interêsse eu só o levo;
Porque he tamanha bem aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

11

Quando da bella vista e dôce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão elevado sinto o pensamento,
Que me faz vêr na terra o Paraiso.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento:
Assi que em termo tal, segundo sento,
Pouco vem a fazer quem perde o siso.
Em louvar-vos, Senhora, não me fundo;
Porque quem vossas graças claro sente,
Sentirá que não póde conhecel as.
Pois de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he de estranhar, Dama excellente,
Que quem vos fez, fizesse Céo e Estrellas.

12

Dôces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me descansar em paz hum'hora,
Que commigo ganhais pouca victoria.
Impresso tenho na alma larga historia
D'este passado bem, que nunca fôra;
Ou fôra, e não passára; mas já agora
Em mi não póde haver mais que memoria.
Vivo em lembranças, morro de esquecido
De quem sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tão contente.
Oh quem tornar podéra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

13

Alma minha gentil, que te partiste
Tào cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

14

N'hum bosque, que das Nymphas se habitava,
Sibella, nympha linda, andava hum dia,
E subida em uma árvore sombria,
As amarellas flôres apanhava.
Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sésta á sombra fria,
Em um ramo arco e settas, que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.
A Nympha, como idóneo tempo vira
Para tamanha empreza, não dilata;
Mas com as armas foge ao moço esquivo.
As settas traz nos olhos, com que tira.
Ó Pastores! fugi, que a todos mata,
Senão a mim, que de matar-me vivo.

15

Os Reinos e os Imperios poderosos,
Que em grandeza no mundo mais crescêram;
Ou por valor de esforço floreceram,
Ou por Barões nas letras espantosos.
Teve Grecia Themistocles famosos;
Os Scipiões a Roma engrandecêram;
Dozes Pares a França gloria deram;
Cides a Hespanha, e Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal, que agora vêmos
Tão differente de seu ser primeiro,
Os vossos deram honra e liberdade.
E em vós, grão successor e novo herdeiro
Do Bragançáo Estado, ha mil extremos
Iguaes ao sangue, e móres que a idade.

16

De vós me parto, ó vida, e em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento;
Não sei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança.
Mas dou-vos esta firme segurança:
Que, postoque me mate o meu tormento,
Por as aguas do eterno esquecimento
Segura passará minha lembrança.
Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
Que com cousa outra alguma se contentem:
Antes os esqueçais, que vos esqueçam.
Antes n'esta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereçam
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

17

Cara minha inimiga, em cuja mão
Poz meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mi consolação.
Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina formosura;
Mas em quanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possam prometter te longa historia
De aquelle amor tão puro e verdadeiro;
Celebrada serás sempre em meu canto:
Porque em quanto no mundo houver memoria,
Será a minha escriptura o teu letreiro.

18

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella só, quando amena e marchetada
Sahia, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-te apartada;
Ella só viu as lagrimas em fio,
Que de huns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formaram largo rio;
Ella ouviu as palavras magoadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanço ás almas condemnadas.

19

Espanta crescer tanto o crocodilo
Só por seu limitado nascimento;
Que se maior nascera, mais isemto
Estivera de espanto o patrio Nilo.
Em vão levantará seu baixo estilo
Vosso Pontifical, novo ornamento;
Pois no ventre o immortal merecimento
Vol-o talhou, para depois vestil-o.
Tardou, mas veiu; que a quem mais merece
Vir o premio mais tarde é sempre certo,
Inda que vez alguma venha cedo.
Os céos, que do primeiro estão mais perto
Mais devagar se movem. Quem conhece
Sobre aquelle segredo, este segredo!

20

Se quando vos perdi, minha esperança,
A memoria perdêra juntamente
Do doce bem passado e mal presente,
Pouco sentira a dôr de tal mudança;
Mas Amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui muidamente
Quantas vezes me vi ledo e contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que apenas um signal
Havia, porque as dei ao esquecimento,
Me vejo com memorias perseguido.
Ah dura estrella minha! Ah grão tormento!
Que mal póde ser mór, que no meu mal
Ter lembranças do bem que he ja passado?

21

Em formosa Lethea se confia,
Por onde vaidade tanta alcança,
Que, tornada em soberba a confiança,
Com os deoses celestes competia.
Porque não fosse ávante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puzeram a vingança
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno, perdido por Lethea,
Não lhe soffrendo Amor que supportasse
Duro castigo em tanta formosura,
Quiz a pena tomar da culpa alhea:
Mas, porque a morte Amor não apartasse,
Ambos tornados são em pedra dura.

22

Males, que contra mim vos conjurastes,
Quanto ha de durar tão duro intento?
Se dura, porque dure meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.
Mas se assi porfiais, porque cuidastes
Derribar o meu alto pensamento,
Mais póde a causa d'elle, em que o sustento,
Que vós, que d'ella mesma o ser tomastes.
E pois vossa tenção com minha morte
He de acabar o mal d'estes amores,
Dai ja fim a tormento tão comprido.
Assi de ambos contente será a sorte,
Em vós por acabar-me, vencedores;
Em mim porque acabei de vós vencido.

23

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta,
Nas bellas faces, e na bocca e testa,
Cecens, rosas, e cravos debuxando.
De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto póde manifesta,
Que o monte, o campo, o rio e a floresta,
Se estão de vós, Senhora, namorando.
Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colhêr o fructo d'estas flôres,
Perderão toda a graça os vossos olhos.
Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse o Amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos.

24

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella:
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.
Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vel-a:
Porém o pae, usando de cautella,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servíra, senão fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

25

Está o lascivo e dôce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no estygio lago eterno ninho.
D'esta arte o coração, que livre andava,
(Postoque já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

26

Pede o desejo, Dama, que vos veja;
Não entende o que pede; está enganado.
He este amor tão fino e tão delgado,
Que quem o tem, não sabe o que deseja.
Não ha cousa, a qual natural seja,
Que não queira perpétuo o seu estado.
Não quer logo o desejo o desejado,
Só porque nunca falte onde sobeja.
Mas este puro affecto em mim se dana:
Que, como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da natureza;
Assi meu pensamento por a parte,
Que vai tomar de mi, terreste e humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

27

Porque quereis, Senhora, que offereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que eu mereço.
Bem por nascer está quem vos mereça.
Entendei que por muito que vos peça,
Poderei merecer quanto vos peço;
Pois não consente Amor que em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dôres
Com nada se restaura; mas deveis-m'a
Por ser capaz de tantos desfavores.
E se o valor de vossos amadores
Houver de ser igual comvosco mesma,
Vós só comvosco mesma andai de amores.

28

Se tanta pena tenho merecida
Em pago de soffrer tantas durezas,
Provai, Senhora, em mi vossas cruezas,
Que aqui tendes huma alma offerecida.
N'ella experimentai, se sois servida,
Desprezos, desfavores e asperezas;
Que móres soffrimentos e firmezas
Sustentarei na guerra d'esta vida.
Mas contra vossos olhos quaes serão?
He preciso que tudo se lhes renda;
Mas porei por estudo o coração.
Porque em tão dura e áspera contenda
He bem que, pois não acho defensão,
Com meter-me nas lanças me defenda.

29

Quando o sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de huma praia deleitosa
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face, tão formosa;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa:
Agora estando quêda, agora andando.
Aqui esteve sentada, alli me viu,
Erguendo aquelles olhos, tão isentos;
Commovida aqui hum pouco, alli segura.
Aqui se entristeceu, alli se riu:
E, em fim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vãa, que sempre dura.

30

Hum mover de olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de quê; hum riso brando e honesto,
Quasi forçado; hum dôce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso.
Hum despejo quieto e vergonhoso;
Hum repouso gravissimo e modesto;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso.
Hum encolhido ousar; huma brandura;
Hum medo sem ter culpa; hum ár sereno;
Hum longo e obediente soffrimento:
Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

31

Tomou-me vossa vista soberana
Adonde tinha as armas mais á mão,
Por mostrar a quem busca defensão
Contra esses bellos olhos, que se engana.
Por ficar da victoria mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da razão;
Bem salvar-me cuidei, mas foi em vão,
Que contra o céo não val defensa humana.
Comtudo, se vos tinha promettido
O vosso alto destino esta victoria,
Ser-vos ella bem pouca está entendido.
Pois, indaque eu me achasse apercebido,
Não levais de vencer-me grande gloria,
Eu a levo maior de ser vencido.

32

Não passes, caminhante! Quem me chama?
Huma memoria nova e nunca ouvida,
De hum que trocou finita e humana vida
Por divina, infinita e clara fama.
Quem he, que tão gentil louvor derrama?
Quem derramar seu sangue não duvída,
Por seguir a bandeira esclarecida
De hum capitão de Christo que mais ama.
Ditoso fim, ditoso sacrificio,
Que a Deos se fez e ao mundo juntamente!
Pregoando direi tão alta sorte.
Mais poderás contar a toda a gente
Que sempre deu na vida claro indicio
De vir a merecer tão santa morte.

33

Formosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do céo certissimos signais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.
Vereis que do viver me desapossa
Aquelle riso com que a vida dais;
Vereis como de Amor não quero mais,
Por mais que o tempo côrra, o damno possa.
E se vêr-vos nesta alma, emfim, quizerdes,
Como em hum claro espelho, alli vereis
Tambem a vossa angelica e serena.
Mas eu cuido que, só por me não vêrdes,
Vêr-vos em mim, Senhora, não quereis:
Tanto gôsto levais de minha pena!

34

O fogo que na branda cêra ardia,
Vendo o rosto gentil, que eu na alma vejo,
Se accendeu de outro fogo do desejo
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remettendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flamma que se atreve
A apagar seus ardores e tormentos
Na vista a quem o sol temores deve!
Namoram-se, Senhora, os Elementos
De vós, e queima o fogo aquella neve
Que queima corações e pensamentos.

35

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:
Sylvestres montes, ásperos penedos
Compostos de concêrto desigual;
Sabei que sem licença de meu mal
Ja não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois já me não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem águas que correndo alegres vem.
Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

36

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
Outras tantas de hum áspero receio
Salteado Laurenio a côr perdia.
Ella, que a Sylvio mais que a si queria,
Para podêl-o vêr não tinha meio,
Ora como curára o mal alheio
Quem o seu mal tão mal curar podia?
Elle, que viu tão clara esta verdade,
Com soluços dizia, (que a espessura
Inclinavam, de mágoa, a piedade):
Como póde a desordem da natura
Fazer tão differentes na vontade
Aos que fez tão conformes na ventura?

37

Oh como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!
Mingoando a idade vai, crescendo o dano;
Perdeu-se-me hum remedio, que inda tinha:
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.
Corro apoz este bem que não se alcança;
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.
Quando elle foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a vêr se inda apparece,
Da vista se me perde, e da esperança.

38

Já he tempo, já, que minha confiança
Se desça de huma falsa opinião;
Mas Amor não se rege por razão;
Não posso perder, logo, a esperança.
A vida si; que huma áspera mudança
Não deixa viver tanto hum coração,
E eu só na morte tenho a salvação:
Si; mas quem a deseja não a alcança.
Forçado he logo que eu espere e viva.
Ah dura lei de Amor, que não consente
Quietação n'hum'alma que he captiva!
Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva
De huma esperança vãa que me atormente?

39

Amor, com a esperança ja perdida
Teu soberano templo visitei:
Por signal do naufragio que passei,
Em logar dos vestidos, puz a vida.
Que mais queres de mi, pois destruida
Me tens a gloria toda que alcancei?
Não cuides de render-me; que não sei
Tornar a entrar-me onde não ha sahida.
Vês aqui a vida, e a alma, e a esperança,
Dôces despojos de meu bem passado,
Em quanto o quiz aquella que eu adoro.
N'ellas podes tomar de mi vingança;
E se te queres inda mais vingado,
Contenta-te co'as lagrimas que chóro.

40

Tomava Daliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro; e em si vingava
O êrro alheio, e perfida esquivança.
A discrição segura, a confiança
Das rosas que o seu rosto debuxava,
O descontentamento lh'as mudava;
Que tudo muda huma áspera mudança.
Gentil planta disposta em sêcca terra;
Lindo fructo de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor e fé perjura,
Tornaram verde prado em serra dura;
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a formosura.

41

Grão tempo ha ja que soube da Ventura
A vida que me tinha destinada;
Que a longa experiencia da passada
Me dava claro indicio da futura.
Amor fero e cruel, Fortuna escura,
Bem tendes vossa fôrça experimentada:
Assolai, destrui, não fique nada;
Vingai-vos d'esta vida, que inda dura.
Soube Amor da Ventura, que a não tinha,
E porque mais sentisse a falta d'ella,
De imagens impossiveis me mantinha.
Mas vós, Senhora, pois que minha estrella
Não foi melhor, vivei n'esta alma minha;
Que não tem a Fortuna podêr n'ella.

42

Se sómente hora alguma em vós piedade
De tão longo tormento se sentira,
Amor soffrêra mal que eu me partira
De vossos olhos, minha Saudade.
Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Me faz crêr que esta ausencia he de mentira;
Porém venho a provar que he de verdade.
Ir-me-hei, Senhora; e n'este apartamento
Lagrimas tristes tomarão vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.
D'esta arte darei vida a meu tormento;
Que, emfim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

43

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço,
Se só comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fôra co'os cabellos que apertaste?
Aquellas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do sol tem em pouco preço,
Não sei se ou para engano do que peço,
Ou para me matar as desataste.
Lindo traçado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dôres,
Como quem não tem outra, hei de tomar-te.
E se não fôr contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que n'esta regra dos amores
Por o todo tambem se toma a parte.

44

O cysne quando sente ser chegada
A hora que põe termo á sua vida,
Harmonia maior, com voz sentida,
Levanta por a praia inhabitada.
Deseja lograr vida prolongada,
E d'ella está chorando a despedida:
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim d'esta jornada.
Assi, Senhora minha, quando eu via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto ja no extremo fio;
Com mais suave accento de harmonia
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fe, y el amor mio.

45

Por os raros extremos que mostrou
Em sábia Pallas, Venus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
Africa, Europa e Asia as adorou.
Aquelle saber grande que juntou
Esprito e corpo em liga generosa,
Esta mundana máchina lustrosa,
De sós quatro Elementos fabricou.
Mas fez maior milagre a natureza
Em vós, Senhoras, pondo em cada huma
O que por todas quatro repartiu.
A vós seu resplandor deu sol e lua:
A vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, Fogo, Terra e Agua vos serviu.

46

Apollo e as nove Musas, descantando
Com a dourada lyra, me influiam
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a penna, começando:
Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam
Estar-se em seu desejo transpassando!
Assi cantava, quando Amor virou
A roda á esperança, que corria
Tão ligeira, que quasi era invisibil.
Converteu-se-me em noite o claro dia;
E se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se fôr possibil.

47

Lembranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida n'este estado,
Não vivo com meu mal tão enganado,
Que não espere d'elle muito mais.
De longo tempo já me costumais
A viver de algum bem desesperado:
Já tenho co'a Fortuna concertado
De soffrer os tormentos que me dais.
Atada ao remo tenho a paciencia
Para quantos desgostos dér a vida;
Cuide quanto quizer o pensamento.
Que pois não posso ter mais resistencia
Para tão dura queda, de subida,
Aparar-lhe-hei debaixo o soffrimento.

48

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava;
Que o pastor na memoria a debuxava,
Por podêr sustentar-se d'este engano.
Por huma praia do Indico Oceano
Sôbre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as águas alongava,
Que pouco se doiam de seu dano.
Pois com tamanha mágoa e saudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testimunhas tómo céo e estrellas;
Mas se em vós, ondas, móra piedade,
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois assi me levais a causa d'ellas.

49

Quando vejo que meu destino ordena
Que, por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena;
O duro desfavor, que me condena,
Quando por a memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte
Que a dôr da ausencia fica mais pequena.
Mas como póde ser que na mudança
D'aquillo que mais quero, êste tão fóra
De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearei tão áspera esquivança;
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

50

Despois de tantos dias mal gastados,
Despois de tantas noites mal dormidas,
Despois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos vãmente dados;
Como não sois vós ja desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortaes feridas,
Que Amor fez sem remedio, o Tempo, os Fados?
Se não tivereis já longa exp'riencia
Das semrazões de Amor a quem servistes,
Fraqueza fôra em vós a resistencia;
Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que o tempo não curou, nem larga ausencia,
Qual bem d'elle esperais, desejos tristes?

51

Naiades, vós que os rios habitais,
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros que quasi aos vossos são iguais.
Dryades, que com setta sempre andais
Os fugitivos cervos derribando,
Outros olhos vereis, que triumphando
Derribam corações, que valem mais.
Deixai logo as aljavas e águas frias,
E vinde, Nymphas bellas, se quereis,
A vêr como de huns olhos nascem mágoas.
Notareis como em vão passam os dias;
Mas em vão não vireis, porque achareis
Nos seus as settas, e nos meus as ágoas.

52

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o sêr, muda-se a confiança:
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vêmos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi converte em chôro o dôce canto.
E afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda ja como sohia.

53

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permittirem que eu tanto viva d'ellas,
Que veja escuro o lume das estrellas,
Em cuja vista o meu se accende e mata;
E se o tempo, que tudo desbarata,
Seccar as frescas rosas, sem colhel-as,
Deixando a linda côr das tranças bellas
Mudada de ouro fino em fina prata;
Tambem, Senhora, então vereis mudado
O pensamento e a aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.
Vêr-vos-heis suspirar por o passado,
Em tempo quando executar-se possa
No vosso arrepender minha vingança.

54

Á sepultura de D. João III

Quem jaz no gram sepulchro, que descreve
Tão illustres signaes no forte escudo?
Ninguem; que n'isso, em fim se torna tudo:
Mas foi quem tudo pôde e tudo teve.
Foi Rei! Fez tudo quanto a Rei se deve:
Poz na guerra e na paz devido escudo;
Mas quão pezado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe seja agora a terra leve.
Alexandro será? Ninguem se engane;
Mais que o adquirir, o sustentar estima.
Será Hadriano, gram Senhor do mundo?
Mais observante foi da Lei de cima.
He Numa? Numa não, mas he Joane
De Portugal Terceiro sem segundo.

55

Quem póde livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juizo socegado,
Se o menino, que de olhos he privado,
Nas meninas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli vive das gentes venerado;
Que o vivo lume, e o rosto delicado,
Imagens são adonde Amor se adora.
Quem vê que em branca neve nascem rosas
Que crêspos fios de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,
Raios de ouro verá, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assi como hum crystal o sol traspassa.

56

Como fizeste, ó Porcia, tal ferida?
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
He que Amor fazer só quiz exp'riencia
Se podia eu soffrer tirar-me a vida.
E com teu proprio sangue te convida
A que faças á morte resistencia?
He que costume faço da paciencia,
Porque o temor morrer me não impida.
Pois porque estás comendo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? He que ordena
Amor que morra, e pene juntamente..
E tens a dôr do ferro por pequena?
Si; que a dôr costumada não se sente;
E não quero eu a morte sem a pena.

57

Ao Autor

Quem he este que na harpa luzitana
Abate as Musas gregas e as latinas?
E faz que ao mundo esqueçam as plautinas
Graças, com graça e alegre lyra ufana?
Luiz de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influiu partes divinas,
Por quem espiram as flôres e boninas,
Da homerica musa e mantuana.
Se tu, triumphante Roma, este alcançaras
No teu theatro e scena luminosa,
Nunca do gram Terencio te admiráras.
Mas antes sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro ali lhe levantáras,
Contente de ventura tam ditosa.

58

Resposta sua

De tão divino accento em voz hum*ana*,
De elegancias que são tão peregr*inas*,
Sei bem que minhas obras não são d*inas*;
Que o rudo engenho meu me deseng*ana*.
Porém da vossa penna illustre m*ana*
Licôr que vence as águas caball*inas*;
E comvosco do Tejo as flôres f*inas*
Farão inveja á cópia mantu*ana*.
E pois, a vós de si não sendo av*aras*,
As filhas de Mnemósine form*osa*
Partes dadas vos tem ao mundo cl*aras*;
A minha Musa, e a vossa tão fam*osa*,
Ambas se podem n'elle chamar r*aras*,
A vossa de alta, a minha de invej*osa*.

59

Á sepultura de Dom Fernando de Castro

Debaixo desta pedra está metido,
Das sanguinosas armas descansado,
O capitão illustre e assinalado
Dom Fernando de Castro esclarecido.
Este, por todo o Oriente tão temido,
Este da propria inveja tão cantado,
Este, em fim, raio de Mavorte irado,
Aqui está agora em terra convertido.
Alegra-te, ó guerreira Lusitania,
Por est'outro Viriato que criaste,
E chora a perda sua eternamente.
Exemplo toma n'isto de Dardania;
Que se a Roma com elle anniquilaste,
Nem por isso Carthago está contente.

60

A Dom Luiz de Athaide, Viso-Rei

Que vençais no Oriente tantos Reis,
Que de novo nos deis da India o Estado,
Que escureçais a fama que hão ganhado
Aquelles, que a ganhárão de infieis;
Que vencidas tenhais da morte as leis,
E que vencesseis tudo, em fim, armado,
Mais he vencer na patria, desarmado,
Os monstros e as Chimeras que venceis
Sôbre vencerdes, pois, tanto inimigo,
E por armas fazer que sem segundo
No mundo o vosso nome ouvido seja;
O que vos dá mais fama inda no mundo,
He vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, tão grande inveja.

61

Partindo-se para a India

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida;
E se a minha alma vae entristecida
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razão leva vencida,
Presto verão o fim á triste vida,
Se vos não torno a vêr como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia
Verão partir de mi vossa lembrança,
Amor que vai commigo o certifica.
Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

62

Vossos olhos, Senhora, que competem
Com o sol em belleza e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas de vêl-os se derretem.
Meus sentidos prostrados se submettem
Assi cegos a tanta magestade;
E da triste prisão, da escuridade,
Cheios de medo, por fugir, remetem.
Porém se então me vêdes por acêrto,
Esse áspero desprêzo com que olhais
Me torna a animar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura! Oh estranho desconcêrto!
Que dareis co'hum favor que vós não dais,
Quando com hum desprêzo me dais vida?

63

Formosura do Céo a nós descida,
Que nenhum coração deixas isento,
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem que sejas de algum bem entendida;
Qual lingoa póde haver tão atrevida,
Que tenha de louvar-te atrevimento,
Pois a parte melhor do entendimento,
No menos que em ti ha se vê perdida?
Se em teu valor contemplo a menor parte,
Vendo que abre na terra hum paraiso,
Logo o engenho me falta, o esprito míngoa.
Mas o que mais me impede inda louvar-te,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando não te vejo perco o siso.

64

Pois meus olhos não cansam de chorar
Tristezas não cansadas de cansar-me:
Pois não se abranda o fogo em que abrazar-me
Pôde quem eu jamais pude abrandar;
Não canse o cego Amor de me guiar
Onde nunca de lá possa tornar-me;
Nam deixe o mundo todo de escutar-me,
Em quanto a fraca voz me não deixar.
E se em montes, se em prados, e se em valles
Piedade mora alguma, algum amor
Em feras, plantas, aves, pedras, agoas;
Ouçam a longa historia de meus males,
E curem sua dôr com minha dôr;
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

65

Dae-me uma lei, senhora, de querer-vos
Porque a guarde, sob pena de enojar-vos;
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, senão de ver-vos
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que se assi não chegar a contentar-vos
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.
E se essa condição cruel e esquiva
Que me deis lei de vida não consente,
Dai-m'a, Senhora, já, seja de morte.
Se nem essa me dais, he bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente;
Mas contente estarei com minha sorte.

66

Com grandes esperanças já cantei
Com que os deoses no Olympo conquistára;
Depois vim a chorar porque cantára
E agora choro já porque chorei.
Se cuido nas passadas que já dei,
Custa-me esta lembrança só tão cara,
Que a dôr de ver as mágoas que passára,
Tenho por a mór mágoa que passei.
Pois logo se está claro que um tormento
Dá causa que outro na alma se accrescente,
Já nunca posso ter contentamento.
Mas esta phantasia se me mente?
Oh cioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino ser contente.

67

Despois que quiz Amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartiu,
Entregou me á Fortuna, porque viu
Que não tinha mais mal que em mi mostrasse.
Ella, porque do Amor se avantajasse
Na pena a que elle só me reduziu,
O que para ninguem se consentiu,
Para mim consentiu que se inventasse.
Eis-me aqui vou com vário som gritando,
Copioso exemplario para a gente
Que d'estes dous tyrannos he sujeita;
Desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que d'este tão pequeno está contente!

68

Em prisões baixas fui hum tempo atado;
Vergonhoso castigo de meus erros:
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte, a meu pezar, tem já quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que Amor não quer cordeiros nem bezerros;
Vi mágoas, vi miserias, vi desterros:
Parece-me que estava assi ordenado.
Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoso.
Só por vêr que cousa era viver ledo.
Mas minha Estrella, que eu já agora entendo,
A Morte cega, e o Caso duvidoso
Me fizeram de gostos haver medo.

69

Illustre e digno ramo dos Menezes,
Aos quaes o providente e largo Ceo
(Que errar não sabe) em dote concedeu,
Rompessem os Maometicos arnezes;
Desprezando a Fortuna e seus revezes,
Ide para onde o Fado vos moveo;
Erguei flammas no mar alto Erythreo,
E sereis nova luz aos Portuguezes.
Opprimi com tão firme e forte peito
O Pirata insolente, que se espante
E trema Taprobana e Gedrosia.
Dai nova causa á côr do Arabo Estreito;
Assi que o Roxo mar, d'aqui em diante
O seja só com sangue de Turquia.

70

No tempo que de amor viver sohia,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado
Em varias flammas variamente ardia.
Que ardesse n'hum só fogo não queria
O céo, porque tivesse exprimentado
Quem nem mudar as causas ao cuidado
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andava isento,
Foi como quem co'o peso descansou,
Por tornar a cansar com mais alento.
Louvado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado soffrimento!

71

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou um dia,
D'onde hum puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.
A vista que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dôr ao soffrimento dôce e leve.
Jura amor que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito; o pensamento
Endoudece, se cuida que he verdade.
Olhai como Amor gera, em hum momento
De lagrimas de honesta piedade
Lagrimas de immortal contentamento.

72

Ferido sem ter cura parecia
O forte e duro Télepho temido
Por aquelle que na água foi metido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.
Quando a Apollineo Oraculo pedia
Conselho para ser restituido,
Respondeu-lhe: Tornasse a ser ferido
Por quem o já feríra, e sararia.
Assi, Senhora, quer minha ventura
Que ferido de vêr-vos claramente,
Com tornar-vos a vêr Amor me cura.
Mas he tão dôce vossa formosura,
Que fico como o hydropico doente,
Que bebendo lhe cresce mór secura.

73

Na metade do Céo subido ardia
O claro, almo Pastor, quando deixavam
O verde pasto as cabras, e buscavam
A frescura suave da agua fria.
Com a folha das arvores, sombria,
Do raio ardente as aves se amparavam:
O módulo cantar, de que cessavam,
Só nas roucas cigarras se sentia.
Quando Liso pastor n'hum campo verde
Natercia, crua Nympha, só buscava
Com mil suspiros tristes que derrama.
Porque te vás de quem por ti se perde,
Para quem pouco te ama? (suspirava)
E o ecco lhe responde: Pouco te ama.

74

Já a rôxa e branca Aurora destoucava
Os seus cabellos de ouro delicados,
E das flôres os campos esmaltados
Com crystallino orvalho borrifava;
Quando o formoso gado se espalhava
De Sylvio e de Laurente por os prados;
Pastores ambos, e ambos apartados,
De quem o mesmo amor não se apartava.
Com verdadeiras lagrimas Laurente:
Não sei (dizia), ó Nympha delicada,
Porque não morre já quem vive ausente;
Pois a vida sem ti não presta nada.
Responde Sylvio: Amor não o consente;
Que offende as esperanças da tornada.

75

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mi foi sonho n'esta vida.
Lá n'huma soidade, onde estendida
A vista por o campo desfallece,
Corro apoz ella; e ella então parece
Que mais de mi se alonga, compellida.
Brado: Não me fujais, sombra benina.
Ella (os olhos em mi co'hum brando pejo,
Como quem diz, que já não póde ser)
Torna a fugir-me; torno a bradar: *Dina*...
E antes que diga *mene*, acórdo, e vejo
Que nem hum breve engano posso ter.

76

Suspiros inflammados que cantaïs
A tristeza com que eu vivi tão ledo,
Eu morro e não vos levo, porque hei medo
Que ao passar do Letheio vos percais.
Escriptos para sempre já ficais
Onde vos mostrarão todos co'o dedo,
Como exemplo de males; e eu concedo
Que para aviso de outros estejais.
Em quem, pois, virdes largas esperanças
De Amor e da Fortuna, (cujos danos
Alguns terão por bem-aventuranças,)
Dizei-lhe, que os servistes muitos annos,
E que em Fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor não ha senão enganos.

77

Aquella fera humana que enriquece
A sua presunçosa tyrannia
D'estas minhas entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece;
Se n'ella o Céo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se ennobrece?
Ora, em fim, sublimai vossa victoria,
Senhora, com vencer-me e captivar-me;
Fazei d'ella no mundo larga historia.
Pois, por mais que vos veja atormentar me,
Já me fico logrando d'esta gloria
De vêr que tendes tanta de matar-me.

78

Ditoso seja aquelle que sómente
Se queixa de amorosas esquivanças;
Pois por ellas não perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente.
Ditoso seja quem estando ausente
Não sente mais que a pena das lembranças;
Porqu'inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dôr quando se sente.
Ditoso seja, em fim, qualquer estado,
Onde enganos, desprêzos e isenção
Trazem hum coração atormentado.
Mas triste quem se sente magoado
De erros em que não póde haver perdão
Sem ficar na alma a mágoa do peccado.

79

Quem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha,
Que despois de perder hum bem que tinha,
Não sabe mais que cousa he ser contente!
E quem fosse apartando-se da gente,
Ella por companheira e por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
E eu a ella tambem a que ella sente!
Ditosa ave! que ao menos, se a natura
A seu primeiro bem não dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste quem de longe quiz ventura
Que para respirar lhe falte o vento,
E para tudo, em fim, lhe falte o mundo!

80

O culto divinal se celebrava
No templo donde toda criatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.
Amor alli, que o tempo me aguardava
Onde a vontade tinha mais segura,
Com huma rara e angelica figura
A vista da razão me salteava.
Eu crendo que o lugar me defendia
De seu livre costume, não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia,
Deixei-me captivar; mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

81

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra hum paraiso;
Entre rubís e perlas dôce riso,
Debaixo de ouro e neve côr de rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se póde por arte e aviso,
Como por natureza, ser formosa;
Falla de que ou já vida, ou morte pende,
Rara e suave, em fim, Senhora, vossa,
Repouso na alegria comedido;
Estas as armas são com que me rende
E me captiva Amor; mas não que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

82

Bem sei, amor, que he certo o que receio;
Mas tu, porque como isso mais te apuras,
De manhoso m'o negas, e m'o juras
N'esse teu arco de ouro; e eu te creio.
A mão tenho metida no meu seio,
E não vejo os meus damnos ás escuras;
Porém porfias tanto e me asseguras,
Que me digo que minto, e que me enleio.
Nem sómente consinto n'este engano,
Mas inda t'o agradeço, e a mi me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano.
Oh poderoso mal a que me entrego!
Que no meio do justo desengano
Me possa inda cegar hum moço?

83

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro todo trabalhado,
De hum naufragio cruel sahindo a nado,
Só de ouvir fallar n'elle está medroso;
Firme jura que o vêl-o bonançoso
Do seu lar o não tire socegado;
Mas esquecido já do horror passado,
D'elle a fiar se torna cobiçoso:
Assi, Senhora, eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de não mais em outra vêr-me;
Com a alma que de vós nunca se ausenta,
Me torno, por cobiça de ganhar-me,
Onde estive tão perto de perder-me.

84

Amor he hum fogo que arde sem se vêr;
He ferida que doe e não se sente;
He hum contentamento descontente;
He dôr que desatina sem doer;
He hum não querer mais que bem querer;
He solitario andar por entre a gente;
He hum não contentar-se de contente;
He cuidar que se ganha em se perder;
He um estar-se prêso por vontade;
He servir a quem vence o vencedor;
He hum ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor?

85

Se pena por amar-vos se merece,
Quem d'ella estará livre? quem isento?
E que alma, que razão, que entendimento
No instante em que vos vê não obedece?
Qual mór gloria na vida já se offerece,
Que a de occupar-se em vós o pensamento?
Não só todo rigor, todo tormento
Como vêr-vos não magôa, mas se esquece.
Porém se heis de matar a quem amando,
Ser vosso de amor tanto só pretende,
O mundo matareis, que todo he vosso.
Em mi podeis, Senhora, ir começando,
Pois bem claro se mostra e bem se entende
Amar-vos quanto devo e quanto posso.

86

Que levas, cruel Morte? Hum claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'o faz levar? Quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo...
Que diz? Não mereci a grã Maria.
Mataste a quem a viu? Já morto estava.
Que discorre o Amor? Fallar não ousa.
E quem o faz callar? Minha vontade.
Na Côrte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que vêr? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

87

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sôbre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente;
Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente?
Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas e coraes nasce e apparece;
Oh quem seus dôces eccos já lhe ouvisse!
Se imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece,
Que será quando a vir? Ah quem a visse!

88

Foi já n'hum tempo dôce cousa amar,
Em quanto me enganou huma esperança:
O coração com esta confiança
Todo se desfazia em desejar.
Oh vão, caduco e debil esperar!
Como, em fim, desengana huma mudança!
Que quanto he mór a bem-aventurança,
Tanto menos se crê que ha de durar.
Quem já se viu com gostos prosperado,
Vendo-se brevemente em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoado.
Mas quem já tem o mundo exprimentado,
Não o magôa a pena, nem o espanta;
Que mal se estranhára o costumado.

89

Dos antigos Illustres, que deixaram
Hum nome digno de immortal memoria,
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feitos em que mais se avantajaram.
Se com suas acções se cotejaram
Mil vossas, cada huma tão notoria,
Vencêra a menor d'ellas a mór gloria
Que elles em tantos annos alcançaram.
A gloria sua foi; ninguem lha tome;
Seguindo cada qual varios caminhos
Estatuas mereceu no heroico Templo.
Vós, honra portugueza e dos Coutinhos,
Clarissimo Dom João, com melhor nome
A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.

90

Conversação doméstica affeiçôa,
Ora em fórma de limpa e sam vontade.
Ora de huma amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.
Se despois, por ventura, vos magôa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando Amor, que tudo, em fim, perdôa.
Não são isto que fallo conjecturas
Que o pensamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas escripturas.
Metida tenho a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiencia.

91

Esfôrço grande, igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E não em peito timido encerrados,
E desfeitos despois em chuva e vento;
Animo da cobiça baixa isento,
Digno por isto só de altos estados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Povos do Malabrar sanguinolento;
Gentileza de membros corporaes
Ornados de pudíca continencia,
Obra por certo da celeste altura:
Estas virtudes raras e outras mais,
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debaixo d'esta sepultura.

92

No mundo quiz o Tempo que se achasse
O bem que por acêrto, ou sorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
Quiz que a Fortuna em mi se exprimentasse;
Mas porque ō meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca n'esta tão longa vida minha
Cousa me deixou vêr que desejasse.
Mudando andei costume, terra, estado,
Por vêr se se mudava a sorte dura;
A vida puz nas mãos de hum leve lenho.
Mas, segundo o que o Céo me tem mostrado,
Já sei que d'este meu buscar ventura
Achado tenho já que não a tenho.

93

A perfeição, a graça, o dôce geito,
A primavera cheia de frescura,
Que sempre em vós floresce; a que a ventura,
E a razão entregaram este peito;
Aquelle crystallino e puro aspeito,
Que em si comprehende toda a formosura;
O resplandor dos olhos e a brandura,
D'onde Amor a ninguem quiz ter respeito;
S'isto que em vós se vê, vêr desejais,
Como digno de vêr-se claramente,
Por muito que de Amor vos isentais;
Traduzido o vereis tão fielmente
No meio d'este espirito onde estais,
Que vendo-vos sintais o que elle sente.

94

Vós, que de olhos suaves e serenos,
Com justa causa a vida captivais,
E que os outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos e pequenos;
Se de Amor os domesticos venenos
Nunca provastes, quero que sintais
Que he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.
E não presume alguem que algum defeito
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito:
Antes o dobra mais; e se atormenta,
Pouco a pouco desculpa o brando peito;
Que Amor com seus contrarios se accrescenta.

95

Que poderei do mundo já querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Não vi senão desgosto e desfavor,
E morte, em fim; que mais não póde ser?
Pois me não farta a vida de viver,
Pois já sei que não mata grande dor,
Se houver cousa que mágoa dê maior,
Eu a verei; que tudo posso vêr.
A Morte, a meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha: já perdi
O que a perder o medo me ensinou.
Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou:
Parece que para isto só nasci.

96

Pensamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mim resuscitais,
Dizei-me: E ainda não vos contentais
De ter a quem vos tem tão descontente?
Que phantasia he esta, que presente
Cad'hora ante os meus olhos me mostrais?
Com huns sonhos tão vãos inda tentais
Quem nem por sonhos pode ser contente?
Vejo-vos, pensamentos, alterados,
E não quereis, de esquivos, declarar-me
Que he isto que vos traz tão enleados?
Não me negueis, se andais para negar-me;
Porque se contra mi 'stais levantados.
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

97

Se tomo a minha pena em penitencia
Do error em que cahiu o pensamento,
Não abrando, mas dóbro meu tormento,
Que a tanto, e mais, obriga a paciencia.
E se huma côr de morto na apparencia,
Hum espalhar suspiros vãos ao vento
Não faz em vós, Senhora, movimento,
Fique o meu mal em vossa consciencia.
Mas se de qualquer áspera mudança
Toda vontade isenta Amor castiga,
(Como eu vejo no mal que me condena)
E se em vós não se entende haver vingança,
Será forçado (pois Amor me obriga)
Que eu só da culpa vossa pague a pena.

98

Aquella que, de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança
Por huma breve e subita mudança
Contrária á sua honra e qualidade;
Venceu á formosura a honestidade,
Venceu no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De si, da gente e do mundo esquecida,
Feriu com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue a força do tyranno.
Oh ousadia estranha! estranho feito!
Que dando breve morte ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

99

Os vestidos Elisa revolvia,
Que Eneas lhe deixára por memoria;
Dôces despojos da passada gloria;
Dôces quando seu fado o consentia.
Entre elles a formosa espada via,
Que instrumento, em fim, foi da triste historia;
E como quem de si tinha a victoria,
Fallando só com ella, assi dizia:
Formosa e nova espada, se ficaste
Só porque executasses os enganos
De quem te quiz deixar, em minha vida:
Sabe que tu commigo te enganaste;
Que para me tirar de tantos danos
Sobeja-me a tristeza da partida.

100

Oh quão caro me custa o entender-te,
Molesto Amor, que só por alcançar-te,
De dôr em dôr me tens trazido a parte
D'onde em ti odio e ira se converte!
Cuidei que para em tudo conhecer-te
Me não faltava experiencia e arte;
Mas na alma vejo agora accrescentar-te
Aquillo que era causa de perder-te.
Estavas tão secreto no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, não sabía
Que me senhoreavas d'este geito.
Descubriste-te agora; e foi por via
Que teu descobrimento e meu defeito,
Hum me envergonha e outro me injuría.

101

Despois de esperança tão perdida,
Amor por causa alguma consentisse
Que inda algum'hora breve alegre visse
De quantas tristes viu tão longa vida;
Hum'alma já tão fraca e tão cahida
(Quando a sorte mais alto me subisse)
Não tenho para mi que consentisse
Alegria tão tarde consentida.
Nem tamsómente o Amor me não mostrou
Hum'hora em que vivesse alegremente,
De quantas n'esta vida me negou;
Mas inda tanta pena me consente,
Que c'o contentamento me tirou
O gosto de algum'hora ser contente.

102

O raio crystallino se estendia
Por o mundo da Aurora marchetada,
Quando Nise, pastora delicada,
D'onde a vida deixava se partia.
Dos olhos, com que o sol escurecia,
Levando a luz em lagrimas banhada,
De si, do fado, e tempo magoada,
Pondo os olhos no céo, assi dizia:
Nasce, sereno sol, puro e luzente;
Resplandece, purpurea e branca aurora,
Qualquer alma alegrando descontente;
Que a minha, sabe tu que desde agora
Jámais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste nenhuma outra pastora.

103

No mundo poucos annos e cansados
Vivi, cheios de vil miseria e dura:
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustros acabados.
Corri terras e mares apartados,
Buscando á vida algum remedio ou cura:
Mas aquillo que, em fim, não dá ventura
Não o dão os trabalhos arriscados;
Criou-me Portugal na verde e cara
Patria minha Alemquer; mas ár corruto,
Que n'este meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar que bates a Abássia fera e avara,
Tão longe da ditosa patria minha.

104

Que me quereis perpétuas saudades
Com qu'esperanças inda me enganais?
O tempo, que se vai, não torna mais,
E se torna, não tornam as idades.
Razão he já, ó annos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que passais,
Nem todos para hum gosto sois iguais,
Nem sempre são conformes as vontades.
Aquillo a que já quiz he tão mudado,
Que quasi he outra cousa; porque os dias
Tem o primeiro gosto já damnado.
Esperanças de novas alegrias,
Não m'as deixa a Fortuna e o tempo irado,
Que do contentamento são espias.

105

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte;
Porém Fortuna, Caso, Tempo, e Sorte,
Tem do confuso mundo o regimento.
Effeitos mil revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o que he mais que vida e morte
Não se alcança de humano entendimento.
Doctos varões darão razões subidas;
Mas são as exp'riencias mais provadas:
E por tanto he melhor ter muito visto.
Cousas ha hi que passam sem ser cridas:
E cousas cridas ha sem ser passadas;
Mas o melhor de tudo he crêr em Christo.

106

Fiou-se o coração, de muito isento
De si, cuidando mal que tomaria
Tão illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento.
Mas os olhos pintaram tão a tento
Outros que vistos tem na phantasia,
Que a razão, temerosa do que via,
Fugiu, deixando o campo ao pensamento.
O Hippolyto casto, que de geito
De Phedra tua madrasta foste amado,
Que não sabia ter nenhum respeito;
Em mi vingou Amor teu casto peito:
Mas está d'este aggravo tão vingado,
Que se arrepende já do que tem feito.

107

Quem quizer vêr d'amor huma excellencia
Onde sua fineza mais se apura,
Attente onde me põe minha ventura,
Porque de minha fé faça exp'riencia.
Onde lembranças mata a larga ausencia,
Em temeroso mar, em guerra dura,
A saudade alli 'stá mais segura,
Quando risco maior corre a paciencia.
Mas ponha-me a Fortuna e o duro Fado,
Em morte, ou nojo, ou damno, ou perdição,
Ou em sublime e próspera ventura;
Ponha-me, em fim, em baixo ou alto estado;
Que até na dura morte me acharão
Na lingua o nome, e n'alma a vista pura.

108

Vós, Nymphas da Gangetica espessura,
Cantae suavemente, em voz sonora,
Hum grande Capitão que a rôxa Aurora
Dos filhos defendeu da noite escura.
Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta mora,
Para lançar do caro ninho fóra
Aquelles que mais podem que a ventura.
Mas hum forte leão, com pouca gente,
A multidão tão fera como necia,
Destruindo castiga e torna fraca.
Ó Nymphas, cantai, pois; que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leoniz fez em Malaca.

109

Cantando estava hum dia bem seguro,
Quando passava Sylvio, e me dizia:
(Sylvio, pastor antiguo que sabía
Por o canto das aves o futuro)
Liso, quando quizer o fado escuro,
A opprimir-te virão em hum só dia
Dous lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro.
Bem foi assi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava.
E por mais damno o outro me matou
A cordeira gentil, qu'eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha.

110

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado:
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lagrimas criando.
Cantei; mas se me alguem pergunta, quando?
Não sei; que tambem fui n'isso enganado.
He tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledo estou julgando.
Fizeram-me cantar manhosamente
Contentamentos não, mas confianças:
Cantava, mas já era ao som dos ferros.
De quem me queixarei, se tudo mente?
Porém que culpas ponho ás esperanças,
Onde a fortuna injusta he mais qu'os erros?

III

Dôces e claras aguas do Mondego,
Dôce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo apoz si me trouxe cego.
De vós me aparto, si; porém não nego,
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego.
Bem poderá a Fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e extranha,
Offerecido ao mar remoto, ao vento.
Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha.

112

Por sua Nympha Céphalo deixava
A Aurora, que por elle se perdia,
Postoque dá principio ao claro dia,
Postoque as rôxas flôres imitava.
Elle, que a bella Procris tanto amava,
Que só por ella tudo engeitaria,
Deseja de tentar se lhe acharia
Tão firme fé, como ella n'elle achava.
Mudado o trage, tece hum duro engano;
Outro se finge, preço põe diante;
Quebra-se a fé mudavel, e consente.
Oh subtil invenção para seu dano!
Vêde que manhas busca hum cego amante
Para que sempre seja descontente!

113

Sentindo-se alcançada a bella esposa
De Céphalo no crime consentido,
Para os montes fugia do marido;
E não sei se de astuta, ou vergonhosa.
Porque elle, em fim, soffrendo a dôr ciosa,
Da cegueira obrigado de Cupido,
Apoz ella se vai como perdido,
Já perdoando a culpa criminosa.
Deita-se aos pés da Nympha endurecida,
Que do cioso engano está aggravada;
Já lhe pede perdão, já pede a vida.
Oh força d'affeição desatinada!
Que da culpa contr'elle commettida,
Perdão pedia á parte que he culpada!

114

Senhor João Lopes, o meu baixo estado
Hontem vi posto em grão tão excellente,
Que sendo vós inveja a toda a gente,
Só por mi vos quizereis vêr trocado.
O gesto vi suave e delicado,
Que já vos fez contente e descontente,
Lançar ao vento a voz tão docemente,
Que fez o ár sereno e socegado.
Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muitas; mas eu chego
A expirar só de ouvir a dôce falla.
Oh mal o haja a fortuna, e o moço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os estados desiguala.

115

O céo, a terra, o vento socegado,
As ondas que se estendem por a areia,
Os peixes que no mar o somno enfreia,
O nocturno silencio repousado;
O pescador Aonio que, deitado
Onde co'o vento a agua se meneia,
Chorando, o nome amado em vão nomeia,
Que não póde ser mais que nomeado:
Ondas (dizia), antes que Amor me mate,
Tornai-me a minha Nympha, que tão cêdo
Me fizestes á morte estar sujeita.
Ninguem responde; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, qu'ao vento deita.

116

Erros meus, má Fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuráram:
Os erros e a Fortuna sobejáram;
Que para mi bastava Amor sómente.
Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dôr das cousas que passáram,
Que já as frequencias suas me ensináram
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discuso de meus annos;
Dei causa a que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundádas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh quem tanto podesse, que fartasse
Este meu duro Genio de vinganças!

117

Cá n'esta Babylonia d'onde mana
Materia a quanto mal o mundo cria;
Cá d'onde o puro Amor não tem valia;
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;
Cá d'onde o mal se affina, o bem se dana,
E póde mais que a honra a tyrannia;
Cá d'onde a errada e cega Monarchia
Cuida que um nome vão a Deus engana;
Cá n'este labyrintho onde a nobreza,
O Valor e o Saber pedindo vão
Ás portas da Cobiça e da Vileza;
Cá n'este escuro caso de confusão
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

118

Correm turbas as aguas d'este rio,
Que as rapidas enchentes enturbaram;
Os florecidos campos se seccaram;
Intratavel se fez o valle e frio.
Passou, como o verão, o ardente estio;
Humas cousas por outras se trocaram:
Os fementidos fados já deixaram
Do mundo o regimento, ou desvarío.
Já o tempo a ordem sua tem sabida;
O mundo não; mas anda tão confuso,
Que parece que d'elle Deus se esquece.
Casos, opiniões, natura, e uso,
Fazem que nos pareça d'esta vida
Que não ha n'elle mais do que parece.

119

Vós outros, que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercicios;
A quem, vendo do mundo os beneficios,
O regimento seu fica encoberto;
Dedicai, se quereis, ao Desconcêrto
Novas honras e cegos sacrificios;
Que, por castigo igual de antiguos vicios,
Quer Deus que andem as cousas por acêrto.
Não cahiu n'este modo de castigo
Quem pôz culpa á Fortuna, quem sómente
Crê que acontecimentos ha no mundo.
A grande experiencia he grão perigo:
Mas o que a Deus he justo e evidente
Parece injusto aos homens e profundo.

120

Despois que viu Cibele o corpo humano
Do formoso Atys seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorava o grave dano.
E, á sua dôr fazendo illustre engano,
A Jupiter pediu, que o verdadeiro
Preço da nobre palma e do loureiro
Ao seu pinheiro désse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso
Que, crescendo, as estrellas tocar possa,
Vendo os segredos lá do Céo superno.
Oh ditoso Pinheiro! oh mais ditoso
Quem se vir coroar da rama vossa,
Cantando á vossa sombra verso eterno!

121

Na desesperação já repousava
O peito longamente magoado,
E, com seu damno eterno concertado,
Já não temia; já não desejava;
Quando uma sombra vã me assegurava
Que algum bem me podia estar guardado
Em tão formosa imagem, que o traslado
N'alma ficou, que n'ella se enlevava.
Que credito que dá tão facilmente
O coração áquillo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino;
Ah! deixem-me enganar; que eu sou contente;
Pois, postoque maior meu damno seja,
Fica-me a glória já do que imagino.

122

Gentil Senhora, se a Fortuna imiga,
Que contra mi com todo o Céo conspira,
Os olhos meus de vêr os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga;
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa do mar, de fogo, e d'ira,
A dar-vos a memoria, que suspira
Só por fazer comvosco eterna liga.
N'esta alma, onde a fortuna póde pouco,
Tão viva vos terei, que frio e fome,
Vos não possam tirar, nem mais perigos.
Antes, com som de voz trémulo e rouco
Por vós chamando, só com vosso nome
Farei fugir os ventos, e os inimigos.

123

Arvore, cujo pômo bello e brando
Natureza de leite e sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgineas faces imitando;
Nunca do vento a ira, que arrancando
Os troncos vai, o teu injúria sinta;
Nem por malicia de arte seja extinta
A côr que está teu fructo debuxando.
E pois emprestas doce e idoneo abrigo
A meu contentamento, e favoreces
Com teu suave cheiro a minha gloria;
Se eu não te celebrar como mereces,
Cantando-te, se quer farei comtigo
Doce nos casos tristes a memoria.

124

Por cima d'estas águas forte e firme
Irei aonde os Fados o ordenaram,
Pois por cima de quantas derramaram
Aquelles claros olhos pude vir-me.
Ja chegado era o fim de despedir-me;
Ja mil impedimentos se acabaram,
Quando rios de amor se atravessaram,
A me impedir o passo de partir-me.
Passei-os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada gloriosa
Faz o vencido já desesperado.
Em qual figura, ou gesto desusado,
Póde ja fazer medo a morte irosa
A quem tem a seus pés rendido e atado?

125

O filho de Latona esclarecido,
Que com seu raio alegra a humana gente,
Matar pôde a Pythonica serpente
Que mortes mil havia produzido.
Feriu com arco, e de arco foi ferido,
Com ponta aguda do ouro reluzente:
Nas Thessalicas praias docemente
Por a Nympha Penea andou perdido.
Não lhe pôde valer contra seu dano
Saber, nem diligencias, nem respeito
De quanto era celeste e soberano.
Pois se hum deos nunca viu nem hum engano
De quem era tão pouco em seu respeito,
Eu qu'espero de um sêr, qu'he mais que humano?

126

Presença bella, angelica figura,
Em quem quanto o Céo tinha nos tem dado;
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se está rindo a Formosura:
Olhos, onde tem feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado,
Que vemos já no verde delicado
Não esperança, mas inveja escura:
Brandura, aviso, e graça, que augmentando
A natural belleza co'hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta:
São as prisões de hum coração, que prêso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a serêa na tormenta.

127

Diversos dões reparte o céo benino,
E quer que cada huma alma hum só possua;
Porisso ornou de casto peito a Lua,
Que o primeiro orbe illustra crystalino;
De graça a Mãe formosa do Menino
Que n'essa vista têm perdido a sua;
Pallas de sciencia não maior que a tua:
Tem Juno da nobreza o imperio dino.
Mas junto agora o largo Céo derrama
Em ti o mais que tinha, e foi o menos
Em respeito do Autor da natureza.
Que a seu pesar te dão, formosa dama,
Seu peito a Lua, sua graça Venus,
Sua sciencia Pallas, Juno sua nobreza.

128

A Morte, que da vida o nó desata,
Os nós que dá o Amor, cortar quizera
Co'a ausencia, que he sôbre elle espada fera,
E co'o tempo, que tudo desbarata.
Duas contrarias, que huma a outra mata,
A Morte contra Amor junta e altera;
Huma, Razão contra a Fortuna austera;
Outra, contra a Razão Fortuna ingrata.
Mas mostre a sua imperial potencia
A Morte em apartar de hum corpo a alma,
O Amor n'hum corpo duas almas una;
Para que assi triumphante leve a palma
Da Morte Amor a grão pesar da ausencia,
Do tempo, da Razão, e da Fortuna.

129

Ornou sublime esforço ao grande Atlante,
Com qu'a celeste máchina sustenta;
Honrou a Homero o engenho, com que intenta
Grecia do quarto Céo passal-o ávante;
Curvou claro Amor de amor constante
A Orpheo, na paz firme e na tormenta;
Inspirou a Fortuna, em tudo isenta,
A Cesar, de quem foi hum tempo amante;
Exaltaste tu, Fama, a gloria alta,
De Alcides lá no mundo em que resides;
Mas Castro, em quem o Céo seus dões derrama,
Mais orna, honra, corôa, inspira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orpheo, Cesar e Alcides,
Esforço, engenho, Amor, Fortuna e Fama.

130

Coitado! que em hum tempo chóro e rio;
Espero e temo, quero e aborreço;
Juntamente me allegro e me entristeço;
Confio de huma causa e desconfio.
Vôo sem azas; estou cego e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Então fallo melhor, quando emmudeço;
Sem ter contradição sempre porfio.
Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudar-me estar me quedo;
Usar de liberdade, e ser captivo;
Queria visto ser, ser invisivel;
Vêr-me desenredado, amando o enredo:
Taes os extremos são com que hoje vivo!

131

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me, tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homens apartado,
E de humanos commercios esquecido.
Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quasi que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, e enganado
Quem não he com meu mal engrandecido.
Vá revolvendo a terra, o mar, e o vento,
Honras busque e riquezas a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma.
Que eu por amor sómente me contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro da alma.

132

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
Mas, porque assi o pedia o coração,
Quiz Amor ser vencido da Razão,
Ora que caso póde haver maior!
Novo modo de morte, e nova dôr!
Estranheza de grande admiração!
Pois, em fim, seu vigor perde a affeição,
Porque não perca a pena o seu vigor.
Fraqueza, nunca a houve no querer;
Mas antes muito mais se esforça assim
Hum contrario com outro por vencer.
Mas a razão que a luta vence, em fim,
Não creio que he razão, mas deve ser
Inclinação que eu tenho contra mim.

133

Tal mostra de si dá vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças e o poder da natureza
Com sua claridade mais apura.
Quem confiança ha visto tão segura,
Tão singular esmalte da belleza,
Que não padeça mal de mais graveza,
Se resistir a seu amor procura?
Eu, pois, por escusar tal esquivança,
A razão sujeitei ao pensamento,
A quem logo os sentidos se entregaram;
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficaram.

134

Que modo tão subtil da natureza
Para fugir ao mundo e seus enganos!
Permitte que se esconda em tenros annos
Debaixo de hum burel tanta belleza!
Mas não póde esconder-se aquella alteza
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos
Resistencia não sinto, ou fortaleza.
Quem quer livre ficar de dôr e pena,
Vendo-a já, já trazendo-a na memoria,
Na mesma razão sua se condena.
Porque quem mereceu vêr tanta gloria
Captivo ha de ficar; que Amor ordena
Que de juro tenha ella esta victoria.

135

Seguia aquelle fogo, que o guiava,
Leandro, contra o mar e contra o vento;
Quebravam-lhe ondas o animoso alento,
Por mais e mais que o Amor lh'o renovava.
Com sentir já que quasi lhe faltava,
Sem nada esmorecer, no pensamento
(Não podendo fallar) de seu intento
O fim ao surdo mar encommendava:
Ó mar (dizia o moço só comsigo),
Já te não peço a vida; só queria
Que a d'Hero me salvasses: não me veja:
Este defunto corpo lá o desvia
D'aquella tôrre: sê-me n'isto amigo,
Pois no meu maior bem me houveste inveja.

136

A Conceição de Virgem Nossa Senhora

Para se namorar do que criou,
Te fez Deus, sacra Phenix, Virgem pura,
Vêde que tal seria esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou!
No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira criatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou.
Não sei se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras qualidades
Que quiz criar em ti quem tu criaste.
És Filha, Mãe, e Esposa: e se alcançaste
Huma só, tres tão altas dignidades,
Foi porqu'a Tres de Hum só tanto agradaste.

137

Á encarnação do Verbo eterno

Desce do Céo immenso Deus benino
Para encarnar na Virgem soberana.
Porque desce o divino a cousa humana?
Para subir o humano a ser divino.
Pois como vem tão pobre e tão menino,
Rendendo se ao poder de mão tyranna?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adão o desatino.
He possivel que dous o fructo comem
Que de quem lhes deu tanto foi vedado?
Si; porque o proprio sêr de deoses tomem.
E por esta razão foi humanado?
Si; porque foi com causa decretado,
Se quiz o homem ser Deus, que Deus fosse homem.

138

A Christo nosso Senhor no presepio

Dos céos á terra desce a mór belleza,
Une-se á nossa carne, e a faz nobre;
E, sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica á mór riqueza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que, como ao mundo o seu amor descobre,
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Céo despreza.
Como! Deus em pobreza á terra dece!
O qu'he mais pobre tanto lhe contenta,
Qu'este sómente rico lhe parece.
Pobreza este Presepio representa;
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que tanto mais o he, mais lhe contenta.

139

Á paixão de Christo nosso Senhor (dealogismo)

Porque a tamanhas penas se offerece
Por o peccado alheio, e êrro insano,
O Trino Deos? Porque o sogeito humano
Não póde co'o castigo que merece.
Quem padecerá as penas que padece?
Quem soffrerá deshonra, morte e dano?
Quem será, se não fôr o Soberano
Que reina, e servos manda, e obedece?
Foi a força do homem tão pequena,
Que não pôde suster tanta aspereza,
Pois não susteve a Lei que Deus ordena.
Mas soffre-a aquellla immensa Fortaleza
Por amor puro; que a mortal fraqueza
Foi para o êrro, e não já para a pena.

140

Guardando em mi a Sorte o seu direito,
Em verde me cortou minha alegria.
Oh quanto feneceu n'aquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!
Quanto mais o imagino, bem suspeito
Que a tal bem tal desconto se devia,
Por não dizer o mundo que podia
Achar-se em seus enganos bem perfeito.
Pois se a fortuna o fez por descontar-me
Aquelle gôsto, em cujo sentimento
A memoria não faz senão matar-me;
Que culpas póde dar-me o pensamento,
Se a causa qu'elle tem de atormentar-me,
Tenho eu de soffrer mal o seu tormento?

141

Ah Fortuna cruel! ah duros Fados!
Quão asinha em meu damno vos mudastes!
Com os vossos cuidados me cansastes,
E agora descansais co'os meus cuidados.
Fizestes-me provar gostos passados,
E vossa condição n'elles provastes:
Singelos em hum'hora m'os levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.
Quanto melhor me fôra que não vira
Os doces bens de Amor? Ah bens suaves!
Quem me deixa sem vós, porque me deixa?
De queixar-te, alma minha, te retira:
Alma, de alto cahida em penas graves,
Pois tanto amaste em vão, em vão te queixa.

142

Que doudo pensamento he o que sigo?
Apoz que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mi! que não me entendo;
Nem o que callo sei, nem o que digo.
Pelejo com quem trata paz commigo:
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pertendo?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?
Porque, se nasci livre, me captivo?
E pois o quero ser, porque o não quero?
Como me engano mais com desenganos?
Se já desesperei, que mais espero?
E se inda espero mais, porque não vivo?
E se vivo, que accuso mortaes danos?

143

Onde porei meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte mi irei co'o pensamento,
Que para descansar parte me seja?
Já sei como se engana quem deseja
Em vão amor fiel contentamento;
E que nos gostos seus, que são de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.
Mas inda, sobre o claro desengano,
Assi me traz esta alma sobjugada,
Que d'elle está pendendo o meu desejo.
E vou de dia em dia, de anno em anno,
Apoz hum não sei que, apoz um nada,
Que quanto mais me chego, menos vejo.

144

Quando cuido no tempo, que contente
Vi as perolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonhos hum thezouro,
Parece tudo tenho aqui presente.
Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente.
Já foram dias, em que por ventura
Vos vi, Senhora, se assi dizendo posso
Com o coração seguro estar sem medo:
Agora em tanto mal não me assegura
A propria fantasia, e nojo vosso:
Eu não possa entender este segredo.

145

Quando, Senhora, quiz Amor qu'amasse
Essa grã perfeição e gentileza,
Logo deu por sentença, que a crueza
Em vosso peito amor accrescentasse.
Determinou, que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza;
Mas qu'em minha rarissima firmeza
Vossa isenção cruel se executasse.
E, pois tendes aqui offerecida
Est'alma vossa a vosso sacrificio,
Acabei de fartar vossa vontade.
Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;
Acabará morrendo em seu officio,
Sua fé defendendo e lealdade.

146

Eu vivia de lagrimas isento,
N'hum engano tão doce e deleitoso,
Qu'em qu'outro amante fosse mais ditoso
Não valiam mil glorias hum tormento.
Vendo-me possuir tal pensamento,
De nenhuma riqueza era invejoso:
Vivia bem, de nada receoso,
Com doce amor e doce sentimento.
Cobiçosa a Fortuna, me tirou
D'este meu tão contente e alegre estado;
E passou-se este bem, que nunca fôra:
Em trôco do qual bem só me deixou
Lembranças, que me matam cada hora,
Trazendo-me á memoria o bem passado.

147

Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queixas espalhava ao leve vento,
Co'hum brando suspirar d'alma sahido:
A quem me queixarei, cego, perdido,
Pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, sam menos ouvido.
Ó bella Nympha, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto m'encareces?
Porque queres que sempre me querelle?
Eu quanto mais te busco, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co'o mal cresce a causa d'elle.

148

Se a fortuna inquieta e mal olhada,
Que a justa lei do Céo comsigo infama,
A vida quieta, qu'ella mais desama,
Me concedêra honesta e repousada;
Pudéra ser que a Musa, alevantada
Com luz de mais ardente e viva flamma,
Fizera ao Tejo lá na patria cama
Adormecer co'o som da lyra amada.
Porém, pois o destino trabalhoso,
Que m'escurece a Musa fraca e lassa,
Louvor de tanto preço não sustenta;
A vossa, de louvar-me pouco escassa,
Outro sogeito busque valeroso,
Tal qual em vós ao mundo se apresenta.

149

A Dom Simão da Silveira em resposta de outro seu, pelas mesmas consoantes, mandando-lhe perguntar quem fôra o primeiro poeta que fizera Sonetos.

De hum tão felice engenho, produzido
De outro que o claro sol não viu maior,
He trazer cousas altas no sentido,
Todas dignas de espanto e de louvor.
Museo foi antiquissimo Escriptor,
Philosopho e Poeta conhecido,
Discipulo do Musico amador
Que c'o som teve o inferno suspendido:
Este pôde abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal que eu já passei,
Do mancebo do Abydo mal sisudo:
Agora contam já (segundo achei)
Tasso e o nosso Boscan, que disse tudo,
Dos segredos que move o cego rei.

150

Este amor, que vos tenho limpo e puro,
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Têl-o dentro n'esta alma só procuro.
D'haver n'elle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro.
A bonina e a flôr asinha passa;
Tudo por terra o inverno e estio deita;
Só para meu amor he sempre Maio.
Mas vêr-vos para mim, Senhora, escassa,
E qu'essa ingratidão tudo me engeita,
Traz este meu amor sempre em desmaio.

151

Quem, Senhora, presume de louvar-vos
Com discurso que baixe de divino,
De tanto maior pena será dino,
Quanto vós sois maior ao contemplar-vos.
Não aspire algum canto a celebrar-vos
Por mais que seja raro, ou peregrino;
Pois de vossa belleza eu imagino
Que só comvosco o Céo quiz comparar-vos.
Ditosa esta alma vossa, a que quizestes
Pôr em posse de prende tão subida,
Qual esta que benigna, em fim, me déstes.
Sempre será anteposta á mesma vida:
Esta estimar em menos me fizestes,
Se antes que ess'outra a quero vêr perdida.

152

Quem pudéra julgar de vós, Senhora,
Que huma tal fé pudesse assi perder-vos?
Se por amar-vos chego a aborrecer-vos,
Deixar não posso o amar-vos algum'hora.
Deixais a quem vos ama, ou vos adora,
Por vêr a quem quiçá não sabe vêr-vos?
Mas eu sou quem não soube merecer-vos,
E esta minha ignorancia entendo agora.
Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrar-vos verdadeira,
Inda que clara estava esta verdade.
Esta, em quanto eu viver, vereis inteira;
E se em vão meu querer vos persuade,
Mais vosso não querer faz que vos queira.

153

*V*encido está de amor *M*eu pensamento
O mais que póde ser, *V*encida a vida,
*S*ujeita a vos servir e *I*nstituida,
*O*fferecendo tudo *A* vosso intento.
*C*ontente d'este bem *L*ouva meu tormento,
*O*u hora em que se viu *T*ão bem perdida;
*M*il vezes desejando, *A*ssi ferida,
*O*utras mil renovar *S*eu procedimento.
*C*om esta pretenção *E*stá segura
A causa que me guia *N*'esta empreza
*T*ão sobrenatural, *H*onrosa, e alta.
*J*urando não querer *O*utra ventura,
*V*otando só por vós *R*ara firmeza,
*O*u ser no vosso amor *A*chado em falta.

154

Sempre, cruel Senhora, receei,
Medindo vossa grã desconfiança,
Que désse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei.
Perca-se, em fim, já tudo o qu'esperei,
Pois n'outro amor já tendes esperança,
Tão patente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dei.
Dei-vos a alma, a vida e o sentido;
De tudo o qu'em mi ha vos fiz senhora.
Prometteis, e negais o mesmo Amor.
Agora tal estou, que de perdido
Não sei por onde vou, mas algum'hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

155

Esses cabellos louros e escolhidos,
Que o sêr ao aureo sol estão tirando;
Esse ar immenso, adonde naufragando
Estão continuamente os meus sentidos;
Esses furtados olhos tão fingidos
Que minha vida e morte estão causando;
Essa divina graça, que em fallando
Finge os meus pensamentos não ser cridos;
Esse compasso certo, essa medida
Que faz dobrar no corpo a gentileza;
A divindade em terra, tão subida;
Mostrem já piedade, e não crueza,
Que são laços que Amor tece na vida,
Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.

156

Dizei, Senhora, da belleza idêa,
Para fazerdes esse aureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino?
De qu'escondia mina ou de que vêa?
Dos vossos olhos essa luz phebêa,
Esse respeito, de hum imperio dino?
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medéa?
De qu'escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas orientais
Que fallando mostrais no doce riso?
Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiai-vos de vós, não vos vejais,
Fugi das fontes; lembre-vos Narciso.

157

Na ribeiro do Euphrates assentado,
Discorrendo-me achei pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.
Da causa de meus males perguntado
Me foi: Como não cantas a historia
De teu passado bem, e da victoria
Que sempre de teu mal has alcançado?
Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta pois, e não chores d'essa sorte.
Respondi com suspiros: Quando crece
A muita saudade, o piedoso
Remedio he não cantar, senão a morte.

158

El vaso relusiente y cristalino,
De Angeles agua clara y olorosa,
De blanca seda ornado y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino:
Bien claro parecia el don divino
Labrado por mano artificiosa
De aquella blanca Ninfa graciosa,
Mas que el rubio luzero matutino:
Nel vaso vuestro cuerpo se afigura
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vuestra anima pura:
La seda es la blandura, y los cabellos
Son las prisiones, y la ligadura
Con que mi libertad fué asida d'ellos.

159

Pues siempre sin cesar, mis ojos tristes,
En lagrimas tratais la noche y dia,
Mirad si es lagrima esta que os envia
Aquel sol por quien vos tantas vertistes.
Si vos me asegurais, pues ya la vistes,
Que és lagrima, será ventura mia;
Por empleadas bien desde hoy tendria
Las muchas que por ella sola distes.
Mas cualquier cosa mucho deseada,
Aunque viendo se esté, nunca es creida;
Y menos esta, nunca imaginada.
Pero della aseguro, si es fingida,
Que basta ser por lagrimas enviada,
Para que sea por lagrima tenida.

160

Quando se vir com agua o fogo arder,
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura,
Em que se vem os céos, prevalecer;
Quando Amor á Razão obedecer,
E em todos fôr igual huma ventura,
Deixarei eu de vêr tal formosura,
E de amar deixarei depois de a vêr.
Porém não sendo vista esta mudança
No mundo, porque, em fim, não póde ver-se,
Ninguem mudar-me queira de querer-vos.
Que basta estar em vós minha esperança,
E o ganhar-se a minha alma, ou o perder-se,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

161

Chorai, Nymphas, os fados poderosos
D'aquella soberana formosura.
Onde foram parar? na sepultura?
Aquelles reaes olhos graciosos?
Oh bens do mundo falsos e enganosos!
Que mágoas para ouvir! Que tal figura
Jaza sem resplendor na terra dura
Com tal rosto e cabellos tão formosos!
Das outras que será! pois poder teve
A morte sobre cousa tanto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia.
Mas o mundo não era digno d'ella,
Por isso mais na terra não esteve,
Ao céo subiu, que já se lhe devia.

162

Ai imiga cruel! que apartamento
He este que fazeis da patria terra?
Ai! quem do amado ninho vos desterra,
Gloria dos olhos, bem do pensamento?
His tentar da fortuna o movimento,
E dos ventos crueis a dura guerra?
Vêr brenhas de ondas? feito o mar em serra,
Levantado de hum vento e de outro vento?
Mas já que vós partis, sem vos partirdes,
Parta comvosco o céo tanta ventura,
Que se avantaje áquella qu'esperardes,
E só d'esta verdade ide segura,
Que fazeis mais saudades com vos irdes,
Do que levais desejos por chegardes.

163

Senhora já d'esta alma, perdoai
De hum vencido de Amor os desatinos,
E sejam vossos olhos tão beninos
Com este puro amor, que d'alma sai.
A minha pura fé sómente olhai,
E vêde meus extremos se são finos;
E se de alguma pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.
Não seja a dôr que abraza o triste peito
Causa por onde pene o coração,
Que tanto em firme amor vos he sujeito.
Guardai-vos do que alguns, dama dirão,
Que sendo raro em tudo vosso objeito,
Possa morar em vós ingratidão.

164

Quem vos levou de mim saudoso estado,
Que tanta sem rasão commigo usastes?
Quem foi, por quem tão presto me negastes,
Esquecido do todo bem passado?
Trocaste-me hum descanso em hum cuidado
Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes.
A fé, que tinheis dado, me negastes,
Quanto mais n'ella estava confiado.
Vivia sem receio d'este mal,
Fortuna que tem tudo á sua mercê,
Amor com desamor me revolveu:
Bem sei que n'este caso nada val,
Que quem nasceu chorando, justo he,
Que pague com chorar o que perdeu.

165

Diversos casos, varios pensamentos
Me trazem tão confuso o entendimento,
Que em nada vejo já contentamento,
Se não quando se vão contentamentos:
Em varios casos, varios sentimentos
Succedem, por mostrar ao fundamento,
Que he o que se deseja tudo vento,
Pois pinta haver descanço em vãos intentos
Vê se em grandes discursos o desejo,
Quando as occasiões os tempos mudam,
Não ha cousa impossivel a hum cuidado:
O injusto c'o justo he já trocado,
Os duros montes seus assentos mudam,
Eu só não posso vêr meu mal mudado.

166

Doce sonho, suave e soberano,
Se por mais longo tempo me durára!
Ah quem de sonho tal nunca acordára,
Pois havia de vêr tal dsengano!
Ah deleitoso bem! ah doce engano!
Se por mais largo espaço me enganára!
Se então a vida misera acabára,
De alegria e prazer morrêra ufano.
Ditoso, não estando em mi, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera.
Olhai com que me paga meu destino!
Em fim, fóra de mim ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

167

Diana prateada, esclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho reluzia,
Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceu o excellente
Raio de vosso aspecto, differente
Em graça e em amor do que sohia.
Eu vendo-me tão cheio de favores,
E tão propinquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara, e a noite escura,
Pois n'ella d'estes côr a meus amores;
D'onde collijo claro que não posso
De dia para vós já ter ventura.

168

Em lingua gallega

A lá en Monte Rey, em Bal de Laça,
A Biolante bi beira de un rio,
Tam fermosa em berdá, que quedé frio
De ber alma immortal em mortal maça:
De hum alto e lindo copo a seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse: Morre, corta o fio,
Bolbeo: Não cortarei, seguro passa.
E como passarei, se eu acá quedo,
Se passar, respondi, não bou seguro,
Que este corpo sem alma morra cedo.
Com a minha qne lebas. te asseguro
Que não morras, Pastor. Pastora, ei medo,
O quedar me parece mais seguro.

169

Porque me faz Amor inda acá torto,
O mal te faga Deos, desbergonzado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a Biolante, que me ha morto:
Bila, por mas non berme tomar porto,
En repouso ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre quede a bado
As aguas de meus olhos son conforto:
Bem vi ser tua madre Cypriana
Una mundana astrosa, deshonesta.
Cruel, falsa, sem lei, dura e tirana:
Que a bós ella ser outra, e não ser esta
Não tiberas bontá tão deshumana,
Nem fôra contra mim tão cruda besta.

170

Olhos formosos em quem quiz natura
Mostrar do seu poder altos signaes,
Se quizerdes saber quanto possais
Vede-me a mi que sou vossa fortuna.
Pintada em mi se vê vossa figura,
No que eu padeço retratada estais.
Que se eu passo tormentos desiguais,
Muito mais póde vossa formosura.
De mi não quero mais que o meu desejo;
Ser vosso, e só de ser vosso me arreio,
Porque o vosso penhor em mi se asselle.
Não me lembro de mi quando vos vejo;
Nem do mundo: e não erro porque creio
Que em lembrar me de vós cumpro com elle.

171

Em quanto Phebo os montes accendia
Do céo com luminosa claridade,
Por conservar illesa a castidade
Na caça o tempo Delia despendia.
Venus, qu'então de furto descendia
Por captivar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando d'ella, lhe dizia:
Tu vás com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando;
Mas as minhas enredam o sentido.
Melhor he (respondia a deosa pura)
Nas rêdes leves cervos ir tomando,
Que tomar-te a ti n'ellas teu marido.

172

A Dynamene morta nas aguas

Ah minha Dynamene! assi deixaste
Quem nunca deixar póde de querer-te!
Que já, Nympha gentil, não possa ver-te!
Que tão veloz a vida desprezaste!
Como por tempo eterno te apartaste
De quem tão longe andava de perder-te!
Puderam essas águas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?
Nem sómente fallar-te a dura morte
Me deixou, qu'apressada o negro manto
Lançar sóbre os teus olhos consentiste.
Oh mar! oh céo! oh minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste?

173

Oh rigorosa ausencia desejada
De mi sempre, mas nunca conhecida!
Saudade, n'outro tempo tão temida,
Como em meu damno agora exprimentada!
Já rigorosamente começada
Tendes vossa esperança em minha vida;
Mas tanto, que já temo que opprimida
Sejais com ella cedo, ou acabada.
Os dias mais alegres me entristecem;
As noite, com cuidados as desconto,
Em que sem vós conto me parecem.
Eu desejando espero, e os annos conto;
Mas com a vida, em fim, elles fallecem:
Nem basta á carne enfêrma esprito pronto

174

Se de vosso formoso e lindo gesto
Nasceram lindas flores para os olhos,
Que para o peito são duros abrolhos,
Em mim se vê mui claro e manifesto:
Pois vossa formosura e vulto honesto,
Em os vêr, de boninas vi mil molhos,
Mas se meu coração tivera antolhos,
Não vira em vós seu damno o mal funesto:
Hum mal visto por bem, hum bem tristonho.
Que me traz enlevado o pensamento
Em mil, porem diversas phantasias:
Nas quaes eu sempro ando e sempre sonho,
E vós não cuidais mais que em meu tormento,
Em que fundais as vossas alegrias.

175

N'hum tão alto lugar, de tanto preço,
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece n'elle inda o desejo,
Venda quanto por mi o desmereço.
Quando esta tal baixeza em mi conheço,
Acho que cuidar n'elle he grão despejo,
E que morrer por elle me he sobejo
E mór bem para mi, do que mereço,
O mais que natural merecimento
De quem me causa hum mal tão duro e forte,
O faz que vá crescendo de hora em hora.
Mas eu não deixarei meu pensamento,
Porque inda qu'este mal me causa a morte,
Un bel morir tutta la vita honora.

176

Quando a suprema dôr muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He fôrça que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.
Assi de erro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.
Porque essa propria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-m'o de hum certo modo ser presente.
Ditosa he, logo, a pena que padeço
Pois que da causa d'ella em mi se sente
Hum bem que, inda sem vêr-vos, reconheço.

177

Quantas penas, Amor, quantos cuidados
Quantas lagrimas tristes sem proveito,
De que mil vezes olhos, rosto e peito,
Por ti, cego, me viste já banhados;
Quantos mortaes suspiros derramados
Do coração por tanto a ti sujeito,
Quantos males, em fim, tu me tens feito,
Todos foram em mi bem empregados.
A tudo satisfaz (confesso te isto)
Huma só vista branda e amorosa
De quem me captivou minha ventura.
Oh sempre para mi hora ditosa!
Que posso temer já, pois tenho visto.
Com tanto gôsto meu, tanta brandura?

178

Se como em tudo o mais fostes perfeita,
Foreis de condição menos esquiva,
Fôra a minha fortuna mais altiva,
Fôra a sua altiveza mais sujeita.
Mas quando a vida a vossos pés se deita,
Porque não a acceitais, não quer que eu viva;
Ella propria de si já a mi me priva;
Que, porque me engeitais, tambem me engeita.
Se n'isso contradiz vossa vontade,
Mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim
A' minha profundissima tristeza.
Pois ella não m'o dá, por que piedade
Tenha d'este meu mal, mas porque em mim
Possais assi fartar vossa crueza.

179

O tempo acaba, o anno, o mez e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza;
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora:
O tempo busca, e acaba o onde móra
Qualquer ingratidão, qualquer dureza,
Mas não pode acabar minha tristeza
Em quanto não quizerdes vós, Senhora.
O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O tempo a tempestade em gram bonança;
Mas de abrandar o tempo estou seguro,
O peito de diamante onde consiste
A pena e o prazer d'esta esperança.

180

Posto me tem fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder, já de perdido,
Nem tenho que mudar, já de mudado,
Todo bem para mim he acabado:
D'aqui dou o viver já por vivido;
Que aonde o mal he tão conhecido,
Tambem o viver mais será 'scusado.
Se me basta querer, a morte quero
Que bem outra esperança não convem:
E curarei hum mal com outro mal.
E pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal esse só remedio tem,
Não me culpem em qu'rer remedio tal.

181

Já me não fere o Amor com arco forte,
As setas tem lançadas já por terra,
Como sohia já não nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra sorte.
Com os olhos, pelos olhos nos dá morte,
E para acertar o que não erra,
Os vossos escolheu, em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte.
Concede-vos o Amor tão grão poder,
Que vós sejaes do seu livre e isenta.
Apagou-se a candea no meio do consoante.
Por isso Feliza se vos não contenta,
Não vades com o Soneto por diante,
Que he sonho o que a fantasia representa.

182

Lembranças, que lembrais o bem passado
Para que sinta mais o mal presente,
Deixai-me, se quereis, viver contente,
Morrer não me deixeis em tal estado.
Se de todo, comtudo, está do Fado,
Que eu morra de viver tão descontente,
Venha-me todo o bem por accidente,
E todo o mal me venha por cuidado.
Que muito melhor he perder-se a vida,
Perdendo-se as lembranças da memoria,
Pois fazem tanto damno ao pensamento.
Porque, em fim, nada perde quem perdida
A esperança tem já d'aquella gloria
Que fazia suave o seu tormento.

183

Doce contentamento já passado,
Em que todo o meu bem só consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vós tão apartado?
Quem cuidou que se visse n'este estado
N'aquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura consentia
Que d'enganos vivesse meu cuidado?
Fortuna minha foi cruel e dura
Aquella que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem póde ter cautella.
Nem se engane nenhuma creatura;
Que não póde nenhum impedimento
Fugir o que lh'ordena sua estrella.

184

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asínha
Em tão compridos annos de tormento.
As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sustinha:
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.
Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.
Extranho mal! extranha desventura!
Por hum pequeno bem que desfallece,
Hum bem aventurar, que sempre dura!

185

Sustenta meu viver huma esperança
Derivada de hum bem tão desejado,
Que quando n'ella estou mais confiado,
Mór duvida me põe qualquer mudança.
E quando inda este bem na mór pujança
De seus gostos me têm mais enlevado,
Me atormenta então vêr eu qu'alcançado
Será por quem de vós não tem lembrança.
Assi que, n'estas redes enlaçado,
A penas dou a vida sustentando
Huma nova materia a meu cuidado.
Suspiros d'alma tristes arrancando,
Dos silvos d'huma pedra acompanhado,
Estou materias tristes lamentando.

186

Já não sinto, Senhora, os desenganos,
Com que minha affeição sempre tratastes,
Nem ver o galardão, que me negastes,
Merecido por fé ha tantos annos.
A magoa chóro só, só choro os danos
De vêr por quem, Senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos.
Dobrada gloria dá qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa;
Mas eu de vossos males e esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quizera tanto á vossa custa.

187

Que póde já fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
De cousa que o não tem, nem he segura?
Que pena póde ser tão certa e dura,
Que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
Os males, se com elles mais se apura?
Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso já o tem seguro:
Assim de acostumado co'o veneno,
O uso de soffrer meu mal presente
Me faz não sentir já nada o futuro.

188

Los ojos que con blando movimiento
Al passar enternecen la alma mia,
Si detener pudiera solo un dia,
Pudiera bien librarla de tormiento.
D'este tan amoroso sentimiento
El importuno mal se acabaria;
O tambien su accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.
Oh! si ya tu esquivez me permitiese
Que al ver, o Ninpha, tu semblante hermoso,
A manos de tu ojos yo muriese!
Oh si los detuvieras! cuan dichoso
Seria aquel momento en que me viese
Vida en ellos cobrar, cobrar reposo!

189

A formosura d'esta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar d'estes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;
O rouco som do mar, a extranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra:
Em fim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos offrece,
M'está (se não te vejo) magoando.
Sem ti tudo me enoja, e me aborrece;
Sem ti perpetuamente estou passando
Nas móres alegrias mór tristeza.

190

Sospechas, que en mi triste fantesia
Puestas hazeis la guerra a mi sentido,
Bolviendo y rebolviendo el affligido
Pecho con dura mano noche y dia.
Ya se acabó la resistencia mia,
Y la fuerça del alma, ya rendido
Vencer de vos me dexo arrepentido
De averos contrastado en tal porfia.
Llevadme a aquel lugar tan espantable
Que por no ver mi muerte alli esculpida,
Cerrados hasta aqui tuve los ojos.
Las armas pongo, que concedida
No es tan larga defensa al miserable;
Colgad en vuestro carro mis despojos.

191

No bastaba que amor puro y ardiente
Por términos la vida me quitase;
Mas que la muerte asi se apresurase
Con un deshumanísimo accidente?
No pretendió mi alma, aunque lo siente,
Que el riguroso curso se atajase,
Porque nunca morir se exprimentase
Desmado el que amó tan dulcemente.
Mas vuestra voluntad tan poderosa
Con esas gracias vuestras ordenaron
Crueldad así imposible, ó nunca oida.
Aquel frio desden, v la amorosa
Furia, de un golpe solo, me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida.

192

Vós, que escuitaes em Rimas derramado
Dos suspiros o som que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que sou mudado;
Sabei que busca só do já cantado
No tempo em que ou temia ou esperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, e não perdão, o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho sentimento
Só me rendeu ser fabula da gente,
(Do que commigo mesmo me envergonho.)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheçam claramente
Que quanto ao mundo apraz he breve sonho.

193

De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo:
De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No immenso resplandor de hum raio esquivo.
Mas ai que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante,
De seu triumpho cada qual só trata.
Nada, emfim, me aproveita; que a esperança
Se anima alguma vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

194

Moradoras gentís e delicadas
Do claro e aureo Tejo, que mettidas
Estais em suas grutas escondidas,
E com doce repouso socegadas;
Agora estais de amores inflammadas,
Nos crystallinos paços entretidas;
Agora no exercicio embevecidas
Das télas de ouro puro matizadas;
Movei dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo
Que lagrimas derramem de tristura.
E assi com dôr mais propria ireis ouvindo
As queixas que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai seguindo.

195

Brandas aguas do Tejo que, passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, hervas e flôres e animais,
Pastores, Nymphas, ides alegrando;
Não sei, (ah doces aguas!) não sei quando
Vos tornarei a vêr; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar já vou desconfiando.
Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.
Saudoso de vós, d'elle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

196

Novos casos de amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas;
Do bem promessas falsas e escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos;
Como não tomais já por desenganos
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida não basta, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos annos?
Hum novo coração mister havia,
Com outros olhos menos aggravados,
Para tornar a crêr o que eu vos cria.
Andais comigo, enganos, enganados;
E se o quizerdes vêr, cuidai um dia
O que se diz dos bem acutilados.

197

Já do Mondego as aguas apparecem
A meus olhos, não meu, antes alheios,
Que de outras differentes vindo cheios,
Na sua branda vista inda mais crescem.
Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeios.
Triste! por quantos modos, quantos meios,
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos, que duvída
De conseguir o fim d'esta jornada.
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vai da alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tem vida.

198

Hum firme coração posto em ventura;
Hum desejar honesto, que se engeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura;
Hum vêr-vos de piedade e de brandura
Sempre inimiga, faz-me que suspèite
Se alguma hyrcana fera vos deu leite,
Ou se nascestes de huma pedra dura.
Ando buscando causa, que desculpe
Crueza tão estranha; porém quanto
N'isso trabalho mais, mais mal me trata.
Donde vem, que não ha quem nos não culpe;
A vós, porque matais quem vos quer tanto,
A mim, por querer tanto a quem me mata.

199

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada já com meu tormento;
Agua, que com mil lagrimas sustento;
Fogo, que mais accendo no meu seio;
Em paz estais em mim; e assi o creio,
Sem esse ser o vosso proprio intento;
Pois em dôr onde falta o soffrimento,
A vida se sustem por vosso meio.
Ai imiga fortuna! ai vingativo
Amor! a que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra e A'goa?

200

Já claro vejo bem, já bem conheço
Quanto augmentando vou o meu tormento;
Pois sei que fundo em agua, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;
Que Arachne sou, pois já com Pallas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a hum vaso intento,
Aspirando a esse céo que não mereço.
Quero achar paz em hum confuso inferno;
Na noite do sol puro a claridade;
E o suave verão no duro inverno.
Busco em luzente Olympo escuridade,
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

201

De cá, d'onde sómente o imaginar-vos
A rigorosa ausencia me consente,
Sôbre as azas de amor, ousadamente
O mal soffrido esprito vai buscar-vos.
E se não receára de abrazar-vos
Nas chammas que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco e, vós presente,
Aprendera de vós a contentar-vos.
Mas, pois que estar ausente lhe he forçado,
Por senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado.
E pois vêdes a fé que vos offerece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

202

Não ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vós se vê, bella Senhora:
Vós sois vosso louvor: quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho e arte.
Quanto por muitas damas se reparte
De bello e de formoso, em vós agora
Se junta em modo tal, que pouco fôra
Dizer que sois o todo, ellas a parte.
Culpa, logo, não he, se vou louvar-vos,
Vêr incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o céo avantajar-vos.
Seja a culpa de vossos resplandores;
E a que elles têm vos dou, só para dar-vos
O mór louvor de todos os maiores.

203

Não vás ao monte, Nise, com teu gado;
Que lá vi que Cupido te buscava:
Por ti sómente a todos perguntava,
No gesto menos placido que irado.
Elle publíca, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpões da sua aljava;
E com um dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado.
Fuge de vêr-te lá n'esta aventura,
Porque se contra ti o tens iroso,
Póde ser que te alcance com mão dura.
Mas ai! que em vão te advirto temeroso,
Se á tua incomparavel formusura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

204

A violeta mais bella que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre e formosura,
Por mais bella, Violante, te obdece.
Perguntas-me porque? Porque apparece
Em ti seu nome, e sua côr mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.
Oh luminosa flôr! Oh sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido,
Não permittas que Amor me seja avaro.
Oh penetrante setta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser n'este valle Eneas d'esta Dido?

205

Tornai essa brancura á alva assucena,
E essa purpurea côr ás puras rosas;
Tornai ao sol as chammas luminosas
De essa vista que a roubos vos condena.
Tornai á suavissima sirena
D'essa voz as cadencias deleitosas:
Tornai a graça ás Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena:
Tornai á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o engenho, e a arte;
E a pureza á castissima Diana.
Despojai-vos de toda essa grandeza
De dões; e ficareis em toda a parte
Comvosco só, que he só ser inhumana.

206

De mil suspeitas vãs se me levantam
Trabalhos e desgostos verdadeiros;
Ai que estes bens de Amor são feiticeiros,
Que com hum não sei toda a alma encantam!
Como serêas docemente cantam
Para enganar os tristes marinheiros:
Os meus assi me attrahem lisongeiros,
E despois com horrores mil me espantam.
Quando cuido que toma porto ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio.
Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum amante
Fiado a ondas de Amor, d'ellas me fio.

207

Mil vezes determino não vos ver,
Por vêr se abranda mais o meu penar:
E se cuido de assi me magoar,
Cuidai o que será, se houver de ser.
Pouco me importa já muito soffrer,
Despois que Amor me pôz em tal lugar;
E o que inda me doe mais he só cuidar,
Que mal sem esta dôr posso viver.
Assi não busco eu cura contra a dôr,
Porque buscando alguma, entendo bem
Que n'esse mesmo ponto me perdi.
Quereis que viva, em fim, n'este rigor?
Sómente o querer vosso me convem.
Assi quereis que seja? Seja assi.

208

A chaga que, Senhora, me fizestes,
Não foi para curar-se em hum só dia;
Porque crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes.
De causar tanta dôr vos não doestes?
Mas a doer-vos, dôr me não seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vós que em mi visse não quizestes.
Os olhos com que todo me roubastes
Foram causa do mal que vou passando;
E vós estais fingindo o não causastes.
Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
Ir-se a minha alma n'elles abrazando.

209

Se com desprezos, Nympha, te parece
Que pódes desvìar do seu cuidado
Hum coração constante, que se offrece
A ter por gloria o ser atormentado;
Deixa a tua porfia, e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado;
Pois não sentes, nem vês que em teu mal crece,
Crescendo em mi de ti mais desamado.
O esquivo desamor, com que me tratas,
Converte em piedade, se não queres
Que cresça o meu querer e o teu desgosto.
Vencer-me com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar, e bem me matas;
Mas sempre ha de viver meu presupposto.

210

Senhora minha, se eu de vós ausente
Me defendera de hum penar severo,
Suspeito que offendera o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.
Tras este, logo sinto outro accidente,
E he vêr que se da vida o desespero,
Perco a gloria que vendo-vos espero;
E assi estou em meus males differente.
E n'esta differença meus sentidos
Combatem com tão áspera porfia,
Que julgo este meu mal por deshumano.
Entre si sempre os vejo divididos;
E se acaso concordam algum dia,
He só conjuração para meu dano.

211

No regaço da mãe Amor estava
Dormindo tão formoso, que movia
O coração que mais isento o via;
E a sua propria mãe de amor matava.
Ella, co'os olhos n'elle contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia:
Elle porém, sonhando, lhe dizia
Que todo aquelle mal ella o causava.
Soliso que, graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a duvida aos pastores:
Se bem me ferem sempre sem ter cura
Do menino os ardentes passadores,
Mais me fere da mãe a formosura.

212

Este terrestre caos com seus vapores
Não póde condensar as nuvens tanto,
Que o claro sol não rompa o negro manto
Com suas bellas e luzentes côres.
A ingratidão esquiva de rigores
Opposta nuvem he, que dura em quanto
Nos não converte o céo em triste pranto
Suas vãas esperanças, seus favores.
Póde-se contrapôr ao céo a terra,
E estar o sol por horas eclipsado:
Mas não póde ficar escurecido.
Póde prevalecer a vossa guerra;
Mas, a pezar das nuvens, declarado
Ha de ser vosso sol, e obedecido.

213

Huma admiravel herva se conhece,
Que vai ao sol seguindo de hora em hora,
Logo que elle do Euphrates se vê fóra,
E quando está mais alto, então florece.
Mas quando ao Oceano o carro dece,
Toda a sua belleza perde Flora,
Porque ella se emmurchece e se descora:
Tanto co'a luz ausente se entristece!
Meu sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flôres em seu contentamento.
Mas logo, em não vos vendo, entristecida
Se murcha e se consumme em grão tormento:
Nem ha quem vossa ausencia soffrer possa.

214

Crescei, desejo meu, pois que a ventura
Já vos tem nos seus braços levantado;
Que a bella causa de que sois gerado
O mais ditoso fim vos assegura.
Se aspirais por ousado a tanta altura,
Não vos espante haver ao sol chegado;
Porque he de aguia real vosso cuidado,
Que quanto mais o soffre, mais se apura.
Animo, coração; que o pensamento
Te póde inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.
Que cresças inda mais he já forçoso;
Porque se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoso.

215

He o gozado bem em agua escrito;
Vive no desejar, morre no effeito:
O desejado sempre he mais perfeito,
Porque tem parte alguma de infinito.
Dar a huma alma immortal gôzo prescrito,
Em verdadeiro amor, fôra defeito:
Por modo sup'rior, não imperfeito,
Sois excepção de quanto aqui limito.
De uma esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar não alcançada,
Sereis mais desejada, possuida.
Não podeis da esperança ser amada;
Vista podereis ser, e então mais crida;
Porém não, sem aggravo, comparada.

216

De quantas graças tinha a natureza
Fez hum bello e riquissimo thesouro;
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angelica belleza.
Poz na boca os rubis, e na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho accesa.
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez d'elles hum sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Em fim, Senhora em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas rubis, neve e luz pura.

217

Nunca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a fortuna a ousadia;
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem se eleva ao sublime firmamento,
A estrella n'elle encontra, que lhe he guia;
Que o bem que encerra em si a phantasia
São humas illusões que leva o vento.
Abrir se devem passos á ventura
Sem si proprio ninguem será ditoso:
Os principios sómente a sorte os move.
Atrever-se he valor, e não loucura.
Perderá por covarde o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.

218

Na margem de hum ribeiro, que fendia
Com liquido crystal hum verde prado,
O triste pastor Liso debruçado
Sôbre o tronco de hum freixo assi dizia:
Ah Natercia cruel! quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foi de aquella fé que tu me deste?
D'aquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pôde tão asinha?
Quando esses olhos teus n'outro puzeste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz que eras só minha?

219

Se me vem tanta gloria só de olhar te,
He pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te,
Grão paga de hum engano he desejar-te.
Se aspiro por quem és a celebrar-te,
Sei certo por quem sou que hei de offender-te;
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Qüe premio querer posso mais que amar-te?
Porque hum tão raro amor não me soccorre?
Oh humano thesouro! oh doce gloria!
Ditoso quem á morte por ti corre!
Sempre escrita estarás n'esta memoria;
E esta alma viverá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha he a victoria;

220

Criou a natureza Damas bellas,
Que foram de altos plectros celebradas;
D'ellas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor d'ellas.
Ellas diante vós são as estrellas,
Que ficam com vos vêr logo eclipsadas;
Mas se ellas tem por sol essas rosadas
Luzes de sol maior, felizes ellas!
Em perfeição, em graça e gentileza,
Por hum modo entre humanos peregrino,
A todo bello excede essa belleza.
Oh quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas se puzera
De amor val ante vós, de vós sou dino.

221

Que esperais, esperança? Desespéro.
Quem d'isso a causa foi? Huma mudança.
Vós, vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coração? Que muito quero.
Que sentis, alma, vós? Que amor he fero.
E, em fim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Huma lembrança.
E só n'ella esperais? Só n'ella espero.
Em que podeis parar? N'isto em que estou.
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E tendel-o por bem? Amor o quer.
Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois?, Quem de todo está rendida.
A quem rendida estais? A hum só querer.

222

Se algum'hora essa vista mais suave
Acaso a mi volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que não temo que damno algum me aggrave.
Mas quando com desdem esquivo e grave
O bello rosto me mostrais isento,
Huma dôr provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem a ser que não me acabe.
Assi está minha vida, ou minha morte
No volver de esses olhos; pois podeis
Dar co'huma volta d'elles morte, ou vida.
Ditoso eu, se o céo quer, ou minha sorte,
Que ou vida, para dar-vol-a, me deis,
Ou morte, para haver morte querida?

223

Tanto se foram, Nympha, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando já por natureza
O que por accidente hiam passando.
No que ao somno se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza:
O chôro não branda esta aspereza,
E meus olhos estão sempre chorando.
Assi de dôr em dôr, de mágoa em mágoa,
Consummindo-se vão inutilmente,
E esta vida tambem vão consummindo.
Sobre o fogo de amor inutil ágoa!
Pois eu em chôro estou continuamente,
E do que vou chorando te vás rindo,
Assi nova corrente
Levas de chôro em foro;
Porque de vêr-te rir, de novo chóro,

224

Divina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olympo monte,
Ou sobre as margens da Castalia fonte
Vossos estudos tendes mais sagrados;
Pois por destino dos immoveis fados
Quereis qu'em vosso numero me conte,
No eterno templo de Belorofonte
Ponde em bronze estes versos entalhados:
Soliso (porque em seculos futuros
Se veja de belleza o que merece
Quem de sabia doudice a mente inflamma)
Seus escritos, da sorte já seguros,
A estas aras em huma mão offrece,
E a alma em outra á sua bella dama.

225

A' la margen del Tajo, en claro dia,
Con rayado marfil peinando estaba
Natercia sus cabellos, y quitaba
Con sus ojos la luz al sol que ardia.
Soliso que, cual Clicie, la seguia,
Lejos de sí, mas cerca della estaba:
Al son de su zampoña celebraba
La causa de su ardor, y así decia:
Si tantas, como tú tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las llevaras
Colgada cada cual del uno dellos.
De no tenerlas tú me consolaras,
Si tantas veces mil, como son ellos,
En ellos la que tengo me enredaras.

226

Por gloria tuve un tiempo el ser *perdido*;
Perdiame de puro bien *ganado*;
Gané cuando perdí ser *libertado*;
Libre agora me veo, mas *vencido*.
Vencí cuando de Nise fuí *rendido*;
Rendime por no ser della *dejado*:
Dejóme en la memoria el bien *pasado*;
Paso agora a llorar lo que he *servido*.
Servia al premio de la luz que *amaba*;
Amdndola esperábale por *cierto*,
Incierto me salió cuanto *esperaba*.
La *esperanza* se queda en *desconcierto*;
El *concierto* en el mal que no *pensaba*;
El *pensamiento* con un fin incierto.

227

Revuelvo en la incessable fantasía
Cuando me he visto en mas dichoso estado,
Si agora que de Amor vivo inflamado,
Si cuando de su ardor libre vivia.
Entonces desta llama solo huìa,
Despreciando en mi vida su cuidado;
Agora, con dolor de lo pasado,
Tengo por gloria aquello que temia.
Bien veo que era vida deleitosa
Aquella que lograba sin temores,
Cuando gustos de Amor tuve por viento;
Mas viendo hoy á Natercia tão hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas, por libre, hallo tormento.

228

Las peñas retumbaban al gemido
Del misero zagal, que lamentaba
El dolor que á sua alma lastimaba,
De un obstinado desamor nacido.
El mar, que las batia, su bramido
Con los retumbos d'ellas ayuntaba;
Confuso son el viento derramaba,
En cavernosos valles repetido.
Responden a mi llanto duras peñas,
Ai de mí (dijo) la mar brama y gime;
Los ecos suenan de tristeza llenos:
Y tú, por quien la muerte en mí se imprime,
De oir las ansias mias te desdeñas;
Y cuando lloro mas, te abrando menos.

229

En una selva al dispuntar del dia
Estaba Endimion triste y lloroso,
Vuelto al rayo del sol, que presuroso
Por la falda de um monte descendia.
Mirando al turbador de su alegría,
Contrario de su bien y su reposo,
Tras un suspiro y otro, congojoso,
Razones semejantes le decia :
Luz clara, para mí la mas escura,
Que con esse paséo apresurado,
Mi sol con tu teniebla escureciste ;
Si alla pueden moverte en esa altura
Las quejas de un pastor enamorado,
No tardes en volver á dó saliste.

230

Orfeo enamorado que teñia
Por la perdida Ninfa que buscaba,
En el Orco implacable d'onde estaba,
Con la arpa, y con la voz la enternecia.
La rueda de Ixion no se movia,
Ningun atormentado se quejaba ;
Las penas de los otros ablandaba,
Y todas las de todos él sentia.
El son pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardon de lo cantado,
Los infernales reyes condolidos,
Le mandáron volver su compañera,
Y volvióla á perder el desdichado ;
Con que fueron entrambos los perdidos.

231

Se da celebre Laura a formosura
Hum numeroso cysne ufano escreve,
Huma angelica penna se te deve,
Pois o céo em formar-te mais se apura.
E se voz menos alta te procura
Celebrar, (oh Natercia !) em vão se atreve :
De vêr-te já a ventura Liso teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura.
No céo nasceste, certo, e não na terra :
Para gloria do mundo cá desceste :
Quem mais isto negar, muito mais erra.
E eu imagino que de lá vieste
Para emendar os vicios que elle encerra,
Co'os divinos poderes que trouxeste.

232

Campo ! nas syrtes d'este mar da vida,
Apoz naufragios seus taboa segura ;
Claras bonanças em tormenta escura,
Habitação da paz, de amor guarida ;
A ti fujo : e se vence tal fugida,
E quem mudou lugar, mudou ventura,
Cantemos a victoria ; e na espessura
Triumphe a honra da ambição vencida.
Em flôr e fructo de verão e outomno ;
Utilmente murmuram claras ágoas ;
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.
Amantes rouxinoes rompem-me o somno
Que ata o descanso : aqui sepulta mágoas
Que já foram sepulcros de alegria.

233

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento
Vos hei de vêr tão tristes e aggravados?
Não bastam meus suspiros inflammados,
Que sempre em mi renovam seu tormento?
Não basta consentir meu pensamento
Em mágoas, em tristezas e em cuidados,
Senão que haveis de andar tão maltratados,
Que lagrimas tenhais por mantimento?
Não sei porque tomais esta vingança,
Mostrando-vos na ausencia tão saudosos,
Se sabeis quanto póde huma esperança.
Olhos, não aggraveis outros formosos,
Tornando hum puro amor em esquivança,
Pois ficais por esquivos desdenhosos.

234

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido,
Que todo emprêgo foi mal empregado.
Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria, mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.
Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em hum momento.
Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
Triste o que espera! triste o que confia!

235

Já cantei, já chorei a dura guerra
Por Amor sustentada longos annos;
Vezes mil me vedou dizer seus danos,
Por não vêr quem o segue o muito que erra.
Nymphas, por quem Castalia se abre e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos,
Concedei-me já alentos soberanos
Para que diga o mal que Amor encerra:
Para que aquelle, que o seguir ardente,
Veja em meus puros versos hum exemplo
De quanto em glorias promettidas mente.
Qu'inda qu'em triste estado me contemplo,
Se n'este assumpto me inspirais, contente
Darei a minha lyra ao vosso templo.

236

Os meus alegres, venturosos dias
Passaram, como raio, brevemente;
Movem-se os tristes mais pezadamente
Apoz das fugitivas alegrias.
Ah falsas pretenções! vãs phantasias!
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chamma ardente
O tempo reduziu a cinzas frias.
N'ellas revolvo agora erros passados;
Que outro fructo não deu a mocidade,
A quem vergonha e dôr minha alma deve.
Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
Para que leve tudo o tempo leve.

237

Onde acharei logar tão apartado,
E tão isento em tudo de ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?
Algum bosque medonho e carregado,
Ou selva solitaria, triste e escura,
Sem fonte clara, ou placida verdura;
Em fim, logar conforme a meu cuidado?
Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa e livremente.
Que, pois a minha pena he sem medida,
Alli não serei triste em dias ledos,
E dias tristes me farão contente.

238

Aqui de longos damnos breve historia
Verão os que se jactam de amadores:
Reparo póde ser das suas dôres
Não apartar as minhas da memoria.
Escrevi, não por fama, nem por gloria,
De que outros versos são merecedores,
Mas por mostrar seus triumphos, seus rigores
A quem de mi logrou tanta victoria.
Crescendo foi a dôr co'o tempo, tanto
Que em número me fez, alheio de arte,
Dizer do cego Amor, que me venceu.
Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna á mão, esta só parte
De minhas tristes penas escreveu.

239

Os olhos onde o casto Amor ardia,
Ledo de se vêr n'elles abrazado;
O rosto onde com lustre desusado
Purpurea rosa sobre neve ardia;
O cabello, que inveja ao sol fazia,
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca mão, o corpo bem talhado,
Tudo aqui se reduz a terra fria.
Perfeita formosura em tenra idade,
Qual flôr, que antecipada foi colhida,
Murchada está da mão da morte dura.
Como não morre Amor de piedade?
Não d'ella, que se foi á clara vida;
Mas de si, que ficou em noute escura.

240

Ditosa penna, como a mão que a guia
Com tantas perfeições da subtil arte,
Que quando com razão venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a phantasia.
Porém Amor, que effeitos varios cria,
De ti cantar me manda em toda parte,
Não em plectro belligero de Marte,
Mas em suave e branda melodia.
Teu nome, Emmanuel, de hum n'outro pólo
Voando se levanta e te pregôa,
Agora que ninguem te levantava.
E porque immortal sejas, eis Apollo
Te offerece de flôres a corôa,
Que já de longo tempo te guardava.

241

Pois torna por seu Rei e juntamente
Por Christo a governar aquella parte
Onde se tem mostrado hum Numa, hum Marte,
O famoso Luiz, justo e valente;
O Tejo espere vêr de todo o Oriente,
Onde tão raros dões o céo reparte,
Render a tanto esfôrço, aviso e arte,
Mil palmas, mil tributos novamente.
Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A quem pouco valeram lança e escudo,
O render-se terão por bom partido.
O Euphrates temerá, seu nome ouvindo;
Que para d'elle vêr vencido tudo,
Já viu do braço seu tudo vencido.

242

Agora toma a espada, agora a penna,
Estacio nosso, em ambas celebrado,
Sendo, ou no salso mar de Marte amado,
Ou n'agua doce amante da Camena.
Cysne sonoro por ribeira amena
De mi para cantar-te he cobiçado;
Porque não podes tu ser bem cantado
De ruda frauta, nem de agreste avena.
Se eu, que a penna tomei, tomei a espada,
Para poder jogar licença tenho
D'esta alta influição de dous Planetas;
Com huma e outra luz d'elles lograda,
Tu com pujante braço ardente engenho,
Serás pharo a Soldados e a Poetas.

243

Despois de haver chorado os meus tormentos,
Quer Amor que lhe cante as suas glorias;
Canto de huma belleza os vencimentos,
De hum longo padecer chóro as memorias.
Porém, se as minhas penas são victorias,
Por a causa, a meus altos pensamentos,
Dilatem-se em larguissimas historias
Estes meus gloriosos pensamentos.
Mova-se em todo o mundo unico espanto
De qu'he, por a belleza qu'eu adoro,
Do que cantado tenho premio o pranto.
Contente offreço a Amor tão triste fôro:
Que se chôro não ha como o meu canto,
Não sei canto melhor qu'este meu chôro.

244

Onde mereci eu tal pensamento
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co'o vencimento?
Em gloria se converte o meu tormento,
Quando vendo-me estou tão bem perdido;
Pois não foi tanto mal ser atrevido,
Como foi gloria o mesmo atrevimento.
Vivo, Senhora, só de contemplar-vos;
E pois esta alma tenho tão rendida,
Em lagrimas desfeito acabarei.
Porque não me farão deixar de amar-vos
Receios de perder por vós a vida;
Que por vós vezes mil a perderei.

245

De frescas belvederes rodeadas
Estão as puras aguas d'esta fonte;
Formosas Nymphas lhes estão defronte,
A vencer e a matar acostumadas.
Andam contra Cupido levantadas
As suas graças, que não ha quem conte:
D'outro valle esquecidas, d'outro monte,
A vida passam n'este socegadas.
O seu poder juntou, sua valia
Amor, já não soffrendo este desprêzo,
Sómente por se vêr d'ellas vingado;
Mas, vendo-as, entendeu que não podia
De ser morto livrar-se, ou de ser prêzo,
E ficou se com ellas desarmado.

246

Nos braços de hum Sylvano adormecendo
Se estava aquella Nympha qu'eu adoro,
Pagando com a bocca o doce fôro,
Com que os meus olhos foi escurecendo.
Oh bella Venus! porqu'estás soffrendo
Que a maior formosura do teu côro
Em hum poder tão vil perca o decoro
Que o merito maior lhe está devendo?
Eu levarei d'aqui por presupposto
D'esta nova estranheza que fizeste,
Que em ti não póde haver cousa segura.
Que, pois o claro lume, o bello rosto
A'quelle monstro tão disforme déste,
Não creio que haja amor, senão ventura.

247

Quem diz que Amor he falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel, ou rigoroso.
Amor he brando, he doce e he piedoso:
Quem o contrário diz não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido,
E aos homens, e inda aos deoses, odioso.
Se males faz Amor, em mi se vem;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quiz mostrar quanto podia.
Mas todas suas íras são d'amor;
Todos estes seus males são hum bem,
Qu'eu por todo outro bem não trocaria.

248

Formosa Beatriz, tendes taes geitos
N'hum brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplál-os, se não vêl-os,
Se inflammam corações e humanos peitos.
Em toda perfeição são tão perfeitos,
Que o desengano dão de merecêl-os:
Não póde haver quem possa conhecel-os,
Sem n'elle Amor fazer grandes effeitos.
Sentiram, por meu mal, tão graves danos
Os meus, que com os vêr, cegos e tristes
Ficaram sem prazer, co'a luz perdida.
Mas já que vós com elles me feristes,
Tornai me a vêr com elles mais humanos,
E deixareis curada esta ferida.

249

Alegres campos, verdes, deleitosos,
Suaves me serão vossas boninas,
Em quanto forem vistas das meninas
Dos olhos de Ignez bella tão formosos.
Dos meus, que vos serão sempre invejosos
Por não verem estrellas tão divinas,
Sereis regados d'aguas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.
E vós, douradas flôres, por ventura
Se Ignez quizer fazer de meus amores
Exp'riencias na folha derradeira,
Mostrai-lhe, para vêr minha fé pura,
O bem que sempre quiz, formosas flôres;
Qu'então não sentirei que mal me queira.

250

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o pensamento;
Que quanto mais vos sólta o fresco vento,
Mais prêso fico então de meu cuidado;
Amor, d'huns bellos olhos sempre armado,
Me combate co'as forças do tormento,
Provando da minha alma o soffrimento
Que á justa lei da paz trago obrigado.
Assi que em vosso gesto mais que humano
Amo a paz juntamente e o perigo;
E em amar hum e outro não me engano.
Muitas vezes dizendo estou commigo
Que, pois he tal a causa de meu dano,
He justa a guerra, he justa a paz que sigo.

251

Amor, que em sonhos vãos do pensamento
Paga o zelo maior de seu cuidado,
Em toda condição, em todo estado,
Tributario me fez de seu tormento.
Eu sirvo, eu canso ; e o grão merecimento
De quanto tenho a Amor sacrificado,
Nas mãos da ingratidão despedaçado
Por preza vai do eterno esquecimento.
Mas quando muito, emfim, cresça o perigo,
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor não he, mas inimigo;
Tenho hum grande descanso em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto sigo,
Não póde ser co'os males mais pequena.

252

Nem o tremendo estrepito da guerra
Com armas, com incendios espantosos
Que despacham pelouros perigosos,
Bastantes a abalar huma alta serra,
Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Despois que viu os olhos tão formosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos
De mi todo se aparta e se desterra.
A vida posso ao fogo e ferro dar,
E perdel-a em qualquer duro perigo,
E n'elle, como phenix, renovar.
Não póde mal haver para commigo,
De qu'eu já me não possa bem livrar,
Senão do que me ordena Amor imigo.

253

Ayudame, Señora, á hacer venganza
De tal selvatiquez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi bajeza
Osado á ti elevaba la esperanza.
A' esa tu perfeccion, que no se alcanza,
A' esas sublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegó naturaleza,
Mas de volver perdió la confianza.
Aquello que en ti miro contemplando,
(Que apenas contemplarlo me consiente)
Contemplándolo mas, menos lo espero.
Si gloria de mi pena en ti se siente,
Derrama em mi tus iras, desamando;
Que al ofenderme mas yo mas te quiero.

254

Ó claras aguas deste blando rio,
Que en vos al natural estais pintando
El frondifero adorno con que alzando
Se vá á los cielos este bosque umbrio;
Así las lluvias, así el Austro frio
Jamás puedan veniros enturbiando,
Que os vais del seco estio preservando
Con soccorreros deste llanto mio.
Y cuando en vos Marfisa se mirare,
Mi figura, cual veis desfallecida,
Ante sus claros ojos puesta sea.
Y si por mí de vos los apartare,
De verme alli mostrándose ofendida,
En pena de no verme no se vea.

255

Mil veces entre sueños tu figura,
O bella Ninfa, claramente veo;
Y cuando mas la miro, mas deseo
Gozar libre de sueños su hermosura.
En tanto que este dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que poseo:
Mas cuando allí se eleva mi deseo,
Viene a caer despierto en sombra escura.
Duéleme el despertar por contemplarte;
Que si bien sé te huelgas de no verme,
Huélgome de ser ciego por mirarte.
Mas si quiero de engaños mantenerme,
Y tú quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podré perderme.

256

Mi gusto y tu beldad se desposaron,
Terceros por mi mal mis ojos fueron:
Su logro ha sido tal, que, alfin, hicieron
Um hijo hermoso á quien amor llamaron.
Tan fuera de compás le regalaron,
Que cuando mas alegres estuvieron,
Sin entender el mal que produjeron,
Perdidos por amores se miraron.
La beldad desposada deste duelo,
Vino á parir un monstro con dós alas;
La madre es la soberbia, el niño el zelo.
Oh madre que á tu hijo en todo igualas!
Quien mortal hace al inmortal abuelo,
Y al padre mortal da inmortales zalas?

257

Si el fuego que me enciende, consumido
De algun mas suelto Aquario ser pudiese;
Si el alto suspirar me convertiese
En aire por el aire desparcido;
Si un horrible rumor siendo sentido,
La alma á dejar el cuerpo redujese;
O por estos mis ojos al mar fuese
Este mi cuerpo en llanto convertido;
Nunca poderia la fortuna airada,
Com todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de su gloria.
Porque en vuestra beldad ya transformada,
Ni del Estigio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

258

Ay! quien dará á mis ojos una fuente
De lágrimas que manen noche y dia?
Respirara si quiera la alma mia,
Llorando lo pasado, y lo presente.
Quien me diera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfía
Con la triste memoria y fantasía
Del bien por quien mal tanto así se siente!
Quien me dará palabras con que iguale
El duro aggravio que el amor me ha hecho,
Donde tan poco el sufrimiento vale?
Quin me abrirá profundamente el pecho,
Dó está escrito el secreto que no sale,
Con tanto dolor mio, á mi despecho?

259

Con razon os vais, aguas, fatigando
Por llegar dó sereis bien recebidas;
Y en aquel mar inmenso convertidas,
Que ya de tantos dias vais buscando.
Triste de aquel que siempre anda llorando
Las vanas esperanzas ya perdidas,
Y con dolor las lagrimas vertidas
Nunca al fin pretendido van llegando!
Vosotras sin traer derecha via,
Al término llegais tan deseado,
Por mas que os embarace el gran rodeo;
Mas yo siempre afligido noche y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamás puedo llegar donde deseo.

260

Oh cese ya, Señor, tu dura mano!
No llegues tanto al cabo con mi vida;
Baste el estar por ti tan consumida,
Que ya no se halla en ella lugar sano.
Ay estraña hermosura! ay deshumano
Hado, á que nunca puedo hallar salida!
Si tú de tu piedad no eres movida,
Roto el hilo vital verás temprano.
Un blando desamor, un amor blando,
Bien basta para un hombre tan perdido,
Que de su mal ningun remedio espera.
Y si estimas en poco el ver cual ando,
Aqui me tienes ante ti rendido:
Viva tu gusto, mi esperanza muera.

261

Dulces, engaños de mis ojos tristes,
Cuan vivo despertais mi pensamiento!
Aquello que pudiera dar contento,
En sombra de pintura lo volvistes.
De blando sobresalto enternecistes
Con vista arrebatada el sentimiento;
Mas no le asegurastes un momento
Aqueste vano bien que le ofrecístes.
Veo que la figura era fingida,
Y no aquella que en si mi alma esconde,
Aunque en esto se llega al natural:
Así escucha mi llanto, así responde,
Así se condolece de mi vida,
Como si fuera el proprio original.

262

Cuanto tiempo ha que lloro un dia triste,
Como si alguno alegre yo esperara?
Como, o Tajo, al pasar esa tu clara
Agua, no la alteraste y no me hundiste?
El paso me cerraste, el pecho abriste,
O mi ventura, de mi bien avara!
A' Dios, montañas de hermosura rara;
A' Dios, mi corazon, que no partiste.
Si adonde quedas en dichosa suerte
No bebieres las aguas del olvido,
En tanto bien no quieras olvidarme.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque hasta el hueco monte sin sentido
Suelta su ronca voz por consolarme.

263

Levantai, minhas Tagides, a frente,
Deixando o Tejo ás sombras numerosas;
Dourai o valle umbroso, as frescas rosas,
E o monte com as arvores frondente.
Fique de vós hum pouco o rio ausente,
Cessem agora as lyras numerosas,
Cesse vosso lavor, Nymphas formosas,
Cesse da fonte vossa a grã corrente.
Vinde a vêr a Theodosio grande e claro,
A quem 'stá offerecendo maior canto
Na cithara dourada o louro Apollo.
Minerva do saber dá lhe o dom raro,
Pallas lhe dá o valor de mais espanto,
E a Fama o leva já de pólo a pólo.

264

Alma gentil, que á firme eternidade
Subiste clara e valerosamente,
Cá durará de ti perpetuamente
A fama a gloria, o nome e a saudade.
Não sei se he mór espanto em tal idade
Deixar de teu valor inveja á gente,
Se hum peito de diamante, ou de serpente,
Fazeres que se mova a piedade.
Invejosa da tua acho mil sortes,
E a minha mais que todas invejosa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.
Oh ditoso morrer! sorte ditosa!
Pois o que não se alcança com mil mortes,
Tu com huma só morte o alcançaste.

265

Debaixo d'esta pedra sepultada
Jaz do mundo a mais nobre formosura,
A quem a morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida tem roubada.
Sem ter respeito áquella assi estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do sol a clara luz tinha eclipsada;
Do sol peitada fôste, cruel morte,
Para o livrar de quem o escurecia;
E da lua, que ante ella luz não tinha.
Como de tal poder tiveste sorte?
E se a tiveste, como tão asinha
Tornaste a luz do mundo em terra fria?

266

Imagens vãas me imprime a phantasia;
Discursos novos acha o pensamento;
Com que dão á minha alma grão tormento
Cuidados de cem annos n'hum só dia.
Se fim grande tivessem, bem seria
Responder a esperança ao fundamento:
Mas o fado não corre tão a tento,
Que reserve á razão sua valia.
Caso e Fortuna podem acertar;
Mas se por accidente dão victoria,
Sempre o favor da Fama he falsa historia.
Excede ao saber, determinar:
Á constancia se deve toda a gloria:
O animo livre he digno de memoria.

267

Quanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos!
Pois todos vão fazer seus fundameutos
Só no mesmo em qu'está seu proprio dano.
Na incerta vida estribam de hum humano;
Dão credito a palavras que são ventos;
Choram despois as horas e os momentos,
Que riram com mais gosto em todo o anno.
Não haja em apparencias confianças;
Entendei que o viver he de emprestado;
Que o de que vive o mundo são mudanças.
Mudai, pois, o sentido e o cuidado,
Sómente amando aquellas esperanças
Que duram para sempre com o amado.

268

Mal, que de tempo em tempo vás crescendo,
Quem te visse de hum bem acompanhado!
A vida passaria descansado,
Da morte não temêra o rosto horrendo.
Se os vãos cuidados fôra convertendo
Em suspiros que dão outro cuidado,
Oh quão prudente, oh quão afortunado
A capella do louro irá tecendo!
Tempo he já de esquecer contentamentos
Passados, co'a esperança que passou,
E de que triumphem novos pensamentos.
A fé, que viva n'alma me ficou,
Dê já fim aos caducos ardimentos
A que o passado bem se condemnou.

269

Oh quanto melhor he o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh quanto melhor he hum só momento,
Que livra de annos tantos de agonia!
De alcançar outro bem cesse a porfia;
Cesse todo applicado pensamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.
O que do seu faz Deos seu despenseiro,
Tem mais estreita conta que lhe dar:
Então parece rico o ovelheiro.
Triste de quem no dia derradeiro
Tem o suor alheio por pagar,
Pois a alma ha de veuder por o dinheiro!

270

Como podes (oh cego peccador!)
Estar em teus errores tão isento,
Sabendo que esta vida he hum momento,
Se comparada com a eterna fôr?
Não cuides tu que o justo Julgador
Deixará tuas culpas sem tormento,
Nem que passando vai o tempo lento
Do dia de horrendissimo pavor.
Não gastes horas, dias, mezes, annos,
Em seguir de teus damnos a amisade
De que despois resultam móres damnos.
E pois de teus enganos a verdade
Conheces, deixa já tantos enganos,
Pedindo a Deos perdão com humildade.

271

De Babel sobre os rios nos sentamos,
De nossa dôce patria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saudades de ti, Sião, choramos.
Os orgãos nos salgueiros penduramos,
Em outro tempo bem de nós tocados;
Outro era elle, por certo, outros cuidados;
Mas por deixar saudades os deixamos.
Aquelles que captivos nos traziam
Por cantigas alegres perguntavam:
Cantai (nos dizem) hymnos de Sião.
Sôbre tal pena, pena tal nos dão,
Pois tyranicamente pretendiam
Que cantassem aquelle que choravam.

272

Sobre os rios do reino escuro, quando
Tristes, quaes nossas culpas o ordenaram,
Lagrimas nossos olnos derramaram,
Por ti, Sião divina, suspirando,
Os que hiam nossas almas infestando,
De contino em error, as captivaram;
E em vão por nossos Psalmos perguntaram;
Que tudo era silencio miserando.
Dizendo estamos: Como cantaremos
As acceitas canções a Deus benino,
Quando a contrarios seus obedecemos?
Mas já, Senhor só Santo, determino,
Deixando viciosissimos extremos,
Os cantos proseguir de Amor divino.

273

Em Babylonia sobre os rios, quando
De ti, Sião sagrada, nos lembramos,
Alli com grã saudade nos sentamos,
O bem perdido, miseros, chorando.
Os instrumentos musicos deixando,
Nos extranhos salgueiros penduramos,
Quando aos cantares, que já em ti cantamos,
Nos estavam imigos incitando.
As esquadras, dizemos, inimigas:
Como hemos de cantar em terra alhea
As cantigas de Deos, sacras cantigas?
Se a lembrança eu perder que me recrea
Cá n'essas penosissimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea.

274

Aponta a bella Aurora, luz primeira,
Que a grã nova nos deu do claro dia:
Vesti-vos corações, já de alegria,
E recebei da vida a mensageira.
Da humana Redempção nasce a Terceira:
Alegra-te, divina monarchia;
Da terra terás cedo a companhia,
Do céo verás tambem a nossa feira.
De tal obra se espanta a natureza,
Confuso fica de temor o inferno,
Vendo a que nasce isenta da defeza.
Lei geral era posta desde eterno;
Mas o Senhor da Lei, toda limpeza
Para o sacrario seu guardou materno.

275

Porque a terra no céo agasalhasse,
O céo na terra Deos agasalhou:
Lá não cabendo, cá se accommodou,
Porque lá, de cá indo, se alargasse.
Porqu'o homem a ser Deos por Deos chegasse,
Por o homem a ser homem Deos chegou;
Seu divino poder tanto humanou,
Porque o humano em divino se tornasse.
Vêde bem o que deu e recebeu:
Não se perca hum bem tanto da memoria:
Deu-nos a vida, a morte padeceu.
Trocou por nossa pena a sua gloria;
Deu-nos o triumpho qu'elle mereceu;
Porque amor foi auctor d'esta victoria.

276

Qu'estilla a Arvore sacra? Hum licôr santo.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz d'elle? Hum remedio soberano.
Para que? Para a culpa e triste pranto.
E que obra? Reduzir Lusbel a espanto.
Porque? Porque co'hum pomo fez grão dano.
Que foi? A morte deu com hum engano.
Tanto pôde? Sem falta pôde tanto.
Quem sobe a ella? Quem do céo desceu.
A que desce? A subir a creatura.
Que quiz da terra? Só leval-a ao céo.
He escada para ir lá? E a mais segura.
Quem o obrigou? De amor só se venceu.
Quem amava este Feitor? Sua feitura.

277

Oh Arma unicamente só triumphante,
Propugnaculo só de nossas vidas,
Por quem foram ganhadas as perdidas
Com que o Tartaro horrendo andava ovante!
Sigua-se esta bandeira militante
Por quem são taes victorias conseguidas,
Por quantas almas, d'ella divertidas,
No Ponente erram cá, lá no Levante.
Oh Arvore sublime, e marchetada
De branco e carmesi, de ouro embutida,
Dos rubis mais preciosos esmaltada,
E de trophéos mais claros guarnecida!
A vida a morte vimos em ti dada,
Para qu'em ti se désse á morte a vida.

278

Aos homens hum só homem pôz espanto,
E o pôz a toda a humana natureza;
Que de homem teve o ser, de anjo a pureza,
Porqu'antes que nascesse era já santo.
Propheta foi na mãe; em fim, foi tanto,
Qu'entre os nascidos houve a mór alteza;
Que da Luz, sem a vêr, viu a grandeza,
Tendo por trompa o Verbo sacrosanto.
Aquella voz foi elle sonorosa,
No concavo dos orbes resonante,
E que a carne inculpavel baptisou;
Quem do mór Pae ouviu a voz amante;
Quem a subtil pergunta industriosa
Com sincera resposta socegou.

279

Vós só podeis, sagrado evangelista,
Angelico abrazado seraphim,
E na sciencia mais alto cherubim,
Do que he mais sabio amor ser coronista.
Divina e real aguia, cuja vista
Viu o qu'he sem principio, o qu'he sem fim,
De Jacob mais querido Benjamim,
Quem mais campêa de Joseph na lista.
Apostolo, e propheta, e patriarcha,
Ao principe dos céos o mais acceito,
Qu'em seu seio dormindo então mais via.
A quem o mesmo Deos por irmão marca;
Quem por filho da Mãe unica feito,
Em corpo e alma gosa o claro dia.

280

Como louvarei eu, Seraphim santo,
Tanta humildade, tanta penitencia,
Castidade, e pobreza, e paciencia,
Com este meu inculto e rudo canto?
Argumento que ás musas pòe espanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem, qu'a divina Providencia
De si viva em vós fez para bem tanto!
Fostes de santos huma rara mina;
Almas de mil a mil ao céo mandastes
Do mundo, que perdido reformastes.
E não roubaveis só com a doutrina
As vontades mortaes, mas a divina;
Pois os seus rubis cinco lhe roubastes.

281

Ditosas almas, que ambas juntamente
Ao céo de Venus e de Amor voastes,
Onde hum bem que tão breve cá lograstes,
Estais logrando agora eternamente;
Aquelle estado vosso tão contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente já o trocastes,
Onde sem sobresalto o bem se sente.
Triste de quem cá vive tão cercado,
Na amorosa fineza, de hum tormento
Que a gloria lhe perturba mais crescida!
Triste, pois me não val o soffrimento,
E Amor para mais damno me tem dado
Para tão duro mal tão larga vida!

282

Contente vivi já, vendo-me isento
D'este mal de que a muitos queixar via:
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria
Discordia e sem razão, guerra e tormento.
Enganou-me co'o nome o pensamento:
(Quem com tal nome não se enganaria?)
Agora tal estou, que temo hum dia
Em que venha a faltar-me o soffrimento.
Com desesperação, e com desejo
Me paga o que por elle estou passando,
E inda está do meu mal mal satisfeito.
Pois sobre tantos damnos inda vejo
Para dar-me outros mil hum olhar brando,
E para os não curar hum duro peito.

283

Nas cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos valles, e nos montes, teus louvores
Sempre te cantem musicos pastores
Nas manhãas frias, nas ardentes sestas.
E n'este Templo d'onde manifestas
E repartes agora teus favores,
Com psalmos, hymnos, e com varias flores
Sejam celebres sempre as tuas festas.
Estes te offreçam pés, ess'outros mãos;
D'aquelles pendam sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidão prisões.
Que eu cuidados, enganos e affeições.
Muito maiores monstros, e milhares
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

284

Vi queixosos de Amor mil namorados,
E nenhuns inda vi com seus louvores;
E aquelle que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de seus cuidados.
Se das dôres de Amor sois mal tratados,
Porque tanto buscais de Amor as dores?
E se tambem as tendes por favores,
Porque d'ellas fallais como aggravados?
Não queirais alegria achar alguma
No Amor, porque he composto de tristeza,
Na fortuna que acheis mais agradavel.
N'ella e n'elle achei sempre a mesma lua,
Em quem nunca se viu outra firmeza,
Que não seja a de ser sempre mudavel.

285

Se lagrimas choradas de verdade
O marmore abrandar podem mais duro,
Porque as minhas que nascem de amor puro
Hum coração não rendem a piedade?
Por vós perdi, Senhora, a liberdade,
E nem da propria vida estou seguro;
Rompei d'esse rigor o forte muro,
Não passe tanto avante a crueldade.
Ao prezar de desprezos dae já fim:
Não vos chamem cruel; nome devido
A quem se ri de quem suspira e ama.
Abrandai esse peito endurecido,
Por o que toca a vós, já não por mim,
Que eu aventuro a vida, e vós a fama.

286

Já me fundei em vãos contentamentos,
Quando d'elles vivi todo enganado
De hum phantastico bem, e de hum cuidado,
De que só cuidam cegos pensamentos.
Passava dias, horas e momentos,
D'este enleio de amores tão pagado,
Que tinha só por bem-aventurado
Quem só por elles mais bebia os ventos.
Mas agora que já cahi na conta,
Desengana-me quanto me enganava;
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.
O Amor mais caudaloso menos monta.
Qu'he de gostos mais rico, eu ignorava,
Aquelle que de amores he mais pobre.

287

Em huma lapa toda tenebrosa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sobre huma mão o rosto, vi qu'estava
Huma Nympha gentil, mas cuidadosa.
Igualmente que linda, lastimosa,
Aljofar dos seus olhos distillava:
O mar os seus furores applacava
Com vêr cousa tão triste e tão formosa.
Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.
Com angelica voz assi dizia:
Ah! que falte mais vezes a ventura
Onde sobeja mais a natureza!

288

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança
Que aquella só da gloria de querer-vos,
Eu perca todo o bem que lógro em vêr-vos,
E de vêr-vos tambem toda a esperança.
Veja-se em mi tão rustica esquivança,
Que possa indigno ser de conhecer-vos;
E, quando em mór empenho de aprazer-vos,
Vos offenda, se em mi houver mudança.
Confirmado estou já n'esta certeza:
Examine-me vossa crueldade,
Exprimente se em mi vossa dureza.
Conhecei já de mi tanta verdade;
Pois em penhor e fé d'esta pureza
Tributo vos fiz ser o que he vontade.

289

Illustre Gracia, nombre de uma moza,
Primera malhechora en este caso
A' Mondoñedo, á Palma, al cojo Traso,
Sugeto digno de immortal coroza;
Si en medio de la Iglesia no reboza
El manto á vuestro rostro tan devaso,
Por vos diran las gentes recio y paso:
Veis quien con el demonio se retoza.
Puedo mover los montes sin trabajo;
Con palabras el curso al agua enfrena;
Por las ondas hará camino enjuto.
Averguenza su patria y rico Tajo,
Que por ella hombres lleva, mas que arena,
De que paga al infierno gran tributo.

290

Qual tem a borboleta por costume,
Qu'enlevada na luz da acesa vella,
Dando vai voltas mil, até que n'ella
Se queima agora, agora se consume:
Tal eu correndo vou ao vivo lume
D'esses olhos gentis, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional presume.
Conheço o muito a que se atreve a vista,
O quanto se levanta o pensamento,
O como vou morrendo claramente;
Porém não quer Amor que lhe resista,
Nem a minh'alma o quer; qu'em tal tormento,
Qual em gloria maior está contente.

291

Lembranças de meu bem, doces lembranças
Que tão vivas estais n'esta alma minha,
Não queirais mais de mi, se os bens que tinha
Em poder vedes todos de mudanças.
Ai cego Amor! Ai mortas esperanças
De qu'eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sostinha;
Acabaram co'a vida as confianças.
Co'a vida acabaram, pois a ventura
Me roubou n'hum momento aquella gloria,
Que, quando tão grande he, tão pouco dura.
Oh se apoz o prazer fôra a memoria!
Ao menos estivera a alma segura
De ganhar-se com ella mais victoria

292

Formosos olhos, que cuidado dais
A mesma luz do sol mais clara e pura;
Que sua esclarecida formosura,
Com tanta gloria vossa, atraz deixais;
Se por sêrdes tão bellos desprezais
A fineza de amor que vos procura,
Pois tanto vêdes, vêde que não dura
O vosso resplandor quanto cuidais.
Colhei, colhei do tempo fugitivo
E de vossa belleza o doce fructo;
Qu'em vão fóra de tempo he desejado.
E a mi, que por vós morro, e por vós vivo,
Fazei pagar a Amor o seu tributo,
Contente de por vós lh'o haver pagado.

293

Tem feito os olhos n'este apartamento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que póde dar saudade á saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.
Em dôr vai convertido o soffrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razão tão vencida da vontade,
Qu'escravo faz do mal o entendimento.
A lingua não alcança o qu'alma sente,
E assi, se alguem quizer em algum'hora
Saber que cousa he dôr não comprehedida,
Parta se do seu bem, porque exprimente
Qu'antes de se partir, melhor lhe fôra
Partir-se do viver para ter vida.

294

A peregrinação d'hum pensamento,
Que dos males fez habito e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto cresce na causa do tormento.
Leva a dôr de vencida ao soffrimento;
Mas a alma está, de entregue, tão sem lume,
Qu'enlevada no bem que haver presume,
Não faz caso do mal qu'está de assento.
De longe receei (se me valêra)
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando não acho em mi cousa segura.
Mas já conheço, (oh nunca o conhecêra!)
Qu'entendimentos presos do desejo
Não teem remedio mais que o da ventura.

295

Acho-me da fortuna salteado;
O tempo vai fugindo presuroso,
Deixando-me da vida duvidoso,
E cada instante mais desesperado.
Trocou-se o meu descuido em tal cuidado,
Que donde a gloria he mais, he mais penoso,
Nem vivo de perder-me receoso,
Nem de poder ganhar-me confiado.
Qualquer ave nos montes mais agrestes,
Qualquer féra na cova repousando,
Tem horas de alegria: eu todas tristes.
Vós, saudosos olhos, que o quizestes,
(Pois com tormento Amor me está pagando)
Chorai, como que vêdes, o que vistes.

296

Se no que tenho dito vos offendo,
Não he a intenção minha de offender-vos;
Qu'inda que não pretenda merecer-vos,
Não vos desmerecer sempre pretendo.
Mas he meu fado tal, segundo entendo,
Que, por quanto ganhava em entender-vos,
Não me deixa atégora conhecer-vos,
Por a mi proprio m'ir desconhecendo.
Os dias ajudados da ventura
A cada qual dão de si desenganos,
E a outros soe dal-o a desventura.
Qual d'estas sirva a mi, dirão os danos
Ou gostos que eu tiver, em quanto dura
Esta vida, tão larga em poucos annos.

297

Todas as almas, tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor divino,
Onde ante o seu aspecto benigno
O devido tributo lhe pagavam.
Meus sentidos então livres estavam,
Que até hi foi costume o seu destino;
Quando huns olhos de que eu não era dino
A furto da razão me salteavam.
A nova vista me cegou de todo,
Nasceu do descostume a extranheza,
Da suave e angelica presença.
Para remediar-me não ha hi modo?
Oh porque fez a huma Natureza
Entre os nascidos tanta differença?

298

O dia, hora ou o ultimo momento
Da vida em que meus fados me poseram,
Já minhas esperanças se perderam
Já me não enganará meu pensamento.
Triste mudança, duro apartamento,
Que perder em tão breve me fizeram,
Tudo o que os meus serviços mereceram
Ó quantas cousas muda o mudamento:
Não espero já vêr cousa passada,
Porque vejo que tão longa partida
Me não consente esperanças de tornada.
Minha fabula breve he já conhecida,
Porque bem sei que tenho averiguada
De longo apartamento curta vida.

299

Em hum batel, que com doce meneio
O aurifero Tejo dividia,
Vi bellas damas, ou melhor diria,
Bellas estrellas e hum sol no meio.
As delicadas filhas de Nereo,
Com mil vozes de doce harmonia,
Hiam amarrando a bella companhia,
Que (se eu não erro) por honral-a veiu.
Ó formosas Nereidas, que cantando
Lograes aquella visão serena,
Que a vida em tantos males quer trazer-m'a.
Dizei-lhe que olhe que se vae passando
O curto tempo, e a tão longa pena,
O tempo é prompto, a carne enferma,

300

Queimado sejas tu e teus enganos,
Amor escandaloso, máo, cruel;
Queimadas tuas frechas, teu cordel
E arquo com que fazes tantos danos.
Teus promettimentos tão profanos,
Teus afagos mais doces que o mel,
Eu os veja todos, pois se tornam fel,
No fogo em que queimas os humanos.
Deixo-te eu os olhos desatados
E vejas tu os com que me ataste,
Que bem abastaria tal vingança.
Mas como os mais desesperados
Morrerás mal, se bem o calaste,
Perdendo o remedio da esperança.

301

Quem busca no amor contentamento
Achará n'elle que he seu natural,
Mas a substancia que ha do bem ao mal,
He como a folha que revolve o vento.
Quem foi sugeito d'este movimento,
Não pode ter sua gloria por tal,
Que dure n'hum sêr para sempre igual
Pois he mudavel para seu tormento.
Assim que em amor se acham cada dia
Estes dois contrarios ambos n'um sugeito
Os quaes por ventura são ordenados.
Ora em huma, ora em outra via,
Em perda dos que amam ou proveito,
Mas em nenhum momento são desesperados.

302

Já tempo foi que meus olhos faziam
Alegres novas ao pensamento,
Já tempo foi, que o sentimento
Gostava do que elles lhe diziam.
Amor e saudade então faziam
No contente peito ajuntamento,
Esperança e firme fundamento
Os falsos argumentos desfaziam.
Tornou-se a minha nimpha inhumana,
Feriu com o descuido de dois gumes,
Ó grão mal, oh ! crua Feliciana !
Tem apparencia de ciumes
E certo não o são, nem tal me dana ;
Mas são da minha fé justos queixumes.

303

Quam bemaventurado me achára,
Se o amor tanto me favorecêra,
E assim como menos mostrar quizera
Com vêr no mais me contentara.
Inteiro e perfeito o bem lograra,
Se meu desejo a mais se não atrevera,
Pois já que pude vêr-vos, merecera
Ao menos alcançar o que desejara.
Este desejo meu, esta ousadia,
Naceu commigo depois que pude vêr-vos,
E com vos vêr, Senhora, se acrescenta.
Trabalho de o tirar da phantesia,
Por quanto creio offender-vos,
Mas quanto mais resisto mais se augmenta.

304

Senhora, quem a tanto se atreve
Que consente em servir vossa lembrança,
Sabendo que a tem sem esperança,
Não he pouco o que por isso se lhe deve.
Mais cala esta alma do que escreve,
Sem esperar que seu mal faça mudança,
Não querendo outra bemaventurança
Maior, do *que* amor com que vos serve.
Que esperar grandes casos de ventura
He offender vosso merecimento,
Com esse pagais meu tormento.
Tendo por impossivel sua cura,
E inda fiqua meu pensamento
Devendo a vossa fremosura.

305

A ti, Senhor, a quem as sacras Musas
Nutrem e cibam de poção divina,
Não as da fonte delia cabalina,
Que são Medeas, Circes e Medusas;
Mas aquellas em cujo peito infusas
As estão que as leis da graça ensinam,
Benignas no amor e na doutrina,
E não soberbas, cegas e confusas.
Este pequeno parto, produzido
De meu saber e fraco entendimento,
Huma vontade grande te offerece.
Se for de ti notado de atrevido,
D'aqui peço perdão do atrevimento,
O qual esta vontade te merece.

306

A' romana populaça perguntava
Hum certo curioso e não prudente,
Porque a alimaria commumente
Em tempo certo do anno se juntava?
A qual, como discreta, e que cuidava
Em respostas ser summa e eminente,
Com uma só palavra claramente
Respondeu, e mostrou com que folgava.
Bestas, dá a entender que o não entendem,
Quam grande suavidade se encerra
Na cópula hymenea, e ajuntamento.
Mas móres bestas são as que pretendem
Buscar contentamento á carne e á terra,
Deixando a alma prestes ao tormento.

307

O capitão romano esclarecido,
Sertorio, nas armas sem segundo,
Tal exemplo de si deixou ao mundo,
Qual nunca já mais foi visto ou ouvido.
Porque, por hum soldado fementido
Fazer um feito torpe e caso immundo,
Usou de um castigo tão profundo,
Que foi dos seus por elle mui temido.
Porque decimou aquella legião?
Por não usar a honesta disciplina
Do crú, horrendo, duro e fero Marte.
Ó claro exemplo! oh fero nobre Capitão,
Que não deixaste Roma sem doutrina
Da militar e invencivel arte.

308

Angelica la bella despreciando
La frol del mundo que en su tiempo avia,
De todos se burlava y si reya,
Ningun valor nin reynos estimando.
En solo su hermosura está pensando
Asia un campo de francia llegó un dia,
Donde vido que so un arbore yazia
Su sangre um pobre infante derramando.
Aquella que en amor sentia despecho,
Aquella que con todos era cruel y dura,
Sentió dentro en sy un nuevo pecho.
De ver ansi Medoro su salud procura.
Es aqui un mal avido por provecho,
Al fin casos de amor todo es ventura.

309

La letra que s'el nombre en que me fundo
Viene a ser principal en mi fadiga,
Justamente fue *L* porque diga
S'es la que mas merece a qua en el mundo.
Asy tambien la *V* que es lo segundo
Declara que a su vista muerte siga,
Y luego muestra *Y* como ynimiga,
Que muerte por su causa es bien jocundo.
Venga luego la *S*, que sustente
El soberano ser a do consiste
Su gracia y su virtud y otros valores.
Alfin venga la *A*, que claramente
Diga que alfin, alfin yo soy el triste
A quien Amor mató por sus amores.

310

Si el triste coraçon que siempre llora,
Sin ser obra de llanto meritoria,
Pudiese ya gosar de la victoria
De la guerra del amor que s'empeora.
Si entre los verdes arboles, do agora
Estoi apacentando la memoria,
Pudiese yo gosar por suma gloria
De ver um solo punto a mi pastora,
Ni el aire, que con el aire, que consiente
Amor el mi dolor se aumentaria,
Ni con la de mis ojos esta fuente.
Mas para despojar me de alegria
Ordena una passion, que viva ausente
De quien ya mas lo estuvo el alma mia.

311

Do estan los claros ojos que colgada
Mi alma tras si llevar solian?
Do estan dos mexillas que vencian
La rosa quando está mas colorada?
Do está la roxa boca y adornada
Com dientes que de nieve parecian?
Los cabellos que el oro escurecian
Do está, y aquella mano delicada?
O toda linda! do estares agora
Que no te puedo vêr, y el gran deseo
De verte me da muerte cada hora!
Mas no mirais mi grande devaneo,
Que tengo yo en mi alma a mi Señora,
E diga: *Donde estas que te no veo!*

312

Luiza, son tan rubios tus cabellos
Que el sol por solo vellos se detiene,
Y puesto que a su lumbre no conviene
La quiere por mas perder que no perdellos.
Dichoso el que merece poder vellos
Y mas el que una trança dellos tiene,
Y mucho mas aquel que se mantiene
De solo el resplandor que sale dellos
Luiza, si la claridad tanto immensa
De tu cabelló que enciende los amores
Y amor con otro amor se recompensa.
Puesto que no meresca yo favores,
Merescan ver mis oyos una trença
En pago de su llanto y mis dolores.

313

Ondas, que por el mundo camiñando
Contino vas llevadas por el viento,
Llevad embuelto en vos mi pensamiento,
Do está la que do está lo está causando.
Dizilde que os estás acrecentando,
Dizilde que de vida no ai momento,
Dizilde que no muere mi tormento.
Dizilde que no vivo ya esperando.
Dizilde quan perdido me hallaste,
Dizilde quan ganando me perdiste,
Dizilde que sin vida me mataste.
Dizilde quan llagado me feriste,
Dizilde quan sin mi que me dexaste,
Dizilde quan con ella me vistes.

314

Sobre un olmo que al cielo parecia
Llegar do flor no oja, se mostrava
Una ave sola y triste vi que estava,
Y ali su soledad encarecia.
En una fuente clara que corria
Com dulce son lloroso se baxava,
Y en el sa metendo la enturbiava,
Y viendo la agua turbia la bevia.
La causa por que al dolor tanto se entregava
La sola tortorilla es verse ausente,
Mirad a quanto el mal d'ausencia llega.
Se tanto sentimiento el accidente
De una ave sin sentido amor la llega
Sentió, que sentirá quien algo siente.

315

Cançada e rouca boz por que bolando
No vas do mi Florinda está dormiendo,
Y ali, de todo quanto yo pretiendo,
O venturosa tu no estás gosando!
Ve passo, y al oydo suspirando,
Le di sin que te sinta, que sentiendo,
Estoi tan grave mal que estoi moriendo,
Y avendo de morir estoi cantando.
E dile, que aunque tengo su transumpto,
A qua do estoi que venga dela espero,
Si no quiere hallarme ya defunto.
Mas ay, no sei lo que digas, que mas muero
De verme a su valor despues tan junto,
Sin que vea el bien que tanto quiero.

316

Los que bivis subjectos a la estrella
De Venus, cujo hijo Amor se llama,
No digo a los que viendo qualquer dama
Dizis que padecis muerte por ella;
Si no a los que, de amor viva centelha
Por una solamente el pecho inflama;
Y destes lo que mas ardiente llama.
Sufrir por bien amar la causa d'ella:
Venida a ver mis versos, do pintado
Vereis varios efectos de la suerte
Que dentro en mis entrañas son formados.
Vereis al proprio amor terrible y fuerte,
Vereis angustia, ancias e cuidados,
Suspiros, llanto, pena, fee e muerte.

317

Ó gloriosa Luz, ó victorioso
Tropheo de despojos rodeado,
Ó signal escolhido e ordenado
Para remedio tão maravilhoso.
Ó fonte viva de licor *sabroso*,
Em ti nosso mal todo foi curado,
Em ti o Senhor, que forte era chamado,
Quiz merecer o nome de Piedoso.
Em ti se acabou o tempo da vingança,
Em ti misericordia assim floreça,
Como depois do inverno a primavera.
Todo o imigo ante ti desapareça,
Tu podeste fazer tanta mudança
Em quem nunca deixou de ser quem era.

318

Ventana venturosa, do amañece
Qual resplendor d'Apollo el de mi dama
Abrazarte veja yo con una llama
De las com que mi alma resplandece.
Porque se ves el mal que se padece
Y sientes el dolor que el pecho inflama,
No dexas a mis ojos ver la rama
Que dentro en mi con lagrimas florece.
Si no te mueve ya la pena mia,
Mueva-te ver lo poco que se gana
De no dexar el alma su alegria.
Ya pues lo sabes, ya cruda ventana
Antes que mi dolor descubra el dia,
Dexa me ver mi nimpha soberana.

319

Memoria do bem cortado em flores,
Por ordem de meus tristes e maos fados,
Deixai-me descançar com meus cuidados,
N'esta inquietação de meus amores.
Basta-me o mal presente, e os temores
Dos successos que espero infortunados,
Sem que venham de novo bens passados
Afrontar meu repouso com suas dores.
Perdi n'huma hora quanto em termos
Tão vagarosos e largos alcancei,
Deixai-me, pois, lembranças d'esta gloria.
Cumpre acabe a vida n'estes ermos,
Porque n'elles com meu mal acabarei
Mil vidas, não huma só, dura memoria!

320

De piedra, de metal, de cosa dura,
El alma, dura nympha, os ha vestido,
Pues el cabello es oro endurecido,
Y marmol es la frente en su blancura.
Los ojos, esmeralda verde escura,
Granata las mexillas, no fingido
El labio es un robi no posseydo,
Los blancos dentes son de perla pura.
La mano de marfil, y la garganta
De alabastro, por donde com yedra
Las venas son de azul mui rutilante.
Mas lo que mas en toda vós me espanta,
Es ver que, porque todo fuese piedra;
Teneis el coraçon como diamante.

321

Al pié de una verde e alta enzina
Coridon su samphona está tangiendo,
A la sombra de la yedra, que trociendo
El passo por las arboles camiña.
Cantava los amores de la niña
Amarilis, que el amor le está influyendo,
Las aves por los ramos van corriendo,
Al pié cuerre una fuente cristalina.
A el se allego Titiro perdido,
Guiando su rebaño macillento,
Fue este amigo suyo mui querido.
Cantavale su dano y su tormento,
Ni platica agena gusto al desabrido,
Ni el dolor haze triste al que es contente.

322

Amor, amor, que fieres al coitado
Que por amor te serve ha tantos annos,
Sostiendo el tu servicio com enganos,
Pues alfin, fin le dexas no esperado.
Con solo su dolor, con su cuidado
Le pagas el servicio, y con enganos,
Psssando por ti casos tan estraños,
Qual outro nunqua mas uvo passado.
Quien piensa que es Dios, quien esta loco,
Quien cre que cres justo yo no lo creo,
Pues que al mejor sirve das mas preo.
Piensa el, que cre en ti, que devaneo
Yo julgo lo que veo e lo que toco,
Y aun jusgo lo que toco y no lo crêo.

323

Transumpto sou, senhora, n'este engano,
E tratar d'elle commigo he escusado,
Que mal póde de vós ser enganado
Quem d'outras como vós desengano.
Já sei que foi á custa de meu damno
Que só no doce dar tendes cuidado,
Mas para como eu sou de vós julgado
Mui vans são as esperanças d'este anno.
Tratei grão tempo d'amor, e d'aqui veiu
A conhecer o fingido facilmente,
Que tal he gentil dama o que mostrais.
De treslida cahiste n'este enleio,
Querei de mim o que eu quizer boamente,
Que no al a costa arriba caminhais.

324

Memorias offendidas que hum só dia
Me não deixaes em paz o pensamento,
Não me daneis o gosto do tormento
Que quem vos offende vos deffendia.
Que me quereis? olhai que se injuria
Com vosco o delicado sentimento,
Que me ficou do eterno apartamento
De quem tem já desfeita a morte fria.
Deixaram-me com a magoa das offensas,
Levaram hum remedio que só tinha
Quem irá vencer a pena que a alma sente.
Onde achará do damno as recompensas
Que ainda de ser triste a dita minha
Me não deixa um momento ser contente.

325

Amor bravo e razão dentro em meu peito
Tem guerra desigual; amor que jaz
Hi, já de muito tempo manda e faz
Tudo o que quer, a torto e a direito.
Não espera Razão, tudo he despeito,
Tudo soberba e força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum; nunca está em paz,
Quando cuidaes que si, tudo he desfeito.
D'outra parte a Razão tempos espia,
Aquelles quando os traz de tarde em tarde,
Força de sem razões e melhor dia.
Não tem amor logar certo onde aguarde,
Então trata traições n'esta agonia,
Triste que farei eu, quando tudo arde!

326

Oh fortuna cruel, oh dura sorte
Trabalho que me poz em tal estado,
Que não quero já ser desenganado
Nem tem cura meu mal senão a morte.
És cego, dize, Amor? por que tão forte
Te mostras contra quem tão mal tratado
Anda de te servir, e magoado
Traz o coração ferido de teu córte?
Mas já que não quer mal senão tratar me
Ah, cruel fortuna minha, ó amor,
Deixa-me sequer poder queixar-me.
Porque em tanto trabalho e tanta dôr,
Mal poderei sem isto consolar-me,
Já que de ti não quero outro favor.

327

Perder-me assi em vosso esquecimento
Não me consente o ser por vós perdido,
Que sel-o eu, e ser de vós sabido,
Ou consentido já eu me contento.
Mas tratardes com um descuido isento
Quem vos tem o contrario merecido,
Bem que me tenha a mim n'alma offendido,
Mais me offende em vós o merecimento.
Não póde soffrer-vos culpa a vontade,
Que commigo vos entreguei, Senhora,
Nem cousa que em vós pareça tacha.
Ache em vosso rosto piedade,
Pois n'elle emfim com graças mora,
E toda a perfeição em vós se acha.

328

Fermosa mão que o coração me aperta,
Se a vontade me tem em si sujeita,
Esta tão doce se mostra contrafeita,
Quando será que a veja cara e certa.
Meu repouso sonhado a dôr desperta,
Inteira a pena, a gloria he imperfeita,
Que velle em sonhos eu, que aproveita
Se quando acordado estou me he incuberta?
Manhosamente amor me favorece
Com mostras d'algum bem cheio de engano,
Hum bem que pouco dura, e mais empece;
Porque, tornando a vir o desengano,
Acordando-me o mal que m'adormece
Faça fugir o bem e dobre o dano.

329

Se alguma hora em vós a piedade
De tão longo tormento se sentira,
Não consentira amor que se partira
De vossos olhos minha saudade.
Aparto de vós, mas a vontade
Que n'alma pelo natural vos tira,
Me faz crêr que esta ausencia he mentira,
Mas inda mal porém, que he verdade.
Ir-me-hei, Senhora, e n'este apartamento
Tomarão tristes lagrimas vingança
Nos olhos de quem foste mantimento.
Assim darei a vida a meu tormento,
Que emfim cá me achará minha lembrança
Já sepultado em vosso esquecimento.

330

O dia, em que naci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Ecclipse n'esse passo o sol padeça.
A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo signaes de se acabar,
Naçam-lhe monstros, sangue chova o ár,
A mãe ao proprio filho não conheça.
As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a côr perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.
Oh gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu.

331

Lembranças tristes p'ra que gastaes tempo
Em cançar mais um coração cançado!
Contentae-vos em me vêr em tal estado,
Não queirais de mim mór merecimento.
Temo tão pouco já vosso tormento
De andar a passar mal acostumado,
Que sinto de me vêr atormentado
De nada poder ter já contentamento.
Trabalho em vão, cuidando empecer
A quem a esperança tem perdida
De tudo quanto teve e desejou.
De perder muito não tenho que perder,
Se não fôr esta já cansada vida
Que por mór perda minha me ficou.

332

Quando descansareis olhos cansados
Pois que já não vedes quem vos dava vida,
Ou quando vereis fim á despedida
A tantas disventuras e cuidados?
Ou quando quererão meus duros fados
Erguer minha esperança tão cahida;
Ou quando, se de todo he já perdida,
Alcançar podereis meus bens passados.
Bem sei que heide morrer n'esta saudade
Em que meu esperar he todo vento,
Pois nada espero ao que desejo.
E pois tão clara vejo esta verdade,
Bem pode vir a mim todo o tormento,
Que me não hade espantar pois sempre o vejo.

333

Que fiz, Amor, que tão mal me tratas,
Não sendo todo teu, que mal me queres,
Que se por teu me tens, porque me feres,
E a minha triste vida desbaratas?
Se com a fera nympha te contratas,
E de suas esperanças não differes,
A quem me queixarei do que fizeres,
Que vida me darás se tu me matas?
E tu despiedosa honra e fama,
Respondes com mortal esquecimento,
Não tens a tanta fé algum respeito!
Mas já que tu não vês a quem te ama,
Não vindo, não terás conhecimento
De quem sempre contino por ti chama.

334

Saudades me atormentam cruamente,
Saudades do meu bem já passado;
Não sou a tantos males condemnado
Sem razão, pois que posso ser ausente,
Por amor me vi hum tempo já contente,
Por amor eu me quiz atormentado,
Bem he que veja meu erro tão pagado,
Como o he com minha dor e mal presente.
Que bem mereceu pois fez tal partida
Não vos vêr, ou não me verdes vós, Senhora,
Porque assim pagasse eu com minha vida:
Mais pois minha alma seu erro chora,
Não queiraes que chore a sorte perdida,
Vejam-vos meus olhos branda alguma hora.

335

Oh tu que vas buscando com cuidado
Repouso n'este mar do mundo tempestuoso,
Não esperes d'achar nenhum repouso,
Salvo em Christo Jesus crucificado.
Se por riquezas vives desvelado,
Em Deos está o thesouro mais precioso;
Se estás de fremosura desejado,
Se olhas este Senhor, ficas namorado.
Se tu buscas deleites ou prazeres
N'elle está o dulçor de todos os dulçores,
Que a todos nós deleita com victoria.
Se por ventura gloria ou honra queres,
Que mór honra pode ser, nem gloria
Que servir ao Senhor grande dos senhores!

336

Se ao que te quero desses tanta fé,
Quanto dás tormento ao coração,
Meus suspiros não seriam tanto em vão,
Nem eu te pediria em vão mercê.
Mas he tanta a tua dureza, que não crê
Os males que me faz tua condição,
Podendo comtigo mais a sem razão
Do que he o terno amor que em mi se vê.
E pois, sempre á morte me chegaste
Com desamor que não merecia,
Eu morrerei, mas sabe que ganhaste?
Dizerem-te as gentes cada dia:
Ah! Senhora cruel porque mataste
A quem mais que a vida te queria?

337

A uma dama muito fulva e muito corada

Senhora minha, se de pura inveja
Amor me tolhe a vista delicada,
A côr de rosa e neve semeada
E dos olhos a luz qne o sol deseja;
Não me póde tolher que vos não veja
N'esta alma, que elle mesmo vos tem dada,
Onde vos terei sempre debuxada
Por mais cruel imigo que me seja.
N'ella vos vejo e vejo que não nace
Em bello e fresco prado deleitoso,
Se não flor que dá cheiro a toda a serra.
Os lirios tendes n'huma e n'outra face;
Ditoso quem vós vir, mas mais ditoso,
Quem os tiver, se ha tanto bem na terra.

338

Se, senhora Lurina, algum começo
Houvesse em vos louvar com ygual canto
Seria no que sois desfavor tanto
Quanto por minha pluma em alto preço.
Que se espera louvar-vos, me offereço
Em o sentido ao que sois levanto,
Sinto no pensamento tal espanto
Que certo então de vós menos conheço.
Alçando a vós em vossas cousas altas
De tão alto ardor e ardente chama
Derrete as azas de minha ousadia.
E se caio no mar de minhas faltas
Já dou a meu defeito nome e fama,
Mas a vosso valor quem o daria?

339

Contas que traz amor com meus cuidados
Me fazem contas dar de meu tormento,
São contas com que anda o pensamento,
Contando magoas tristes, duros fados.
Contas crueis serão, se mal contados
Os meus serviços forem, cujo intento
He sempre fazer conta em fundamento,
Em contar-se por bem afortunados:
Se em sahindo cá fóra vos vejo
Contas, do peito em lagrimas tornadas,
Á causa deste effeito hide sem pejo;
E lá direis que sois gotas salgadas
Do infinito mar do meu desejo,
Que accende o fogo em que sois forjadas.

340

De tantas perfeições a natureza,
Formou, dama gentil, vossa figura,
Que sois divina no mundo em formosura,
E divina na graça e gentileza.
De modo que tal he vossa lindeza,
Tal a graça que em vós tanto se apura,
Que não ha dama em si tanto segura,
Que ante essa vossa cuide ter belleza:
A natureza humana se esmerou
Em vos formar tão linda e graciosa,
Quão graciosa e linda vos formou;
E para vos fazer mais gloriosa,
Depois de vos formar, logo jurou
De não fazer mais coisa tão formosa.

341

D'amores de huma inclita donzella
Ferido o mesmo Deos d'Amor se viu,
E prezo emfim por mais que resistiu,
Que a tudo vence e rende a força d'ella;
Jamais o mundo viu dama tão bella,
Com ella a natureza repartiu
A graça com que ao mesmo Amor feriu,
Laços com quem não vale força ou cautella:
Oh rara e nunca vista formosura,
Formosura bastante a sojugar
O mesmo Deos d'Amor tão soberano.
Olhai se poderá d'hum fraco humano
A força, a força tal muito durar,
Quando a força de Amor tão pouco dura.

342

Se a ninguem tratais com desamor,
Antes a todos tendes affeição,
E se a todos mostraes hum coração
Cheio de mansidão, cheio de amor;
Desde hoje me tratai com desfavor,
Mostrae-me um odio esquivo, huma isenção,
Poderei acabar de crêr então
Que sómente a mim me dais favor.
Que se tratais a todos brandamente,
Claro he que aquelle he só favorecido
A quem mostrais irado o continente.
Mal poderei eu ser de vós querido
Se tendes outro amor n'algum presente,
Que amor he hum, não póde ser partido.

343

Ausente d'essa vista pura e bella
Que d'antes viver ledo me fazia,
Vivo agora tão farto de agonia,
Quanto vendo-vos fui já falto d'ella.
Chamo dura e cruel a dura estrella
Que me aparte de vós minha alegria,
Mil vezes maldizendo a hora e dia
Que foi duro principio a tal querella:
E tanta pena passo n'esta ausencia,
Que o cruel destino me condemna,
Porque soffra huma dôr ao mundo rara.
Que já vencer deixara a paciencia
Com minha vida, á força d'esta pena,
Se a vida para vêr-vos não guardara.

344

O tempo está vingado á custa minha,
Do tempo que no tempo não hei olhado;
Triste quem do tempo em tal estado
Que o tempo e todo o tempo não temia.
Bem me castigou o tempo e a porfia
De aver-me com só o tempo descuidado,
Pois tão sem tempo o tempo me ha deixado
Que já não espero tempo de alegria.
Passaram horas, tempos e momentos
Em que pudera do tempo aproveitar-me,
Para escusar com tempo meu tormento.
Mas pois quiz do tempo confiar-me,
Sendo o tempo do desvario e movimento
De mim, que não do tempo posso queixar-me.

345

Gostos falsos de amor, gostos fingidos,
Gostos vãos sempre limitados,
Gostos grandes quando imaginados,
Gostos pequenos quando possuidos ;
Inda não alcançados já perdidos,
Inda não começados já perdidos,
Inconstantes, mudaveis, apressados,
Apparecidos e desapparecidos.
Já vos perdi, e perdi a esperança
De vos cobrar, agora só queria
Comvosco se acabasse esta lembrança.
Que se me cança a vida e a fantesia,
Viver de vós tão longe, mais me cansa,
Lembrar-me o tempo que vos possuia.

346

Com o tempo o prado verde reverdece,
Com o tempo cae a folha ao bosque umbroso,
Com o tempo para o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece.
Com o tempo um louro morre, outro florece,
Com o tempo hum he sereno, outro invernoso,
Com o tempo foge o mal duro e penoso,
Com o tempo torna o bem já quando esquece.
Com o tempo faz mudança a sorte avara,
Com o tempo se aniquila hum grande estado,
Com o tempo torna a ser mais eminente.
Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que he passado
Com o tempo se não faz tempo presente.

347

Aquelles claros olhos que chorando
Ficavam quando d'elles me partia,
Agora que farão ? quem m'o diria ?
Se por ventura estão em mim cuidando !
Se terão na memoria como ou quando
D'elles me vi tão longe de alegria ?
Ou se estarão aquelle alegre dia
Que torne a vel-os, n'alma figurando ?
Se contarão as horas e os momentos ?
Se acharão n'um momento muitos annos ?
Se fallarão com as aves e com os ventos ?
Oh ! bemaventurados fingimentos
Que n'esta ausencia, tão doces enganos
Sabeis fazer aos tristes pensamentos.

348

Se para mim tivera, que algum dia
Movida com paixão de meu tormento
Tivereis hum pequeno sentimento
De quem com isto só descançaria :
A meus males por gloria julgaria,
E por prazeres quantas penas sento,
E em meio do pesar contentamento
Com tão doces lembranças sentiria.
Mas ai ! triste de mim, que estou cuidando
Cousas que me darão mais cedo a morte,
Em pago de doudice tão notoria.
De que serve estar tanto desejando,
Pois vosso merecer e minha sorte
Me fazem duvidosa esta gloria.

349

Fermoso Tejo meu, quam differente
Te vejo e vi, me vês agora e viste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente:
A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste,
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver contente ou descontente.
Já que sômos no mal participantes
Sejamol-o no bem, ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.
Lá virá então a fresca primavera,
Tu tornarás a ser quem eras d'antes,
Eu não sei se serei quem d'antes era.

350

Do corpo estava já quasi forçada
Aquella alma gentil ao céo devida,
Rompendo a nobre tea de sua vida,
Por tornar cedo á patria desejada.
Ainda em flôr, sem ter raiz lançada,
Na terra d'ella tanto aborrecida,
S'arrancou boamente, e esta partida
Fez a morte suave sua jornada.
Alma pura, que ao mundo te mostraste
Solta de seus grilhões que oútros enlaçam,
E agora gosas lá dias melhores;
Dos teus, que cá sem ti tristes deixaste,
Te mova alta piedade, em quanto passam
Estas horas que a dor lhe faz maiores.

351

Com o generoso rosto alanceado,
Cheia de pó e sangue a real fronte,
Chegou á triste barca de Acheronte
O gram Sebastião sombra tornado.
Vendo o cruel barqueiro, que forçado
Queria o rei passar, poz-se defronte
Dizendo: Pelas aguas d'esta fonte
Nunca passou ninguem desinterrado.
O valeroso rei com ira commovido,
Lhe responde: Oh falso velho, por ventura
Não passou outrem já com força d'ouro?
Pois a um rei banhado em sangue mouro
Ousas tu perguntar por sepultura?
Pergunta-o a quem vier menos ferido.

352

Quando do raro esforço que mostravas
Largo fructo na guerra produzias,
Cortou-te a parca em flor, por que excedias
Com teus feitos os annos que contavas.
D'armas cobrindo o rosto afiguravas
Marte encoberto, amor se o descobrias
Que se com a espada os esquadrões abrias,
Com geito os olhos apoz ti levavas.
Não póde não ferir-te imigo ferro,
Vulcano foi, que com sua fortaleza
O mais seguro arnez divide e parte.
Dá porém por desculpa de seu erro,
Que creu de teu esforço e gentileza
Que eras filho de Venus e de Marte.

353

Quão cedo te roubou a morte dura
Animo illustre a grandes cousas dado!
Deixando o frio corpo assi lançado
Em extranha mas nobre sepultura!
D'esta vida de cá que pouco dura
Todo de sangue imigo já banhado,
Por mão de teu valor foste levado
Aos campos da immortal vida segura.
O espirito gosa da ditosa edade,
E o corpo não cabendo cá na terra
A's aves que o levassem s'entregou.
Deixaste a todos magoa e saudade;
Buscaste morte honrosa em dura guerra,
Deu-te o Tejo, e o Ganges te levou.

354

Mil vezes se move meu pensamento
A louvar o branco rosto crystalino,
A trança dos cabellos d'ouro fino,
O claro e mais que humano entendimento.
Que com brando e suave movimento
Pudera romper hum peito diamantino,
A graça soberana, o ar divino,
A honesta magestade, o doce accento.
. . . .
As perolas escolhidas orientaes,
Que entre robis mostrais no doce riso.
Que essa luz que dos olhos derramais
He o doce resplandor do paraiso,
Pois o demostrais e daes com claro viso.

ELEGIAS

ELEGIA I

O poeta Simonides fallando
Co'o Capitão Themistocles hum dia,
Em cousas de sciencia praticando;

Hum'arte singular lhe promettia,
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia;

Onde tão subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.

Bem merecia, certo, fama e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que sepulta qualquer antigua historia.

Mas o Capitão, claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
Do passado as lembranças por tormento:

Oh illustre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nova via;

Se me désses hum'arte, qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!

S'este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;

Oh como bradaria justamente:
Simonides, inventa novas artes;
Não midas o passado co'o presente!

Que se he forçado andar por várias partes
Buscando á vida algum descanço honesto,
Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;

E se o duro trabalho, he manifesto
Que por grave que seja, ha de passar-se
Com animoso esprito e ledo gesto;

De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senão d'entristecer-se e magoar-se?

S'em outro corpo hum'alma se traspassa,
Não como quiz Pythagoras na morte,
Mas como quer Amor na vida escassa;

E s'este Amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só d'hum lindo objecto
Tem hum corpo, sem alma, vivo e forte;

Onde este objecto falta, qu'he defecto
Tamanho para a vida, que já n'ella
M'está chamando á pena a dura Alecto;

Porque me não criára a minha Estrella
Selvatico no mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro d'ella?

Ou no Caucaso horrendo, fraco infante
Criado ao peito d'huma tigre Hircana,
Homem fôra formado de diamante;

Porque a cerviz ferina e inhumana
Não submettêra ao jugo a dura lei
D'aquelle que dá vida quando engana.

Ou em pago das águas qu'estilei,
As que passei do mar, foram do Lethe,
Para que m'esquecêra o que passei.

Porque o bem que a esperança vã promette,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que he mal que hum'alma em lagrimas derrete.

Já, Senhor, cahirá como a lembrança,
No mal, do bem passado he triste e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.

E se quizer saber como se apura
Em almas saudosas, não s'enfade
De lêr tão longa e misera escriptura.

Soltava Eolo a redea e liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já sôlta á saudade.

Neptuno tinha pôsto o seu tridente;
A prôa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.

O côro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatêa
Comsigo socegados os movia.

Das argenteas conchinhas Panopêa
Andava por o mar fazendo mólhos,
Melanto, Dinamene com Ligêa.

Eu, trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos n'água socegada,
E a água sem socêgo nos meus olhos.

A bem-aventurança já passada
Diante de mi tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.

E com o gesto immoto e descontente,
Co'hum suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,

Dizia: Oh claras Nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;

Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tethys, qne vós tendes por Senhora;

Ou já por vêr o verde prado enxuto,
Ou já por colher ouro rutilante,
Das tágicas areirs rico fruto;

N'ellas em verso erotico e elegante
Escrevei co'huma concha o qu'em mi vistes;
Póde ser que algum peito se quebrante.

E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.

Ellas, que já no gesto m'entendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam
Qu'em quanto lhes pedia consentiam.

Estas lembranças, que me acompanhavam
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam.

Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Comêço da saudade que renova,
Lembrando a longa e áspera mudança;

Debaixo estando já da estrella nova
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando no segundo axe certa prova;

Eis a noite com nuvens s'escurece;
Do ár subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano s'embravece.

A máchina do mundo parecia
Qu'em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.

Luctando Boreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das náos as velas concavas rompendo.

As cordas co'o ruido assoviavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o Céo o ár coalhavam.

Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e áspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.

Amor alli, mostrando-se possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalno, mais constante;

Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.

Emfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco d'aquelle
Em quem alguma vez de siso entrasse.

Huma cousa, Senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se affina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa d'elle

Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós s'encerra,
E nos proprios quão pouca; contra quem
Foi logo necessario termos guerra.

Huma Ilha que o rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar lh'a, e succedeu-nos bem.

Com uma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente d'armas que se achára.

E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada:
Com morte, com incendios os punimos.

Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Emfim, outra Veneza trasladada.

N'ella nos detivemos sós dous dias,
Que foram para alguns os derradeiros,
Pois passaram de Estyge as ondas frias.

Qu'estes são os remedios verdadeiros
Que para a vida estão aparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.

Oh lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara d'agua pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.

Vivem hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cobiça d'ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado;

Se não teem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda e o jacinto;

Se suas casas de ouro não s'esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flôres,
Onde os cabritos seus comendo saltam.

Alli lhe mostra o campo varias côres;
Vem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se affina o canto dos pastores.

Alli cantára Tityro e Sileno.
Emfim, por estas partes caminhou
A sãa Justiça para o Céo sereno.

Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na dôce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se gera a chuva e neve fria:

Os trabalhos do sol, que não repousa;
E porque nos dá a lua a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:

E como tão depressa o Céo rodêa;
E como hum só os outros traz comsigo;
E se he benigna ou dura Cytherêa.

Bem mal póde entender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte;
Que sempre os olhos traz em seu perigo.

Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois postoque a Fortuna possa tanto,
Que tão longe de todo o bem me aparte;

Não poderá apartar meu duro canto
D'esta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto;
Se para tristes ha tão leda sorte.

ELEGIA II

A Dom Antonio de Noronha, estando na India

Aquella que d'amor descomedido
Por o formoso moço se perdeu,
Que só por si d'amores foi perdido;

Despois que a deusa em pedra a converteu
De seu humano gesto verdadeiro,
A ultima voz só lhe concedeu.

Assi meu mal do proprio ser primeiro
Outra cousa nenhuma me consente,
Qu'este canto qu'escrevo derradeiro.

E se huma pouca vida, estando ausente,
Me deixa amor, he porque o pensamento
Sinta a perda do bem d'estar presente.

Senhor, se vos espanta o soffrimento
Que tenho em tanto mal para escrevêl-o,
Furto este breve espaço a meu tormento.

Porque quem tem poder para soffrêl-o,
Sem se acabar a vida co'o cuidado,
Tambem terá poder para dizêl-o.

Nem eu escrevo hum mal já acostumado;
Mas n'alma minha triste e saudosa
A saudade escreve, e eu traslado.

Ando gastando a vida trabalhosa,
E esparzindo a contínua soidade
Ao longo d'uma praia soidosa.

Vejo no mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso
Retumba na maior concavidade.

De furibundas ondas poderoso,
Na terra a seu pezar, está tomando
Logar, em que s'estenda, cavernoso.

Ella, como mais fraca, lh'está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.

A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que não sei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperar-me,
Não posso, porque Amor e saudade
Nem licença me dão para matar-me.

A's vezes cuido em mi, se a novidade
E estranheza das cousas, co'a mudança,
Poderiam mudar huma vontade.

E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A extrangeira progenie, a extranha usança.

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao mar Mediterrano;

D'alli 'stou tenteando adonde viu
O pomar das Hesperidas, matando
A serpe que a seu passo resistiu.

Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Anteo, que derribado
Mais fôrça se lhe vinha accrescentando;

Porém do herculeo braço sobjugado,
No ár deixando a vida, não podendo
Dos soccorros da mãe ser ajudado.

Mas nem com isto, emfim, qu'estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
D'amorosas lembranças me defendo.

Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Qu'estejam de firmeza acompanhadas.

Vi já que a primavera, de contente,
Em variadás côres revestia
O monte, o campo, o valle, alegremente.

Vi já das altas aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava
A algum suave modo d'alegria.

Vi já que tudo, emfim, me contentava,
E que, de muito cheio de firmeza,
Hum mal por mil prazeres não trocava.

Tal me tem a mudança e estranheza,
Que se vou por os prados, a verdura
Parece quc se sécca de tristeza.

Mas isto é já costume da ventura;
Porque aos olhos que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhes figura.

Oh graves e insoffriveis accidentes
Da Fortuna e d'Amor! que penitencia
Tão graves daes aos peitos innocentes!

Não basta examinar-se a paciencia
Com temores e falsas esperanças,
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?

Trazeis um brando espirito em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros e lembranças.

E s'estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.

Já quieto m'achava co'a tristeza;
E alli não me faltava hum brando engano,
Que tirasse desejos da fraqueza.

Mas vendo-me enganado estar ufano,
Deu á roda a Fortuna; e deu commigo
Onde de novo chóro o novo dano.

Já deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo
A quem já viu tão áspero perigo.

E se nos brandos peitos faz abalo
Hum peito magoado e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolál-o;

Não quero mais senão que largamente
Senhor, me mandeis novas d'essa terra;
Que alguma d'ellas me fará contente.

Porque se o duro Fado me desterra
Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
Desampare a prisão onde s'encerra;

Ao som das negras águas do Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos
Cantarei o que n'alma tenho escrito.

E por entre estes horridos penedos
A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos ásperos e medos,

Com a trémula voz, cansada e fria,
Celebrarei o gesto claro e puro,
Que nunca perderei da phantasia.

O Musico de Thracia, já seguro
De perder sua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ár escuro.

As namoradas sombras revolvendo
Memorias do passado, me ouvirão;
E com seu chôro o rio irá crescendo.

Em Salmonêo as penas faltarão,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos s'encherão.

Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura:
Porque, emfim, a alma vive eternamente,
E amor he effeito d'alma, e sempre dura.

ELEGIA III

O sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates afastado;

Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando;

Não podendo encobrir o sentimento
Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro e triste nascimento.

O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que descorria
O céo e o ár, e a terra adonde estava.

Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte procedendo,
Como o seu natural lhes permittia.

De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
A' sua natureza obedecendo.

Assi só, de seu proprio natural
Apartado se via em terra extranha,
A cuja triste dôr não acha egual.

Só sua doce musa o acompanha,
Nos soidosos versos qu'escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.

D'est'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gôsto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu êrro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Vêr sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento d'ella;
Mas muito dóe a que se não merece.

Quando a rôxa manhã, dourada e bella,
Abre as portas ao sol e cahe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela;

Este cuidado, que co'o somno atalho,
Em sonhos me parece; que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho.

E despois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acôrdo logra hum descontente)

D'aqui me vou, com passo carregado,
A hum outeiro erguido, e alli me assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Despois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
A' parte d'onde tinha o pensamento.

Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça e sem flôr os campos vejo,
Que já florídos víra, e graciosos.

Vejo o muro, suave e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.

D'alli fallo com a agua que não sente
Com cujo sentimento est'alma sae
Em lagrimas desfeita claramente:

Ó fugitivas ondas, esperae;
Que pois me não levaes em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae.

Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?

Não póde tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo.

Mas essa triste morte que virá,
Se em tão contrario estado me acabasse,
Est'alma assi impaciente adonde irá?

Que se ás portas tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.

Que se a Tantalo e Ticio fôr notoria
A pena com que vae, e que a atormenta,
A pena que lá têm, terão por gloria.

Essa imaginação, emfim, me augmenta
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.

Que pois de todo vive consummida
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na glória possuida.

Até que a noite eterna me consumma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a Fortuna faça o que costuma;
Se n'ella ha hi mudar-se um triste estado.

ELEGIA IV

Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do crystallino rosto transparente;

Aquelle gesto immoto e repousado,
Qu'estando n'alma propriamente escrito,
Não póde ser em verso trasladado;

Aquelle parecer que he infinito
Para se comprender d'engenho humano;
O qual offendo em quanto tenho dito;

Tanto a inflammar-me vem d'hum doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que não vi maior glória que meu dano.

Oh bem-aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!

E bem-aventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento!

Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Qu'então me salva, quando me condena.

E se de tão suaves desfavores
Penando vive hum'alma consummida,
Oh que doce penar! que doces dores!

E se huma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer! que doce vida!

E se me mostra hum gesto lindo, humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! que doce engano!

E s'em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir! que doce cacha!

Assi que ponho já no soffrimento
A parte principal de minha glória,
Tomando por melhor todo tormento.

Se sinto tanto bem só co'a memoria
De vêr-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa victoria?

Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecer-vos;
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?

Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?

S'em meu proveito faz qualquer partido,
Só na vista d'huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?

Se, emfim, os meus espritos, de pequenos,
A merecer não chegam seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?

A causa, pois, m'esforça o soffrimento;
Porque, a pezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA V

A Dom Leonis Pereira sobre o livro que Pero de Magalhães lhe offereceu no Descobrimento da terra de Santa Cruz

Despois que Magalhães teve tecida
A breve Historia sua, que illustrasse
A terra Santa Cruz, pouco sabida;

Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro d'algum zoilo que ladrasse;

Tendo n'isto occupada a phantasia,
Lhe sobreveiu hum somno repousado,
Antes que o sol abrisse o claro dia.

Em sonhos lhe apparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o viu todo enfiado;

Dizendo em voz pezada e temerosa:
Não he justo que a outrem se offereça
Obra alguma que possa ser famosa,

Senão a quem por armas resplandeça
No largo mundo com tal nome e fama,
Que louvor immortal sempre mereça.

Disse assi: quando Apollo, que da flamma
Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe presenta, e por seu nome o chama,

Dizendo: Magalhães, postoque Marte
Com seu terror t'espante, todavia
Commigo deves só de aconselhar-te.

Hum Varão sapiente, em quem Thalia
Poz seus thesouros, e eu minha sciencia,
Defender tuas obras poderia.

He justo que a escriptura na prudencia
Ache só defensão; porque a dureza
Das armas he contrária da opulencia,

Assi disse: e tocando com destreza
A cithara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.

Mas Mercurio, que sempre costumou
Pacificar porfias duvidosas,
Co'o Caducêo na mão, que sempre usou,

Determina compôr as perigosas
Opiniões dos deoses inimigos
Com suaves razões e ponderosas.

E disse: Bem sabemos dos antigos
Heroes, e dos modernos, que provâram
De Belona os gravissimos perigos,

Como tão bem mil vezes concordâram
As armas com as letras; porque as Musas
A muitos na milicia acompanhâram.

Nunca Alexandre ou Cesar, nas confusas
Guerras o estudo deixam grande espaço;
Que as armas jamais d'elle são escusas.

N'huma mão livros, n'outra ferro e aço;
Aquella rege e ensina; est'outra fere:
Mais co'o saber se vence, que co'o braço.

Pois, logo, hum Varão grande se requere,
Que com teus dões (Apollo) illustre seja,
E de ti (Marte) palma e glória espere.

Este vos darei eu, em quem se veja
Saber e esfôrço no sereno peito,
Que he hum Leoniz que faz ao mundo inveja.

D'este as Irmãs em vendo o bom sugeito,
Todas nove nos braços o tomaram,
Criando-o co'o seu leite no seu leito:

As Artes e as Sciencias lh'ensinâram;
Inclinação divina lh'influíram
A's virtudes moraes, que logo o ornâram.

D'aqui nos exercicios o seguiram
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituíram.

Alli taes provas fez de cavalleiro,
Que, de christão magnagnimo e seguro,
A si mesmo venceu por derradeiro.

Despois, já capitão forte e maduro,
Governando toda a Aurea Chersoneso,
Lhe defendeu co'o braço o debil muro.

Porque vindo a cercal-a todo o pêso
Do poder dos Achens, que se sustenta
De alheio sangue, em furia todo acceso;

Este só que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, qne vencido
De ter quem vivo fique se contenta.

E logo qu'este Reino defendido
Deixou, segunda vez com maior glória
Para o ir governar foi elegido.

Mas não perdendo ainda da memoria
Os amigos o seu govêrno brando,
Os imigos o damno da victoria;

Huns com amor intrinseco esperando
Estão por elle, e os outros congelados
O estão com frio medo receando.

Vêde pois se seriam debellados
Por seu claro valor, se lá tornasse,
E dos Indicos mares degradados.

Porqu'he justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olympo alto e subido
Favor e ajuda com que pelejasse.

Aqui só póde ser bem dirigido
De Magalhães o estudo : este só deve
Ser de vós, claros deoses, escolhido.

Assi Mercurio disse ; e em termo breve
Conformados se vem Apollo e Marte ;
E voôu juntamente o somno leve.

Acorda Magalhães, e já se parte
A offrecer-vos, Senhor claro e famoso,
Tudo o que n'elle pôz sciencia e arte.

Tem claro estylo, e engenho curioso,
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna, de animo amoroso.

Pois se só de não ser favorecido
Hum alto esprito fica baixo e escuro ;
Este seja comvosco defendido,
Como o foi de Malaca o debil muro.

ELEGIA VI

Á Paixão de Christo Nosso Senhor

Se quando contemplamos as secretas
Causas, por que este mundo se sustenta
E o revolver dos céos e dos planetas ;

E se qnando á memoria se presenta
Este curso do sol bem medido,
Que hum ponto só não míngua, nem s'augmenta ;

Aquelle effeito, tarde conhecido,
Da lua na mudança tão constante,
Que minguar e crescer é seu partido ;

Aquella natureza tão possante
Dos céos, que tão conformes e contrarios
Caminham, sem parar um breve instante ;

Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Co'os effeitos da terra necessarios;

Se quando, emfim, revolve subtilmente
Tantas cousas a leve pnantasia,
Sagaz escrutadora e diligente;

Bem vê, se da razão se não desvia,
Aquelle unico Sêr, alto e divino,
Que tudo póde, manda, move e cria.

Sem fim e sem principio, hum Sêr contino;
Hum Padre grande, a quem tudo é possibil
Por mais que o difficulte humano atino:

Hum saber infinito, incomprehensibil;
Huma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visibil e invisibil.

Esta potencia, emfim, que tudo manda,
Esta Causa das causas, revestida
Foi d'esta nossa carne miseranda.

Do amor e da justiça compellida,
Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos não fosse) deixa a vida.

Oh Christão descuidado e negligente!
Pondera o com discurso repousado;
E vêr-te-has advertido facilmente.

Olha aquelle Deos alto e increado,
Senhor das cousas todas, que fundou
O céo, a terra, o fogo, o mar irado;

Não do confuso caos, como cuidou
A falsa Theologia, e povo escuro,
Que n'esta só verdade tanto errou;

Não dos átomos leves d'Epicuro;
Não do fundo Oceano, como Thales,
Mas só do pensamento casto e puro.

Olha, animal humano, quanto vales,
Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estylo de morte, novos males.

Olha que o sol no Olympo s'escurece,
Não por opposição de outro planeta;
Mas só porque virtude lhe fallece.

Não vês que a grande máchina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E não por causa natural secreta?

Não vês como se perde a natureza?
O ar se turba? o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?

Não vês que cahe o monte, a terra treme?
E que lá na remota e grande Athenas
O docto Areopagita exclama e teme?

Oh summo Deos! tu mesmo te condenas,
Por o mal em qu'eu só sou o culpado,
A tamanhas affrontas, tantas penas?

Por mi, Senhor, no mundo reputado
Por falso, e violador da sacra Lei?
A fama a ti se põe do meu peccado?

Eu, Senhor, sou ladrão, tu justo Rei.
Pois como entre ladrões eu não padeço?
A pena a ti se dá do qu'eu errei?

Eu servo sem valor, tu immenso preço,
Em preço vil te pões, por me tirares
Do captiveiro eterno que mereço?

Eu por perder-te, e tu por me ganhares
Te dás aos soltos homens, que te vendem,
Só para os homens presos resgatares?

A ti, que as almas soltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante juizes
Te accusam por o error dos que te offendem?

Chamam-te malfeitor ; não contradizes :
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizme que quem te fere prophetizes.

Rim-se de ti ; tu choras a crueza
Que sobre elles virá : a gente dura,
Por quem tu vens ao mundo, te despreza.

O teu rosto, de cuja formosura
Se veste o céo e o sol resplandecente,
Diante quem pasmada está a Natura,

Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
Cuspido, atropellado cruelmente.

Aquelle corpo tenro e delicado,
Sobre todos os Santos sacrosanto,
A açoutes rigorosos desangrado ;

Despois coberto mal d'hum pobre manto,
Que se pegava ás carnes magoadas
Para dobrar-lhe as dôres outro tanto.

Magoavam-n'o as chagas não curadas,
Hum tormento causando-lhe excessivo
Ao despir por as mãos crueis e iradas.

As venerandas barbas de Deos vivo
De resplandor ornadas, s'arrancavam
Para desempenhar a Adão captivo.

Com cordas por as ruas o levavam,
Levando sobre os hombros o trophéo
Da victoria qu'as almas alcançavam.

Ó tu, que passas, homem Cyrenêo,
Ajuda hum pouco a est'Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraqueceu.

Olha que o corpo afflicto do marteiro,
E dos longos jejuns debilitado,
Não póde já co'o peso do madeiro.

Oh não enfraqueçaes, Deos incarnado!
Essas quédas, que tanto vos magoam,
Supportae Cavalleiro sublimado.

Aquellas altas vozes, que lá sôam,
Dos Padres são, que o Limbo tem escuro,
E já de louro e palma vos corôam.

Todos vos bradam que subaes o muro
Da cidade infernal, e que arvoreis
Em cima essa bandeira mui seguro.

Oh Santos Padres! não vos apresseis;
Pois muito mais a Deos, que a vós, custáram
Essas duras prisões em que jazeis.

Aquellas mãos que o mundo edificáram,
Aquelles pés que pizam as estrellas,
Com durissimos pregos se encravaram.

Mas qual será o humano que as querellas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dôr e magoa d'ellas?

E que dos olhos seus não destillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto sinalasse?

Oh quem lhe víra os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando
Aquellas faces bellas e excellentes!

Quem a ouvira com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o Céo,
Co'os accentos dos Anjos retumbando!

Quem víra quando o puro rosto ergueu
A vêr o Filho, que na Cruz pendia,
D'onde a nosssa saude descendeu!

Que magoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão miseras e tristes
Para o Céo, para a gente espalharia

Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, e com vinagre amaro
Matar a sêde ao Filho que paristes?

Não era este o licôr suave e claro,
Que para o confortar então darieis
A quem vos era, mais que a vida, caro.

Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sêde vieis?

Não era só, não, esse o verdadeiro
Porto, que vosso Filho desejava,
Morrendo por o mundo em hum madeiro;

Mas era a salvação que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.

Pois, ó pura e santissima Maria,
Que, emfim, sentistes esta magua, quanto
A grave causa d'ella o requeria,

D'essa fonte sagrada e peito santo
Me alcançae huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava e pesa tanto

Do licôr salutifero e suave
Me abrangei, com que mate a sêde dura
D'este mundo tão cego, torpe e grave.

Assi, Senhora, toda criatura
Que vive e viverá, e não conhece
A Lei de vosso Filho, a abrace pura;

O falsissimo herege, que carece
Da graça, e com damnado e falso esprito
Perturba a santa egreja, que florece;

O povo pertinaz no antiguo rito,
Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz que he pena igual ao seu delito;

O torpe ismaelita, que mistura
As Leis, e com preceitos tão viciosos
Na terra estende a seita falsa e impura;

Os idolatras máos, supersticiosos,
Varios de opiniões e de costumes,
Levados de conceitos fabulosos;

As mais remotas gentes, onde o lume
Da nossa fé não chega, nem que tenham
Religião alguma se presume;

Assi todos, emfim, Senhora, venham
A confessar hum Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenham.

E d'hum e d'outro vicio já deixado,
O seu nome, co'o vosso n'esse dia,
Seja por todo o mundo celebrado;

E respondam os céos: Jesus, Maria.

ELEGIA VII

Ao Doutor Mestre Belchior, em louvor de sua filha D. Maria Figueirôa, na India em Damão

Se obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez maior espanto;

Se tambem de Lucrecia a livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama, e triumpho hoje tem gloria;

Se a perfeição de Laura nunca esquece,
Tambem he por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, e hoje crece;

E se aquella cruel troyana espada,
Deu com a morte vida á formosura
De Dido por Virgilio celebrada:

E se Venus formosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos, e Diana
Com as nove Irmãs d'Apollo tem ventura,

Que fará a formosura soberana
De Figueirôa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, e mantuana?

Mas se me ella não falta, d'ella espero
Cantar, não d'estas já, que já acabaram;
D'estas cante Virgilio, cante Homero:

Que se outras com seus versos celebraram,
Foi, que por sua idade, a d'esta dama
(Por inda estar no céo) não na alcançaram.

Mas tinha-lhe a ventura oriental cama,
Guardada lá em Damão, por que nascendo,
Perder fizesse ás outras gloria e fama.

E em quanto alegre declarar pretendo,
Vós, pae de tal thesouro, dae-me ouvidos,
Para d'elle dizer, mais do que entendo.

Não reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dae-lhe louvor, para que sejam
De tal dama, e de vós favorecidos:

Que milagres d'amor, farei que vejam!
Direi os olhos bellos, bôca e riso,
Mil partes, que outras damas ter desejam.

Cabellos d'ouro, emfim seu grande aviso,
Sua arte, perfeição, e formosura,
Que na terra nos mostra hum paraizo?

Que mais? o grave aspeito, e a brandura,
A bocca de rubis, cheia de perlas,
Das crystalinas mãos a neve pura?

Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vós sois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual sol entre as estrellas.

Por vós Damão, senhora, hoje florece,
Por vós as Musas já do sacro monte,
D'onde contino o louro verde crece,

Vos vêm apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegasêas flôres de Eliconte.

A vós se vêm cantando rodeadas
Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas dôces Liras temperadas.

E com seu suave canto, e melodia,
Chegadas a vós já dizem cantando,
Esta he por quem Apollo emmudecia.

Esta he por quem Vertuno despresando
Pomona, de contino se abrasava,
Na menos parte sua imaginando.

Esta he por quem em fonte se tornava
O avô de Phaetonte, e porque Orpheo
As furias infernaes aquebrantava;

Esta he por quem só Troya se perdeu,
Esta he a quem Páris deu a maçã d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudeceu.

Esta he quem desd'o Ganges até o Douro,
Só sem falta compôz a natureza,
Do índico oriental todo o thesouro;

Esta he quem trouxe a luz toda á nobreza
Dos de Lião Fajardos, que descende
Do real tronco ingrez, na mór alteza.

Esta he a Flôr do Lago, que se estende,
E em quem do novo nasce a real planta,
Esta he a quem o mesmo Amor se rende.

Esta he por quem a aurora se levanta,
Na parte oriental, mais clara e pura,
Esta he por quem morrendo o cisne canta.

Esta he por quem nos dotou só a ventura,
De mil primores cheia, collocada
Em rara perfeição de formosura.

Esta será de nós sempre cantada,
E dos novos poetas mil louvores
Terá com fama eterna e sublimada.

Na festa de deos Pan cem mil pastores
D'esta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levaram cheios de flores.

A ti as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastoris de cem mil partes,
Com versos te estarão sempre louvando.

E tu, que de teu sêr nunca te partes
Com formosura e graça de contino,
Com que por fama ao mundo te repartes,

Com rosto branco, alegre e peregrino
Acceitarás seus versos, coroada
De rosas e de louro a ti só dino.

D'alli do nosso côro venerada
Terás cargo da selva de Diana,
E entre nós tu serás mais estimada.

D'alli, ó alta dea e soberana,
Governarás o índico Oriente,
E todo Estado além da Taprobana.

D'alli correndo irá de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas damas do Occidente,

Ganhando teu louvor immortal vida.

ELEGIA VIII

Duvidosa esperança, certo medo,
Senhora, de me não ouvir meus danos,
Fizeram que não fiz isto mais cedo.

Mil remedios busquei, busquei enganos,
Por encobrir o mal que me causais
Temendo outro amór dôr dos desenganos.

Mas tudo quanto fiz, fiz por demais:
Amor, que como quer, de mi o ordena,
Não soffre que tal dôr encubra mais.

A ser vosso, Senhora, me condena:
N'isto mercê me faz: se a vós offende,
A culpa ao amor dae, a mi a pena.

Não cuideis que minha alma se defende
De cousa de que vós fordes contente,
Porque só isso busca, isso pertende.

Ditoso dôr a que por vós se sente:
Ditoso, pois conheço esta verdade,
Para não ser das minhas descontente.

Com tudo, a não poder huma vontade
Tão pura, e tanto a medo offerecida,
Mover-vos de meu mal a piedade;

Não quero mais viver, não quero vida:
Melhor me será morte, que desgosto
A quem tanto desejo vêr servida.

Banhem pois minhas lagrimas meu rosto;
Suspire o coração, que treme, e arde;
Chorar e suspirar seja o meu gosto.

Não queiram os meus fados que me guarde
De sentir nova dôr, novo tormento,
Que sinto muito mais sentil-o tarde.

Quizera, desde que tive entendimento,
Por vêr se com firmeza vos movia,
Não ter em outra cousa o pensamento.

Em vós cuidar a noite, em vós o dia;
Por vós sentir prazer, por vós tristeza;
Sem vós ter para mim que não vivia.

Mas nem por isso haja inda em vós crueza:
Soffre-se mal n'hum peito delicado:
Parece cousa contra natureza.

Olhae que em vivas chammas abrazado
Por remedio, Senhora, ante vós venho:
Buscal-o n'outra parte he escusado.

Porque não val saber, força, nem engenho,
Pedras, palavras, hervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.

Se vossos olhos podem dar saude
Se n'este grave mal me não soccorrem,
Deixem-me morrer já, ninguem me ajude.

Ditosos são os tristes quando morrem
No começo dos damnos, que não sentem
Quão vagarosas as tristezas correm.

Porém se as esperanças me não mentem,
Espero d'este conto inda ser fóra,
Que cruezas em vós não se consentem.

Emfim, a fim de tudo isto he, Senhora,
Que se me não valeis, tenhaes por certo,
Que cedo verei a derradeira hora.

Já que meu mal vos tenho descoberto,
Havei de mim dó: não seja isto, emfim,
(Como dizem) dar vozes em deserto:

Valei-me, que por vós me perco a mim.

ELEGIA IX

**Á morte de D. Miguel de Menezes,
filho de D. Henrique de Menezes, governador da Casa do Civel,
que morreu na India.**

Que tristes novas, ou que novo dano,
Qu'inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?

Que vejo? as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita e turbada
Do rumor que de bocca em bocca vôa!

He morto D. Miguel (ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que alegre s'embarcou na triste Armada:

E d'espingarda ardente e lança fria
Passado por o torpe e iniquo braço,
Que nossas altas famas injuría.

Não lhe valeu escudo, ou peito d'aço;
Não ânimo d'avós claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.

Não vêr-se em de redor todo cercado
D'irados inimigos, qu'exhalavam
A negra alma do corpo traspassado.

Não as fortes palavras que voavam
A animar os incertos companheiros,
Que timidos as costas lhe mostravam.

Mas já postos, nos termos derradeiros,
(Rotos por partes mil e traspassados
Os membros, no valor sómente inteiros)

Os olhos (de furor acompanhados,
Qu'inda na morte as vidas amedrentam
Dos duros inimigos espantados)

Postos no céo, parece que presentam
A alma pura á suprema Eternidade,
Por quem os céos e a terra se sustentam.

E pedindo dos erros, que na idade
Immatura e innocente já fizera,
Perdão á pia e justa Magestade,

As rosas apartou da neve fria;
E, como debil flôr, a quem fallece
O radical humor de que vivia,

Nas mãos do côro angelico, que dece,
S'entrega; e vai lograr a vida eterna,
Que com morte tão justa se merece.

Vai-te, alma, em paz á gloria sempiterna;
Vai, que quem por a Lei sacra e divina
A sólta, áquelle a dá que o céo governa.

Mas se de tal valor foi morte dina,
A ausencia que do gôsto nos saltêa,
A perpétua saudade nos inclina.

Deixa pois tu, formosa Cytherêa,
Do gentil filho e neto de Cyniras
O pranto por a morte horrida e fêa.

E tu, dourado Apollo, que suspiras
Por o crespo Jacintho, moço caro,
Por quem a clara luz ao mundo tiras;

Vinde e chorae hum moço em tudo raro;
Não de ferino dente vulnerado,
Nem de risco sujeito a algum reparo:

Mas só de ferro imigo traspassado;
Que sem duvida incerta, ou frio medo,
A vida pôz nas mãos de Marte irado.

Tambem tu, moço idalio, assiste quedo;
Deixa de dar o venenoso mel
A beber por os olhos, triste e ledo.

Pois os formosos olhos de Miguel
Já cobertos se vem do escuro manto
Da lei geral a todos mais cruel.

E vós, filhas de Thespis, que co'o canto
Podeis bem mitigar a dôr immensa
Dos irmãos generosos e alto pranto;

Não consintaes que façam larga offensa
A' grande integridade, a que se devem
A'guas não só, do damno recompensa.

Que já diante os olhos me descrevem,
Quando as boccas da fama voadora
Ao patrio e claro Tejo as novas levem,

A profunda tristeza; qu'em hum'hora
Tal posse tomará dos altos peitos,
Que d'elles o discurso lance fóra.

Alli de dôr os corações sujeitos
Hão de lançar de si toda a memoria
D'exemplos claros, solidos respeitos.

Mas, porém se igualaes a vida á gloria,
O claro Dom Philippe, e pretendeis
Deixar-nos de acções vossas larga historia;

Eu não vos persuado a que estreiteis
O coração na Estoica disciplina,
Onde livre d'affectos vos mostreis.

Que mal a natureza determina
Medo, esperanças, dôres e alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.

Immanidade estupida (dizia
O Sulmonense canto) e vil rudeza,
He não sentir affectos que a alma cria.

Porém se o sentir nada fôr bruteza,
E se paixão devida se consente,
Tambem o sentir muito he já fraqueza.

Em vós hum soffrer alto s'exprimente,
Qual nos fortes Varões foi conhecido,
Como em extranha, em Lusitana gente.

Bem conheço que o corpo assi perdido,
Como de illustre tumulo carece,
Será de brutas feras consummido.

Mas consola-me, emfim, que se parece
Ao grande bisavô, que por a vida
Real, a sua á maura lança offrece.

Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deixa; e com a mão dura
Lhe nega a sepultura merecida.

Facil he a perda aqui da sepultura:
Diogenes prudente, e Theodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.

Assi formoso e inteiro, assi decoro
Adorna quem o tem, como o tomou,
Quando se ouvir o extremo som cânoro.

Mas ai! qual terror subito occupou
O vosso claro peito, ó Portuguezes?
Qual pavido temor vos congelou?

Que lançadas, que golpes, que revézes
Vos fizeram fazer tamanha injúria
Aos fortes lusitanicos arnezes?

Ou já de capitão sobeja incuria,
Ou fraqueza? Não: qu'elle sustentava
Com seu peito dos barbaros a furia.

Ou já do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroam mar e terra,
Os corações ardentes congelava?

Ah! quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o temor que a vida encerra?

A vida por a Patria e por Estado
Pondo nossos avós, a nós deixaram,
Em terra e mar exemplo sublimado.

Elles a desprezar nos ensinaram
Todo temor. Pois como agora os netos
Subitamente assi degeneraram?

Não podem, certo, não, viver quietos
Com feia infamia peitos generosos,
Já em publicos lugares, já em secretos.

Mortos d'Esparta os Héroes valerosos
Da fera multidão, fazendo extremos,
Taes epitaphios tinham gloriosos:

Dirás, Hóspede, tu, que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
A's santas Leis da patria obedecemos.

Fugindo os Persas vão com frio espanto,
Mas acham as mulheres no caminho,
Mostrando-lhes o ventre em terror tanto.

Pois do damno fugís, vendo-o visinho,
Francos! vinde a esconder-vos (lhes diziam)
Outra vez no materno e escuro ninho.

Vêde quaes com mais glória ficariam,
Se aquelles que morreram por o Estado,
S'estes a quem mulheres injuriam?

Mas tu, claro Miguel, que já acordado
D'este sonho tão breve, estás n'aquella
Tôrre do céo, seguro e repousado;

Onde, com Deos unida a forte e bella
Alma, com teus maiores reluzindo,
Trocaste cada chaga em clara estrella;

Co'os pés o crystallino céo medindo,
Nada d'essas altissimas Espheras,
Nem da terreste aos olhos encobrindo

Agora hum curso e outro consideras,
Agora a vaidade dos mortaes,
Que tu tambem passáras se vivêras,

. . . .

ELEGIA X

**Á morte de D. Tello, que mataram na India.
Achou-se em um manuscripto
do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, feito no anno de 1568.**

Saiam d'esta alma triste e magoada
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao mundo a causa declarada.

Saia do peito a voz, com que a graveza
Sogiga, dóma, e as gentes move tanto,
Por mais e mais que tenham de dureza.

E vós meus olhos tristes entretanto
Em lagrimas esta alma derretida
Chorae, que amargo choro é o meu canto.

Quanto de mim a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e juntamente
Choremos huma morte e huma vida.

A bondade choremos innocente,
Cortada em flôr, que pela acerba morte
Nos foi arrebatada d'entre a gente.

E aquella immensa dôr, e dura sorte
Da magoada mãe, cuja alma triste
Tambem cortada foi com agudo córte.

Ó espirito gentil, que ao céo subiste,
Porque engeitaste a minha companhia,
E acompanhar-te eu não consentiste?

Este he o canto heroico, e de alegria,
Que eu já em teu louvor apparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia?

Estas é a esperança que nos dava
De ti, tua tenra e alegre mocidade,
De quem tão grandes cousas se esperava?

O hymineo, que em mais perfeita idade
Com honras mil te andava apparelhando
A mãe, de quem não houveste piedade:

Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vão a casa em toda a parte:
Amado filho meu, por ti bradando?

Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,
Quem em tão amarga e triste despedida
Pudera esta alma minha acompanhar-te?

Quem te privou da cara e doce vida,
Meu filho tão formoso e mal logrado,
Dous corações passou huma só ferida.

Em terra de desterro, ai filho amado,
Deixando-me sem ti desamparada,
Quizeste ser de extranhos sepultado.

Se hias para fazer tão grão jornada,
Não levarás em tua companhia
Esta misera mãe desconsolada?

Quiçá que algum soccorro te seria,
Que vendo vir a espada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu te avisaria.

Ou recebêra o golpe n'esta vida,
Mettendo-me no meio, e tu vivêras,
Fartára de meu sangue esse homicida.

Ai filho, meu amor, que tu só eras
Quem com tua vida alegre algum descanço
A meu viver cançado dar puderas.

E tu serás tambem quem manso a manso
Me acabarás a vida, quem eu queria
Sem ti vêr acabada de hum só lanço.

E vós tambem, mulheres, que paristes
Ajudae-me a chorar, por que em mal tanto
Não satisfazem só meus olhos tristes.

Assi com grave dôr de canto a canto
Até nos corações de mór dureza
Sôa huma voz confusa, hum amargo pranto.

Ó tu, honra e primor da natureza,
Illustre e formosissima Maria,
Não trates mal, Senhora, tal belleza.

Pois só custodia és, d'onde alegria
Defunta, e tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
De alegrares a mãe chorosa e triste,
Que alegre vivírá por tempo largo.

Posto que a dôr do irmão muito sentiste
Não destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio n'isso não consiste.

Não trates mal as nitidas estrellas
Dos olhos teus com lagrimas ardentes,
Pois tem mais resplendor que todas ellas.

Não offendas as faces refulgentes,
Obras de Deos, com mão despiedosa,
Da patria honra, se louvor das gentes.

Mas vae com doce voz, branda e amorosa
Consola a triste mãe desconsolada
Com tua vista alegre, e tão formosa.

Promette-lhe que em ti resuscitada
Verá sua alegria já perdida,
De todos tão sentida, e tão chorada.

Pois teu remedio está só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Não dê tanto lugar á dôr crescida.

Bem se permitte á fraca humanidade
Por filho tal, e tanto tempo ausente,
Hum moderado pranto, huma saudade.

Mas tão contínua dôr, que espante a gente,
E põe em tal extremo a vida amada,
Nem o mundo o quer, nem Deus não o consente.

Não foi a morte de Heitor sempre chorada
Da triste mãe, que além de filho amado,
Era por elle só Troya amparada.

Mas já despois de morto, e arrastado
Com grego applauso, vozes e alarido,
O corpo houve ás mãos desconjuntado.

Perdida a côr, o collo recahido,
Não parecia Heitor, que d'antes era,
De pó, de sangue e de suór tingido.

Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava
Sem alma e sangue, já de côr de cêra.

Mas vendo em fim quão pouco aproveitava
Seu choro, e nem por mais que em vão bradando
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.

De lagrimas os olhos enchugando,
Desenganada já do filho amado
Se foi com a amada filha consolando.

Nem sempre o fero Achiles foi cnorado
De Thetis sua mãe, do branco côro,
Principe grego tão assignalado.

Tambem pagou á morte o antigo fôro,
E á deosa não valeu ser prevenida,
Nem suspiros valeram, nem seu chôro.

Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, e filho amado
De Deusa de Nereo tão querida.

Nas aguas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro não pudesse ser cortado.

Mas a agua não chegou áquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda e forte,
Que contra ella não val engenho e arte.

Choraram as gregas gentes sua morte.
Os Phocas e Delphins tambem choraram,
Chorou do grande Nereo toda a côrte

Tantas lagrimas tristes derramaram,
Tanto chorou a mãe, que muito o amava,
Que o Xanto e o Simois accrescentaram.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,
E que era dôr perdida, e desatino,
Os seus formosos olhos alimpava.

E com alegre rosto de ár benino
O céo, a terra, o mar, tudo alegrando,
E os cidadãos do reino cristalino.

Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a vista atraz de quando em quando:

De Pausilipe e Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, e de Melanto,
Se foi para Nereo consolada.

Deixae pois já, Senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal que tanto crece,
E dae logar ao meu inculto canto.

Com grão difficuldade se offerece
A grandes desventuras; taes como esta:
A dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.

Por tanto eu, Senhora, agora n'esta
Não as hei de buscar por consolar-te,
Que aos tristes consolar só a razão presta.

Tambem serão perdidas n'esta parte
Consolações que em choro de amargura
Força não tem, por mais que tenham d'arte.

Se as lagrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras accrescenta,
Guarde-te Deos de mór desaventura.

Não digo que a alma estê de mágoa isenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Não soffrer o que Deos nos apresenta.

Não he este mundo a nossa natureza,
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á Summa Alteza.

N'este caminho hum passo estreito achamos,
Morte se chama horrenda, e desabrida,
Divida, que Adão fez, e nós pagamos.

A todos he commum esta partida,
Quem morre, não morreu, partiu primeiro,
E o que ha depois da morte he eterna vida.

Todo animal que nasce está foreiro
A passar este passo estreito tanto,
Todos lá havemos de ir por derradeiro.

Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no céo resplandecente,
Já entre os cidadãos de côro santo,

Nossas memorias tristes não as sente,
Já livre, e de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.

Da visão beatifica gozando,
Sem medo ou sobresalto de perdel-a
O mundo e seus afagos despresando.

D'alli contempla de huma e de outra estrella,
Ou fixa e errante, o curso e movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella.

Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, e o céo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.

E porque o mar continuo mingua e crece,
Comprende, e a quinta essencia pura e neta,
E com que luz a lua resplandece.

Nem nos espanta no ár qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum e de outro signo,
Por onde faz seu curso o grão planeta.

Hum anjo novo tens, santo e benino,
Vive, Senhora, alegre e consolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.

O' alma pura em alto alevantada,
Que lá estás n'esse céo luzento e claro,
D'esta immortal prisão ja desatada.

O' Senhor meu Dom Telo, amigo caro
Que do terreno sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro

Se ao passar de Lethe não perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste,

Com attenção escuta o meu reclamo,
Não despreses de ouvir lá d'essa altura
A baixa e rouca voz com que te chamo.

Que quando concedido da ventura
Me fôr o que eu por ti agora peço,
Nào borrará o teu nome a fama escura.

Em tanto as baixas Rimas te offereço
Em penhor da vontade e amor profundo,
Até cumprir o que ora aqui professo.

Que então te cantará por todo o mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
Do patrio Tejo além da Taprobana

ELEGIA XI

A uma Dama

Não me julgueis, Senhora, a atrevimento
O que me faz fazer hum mal tão forte,
Que não me basta n'elle o soffrimento.

Que tal me traz já agora minha sorte,
Que me faz buscar vossa crueldade,
D'onde só por remedio espero a morte.

Não vos pude callar esta verdade,
Porque força não tem poder humano
Contra outro, que não tem humanidade.

Amor, que tudo faz para mór dano
Me deu mal, levou-me o soffrimento,
Ah duro Amor, cruel e deshumano!

Não vos lembre, Senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
De eu empregar em vós meu pensamento.

Lembro-vos um amor, que cada dia
Em mim tão verdadeiro e firme crece,
Que alheio me traz já do que sohia.

Não peço que o pagueis, como merece,
Que não mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mim não cuideis que desmerece.

Porque se só por si he de tal preço,
Que a supprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço.

Bem vejo que em tomar o soffrimento
Para viver, melhor remedio fôra,
Que um tão desordenado atrevimento.

Mas eu, que do viver menos, já agora
Que de todo a livro, pois crescendo
Vão com a vida os males cada hora,

Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura,
Quem pretende fazer o que eu pretendo.

Quizesse, ó oxalá, minha ventura,
Que castigasses vós esta ousadia
Com uma cruel morte triste e dura.

Que não seria morte, mas seria
Hum suave remedio doce e brando
D'este mal, que me mata cada dia.

Até quando, Senhora, e até quando
Terá logar em vós vossa crueza,
E a morte não em mim, que a estou chamando?

Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si transforma com tal cura,
Que já não he amor, mas natureza.

Abrande já huma vida, em que só dura
A alma, porque veja, e exprimente,
Que não têm fim a grão desaventura.

Abrande já huma dôr, que juntamente
A vida penetrou, e a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.

Mostrae-vos poderosa em quem resiste
Em desobedecer, ou enojar vos,
E não já contra quem vos não resiste.

Em quem cuidar que digno foi de amar-vos,
Mostrae vosso poder, pois o merece,
Em mim não, que o não sou tão só de olhar-vos.

Attentae por huma alma, que se esquece
De si, porque em vós pôz sua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfallece.

Nem suspeito que possa haver mudança,
N'hum coração, que mais que a si vos ama.
Dae lhe já morte, ou vida, ou esperança,
Que tudo será gloria por tal dama.

ELEGIA XII

**Traducção dos versos propheticos
da Sibilla Erythrea, que refere Santo Agostinho, 1, 18, c. 23
da Cidade de Deos, nos quaes pelas primeiras letras
se lêem Jesu Christo Filho de Deos e Salvador**

*J*uizo extremo, horrifico e tremendo,
E Juiz sempiterno, alto e celeste,
*S*ignificará a terra, humedecendo.
*V*êr-se-ha n'ella um suor que manifeste
*C*omo em carne vem Deos, para que o veja
*H*omem toda esta machina terreste;
*R*ei justo que dos corpos e almas seja
*J*uiz; e quando o mundo cego e inculto
*S*ôbre espinhos crueis deitado seja,
*T*odos vão simulacro e gentil culto
*O*usará engeitar a gente; e guerra
*F*ará co'o mar o fogo, e cru tumulto.
*I*mmensa luz, que as carnes desenterra,
*L*ançará fóra as portas vãs do Averno,
*H*um Justo e outro alçando á santa terra.
*O*utros, que são os máos, no fogo eterno
*D*eitará, descobrindo-se os segredos,
E sendo claro todo feito interno.

*D*esfeitos serão montes e penedos,
E será tudo pranto e estridor duro;
*O*bras de grande dôr e tristes medos.
*S*erá tornado o sol de todo escuro,
E destruida a machina do mundo,
*S*em luz as luzes todas do Orbe puro;
*A*ltos serão os valles, e em profundo
*L*ugar se abaterão os altos montes;
*V*ibrará mares vento furibundo:
*H*averá só de chammas vivas fontes:
*D*e trombeta tremenda som terribil,
*O*uvido, fará pallidas as frontes.
*R*esponderá dos máos gemido horribil.

ELEGIA XIII

Não porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sei, que em vós fará pouca mudança.

Mas já perdido, triste e magoado
Para remedio tómo escrever dores,
Esperar de vós outro he escusado.

O que não faz amor em meus amores,
O que lagrimas tristes não fizeram,
Bem menos o farão causas menores.

Pois onde as mais tégora se perderam,
Percam-se estas palavras de meu sêr,
Que pouco me doem já, já me doeram.

Sempre d'este meu mal tive suspeita,
Não que de todo em todo me faltasse
Huma esperança vã em fim desfeita,

Fazia-me o desejo que esperasse,
A razão d'outra parte, que temesse,
E de esperanças vãs não confiasse.

Que olhasse, que por ellas não perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que depois em vão me arrependesse.

Amor, que tudo póde, pôde tanto,
Que para vêr o mal em que me vejo.
Me não deu olhos mais que para pranto.

Não curei a razão, segui o desejo,
Outras cousas segui, de qualidade,
Que choro e callo, por não ser sobejo.

Pela vossa neguei minha vontade,
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade;

O que passou depois, não vol-o conto,
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar um tal desconto.

Ah esperanças minhas, já perdidas,
Agora para mais ter que contar,
Soube que fostes vãs, fostes fingidas;

Em que posso, ou que devo hoje esperar,
Onde acharei de novo outros enganos,
Que possam desenganos enganar?

Mas he vento cuidar enganar damnos,
Ó triste, que nem na alma tem alento,
Tem seu remedio só no fim dos annos!

Já não espero vêr contentamento,
Perdi quanto esperei n'huma só hora,
E não perdi em muitas o tormento.

E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vos a vós queixar-me,
Não m'o consente Amor, que na alma mora.

Põe se diante, a fim só de estorvar-me,
Que vos offenderei, mostrando aqui
Que tanta fé pagaes com maltratar-me.

E então este temor deixa-me assi,
Além de magoado, frio, e mudo,
Respondido de quanto escrevi.

Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como se não cuidasse, o que não creio,
Não perder isto, como perdi tudo.

Mas vá-se o medo já, pois que já veiu
O desengano, sem se ter sahida,
Que a certeza podia ter receio.

Agora não me dá perder a vida,
Nem a deve receiar quem a despreza,
Matae-me, se de mim sois offendida.

Senão mate-me já minha tristeza,
Que este só bem me fica, este me val,
Se m'o não estorvar vossa crueza.

Quem se não espantará, vendo-me tal?
Temer que o triste fim, que me ordenastes,
M'o negueis por remedio de meu mal.

Entre silvestres feras vos creastes,
Pois daes por galardão do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.

Quantas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros dava noite e dia,
Se vos não via, e em quanto vos olhava.

Tremia diante vós, ausente ardia,
Abrandava este mal, ter para mim
Que sentia meu fogo essa alma fria.

Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.

Vida para tal vida não vos peço,
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vol-o mereço.

Porque com a côr a lingua se desata,
E com gritos vos chama, e com razão
Sem fé, desamoravel, cruel, ingrata.

Por isso acabae já vossa tenção,
Fartae, Senhora, já vossas cruezas
No sangue d'este triste coração.

Acabae de acabar tantas tristezas,
Pois acabastes já vãs esperanças,
Acabem já tambem minhas firmezas.

Acabe a vida, acabarão lembranças,
Mas tudo está por vós tão acabado,
Como muitas em mim as confianças,
Que tanto me trouxeram enganado.

ELEGIA XIV

Foi-me alegre o viver, já me he pesado,
Que do contentamento que sentia
A' minha custa estou desenganado.

Ao regaço da morte a dôr me guia,
Porém, porque com vida mais me mata,
Dilatando-m'a vae de dia em dia.

Manda-me amor fugir da morte ingrata,
(Pois não soffre limite em vos amar)
Que elle os laços ordena, elle os desata.

Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero vêr; que he seu costume
Ter azas ao fugir, freio ao tornar.

O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificar-se á vossa vista,
No coração me guarda eterno lume.

Com o pensamento os olhos têm conquista,
Pois sempre em vós está, porque os não leva,
Que elle muro não tem, que lhe resista,

Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo não deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva.

Vivei cuidados em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.

Vontade minha, sempre sois captiva,
Meu pensamento, nunca sois mudado,
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.

Suave captiveiro, doce estado,
Brando fogo de amor, que em vós guardaes
A fim de meu desejo retratado.

Nunca n'esta alma a minha, aonde estaes
Falteis, porque então falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito mais.

Senhora, em cujo peito odio e mudança
Lançam fóra o Amor, e sua firmeza,
Que daes esquecimento por lembrança.

Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco présa.

Mostrou-me hum leve bem minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, e a pena dura.

A tanta dôr hum leve sentimento
Nunca em vós pude vêr, quanto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o daes ao vento.

No principio meu fado me foi amigo,
Naveguei pelo mar d'este desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vós, e de maneira,
Que do quanto em vós vi, já nada vejo.
Mostrou-se-me o tormento na primeira
Com rosto alegre, para que o seguisse,
E lancei-me ao seguir n'esta cegueira.
Fortuna, porque quiz que eu o sentisse,
Mostra-se, por mostrar qual dentro era,
Eu choro meu engano, e ella ri-se.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo de desenganar-se,
Que têm breves limites sua espera.
Porém quem ha, que mais queira livrar-se
De tão doce prisão, ou quem deseja
Dos nós d'esses cabellos desatar-se?
Os olhos, a quem as luzes têm inveja,
Que em vós o Amor de amor tendes vencido,
Quem ha que vos não ame, e vos não veja?
Rosto formoso, em quem está esculpido
O mór bem, que se póde vêr na terra,
Quem ha, não queira ser por vós perdido?
Olhae, Senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, e torna as rosas descoradas.
Ireis vêr ao cristal os olhos bellos,
E já os não vereis quaes d'antes eram,
Pois quaes então serão, não queiraes vel-os.
Usae dos bens, que vão como nasceram,
Olhae, que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus desceram,
Mas não descerá nunca meu cuidado.

ELEGIA XV

Nunca hum apetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeituado,
Mas no fim vem mostrar o desengano.

Dureza a causa, e eu desesperado,
Pelo que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado.

Espalhando a voz ao leve vento,
D'elle só consolado, d'elle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento.

Que monte ha, que não tenha já movido,
Que áspera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal não merecido.

Nas duras pedras acha-se brandura,
Falta n'esse cruel humano peito,
Quem viu nunca maior desventura!

Pouco póde em ti amor perfeito,
Quando de hum movimento vive indino,
Que jámais se negou a hum sujeito.

Da ventura, de vós, de meu destino,
Pois todos contra mim são conjurados,
Este valle farei de meu mal dino.

Com elle a noite, e o dia meus cuidados
Passarei em acerba e longa vida
Em queixas, e em suspiros desusados.

Porque sei que serás d'isso servida,
Não deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade ser movida.

Aqui me subirei na mór alteza
Da serra, onde logo contemplada
Será tua perfeição, tua crueza.

A alma em ti só prompta e occupada
Estando de tormento esquivo e duro,
Opprimida será de ti levada.

Discorrendo hum passo, e outro escuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum amor puro.

E vendo aqui tão claro o desengano,
C'os olhos feitos fontes mudará
Logar tão fnfelice, e deshumano.

E o que mór tormento lhe dará
A lembrança de algum contentamento,
Que inda pequeno, magoará.

Fará por divertir o pensamento
D'esta parte tristissima mudando
Huma lembrança cheia de tormento.

Alli algum espaço porfiando,
Tendo por impossivel esquecer-te,
Ficará ao vento vozes dando.

Alli se queixará de conhecerte,
Alli dura, cruel despiedosa
Dirá : Dize, que pódes já mover-te.

Mais que Venus (dirá) dize, formosa,
Quando n'essa belleza pura e rara
Se verá huma hora piedosa.

Alli dirá, cruel, e quem cuidára
De hum espirito tão resplandecente
Tão fera condição, e tão avara.

Alli viverá triste, alli ausente,
O costumado mal por si soffrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o mundo está já conhecendo.

ELEGIA XVI

La sierra fatigando de contino
Los passos vagarosos voy moviendo,
Perdiendo de la vida todo el tino.

De mis suspiros tristes no pudiendo
El alma apartar, el pensamiento
De aquella por quien yo estoy muriendo:

Que aunque la ausencia es grave tormento,
Que te olvide en ello es impossible,
Que con amor no puede apartamento.

Veote con spirito invisible
En el muy vivo tengo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.

Todo lo más alegre triste veo,
El fresco valle, el monte, la espessura,
La clara fonte enoja aun el deseo.

El dia se me buelve en noche escura,
No puede amanecer de dó ausente
Tus claros ojos son, de tu hermosura.

Permitte ya, Señora, que presente,
Do quiera que tu luz es detenida
Sean el alma, y vida juntamente.

En tu servicio alli prompta la vida
Porné en alma sola en contemplar-te,
Aunque me seas siempre endurecida

El mal que hazes dulce en toda parte,
Sabroso es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandar-te.

Que quando una hora venga, que no espero,
Piedosa, y blanda más que las passadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.

Las tristes no seran de mi dexadas,
Que no sabré vivir sin el estado
De penas, tanto tiempo ya provadas.

Hablo como furioso, y transportado,
Pido lo que me es más enojoso,
Holgando de me ver tan olvidado.

Quien fatigado es, no dá reposo,
Que sufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a si se es odioso.

Al tiempo que bolando ya más viene
Mis desusadas bozes encomienda,
Que assi la triste boz en ti detiene.

La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomar em mi, que satisfaga
Lo menos que la quexa en mi te ofienda.

Incurable parece una llaga,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera Amor, que yo jamás deshaga
Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XVII

De peña en peña muevo las passadas,
La tristissima boz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas:

Incierto en el camino que pisando
De un monte esquivo, al otro me encamina,
En medio dél estoy en ty pensando:

Ó rigoroso passo, y quan indigna
El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan digna.

Si el alma aun no es merecedora
Purissima, e perfecta, y que me puede
De esperança quedar en ti Señora?

Mas que puedo querer, Fortuna ruede,
Llevando-me de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no quede.

En mi no vive ya, es transformado
En ti, el triste espirito, que tenia
Di ti sola se quiere ver mirado.

Que aunque en fatigas passe noche y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.

Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho;

Adó me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido.

Dó no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, o nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.

Quien no pusiera estudio, ingenio y arte,
Y quando todo nó, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.

Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera.

Mas no quiere Amor, que la usada
Quexa, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.

Ni tu querrás que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun más fiero,
Ni con tan luenga usança interrompida.

Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea mas duro,
Que el que puedo suffrir, ya no lo quiero.

Pruevase este amor perfecto y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.

Excedes á las fieras en dureza,
Quando se ha visto, en esta pura y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.

De los bienes que puedes dar avara,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensara,
Haze en tu voluntad, como ella ordena,

ELEGIA XVIII

Ao illustre senhor Pedro da Silva

Illustre e nobre Silva descendido
Do grão filho de Anchises valoroso,
Por armas, e por sangue esclarecido;

Que, como forte, ousado e piedoso
A's costas salvou o pae de longos annos,
E o filho pela mão tenro e mimoso.

E os Penates, que tinham os Troyanos.
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeram tantos danos.

Crescendo foi de huma em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra e bondade.

Até chegar á nossa tão ditosa,
Pois n'elle o céo a ti Silva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais formosa.

Aonde o inclito Rei de motu seu,
Movido pelo 'spirito, que o guia
A maiores proezas, que a Theseo;

Pelas partes, que em ti já conhecia,
Ou decreto de cima te escolheu
Por começo do fim que pretendia.

De Capitão de Tanger te proveu
Em tempo que o Maluco assaz valente
O grande Imperio de Africa venceu.

E sendo esta eleição do Rei valente,
Da cega inveja foste mormurado,
Porque ninguem escapou ao maldizente.

Não te negaram seres esforçado,
Mas diziam, que á guerra em tal idade
Servia Capitão exprimentado.

E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo, e forte escudo,
Em quem não possa haver temeridade.

Mas bem ao contrario se viu tudo,
Pois prudencia, e esforço juntamente
Em ti exprimentou o Mouro rudo.

Quando com grão conselho, e pouca gente
Atravessaste os campos africanos,
Como grão Capitão, velho, valente.

E foste a parte, onde os Mauritanos
Não tinham visto lança de Christãos
Havia longos tempos, longos annos.

Tomaste descuidado um Capitão
No tempo, e assi na guerra exprimentado,
Em quem se confiava Tetuão.

Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
Que não só o seu campo defendia,
Mas entrava no nosso confiado;

Este, que toda a grande Barberia
Tinha por mui prudente e animoso,
Agora o tens na tua estrebaria.

Que póde aqui dizer pois o invejoso,
Onde tão claro vê, que n'essa edade
Supre o nobre sangue generoso.

Não te dirá que foi temeridade
Para feito como este tão valente,
Com ter seguro o campo e a cidade.

Nem te póde negar seres prudente,
Pois tempo e conjunção foste escolher
Em que não arriscastes a tua gente.

Mas assi te soubeste recolher
Com grão despojo feito, denso dano,
Sem hum dos que levaste se perder.

O' felice Varão, Silva troyano,
Quem te póde louvar, como venceste,
Pois no dia menor, que tinha o anno
O maior feito em Africa fizeste.

ELEGIA XIX

Entre rusticas serras e fragosas,
Compostas d'asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;

Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca e fria,
Brotando estão de si mil arvoredos;

Huma floresta fez verde e sombria
A natureza experta, que rodeia,
Como elevado muro, a serrania.

N'este formoso sitio se recreia
O lascivo Cupido entre as boninas,
Que sempre hum brando zephiro meneia.

Da candida cecem, das clavellinas,
Da salva, mangerona e das mosquetas,
Das rubicundas flores hyacinthinas,

Muitas capellas tece, que de setas
Lhe servem contra peitos de donzellas,
A quem de inveja traz sempre inquietas.

Não são d'uma só côr as flôres bellas;
Que umas esmalta verde, outras rosado,
Entre as azues crescendo as amarellas.

Dos agrestes loureiros rodeado,
Faz o valle huma sombra deleitosa,
Quando apparece o sol mais levantado.

E por cima da relva bem graciosa
As gottas de crystal quasi imitando
Estão do aljofar puro a luz formosa.

As crystallinas fontes, que brotando
Por entre alvos seixinhos se derivam,
Das arvores os troncos vão banhando.

Entre as limpidas aguas, que inda esquivam
O formoso pastor que se perdeu,
Preso das falsas mostras que o captivam,

Cresce a por cuja causa se esqueceu
A linda Cytherêa de Vulcano,
Quando presa d'Amor se lhe rendeu.

Na brancura do rosto soberano,
Inda as crueis feridas apparecem
Do Javali cerdoso e deshumano.

As rosas que de sangue resplandecem,
As candidas boninas marchetadas,
Qual rôxo esmalte á vista bem se offrecem.

Do matutino orvalho rociadas,
As flôres rutilantes e cheirosas
Estão como por cima prateadas.

Os humidos botões abrindo as rosas,
Que os agudos espinhos vão cercando,
No prado se vêm rindo deliciosas.

A mellifera abelha, sussurrando
Por cima das boninas que rodeia,
Está co'o som das aguas concertando.

Do tremulo regato a branda areia
De jacinthos se cobre e de vieiras,
Que encrespam da corrente a branca veia.

Os alamos se abraçam com as videiras
De sorte, que se enxerga escassamente
Se são os cachos seus, se das parreiras;

E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estão no fundo d'ella brandamente.

Ouve-se o rouxinol aqui, lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Magoas em melodias transformando.

A solitaria rôla com soidade
Desfaz o rouco peito, já cansada
De que não move a morte a piedade.

A domestica Progne anda banhada
No sangue de seus filhos, em vingança
Da triste Philomela profanada.

De competir co'o merlo não descança
O garrulo calhandro, que enrouquece
Por não perder callado a confiança.

Emquanto o pobre ninho ajunta e tece
O sonoro canario, modulando
Engana a grave pena que padece.

Alguns versos se escuta derramando
O vario pintasirgo, tão saudaveis,
Que produzem memorias d'amor brando.

Por os direitos troncos ha notaveis
Epigrammas; alguns d'antigua historia,
Que contra o duro tempo são duraveis.

Huns de cruel tormento, outros de gloria,
Conforme a liberdade do que escreve,
Estranhos casos mostram á memoria.

O que n'este logar contente esteve,
Contente declarou seu pensamento,
E os prazeres tambem que n'elle teve.

Mas outros declarando o sentimento
Que dos olhos destila tristes aguas,
Deixaram mil lembranças de tormento.

Abrazando-se alguns em vivas fraguas,
Escreveram do bosque em muitas partes
Gostos d'Amor agora, agora magoas.

Porque, cruel menino, o premio partes
A quem serás tyranno se lh'o negas,
E injusto e desigual, se lh'o repartes?

Porque enganas as almas que tão cegas
Arrastas apoz ti, de error captivas?
Porque a crueis rigores as entregas?

Para que contra hum peito assi te esquivas,
Que humilde se sujeita a teu cuidado,
Com enganos de sombras fugitivas?

Levas, como a menino, hum pobre a nado,
N'uma apparencia falsa embevecido,
Quando co'os braços corta o mar inchado.

Querendo tornar, vê se perdido;
Já grita que se afoga; e tu zombando,
Da praia entre os penedos escondido!

O triste, que conhece ir-se affogando,
No meio da arriscada zombaria
Por divino soccorro está clamando.

Mas eu de que m'espanto, se dizia
Hum sabio, que d'enganos se temesse
O que tomasse a hum cego tal por guia?

Nunca n'elle a firmeza permanece;
Se nos dá gôsto algum, muda-se logo;
Já chora, já se ri, já s'enfurece.

Anda co'os corações sempre em um jôgo;
Humas vezes os faz de pedra fria,
Outras se faz de neve, outras de fogo.

Tornando ao bosque meu que descrevia,
Despois de ter contado da frescura
Que n'elle tão pomposa apparecia,

Referir quero agora huma aventura
Que n'elle ao vão Narciso aconteceu,
Digna de se chorar com agua pura.

Castigo foi que o moço mereceu
Por se mostrar esquivo com aquella,
Que em viva pedra Juno converteu.

Ardia em fogo d'alma a vã donzella,
Soffrendo hum duro peito; que a Narciso,
Quando ella mais se abraza, mais congela.

E quando a fraca Nympha mais de siso
Mostrava hum signal certo de firmeza,
Então se provocava o moço a riso.

Já d'huma profundissima tristeza
A descora o rigor que a consummia.
Como diz desfavor mal com belleza!

O gelado pastor folgava e ria;
Mas vendo-a de seu gosto andar contente,
Por não a contentar s'entristecia.

He tal o seu rigor, que não consente
Que seja o gosto proprio festejado;
Antes d'isso se mostra descontente.

Mas o cego Cupido, d'affrontado,
Em vingança da fé que desprezou,
Fez que fosse de si mesmo enganado.

Casualmente hum dia se chegou
A beber n'huma fonte crystallina,
Que de si nova sêde lhe causou.

Vendo a sua figura peregrina
Que a fonte dentro em si representava,
Se perdeu por imagem tão divina.

Como já, de enlevado, não cuidava
Nos enganos que a sombra lhe fazia,
Vendo o formoso rosto, suspirava.

Por as avaras aguas se metia;
E quanto mais molhava os tenros braços,
Então mais vivamente o fogo ardia.

Vendo-se assi prender em duros laços,
Ao sentimento obriga a paciencia,
Dando, fóra de si, ao vento abraços.

Embevecido todo n'apparencia,
Sem saber de cuidado o que sentia,
Não fez ao doce engano resistencia.

Ao vêr-se longe mais, mais perto via
O peregrino gesto; e se chegava,
Então para mais longe lhe fugia.

Vendo, emfim, como em tudo o remedava,
Cahiu no torpe engano que tivera,
A tempo que de si já preso estava.

A belleza que a tantas mortes dera,
De si mesma se abraza e se captiva.
Quão longe então de si vêr-se quizera!

Ella se abranda propria; ella se esquiva;
E sendo ella sómente a que se amava,
Ella se chama ingrata e fugitiva.

A formosura, pois, que namorava,
Com tal difficuldade era seguida,
Que estando dentro em si, mui longe estava.

A solitaria Nympha, que escondida
Já nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouviu foi commovida.

Das namoradas magoas que dizia
O namorado moço, ella sómente
Os ultimos accentos repetia.

Elle vendo-se estar alli presente,
As crystallinas aguas accusava
De que ellas o faziam descontente.

Outras vezes á fonte, quando a olhava,
Já cego, e sem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe mostrava.

Mas vendo que ella em nada se doía
De seu grave tormento, grita e chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!

Já lhe pede que saia para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que n'elle proprio mora.

Despois que longo espaço se deteve
N'estes queixumes seus tão lastimosos,
Que com tão longo ser, julgou por breve;

Co'os olhos, bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede e da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.

Entregue na vontade da ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,
Ao centro se arrojou da fonte pura.

D'est'arte feneceu em ternos annos
Narciso, dando exemplo á formosura
De que tema, se he tal, tambem seus danos.

Sentimento mostrou da sorte dura
O namorado Jupiter, mudando
Ao moço em flôr purpurea, que inda dura.

Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por seus amores se perdeu,
Está despois da morte acompanhando.

Tanto no seu engano procedeu,
Que não sabe na morte inda apartar-se
Dos erros que na vida commetteu.

Bem póde o coração desenganar-se,
Que o fogo d'hum querer, n'alma inflammado,
Não costuma na morte resfriar-se.

Porque despois do corpo sepultado,
Prisão onde s'encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuidado.

E das escuras aguas do Cocito
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo gesto n'alma escrito.

Lá se está co'os favores recreando;
E se foi desprezado, lá padece,
As duras esquivanças lamentando.

Nem dos avaros olhos lá se esquece,
Que de formoso verde a terra esmaltam,
Por não vêr os do triste que endoudece.

Assi que os desfavores nunca faltam,
Até despois da morte perseguindo
Hum triste coração que desbaratam.

Triste de quem em vão lhe vae fugindo

ELEGIA XX

Ao pé d'hum'alta faia vi sentado,
N'hum valle deleitoso e bem florido,
A Almeno, pastor triste e namorado.

Outro no mundo póde haver nascido
Mui queixoso de Amor; porém não tanto,
Como este amante, por amar perdido.

Já Venus hia recolhendo o manto
Escuro com que a terra se mostrava,
Para ajudar d'Almeno o triste pranto.

Apollo sobre os montes derramava
Seus dourados cabellos, que faziam
Ao triste inda mais triste do qu'estava.

As flôres por o prado s'estendiam;
E das que finas mais eram as côres,
Brancas, rôxas, as Nymphas mais colhiam.

Já guiavam seus gados os pastores,
Que deixando-os no campo deleitoso,
Com ellas praticavam só d'amores.

Mas era esta alegria hum perigoso
Estado para Almeno entristecido;
E por isso a deixava pressuroso,

Buscando outro lugar: contra Cupido
Claramente exclamava, e o arguia
De contrário, d'astuto e fementido.

De quando em quando a frauta que tangia,
Numeros dava ao ár tão docemente,
Que as aves provocava a melodia.

Cego assi d'esta dôr, d'este accidente,
Com os olhos em lagrimas banhados,
Póstos no céo, dizia tristemente:

Se, Amor, eu te offendi com meus cuidados,
Porque m'os déste tu para offender-te,
Quando livre vivia n'estes prados?

Não vês quanto me negas merecer-te
O bem que me mostravas, se deixasse
Ferir meu coração para soffrer-te?

Qual bem me has dado, Amor, que me durasse?
Ou qual me has promettido, que hajas dado?
Ou qual déste, que muito não custasse?

Mostra-me quem puzesse em tal estado,
Que pudesse viver de ti contente,
Ou quem de ti não fosse lastimado?

Inimigo cruel de toda a gente,
Já não quero teu bem, só meu mal quero;
Se de ti nem meu mal se me consente.

Inda que de teus bens já desespéro,
Não despréźo dos males o tormento;
Antes o prézo mais, quando é mais fero.

Arrebatado d'este pensamento
Hia o triste pastor com um contino
Pranto, que lhe avivava o sentimento.

Quando entrou n'um vergel d'esmalte fino,
Qu'era de Amor plantado; e parecendo
Lhe está menos humano que divino.

N'elle a dôr sua esteve suspendendo:
Porém não, como cervo, está ferido,
Reparo ao mal que leva pretendendo.

Apparecia o sitio tão florído,
Que provocava a não vulgar espanto,
Entre uns altos ulmeiros escondido.

D'um crystallino orvalho tinha o manto,
Quando entrou n'elle o misero pastor,
E as tenções explicou n'este seu canto:

Ó bellas *rosas*, vós que sois amor,
He por dita humildade, ou he baixeza,
O ter a par de vós *murta*, que he dôr?

Papoulas conversaes, que são tristeza!
Não desprezaes o *cardo*, que é tormento!
Admittis a *hortelã*, sendo crueza!

Dos *goivos* longe vejo o sentimento;
Dos *jasmins* perto estou vendo o perigo;
Do *malmequeres* vejo o soffrimento.

D'este me temerei como inimigo;
Mas traz por armas *salva*, que é razão:
Com ella acabará tambem commigo.

As minhas vem a ser uma affeição,
Que são os puros *cravos* misturados
Co'a vontade sujeita, que he *limão*.

Ai *mosquetas*, que sois d'amor cuidados!
Ai crespa *manjerona*, que és prazer!
Vós sós devieis adornar os prados.

Não podem dous oppostos juntos ser:
Onde se pòe *giesta*, que he lembrança,
Junto do *rosmaninho*, que he 'squecer?

Bem peza do leve *álamo* a mudança;
Do ròxo *goivo* anima o pensamento
Do *cypreste* odorifero a esperança.

O *trevo*, que he sentido apartamento,
Cérca o *mangericão*, que se interpreta
Memoria a quem offende o esquecimento.

Mais importuna que o jardim de Creta,
A ameixieira a flôr está soltando:
A segurelha vejo, que é discreta.

As hervas que d'aqui irei tomando,
São a pura *cecem*, que he saudade;
Cravos, medo de vêr qual de amor ando.

E, de ter mui perdida a liberdade,
Tomarei *madresylva* entendimento;
Legacão tomarei, porqu'he verdade.
Marmeleiro me dá arrependimento;
Por a *salva*, que he gôsto, tomarei
Coentro opposto ao meu contentamento.
Conhecimento firme nunca achei,
Que *violetas* são; e, quando o houvera,
Qual meu damno então fôra, bem o sei.
Oh quem, herva *cidreira*, oh quem pudera
Vêr-vos aqui menor, pois sois victória,
Que de mi alcançou chamma severa!
Mas se quereis que tenha alguma glória,
Por galardão d'amar e ser sujeito,
Perderei de tormentos a memoria.
Porém, pois m'o negaes, de todo engeito
A *palma*, qu'he ventura; e na *parreira*,
Qu'he 'sperança perdida, me deleito.
Entretanto co'a flôr da *laranjeira*,
Qu'he desafio duro e arriscado,
Posso arguir da hora derradeira.
Já não se quer deter o meu cuidado
Com a *romã* descanso: a brevidade
Das maravilhas só tem desejado.
E vós, ovelhas minhas, sem piedade
Vos apartae de mi, se algum desejo
Tendes de ter do pasto mais vontade.
Se muita de me vêrdes em vós vejo,
Toda a minha de vêr-vos hei perdido
A' força do poder d'amor sobejo.
Lograe do Tejo o placido ruido;
Sós lograe estas veigas florecidas:
Pois se perde o pastor vosso querido,
Não gosteis de com elle ser perdidas.

ELEGIA XXI

Belisa, unico bem d'esta alma triste,
Descanso singular de minha vida,
Throno d'onde o poder d'amor consiste;

Formosa fera, a quem está rendida
D'amor a que he mais livre liberdade,
Ganhada mais, se mais por ti perdida;

Quão contrário parece na beldade,
Que os corações captiva com brandura,
Alguma nódoa haver de crueldade!

Quão contrário parece em formosura,
Que deixa muito atraz quanto he humano,
Esquiva condição, ou alma dura!

Quão mal parece em quem só co'hum engano
Póde dar vida ao coração sujeito,
Dar-lhe, em logar de vida, um mortal damno!

Quão mal parece que um amor perfeito
Não seja d'outro igual remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeito!

Quão mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti soffre e tem soffrido,
Devendo estar de penas alliviado!

Porém peór parece quem rendido
Não fôr a um parecer que tudo rende,
Por mais qu'em seu rigor viva offendido.

E inda peór parece quem defende
O ser essa belleza sempre amada,
Por mais qu'em vão se canse o que a pretende.

Se quem te mostra amor te desagrada,
Só pódes pretender o não ser vista,
Mas não despois de vista o ser deixada.

Quão mal sabe o valor de tua vista
Quem cuida o que d'ella acaso alcança
Póde achar coração que lhe resista!

Quão bem pareceria huma esperança
Já concedida a meu amor ardente,
Não sempre uma mortal desconfiança!

Se hum padecer por ti constantemente
Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
Inda esperar pudera o ser contente

Mas eu temo que aquella immensa chamma
Com que a teu bello imperio me levaste,
Te enfrie tanto a ti, quanto m'inflamma.

Se a olympica belleza assi imitaste,
Que brandamente move hum amor puro,
Porque tão dura condição tomaste?

Qual elevado, qual soberbo muro
Este mal, que m'occupa o pensamento,
Contado, não tornára menos duro?

Tu, qu'és a causa só de meu tormento,
Tu, que sómente pódes gloriar-me,
Queres que as minhas queixas leve o vento?

Tu que me pagarias com matar-me,
Inda a morte me negas vezes tantas?
Ai, que me deras vida em morte dar-me!

Usa piedade, tu, que o mundo espantas
Co'os bellos olhos, com que o douras tanto,
Se acaso a vêl-o brandos os levantas.

Estende-se na terra o negro manto,
E á noute dá alegria a luz alheia;
Mas nos meus olhos tristes dura o pranto.

Torna a manhã despois alegre e cheia
Da luz que o chôro enxuga á bella aurora;
Mas do meu chôro nunca enxuga a veia.

Lagrimas já não são qu'esta alma chóra,
Mas amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos salta fóra.

Como inda a morte quer que mais aguarde?
Não tarda já, mas corra a mal tão fero;
Mas já por mais que corra virá tarde.

Nem no supremo trance de ti 'spero
Qu'inda com vêr o estado em que me nas pôsto
Queiras, crua, entender quanto te quero.

Ai! se volveres esse bello rosto
Ao logar triste em que morrer me vires,
Não por desgosto teu, mas por teu gosto,

Não quero de ti, não, que alli suspires,
Nem que de dar-me a morte te arrependas,
Mas que os olhos de vêr-me então não tires.

Assi nunca pastor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas!

Como já agora não te satisfazes
Das penas d'este amor, que por querer-te,
De teu merecimento são capazes?

Pois quem com outro merito render-te
Presume, (oh raro monstro de belleza!)
Muito mais longe está de merecer-te.

Este si, que merece a grã crueza
Com que tu d'acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se preza.

Se cuidas que com isto desbaratas
O meu constante amor, porque não viva,
Elle mais vive quando mais me matas.

Se o dar-me a morte tens por glória altiva,
Eu m'inclino a que mates; tu t'inclina
A matar mais de branda que d'esquiva.

S'esta alma tua julgas por indina
D'aquelle grande bem qu'em ti s'esconde,
Do descoberto mal faze a dina.

Onde (ai !) voz acharei que baste, (ai !) onde,
A poder reduzir-te a ser piedosa ?
Ou m'acaba de todo, ou me responde.

Mas por mais que te mostres rigorosa,
Deixar meu pensamento m'he impossivel,
Igualmente que a ti não ser formosa.

E por mais qu'esta dôr seja terrivel,
Sómente o contemplar a causa d'ella,
Inda que a faz maior, a faz soffrivel.

Porém chegando a não poder soffrêl-a,
Perdendo a vida; quando a morte chame,
Não perderei o gôsto de perdêl-a.

He justo qu'eu por ti mil mortes ame:
Mas vê tu se te illustra, quando offensa
Minha mortal o teu valor se chame.

Bem vês que uma beldade tão immensa
De vencer-me tem glória bem pequena.
Pois só render-me tomo por defensa.

Mas já que amor tão puro me condena,
Contente fico assaz d'esta victoria;
Que não mo dão meus males tanta pena,
Quanto o serem por ti me dá de glória.

ELEGIA XXII

A vida me aborrece, a morte quero:
Será eterno o meu mal, segundo entendo,
Pois na mór esperança desespéro.

Sem viver vivo, por morrer vivendo
Por não vêrdes, Senhora, como eu vejo,
Quanto de mi por vós me ando esquecendo.

Seja-me agradecido este desejo;
Ingrata não sejaes a quem vos ama
Com puro e honestissimo despejo.

A culpa que me pondes, ponde-a á fama,
Que pregôa de vós celeste vida
Que os corações d'amor divino inflamma.

Humana, quando não agradecida,
Vos mostrae ao mal meu, que me faz vosso,
Antes que a alma do corpo se despida.

Mas que posso eu fazer, pois já não posso
Hum tormento domar tão forte e duro,
Homem formado só de carne e de osso?

Em minha fé segura me asseguro;
Porqu'esta, quando he grande, jámais erra,
Se resultar d'amor sincero e puro.

Essa beldade santa me faz guerra;
Por ella hei de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura serra.

Que cousa tenho eu já que minha seja?
Quem não deseja a vossa formosura,
Não póde assegurar que o Céo deseja.

De qu'eu sempre a deseje estae segura:
N'este desejo meu nunca mudança
Hão de vêr as mudanças da ventura.

A vida tenho posta na balança
Da glória singular, do damno esquivo;
Que o perdêl-a por vós he mór bonança.

Se vos offendo, cuido que não vivo:
Olhae se muito mais que de offender-vos,
Das esperanças do viver me privo.

O que temo sómente he só perder-vos:
O que quero sómente he só adorar-vos;
O que sómente adoro he só querer-vos.

Querer-vos sem deixar de venerar-vos;
Desejar-vos sómente por servir-vos;
Por servir a amor vil não desejar-vos:

Sómente vêr-vos, e sómente ouvir-vos
Pretendo; e pois sómente isto pretendo,
Deveis a estes sentidos permittir-vos.

Isto sómente, (oh cego!) estou dizendo,
Como se fôra pouco isto sómente!
Que mais que ouvir-vos ha? qu'estar-vos vendo?

Se o não merece o meu amor decente;
Se morte por amar-vos se merece,
Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.

Se vos aggrava a quem por vós padece;
Se vos vem a offender quem vos quer tanto,
Quem d'esta sorte errou não desmerece.

Que quando os olhos da razão levanto
Ao céo d'essa rarissima belleza,
De não morrer por ella só m'espanto.

Deixae-me contentar d'esta tristeza,
E fazer de meus olhos largo rio;
Se algum póde abrandar vossa dureza.

Correndo sempre as lagrimas em fio,
Farei crescer as hervas por os prados,
Pois já d'outra alegria desconfio.

No monte darei pasto a meus cuidados;
E serão de mi sempre entre os pastores
Esses divinos olhos celebrados.

Aprenderão de mi os amadores
Aquillo que se chama amor sublime,
Ouvindo o rigor vosso, e minhas dôres.

E nenhum haverá que a pena estime
Mais soberana por a causa d'ella,
Que a que teve até então não desestime;
E qu'inveja não mostre á minha estrella.

ELEGIA XXIII

A Aonio que de amor solto fugia,
A bella Galatea em vão chamava:
E Aonio, Aonio, o ecco respondia.

E agora comsigo só fallava,
Ora co'mar, ora co'a triste sorte,
Ora co'o Tejo onde chorando estava.

Pois não me ouve Aonio em mal tão forte,
Ouvi ondas que imitam por piedade
A causa porque estou chorando a morte.

Que a troco de amor puro, e de verdade
(Quem haverá no mundo que isto crea?)
Me deixa em pranto, e triste saudade.

Dizia-me, ó cruel, minha Galatea,
Primeiro que eu deixe o vosso Tejo,
Tornará atraz co'o curso a rica arêa.

Mas ai triste de mim, que ainda vejo
Como de antes levar ao Oceano
E a ti não, que he só o que desejo!

Se com quem te deu a alma usaste engano,
Ingrato, quem espera de ti já agora,
Tirar nunca senão vergonha e dano?

Vas te cruel da patria . fóra
Por esse mar entregue ao fero vento,
Fugindo de quem te ama, e quem te adora?

E deixas assi só... isento
Esta pura corrente, este tranquillo
E socegado porto ao fresco vento?

Onde move hum som com suave estyllo
Sem sobresaltos da aurora peregrina
A vontade de quem quer cá ouvil-o.

E se a rogos mortaes o céo se inclina,
Peço-lhe que o mar te trague e ponha espanto,
Vingando-me da fé falsa e malina.

Porque a ninguem tão puro, honesto e santo
Amor deixar não queira, antes procure
Louval-o com suave e amoroso canto.

Porque não haja alguem que se assegure
A buscar por o mar injusto e fero,
Empregos em que a vida se aventura.

Mas, sem ventura ai! para que quero
A morte vêr d'aquelle ingrato, e duro,
Se d'elle já ter bem não espero?

Seja-lhe sempre o céo sereno e puro,
O mar, o vento brando, a sorte amiga,
O porto que tomar firme e seguro.

Para que nunca mais alguem não diga
Que minhas cousas foram causa, ou parte
De ser-lhe irado o céo, fortuna imiga.

Ó quam suave tu em toda parte
Possas correr co'o céo doce e brando,
Levaste este que me leva a melhor parte.

Que eu por a sombra, por a luz passando
Ficarei sempre em minha dura sorte,
Sem descançar hum'hora suspirando;
Ou veja a Aonio, ou veja a dura morte.

ELEGIA XXIV

Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos,
Que nenhum desfavor me dá tormento,
Que me não dê maior gloria merecer-vos.

Não quero para meu contentamento
Senão meus olhos, pois vos veem, Senhora,
E a vossas cruezas soffrimento.

Ditoso o dia foi, ditosa a hora
Que alcançarei vêr vossa gentileza,
Cujo mal não soffrer, mais mal me fôra

Sinto com vos servir tanta estranheza,
Sinto voar tão alto o pensamento,
Que todo o outro bem julgo baixeza.

E por experimentar meu soffrimento
Vos mostraes contra mim endurecida,
Oh! que doce paixão, doce tormento.

Se vossa condição desconhecida
Me não quer dar o fim pera mór dano,
Oh! que doce morrer, que doce vida.

E se de seu favor me sinto ufano
Quando de meu mal culpada se acha,
Oh! que doce enganar, que doce engano.

E se em querer-vos tanto ponho tacha,
Mostrando refrear meu pensamento
Oh! que doce fingir, que doce cacha.

Assim que ponho já no soffrimento
A parte principal da minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.

Se sinto tanto bem, só na memoria
De vos vêr triumphar por vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a victória?

Se tanto vossa vista mais namoro
Quanto sou menos para merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?

Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?

Se em proveito faz qualquer partido
Só na vista de huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?

Se meus baixos 'spiritos de pequenos
Ainda não merecem d'alcançar-vos,
Que quero eu mais, que o mais não seja o menos?

Fico emfim satisfeito em desejar-vos
E se n'isto tal bem tenho alcançado,
Quem póde tanto que podesse amar-vos,
Bem poderia ser de vós amado.

ELEGIA XXV

De Sexta feira de Endoenças

Divino almo pastor, Delio dourado,
A quem de Amphrisio já viram os prados
Guardar fermoso, rico e branco gado;

Aos quaes adormentavas enlevados
No doce som da lyra, e alternando
Com versos e cantares namorados.

E as Nymphas e pastores ensinando
O caminho de Cipro e dos amores,
As ondas, feras e aves enlevando.

O' formosura e honra dos pastores,
Que d'um a outro polo do horisonte
A natureza pintas de mil côres.

O' pae das nove Irmãs, senhor da Fonte,
A quem as ondas cedem de Lethêo,
Pósta no mais excelso e sacro monte;

Porque causa, me dize almo Timbreo,
O céo resplandecente hoje cobriste
De tão mal assombrado e negro véo?

Se lembranças te fazem, Phebo, triste,
De Daphne para ti tão fera e crua,
A quem com tal vontade já seguiste;

Tambem te lembrará como por tua
Causa foi transformada em verde rama,
Por não se vêr da roupa casta nua.

Por d'onde aquella dôr e aquella chamma
No insensato corpo diffundida,
Nenhum vigor nem força já derrama.

Pois tu da praia Hesperia esclarecida
Adonde Thetis, Xanto e Gallatêa
A teus cavallos vêm tirar a brida;

E a fermosa Clio e Panopêa
Com Doris sobre as ondas levantadas
Te vêm a receber com boa estrêa.

Ainda estás áquem duas jornadas,
E no outro hemispherio a noute escura
Tem as nocturnas sombras encerradas.

S'acaso a caida e má ventura
De Phaeton te lembra, cuja morte,
Te deu sempre jámais tanta tristura;

O não teres tu culpa te conforte,
Que o moço de soberbo não podia
Cair em menos miseravel sorte.

Mas vós, castas Irmãs, que noute e dia
Cantaes em versos Elcyos o choro,
Com o candido Cisne em companhia;

Unidas todas alli vinde em coro,
Hum padre consolae tão descontente,
Em modulo cantar doce e canoro.

S'a dôr que manifesta e mostra a gente
D'esta causa procede, mas parece
Que outra pena maior he a que sente.

Pois a prenhada terra brota e crece,
De mil flôres enchendo os verdes prados,
E tarda bem o tempo que anoutece.

Eolo nas montanhas encerrados,
Os crueis ventos tem mais furiosos,
De mil prisões de ferros carregados.

Só Zephiro e Phavonio d'amorosos
Spiritos cheo brandamente aspira
Por estes valles verdes e formosos.

Clais formosa por amor suspira,
E Flora em companhia d'alvorada,
Que agora o seu veneno tem mais ira.

Pois tu no Touro fazes a morada,
Deixando Aquario e Piscis de mau brio
Com Venus antre os cornos assentada.

O qual metteu Europa no mar frio,
Assim que bem olhado e bem sentido
Triumphas do inverno e sêcco estio.

Se mortal rogo foi jámais ouvido,
Delio immortal de ti, se n'algu'a hora
A' piedade foste commovido,

Dize-me porque causa o mundo chóra,
Mostrando taes signaes e tal tristura,
Escondendo a rosada e fresca aurora?

Que segundo os segredos da natura
Nos mostram claramente os elementos,
O mundo não será de muita dura.

Vejo o furor do mar e bravos ventos,
Das estrellas e signos e planetas
De seus logares fóra e firmamentos.

Vejo coriscos, raios e cometas,
Relampagos e trovões mui accendidos
Sahir por differentes e altas metas.

E nos mais altos montes e subidos
De Pellio, Emo, Ossa, Pindo, Atlante,
Os robustos carvalhos destruidos.

Quer por ventura algum novo gigante
Subir por estes ao firmamento
E derrubar a Jupiter possante?

O qual movido de suberbo intento,
Qual os de Phlegra que são já passados
Em pago de tamanho atrevimento?

Os eixos dos dous orbes ordenados
A sustentar a maquina mundana
Parecem já desfeitos e quebrados.

Ó mente baxa de materia humana,
Cega no bem e vista na maldade
Que tão soberba vás e tão ufana,

Que vás buscando a fonte da verdade,
E cega-te a mentira de maneira
Que não vês palmo já de claridade;

Põe os olhos da fé pura e sincera
Nas altas cimas do Calvario monte,
Por onde irás á gloria verdadeira.

Verás a crystallina e clara fonte
Da vida pura posta em hum madeiro
Por te livrar da barca de Acheronte.

O' verdadeira luz, justo cordeiro,
Jesus benigno, manso e piadoso,
Filho do Padre eterno e verdadeiro

Que causa te moveu, Rei poderoso,
Tão escondida lá na mente eterna,
A padecer fim tão deshonroso;

E deixares a mais alta e mais superna
Cadeira e vida pela mais escura
De quantas a mortal fama governa?

Se te moveu, Senhor, esta feitura
A' morte condenada eternamente
Por a lei quebrantada de natura;

Lembra-te quão malvada e má semente
He esta a quem te dás crucificado,
Que sempre te tem pago ingratamente.

O' mundo ingrato, cego, descuidado,
Cheo de falsidades enganosas,
Em peccados e vicios occupado,

Que não derramas lagrimas chorosas
Em tanta quantidade que pareça
Mostrar siquer entranhas amorosas.

Tu, mar, que não levantas a cabeça
Por tornar a cubrir o que cubriste
Para que tudo acabe e que pereça.

Vós, ventos, a quem nada emfim resiste,
Que não transtornaes tudo em desconcerto,
Tu, dura terra, por que não te abriste.

Vós, plantas, feras e aves do deserto,
Que não choraes, pois chora a natureza
Vendo-se posta em tamanho aperto.

Vós, altos céos, de lá da mór alteza,
Bem sei quanto sentis a Divindade
Em tal miseria pósta e tal baxeza.

Pois vêdes o Senhor da magestade,
Que vos creou de nada, submettido
Por amor puro, aos pés da humildade.

Senhor, que amor foi este tão crescido
Que tão dobradas forças faz singelas,
Só tão alto, baixo e abatido.

O' preciosas chagas roxas, bellas
Luminarias da noute tenebrosa,
De toda luz privada das estrellas.

O' Cruz bemdita, cara, preciosa,
Contempla bem o passo que te deram
O' corôa d'espinhos amargosa.

Vós, santos cravos, quando vos metteram
A' força de martello, logo á ora
As serpentes e dragos s'esconderam.

O coração, ó alma, que não chora
Vendo-te, Redemptor, com tantas dores,
Em pedra viva de diamante mora.

Que não contemplaes isto peccadores,
E derramaes mil lagrimas no dia
Vendo o Senhor tão triste dos senhores.

Tu, Virgem pura, santa Ave Maria
Cheia de graça, esposa, filha e madre
Mais formosa que o sol ao meio dia,

Que vás buscando ao esposo, filho e padre,
Qual cordeira perdida da manada
Sem guarda de pastor, nem cão que ladre;

Vae rainha dos Anjos mui amada
E preciosa pedra diamantina,
De perfeições e graças esmaltada;

Vae estrella do mar, vae luz divina
Escolhida do céo, vae cordeirinha,
Branca açucena e rosa matutina;

Vae caminho da gloria, vae pombinha
Branca, sem fel, bemdita antre as mulheres,
Vae mãe da lei da graça, vae asinha

Ao monte Calvario, se vêr queres
Ao teu precioso filho antes de morto,
Desconsolada vae, vae, não esperes.

Ao qual acharás bem sem conforto,
Posto na Cruz por partes mil chagado,
Para nos dar socegado e manso porto.

Escarnecido, só, desemparado
Antre dous malfeitores condenados
De phariseus e armas rodeado.

O' duros corações desatinados,
Cegos, malditos, torpes de má casta,
Lobos, no sangue justo encarniçados,

Dizei que Tigre hircano ou que Cerasta,
Q'Aspe, Basilisco, ou que Dipsarta,
Das quaes a quente Lybia he chea e basta;

Que Thracia, Grecia, Colchos, Scythia, Sparta
Ou que barbara gente crua e fera
De tragicos insultos nunca farta,

Humana não deixára e não perdera
A crueldade toda, se te vira,
Jesus benigno, posto na Cruz vera.

Mas vós crueis, perversos, cheos de ira,
Com riso e escarneo, riso tudo mixto
Estaes asidos todos na mentira;

Dizendo em alta voz: Se tu és Christo,
Desce-te d'essa Cruz em que estás posto;
Não bastando os milagres que haveis visto.

E tu, Senhor, metido em tal desgosto,
Estás soffrendo penas tão estranhas
Com humilde, sereno e manso rosto.

O' algozes ingratos de más manhas,
De troncos e penedos produzidos
Nas mais altas e asperas montanhas!

Que não vos humilhaes, dizei perdidos,
E não pedis perdão do que vos toca,
Que segundo he meu Deos, sereis ouvidos.

Pois elle com humilde rogo invoca
Ao padre por vós benignamente,
Deitando o fel e sangue pela boca;

Dizendo: Padre meu Omnipotente
Pedir-te quero, antes que me acabem:
Que tudo isto perdoeis a esta gente;

Pois o que fazem, certo não no sabem.
O' palavras altissimas, celestes,
Nas quaes secretos e misterios cabem:

Mas vós, malditos, como não soubestes
Senão idolatrar como gentios,
Nenhuma cousa d'estas conhecestes.

Que sempre caminhastes por desvios,
Deixando a lei de Deos sagrada e pura,
Desterrados por montes, selvas, rios.

Quem cuidará, Senhor, na tua brandura,
Misericordia grande e piedade
Que excede sêr e ordem de natura.

Por mais duro que seja na maldade,
Que não derrame sempre noite e dia
Lagrimas, qual um rio em quantidade.

Leitor, que lendo vás esta Elegia,
Quero-te perguntar d'amor vencido
Se contemplando lá na phantesia

Alguma vez, acaso no sentido,
Vendo raiar o sol na mór altura,
De rubicundos raios accendido;

E depois que se põe a formosura
De diversas estrellas espalhadas,
Quando Hechate cobre a terra dura;

E as ondas do mar bravo salgadas
Tão sugeitas n'hum ser sem s'espalharem,
Nem de rios ou chuva acrescentadas,

Os quaes cursando sempre sem faltarem,
Digo de muitos que ha hi que são famosos,
Que correm sempre sem jámais pararem;

Se ver os campos verdes deleitosos,
Qual formoso pavão, feras e aves
Nos apartados bosques mais sombrosos;

As quaes com cantos doces e suaves
Saudam a manhã mui prasenteiras,
Com passos ora agudos, ora graves;

Se ver os ritos, vidas e maneiras
Tão diversos, que ha hi por nosso dano
Nas apartadas gentes estrangeiras;

Se ver tanta mudança n'hum só anno,
Escuro, claro, chuva, frio e calma,
E tudo para prol do bem humano,

Contemplaste lá dentro na tu'alma,
Por ventura algum dia separado
Da pesada mortal terreste salma,

Em tantas criaturas que ha creado
O Creador do mundo Padre eterno,
No alto céo com os olhos enlevado.

E n'este pensamento tão superno
Com tão ligeiras azas despresando
A trabalhosa vida d'este inferno;

Pois olha peccador que vás nadando
Nas procellosas ondas d'este mundo,
Nos misterios divinos contemplando.

E verás o mais alto sem segundo
Posto na vera Cruz, no monte santo,
Por te livrar do lago mui profundo.

Não, aquelle que lá te punha espanto,
Fabricado na mente que sempre erra,
Coberto de mortal e cego manto,

Mas o proprio que fez o céo e a terra,
E tantas maravilhas que cá vemos,
Afóra as outras que comsigo encerra.

Dizei, dizei mortaes, que lhe daremos,
Por mais que o amemos ou sirvamos,
Que a mais pequena parte lhe paguemos.

Este domingo atrás nos alegrámos,
Senhor, com festas, danças, e alegrias
Dando-te capas e olorosos ramos;

Agora por cumprir as prophecias
Pelos prophetas santos declaradas,
Te vemos morto dentro em cinco dias.

Com as carnes feridas e chagadas,
De mil açoutes cheo, arrepelado
De couces, empurrões e bofetadas.

Estás, Jesus benigno, qual no prado
O lyrio branco fica descomposto,
Do homicida ferro derrubado;

Ou qual o sol se mostra antes de posto
De côres tristes, ou qual branca rosa
De frio trespassada em mez d'agosto;

Ou qual cisne na ribeira umbrosa,
Que presago do fim brando enternece
A circumstante selva em vós melosa.

Senhor, com cuidar isto se entristece
A minha alma de modo, e meu sentido,
Que do seu proprio alento desfallece.

Contemplo-te meu Deos na Cruz sobido,
E vejo-te com os olhos verdadeiros
Cercado de mil anjos e servido;

Os quaes voando leves e ligeiros,
Qual enxame d'abelhas pressurosas,
Trabalham por curar os teus marteiros:

Huns cobrem com unguentos olorosos,
E outros com vasos de poção divina,
Os teus sagrados membros preciosos.

Outro com agua pura e cristalina
Está lavando as chagas, e outros prestes
Acodem com toalha rica e fina.

Outros parecem antre todos estes
Com calices do Novo Testamento,
Tomando as gotas de liquor celeste.

Outros batendo as azas sempre ao vento,
Parece que trabalham quanto pódem
Por te tornar a dar vital alento.

Outros de novo pelo ár acodem,
E outros feitos bizarros soldados
Com espadas na mão, postos em ordem,

Querem ir commetter mui denodados
Aquella gente torpe endiabrada;
Mas tu, Senhor, os tens só refreados.

Vendo quão pouco ganham na jornada,
Por que se tu quizeras d'hum aceno,
Só Pedro os destruira sem espada.

Recebe pão de vida, este pequeno
Sacrificio de mim, á sombra escripto
D'hum alto freixo d'este valle ameno.

E dá-me tanta graça e tanto esprito,
Para que sempre louve, qual espero,
O teu saber profundo e infinito.

Tomara ser Virgilio ou ser Homero,
Sómente no saber que foi divino,
Que ser que elles foram não n'o quero,

Pera poder cantar ó Rei benino,
Em puro choro as chagas que te vejo
A dor das quaes provoca a desatino:

Mas já que vêr não posso este desejo,
O qual tomára só para louvar te
Meu Deos, de dar-te pouco não me pejo;

Porque eu para dar mais, sou pouca parte.

ELEGIA XXVI

A Dom Alvaro da Silveira, que mataram na India

Eu só perdi o verdadeiro amigo,
Eu só hei de viver n'esta saudade,
Sabe Deos a tristeza com que o digo.

O meu Silveira era huma vontade,
Hum amor, hum desejo, hum querer,
Ambos um coração, e huma amisade.

Não tenho já razão de vos fazer
Meus castellos de vento sobre o mar,
Que cousa ha hi já no Gange para ver?

Que cousa n'elle ha que desejar?
Foi-se d'aquesta vida o meu Silveira,
Tudo o bom na outra se ha-de achar.

Que espada nas batalhas foi primeira,
Ou qual entre os imigos mais prezada,
Ou qual se achou mais na derradeira?

E ora de seus soldados ajudada
Fôra d'elles huma hora mais seguida,
Fôra d'elles melhor acompanhada.

Que aquella Ilha d'elles tão temida,
Elle a tinha já em tal estreiteza
Que durar não pudera hum'hora em vida.

Mas gentes que não têm de natureza
Esforço, espirito, sangue e condição,
O seu natural he mostrar fraqueza.

Deixam morrer seu proprio Capitão,
Deixam perder as forças que os sostem,
E tudo lhes consente o coração.

Não tratam da gloria d'este bem,
D'este viver na fama sempre e vida,
O que lhe dizem d'isto não o creem.

Quem a victoria viu mais conhecida,
A não se ver dos seus desemparado
Qual esteve mais certa ou mais subida!

Com que saber o porto foi tomado
A' gente do Barem que o defendia,
Com que esforço foi tudo começado?

Que temor nos imigos já se via,
Que victoria tão clara aquella estava,
Que cousa aquelle espirito não faria?

Que receio já n'elles se enxergava,
Que deram pelas vidas se quizera
Aquelle que tirar-lh'as desejava?

Mas que ouro, que preço então podera
Fazer tornar atrás tanta ousadia,
Ou quem fôra que aquisto commettera?

Quem se atrevera ahi, quem ousaria
Com os thesouros de Crasso acommetter,
A quem só honra e fama pertendia?

Forçado n'este caso se ha-de crêr
Que o coração lhe não dava logar
A mais que n'aquisto podia ter.

Por onde quiz por obra começar
Aquella crua peleja receando,
Concertos que a soem desviar.

A presteza da cousa está mostrando
A vontade que tinha e o desejo
De se vêr já na patria pelejando.

Aquella hora, momento, aquelle ensejo
Quantas vezes alli desejaria
Verem-no pelejar Nymphas do Tejo.

Que vezes por ellas chamaria,
Com que esforço seria esta lembrança,
Quantas vezes a alguma invocaria.

Com que graça e arte e confiança
Se parte na praia dos primeiros,
Quão longe de fazer atrás mudança.

Aquestes bons espiritos verdadeiros,
De que não digo o terço do que callo
Que desprezar fazia dos frecheiros;

Que longe de poderem enfadal-o
Aquelles insoffriveis alaridos
D'aquella gente iniqua de cavallo.

Rodeado de mortos e feridos,
Que aquelle forte braço derribava,
Sendo os seus ás náos já recolhidos.

Deu a alma a quem a desejava,
Com tanto gosto e contentamento
Que de tal esforço se esperava.

Ó bom desastre alegre esquecimento,
Por vós o meu Silveira está na gloria,
Por vós lá lhe repousa o pensamento;

Por vós eternamente na memoria
Correrá a este caso seu louvor.
De que se póde fazer larga historia,
Quem a vida sacrificou do Redemptor.

ELEGIA XXVII

Quem poderá passar tão triste vida,
Quem não espera já contentamento
Senão quando de todo fôr perdida.

Quem poderá soffrer tão gran tormento,
Tão aspero, cruel, tão duro e forte,
Quem morta a esperança e soffrimento;

Quem póde imaginar tão dura sorte,
Que faz crescer o mal continuamente,
E por não dar remedio não dá a morte.

Quem ha emfim tão triste e descontente
Que sempre ande o passado imaginando,
E em aborrecimento do presente.

Se lá onde tu estás vês qual ando,
Senhora, e o nosso amor inda lá dura,
Bem creio que meu mal estás chorando.

Que faltando me a tua formosura
E a tua alegre e doce companhia,
Bem vês qual será minha desventura.

Tudo já me entristece, a noute e o dia,
E o que mais me atormenta he a lembrança
Do bem que n'outro tempo possuia.

Já perdi de cobral-o a confiança,
E com isto perdi de ser contente,
Quamanho mal he a falta de esperança!

Se lá n'essa outra vida se consente
Sentir-se o mal que cá se anda passando,
Senhora minha, o meu não vos atormente.

Porque segundo me elle vae tratando
E o desejo de vêr-te da outra parte
Já para ti me vae encaminhando.

Perto me vejo já de hir a buscar-te,
Entretanto te baste esta certeza,
Porque a mim só me basta contemplar-te.

Alli se acabará nossa tristeza,
Amor acabará de atormentar-nos
Não terá alli logar sua crueza;
Mas tel-o-hemos nós para alegrar-nos.

EGLOGAS

EGLOGA I

**Á morte de D. Antonio de Noronha, que morreu em Africa
e á morte de D. João III de Portugal
e de D. João, pae de el-rei Dom Sebastião.**

INTERLOCUTORES

UMBRANO, FRONDELIO, AONIA

Que grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas várias e insperadas!
Hum dia a outro dia vae trazendo
Por suas mesmas horas já ordenadas;
Mas quão conformes são na quantidade,
Tão differentes são na qualidade.

Eu vi já d'este campo as varias flôres
A's estrellas do céo fazendo inveja;
Adornados andar vi os pastores
De quanto por o mundo se deseja;
E vi co'o campo competir nas côres
Os trajes, de obra tanta e tão sabeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mais rica sobejava.

E vi perder seu preço ás brancas rosas,
E quasi escurecer-se o claro dia
Diante de humas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunca engrandecia.
As pastoras, emfim, vi tão formosas,
Que o Amor de si mesmo se temia;
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.
Agora tudo está tão differente,
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se enfada já d'o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente,
As aves deixam seu suave canto,
E o gado, inda que a herva lhe fallece,
Mais que da falta d'ella se emmagrece.

FRONDELIO

Umbrano irmão, decreto he da natura,
Inviolavel, fixo e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave verão o duro inverno;
E se ha cousa que saiba ter firmeza,
He sómente esta lei da natureza.
Toda alegria grande e sumptuosa
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se hum'hora vejo alegre e deleitosa,
Temendo estou do mal apparelhado.
Não vês que móra a serpe venenosa
Entre as flôres do fresco e verde prado?

Ah! não te engane algum contentamento;
Que mais instavel he que o pensamento.
E praza a Deos que o triste e duro fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carvalho que queimado
Tão gravemente foi do raio ardente,
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro cultor meus campos are.

UMBRANO

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso haver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no mundo tão assinalados,
Não temas tu, Frondelio companheiro,
Qu'em algum tempo sejam sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.
E postoque a soberba se levante
De inimigos a torto e a direito,
Não crêas tu que a força repugnante
Do fero e nunca já vencido peito,
Que desde quem possue o monte Atlante
Adonde bebe o Hydaspe tem sujeito,
O possa nunca ser de fôrça alheia,
Em quanto o sol a terra e o céo rodeia.

FRONDELIO

Umbrano, a temeraria segurança
Qu'em fôrça, ou em razão não se assegura,
He falsa e vã; que a grande confiança

Não he sempre ajudada da ventura.
Que lá junto das aras da esperança,
Némesis moderada, justa e dura,
Hum freio lhe está pondo e lei terribil,
Que os limites não passe do possibil.
E se attentares bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadia.
Tu não vês como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães do gado guardadores,
E não sómente os cães, mas os pastores?
Pois o grande curral, seguro e forte,
Do alto monte Atlas não ouviste.
Que com sanguinolenta e fera morte
Despovoado foi por caso triste?
Oh triste caso! oh desastrada sorte,
Contra quem fôrça humana não resiste!
Que alli tambem da vida foi privado
O meu Tionio, aindà em flôr cortado!

UMBRANO

Em lagrimas me banha rosto e peito
D'esse caso terrivel a memoria,
Quando vejo quão sabio e quão perfeito,
E quão merecedor de longa historia
Era esse teu pastor, que sem direito
Deu ás Parcas a vida transitoria.
Mas não ha hi quem d'herva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte.
Porém, se te não fôr muito pezado,
(Já qu'esta triste morte me lembraste)

Canta-me d'esse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem, recolhendo o manso gado,
De nós-outros pastores te apartaste;
Qu'eu tambem que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

FRONDELIO

Como queres renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porqu'espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, he falsa cura.
Mas, pois te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio, triste e escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dôr me não congela a voz no peito.

UMBRANO

Canta agora, pastor, que o gado pace
Entre as humidas hervas socegado;
E lá nas altas serras, onde nace,
O sacro Tejo á sombra recostado,
C'os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado;
E com silencio triste estão as Nymphas
Dos olhos destillando claras lymphas.
O prado as flôres brancas e vermelhas
Está suavemente presentando;
As doces e solicitas abelhas,
Com sussurro agradavel vão voando;
As candidas, pacíficas ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando

As cabeças estão ao som divino
Que faz, passando, o Tejo crystallino.
O vento d'entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio;
Nas sombras a ave gárrula suspira,
Sua magoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lira;
Que d'aquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida.

FRONDELIO

Aquelle dia as aguas não gostaram
As mimosas ovelhas; e os cordeiros
O campo encheram d'amorosos gritos.
E não se penduraram dos salgueiros
As cabras, de tristeza; mas negaram
O pasto a si, e o leite a os cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste.
E tu tambem (ó corvo) o descobriste,
Quando da mão direita em voz escura,
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.
Tionio meu, o Tejo crystallino,
E as arvores que já desamparaste
Choram o mal de tua ausencia eterna,
Não sei porque tão cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar e a terra se governa.
A noite sempiterna,

Que tu tão cedo viste
Cruel, acerba, e triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lográras a fresca primavera?
Não usára comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
Os Faunos, certa guarda dos pastores,
Já não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos cervos dão trabalho.
Tudo, qual vês, he cheio de tristura:
A's abelhas o campo nega as flôres,
Como ás flôres a aurora nega o orvalho.
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que soía
Mover as altas árvores tangendo,
Se me vae de tristeza enrouquecendo;
Que tudo vejo triste n'este monte;
E tu tambem correndo
Manas envolta e triste, ó clara fonte.
As Tagides no rio, e na aspereza
Do monte as Oreádas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro e fero Marte;
Como em geral sentença vão dizendo,
Que não póde no mundo haver tristeza
Em cuja causa Amor não tenha parte.
Porqu'elle, emfim, d'est'arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto, que Amor com phantasia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si dava sinal certo
Do fogo que trazia;
Que nunca soube amor ser encoberto.

Já diante dos olhos lhe voavam
Imagens e phantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento;
Já por as solitarias espessuras
Entre os penedos sós, que não fallavam,
Fallava e descobria seu tormento.
Em longo esquecimento
De si, todo embebido,
Andava tão perdido,
Que quando algum pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava,
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava:
Se não vivesse triste, morreria,
Mas como este tormento o sinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo-o já bem o pae sisudo,
Porque do pensamento lh'o tirasse,
Longe da causa d'elle o apartou;
Porque, emfim, longa ausencia acaba tudo.
Oh falso Marte rudo,
Das vidas cobiçoso!
Que d'onde o generoso
Peito resuscitava em tanta gloria
De seus antecessores a memoria,
Alli, fero e cruel, lhe destruiste,
Por injusta victoria,
Primeiro que o cuidado, a vida triste.
Parece-me, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso
N'aquelle infindo sangue Mauritano,
No Hispanico ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropellar por terra ao Tingitano.
Oh confiado engano!

Oh encurtada vida!
Que a virtude opprimida
Da multidão forçosa do inimigo
Não pôde defender-se do perigo:
Porque assi o Destino o permittiu;
E assi levou comsigo
O mais gentil pastor que o Tejo viu.
Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As íras da soberba e dura guerra;
Do cristallino rosto a côr mudando,
Cujo purpureo sangue, derramado
Por as alvas espaldas, tinge a serra;
Que como flôr, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe têm negado,
O collo inclina languido e cansado:
Tal te pinto, ó Tionio, dando o esprito
A quem t'o tinha dado;
Que este he sómente eterno e infinito.
Da congelada boca a alma pura,
Co'o nome juntamente da inimiga
E excellente Marfida, derramava.
E tu, gentil senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos eccos dava
Accentos numerosos;
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte.
E tu ingrata o amor já n'outra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que, emfim, emfim, d'est'arte
Se muda o feminino pensamento.

Pastores d'este valle ameno e frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se conte;
Hum tumulo, de flôres adornado,
Lhe edificae ao longo d'este rio,
Que a vela enfreie ao duro navegante:
E o lasso caminhante,
Vendo tamanha mágoa,
Arraze os olhos d'ágoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: *Memoria sou, que grito*
Para dar testimunho em toda parte
Do mais gentil Esprito
Que tiraram do mundo Amor e Marte.

UMBRANO

Qual o quieto somno aos cansados
Debaixo de algum'arvore sombria;
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante e a fonte fria:
Taes me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto e melodia:
E ainda agora o tom suave e brando
Os ouvidos me fica adormentando.
Em quanto os peixes humidos tiverem
As areosas covas d'este rio,
E correndo estas aguas conhecerem
Do largo mar o antiguo senhorio;
E em quanto estas hervinhas pasto derem
A's petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o pastor que tanto amaste.
Mas já que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentam;

De flôres mil o claro céo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se presentam;
Levemos por o pé d'esta serra alta
Os gados, que já agora se contentam
Do que comido têem, Frondelio amigo:
Anda; que até o outeiro irei comtigo.

FRONDELIO

Antes por este valle, amigo Umbrano,
Se t'aprouver, levemos as ovelhas;
Porque, se eu por acerto não me engano,
De lá me sôa um ecco nas orelhas
O doce accento não parece humano.
E, se em contrário tu não me aconselhas,
Eu quero descobrir que cousa seja;
Que o tom m'espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO

Comtigo vou, que quanto mais me chego,
Mais gentil me parece a voz que ouviste,
Peregrina, excellente; e não te nego
Que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como têm os ventos em socego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro vôa, mas parece
Que, do canto vencido, lhe obedece.
Porém, irmão, melhor me parecia
Que não fossemos lá; que estorvaremos;
Mas sobidos n'est'arvore sombria,
Todo o valle de aqui descobriremos.
Os çurrões e cajados, todavia,
N'este comprido tronco penduremos·

Para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

FRONDELIO

Espera, assi, dar-te-hei de pé, se queres:
Subirás sem trabalho e sem ruido;
E despois que subido lá estiveres,
Dar-me-has a mão de cima; que he partido.
Mas primeiro me dize, se o poderes
Vêr, donde nasce o canto nunca ouvido;
Quem lança o doce accento delicado.
Falla; que já te vejo estar pasmado.

UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora;
Formosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o céo namora.
Huma de desusada formosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre um triste sepulcro, não cessando,
Está perlas dos olhos destillando.
De todas estas altas semidêas,
Que em tôrno estão do corpo sepultado,
Humas regando as humidas arêas,
De flores têm o tumulo adornado;
Outras, queimando lagrimas sabêas,
Enchem o ár de cheiro sublimado;
Outras em ricos pannos, mais avante,
Envolvem brandamente hum novo infante.
Huma, que d'entre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristeceram,

Diz, que despois que a morte a flôr cortou
Que as estrellas sómente mereceram,
Este penhor carissimo ficou
D'aquelle, a cujo imperio obedeceram
Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,
Até o remoto mar da Taprobana.
Diz mais, que se encontrar este menino
A noite intempestiva, amanhecendo,
O Tejo, agora claro e crystallino,
Tornará a fera Alecto em vulto horrendo.
Mas que, a ser conservado do Destino,
As benignas estrellas promettendo
Lhe estão o largo pasto de Ampelusa,
Co'o monte que em máo ponto viu Medusa.
Este prodigio grande Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita.
Porém, qual a eclipsada clara estrella,
Que entre as outras o céo primeiro habita:
Tal coberta de negro vejo aquella,
A quem só n'alma toca a grã desdita.
Dá cá, Frondelio, a mão; e sóbe a ver
Tudo o mais que eu de dôr não sei dizer.

FRONDELIO

Oh triste morte, esquiva e mal olhada,
Que a tantas formosuras injurias!
Aquella deusa bella e delicada
Sequer algum respeito ter devias.
Esta he, por certo, Aonia filha amada
D'aquelle grã Pastor, que em nossos dias
Danubio enfreia, manda o clero Ibero,
E espanta o morador do Euxino fero.

Morreu-nos o excellente e poderoso,
(Que a isto está sujeita a vida humana)
Doce Aonio, d'Aonia caro esposo.
Ah lei dos fados, aspera e tyranna!
Mas o som peregrino e piedoso,
Com que a formosa Nympha a dôr engana,
Escuta hum pouco. Nota e vê, Umbrano,
Quão bem que sôa o verso Castelhano.

AONIA

Alma, y primero amor del alma mia,
Espiritu dichoso, en cuya vida
La mia estuvo en cuanto Dios queria!
Sombra gentil de su prision salida,
Que del mundo á la patria te volviste,
Donde fuiste engendrada y procedida!
Recibe allá este sacrificio triste,
Que te offrecen los ojos que te vieron;
Si la memoria dellos no perdiste.
Que, pues los altos cielos permitieron,
Que no te acompañase en tal jornada,
Y para ornarse solo á ti quisieron;
Nunca permitirán, que acompañada
De mí no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
Ni dejará, por mas que el tiempo huya,
De estar em mí con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.
Mas tú, gentil Espíritu, entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras zampoñas oyes, y otro canto;
Agora embevecido estés mirando
Allá en el Empireo aquella Idea,
Que el mundo enfrena y rige con su mando;

Agora te posuya Citherea
En el tercero asiento, ó porque amaste,
Ó porque nueva amante allá te sea;
Agora el sol te admire, si miraste
Como vá por los Signos, encendido,
Las tierras alumbrando que dejaste:
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mí, ó fué en tu mano
No pasar por las aguas del olvido;
Vuelve un poco los ojos á este llano,
Verás una, que á ti con triste lloro
Sobre este mármol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los Signos de oro
Lágrimas y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo y santo coro;
La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la veré muy presto: y podré verte;
Que á pesar de los hados enojosos
Tambiem para los tristes hubo muerte.

EGLOGA II

INTERLOCUTORES

ALMENO *e* AGRARIO

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
N'hum valle d'altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,

Que com doces enganos
Lhe sustentára a vida tantos annos
N'huma amorosa e branda confiança;
Que quem tanto queria,
Parece que não erra, se confia.
A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animaes esquecidos da verdura;
O valle triste estava
Co'uns ramos carregados,
Qu'inda a noite faziam mais escura.
Offrecia a espessura
Hum temeroso espanto:
As roucas rãas soavam
N'hum charco de agua negra, e ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto:
O Tejo com som grave
Corria mais medonho que suave.
Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo.
E com esta graveza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Para poder soffrel-a,
Estar imaginando a causa d'ella;
Qu'em tanto mal he cura bem pequena.
Maior o he o tormento,
Que toma por allívio hum pensamento.
Ao rio se se queixava
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas cresciam outro tanto.
Seu doce canto dava

Tristes aguas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Ao sonoroso pranto,
Que as aguas enfreava,
Responde o valle umbroso.
De tanta voz o accento temeroso
Na outra parte do rio retumbava;
Quando, da phantasia
O silencio rompendo, assi dizia:
Corre suave e brando
Com tuas claras ágoas,
Sahidas de meus olhos, doce Tejo;
Fé de meus males dando,
Para que minhas mágoas
Sejam castigo igual de meu desejo:
Que, pois em mim não vejo
Remedio, nem o espero;
E a morte se despreza
De me matar, deixando-me á crueza
D'aquella por quem meu tormento quero;
Saiba o mundo meu dano,
Porque se desengane em meu engano.
Já que minha ventura,
Ou a causa qu'a ordena,
Quer qu'em pago da dôr tome o soffrel-a;
Será mais certa cura
Para tamanha pena
Desesperar d'haver já cura n'ella.
Porque se minha estrella
Causou tal esquivança,
Consinta meu cuidado
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança:
Pois sómente nasci
Para viver na morte, e ella em mi.

Não cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Pois aqui têm hum'alma ao jugo atada:
Nem falte o soffrimento,
Porque parece vício
Para tão doce mal faltar-me nada.
Oh Nympha delicada,
Honra da natureza!
Como póde isto ser,
Que de tão peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum geito
De causa divinal contrário effeito.

Pois como pena tanta
He contra a causa d'ella?
Fóra he do natural minha tristeza.
Mas a mi que m'espanta?
Não basta (ó Nympha bella)
Que pódes perverter a natureza?
Não he a gentileza
De teu gesto celeste
Fóra do natural?
Não póde a natureza fazer tal:
Tu mesma (ó bella Nympha) te fizeste;
Porém, porque tomaste
Tão dura condição, se te formaste?

Por ti o alegre prado
Me he penoso e duro;
Abrolhos me parecem suas flôres.
Por ti do manso gado,
Como de mi, não curo,
Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
As lutas entr'a rama,
Nada me faz contente;

E sou já do que fui tão differente,
Que quando por meu nome alguem me chama,
Pasmo, porque conheço
Qu'inda commigo proprio me pareço.
  O gado, que apascento,
São n'alma os meus cuidados;
As flôres, qne no campo sempre vejo,
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com qu'estou enganando o meu desejo.
Do frio e doce Tejo
As aguas se tornaram
Ardentes e salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturaram;
Como quando mistura
Hyppanis co'o Exampêo sua agua pura.
  Se ahi no mundo houvesse
Ouvires-me algum'hora,
Assentados na praia d'este rio;
E d'arte te dissesse
O mal que passo agora,
Que pudesse mover-te o peito frio!...
Oh quanto desvario,
Qu'estou imaginando!
Já agora meu tormento
Não póde pedir mais ao pensamento,
Qu'este phantasiar, d'onde penando
A vida me reserva.
Querer mais de meu mal será soberba.
  Já a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra, que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
Pois meu escuro canto

Não merece que veja o claro dia.
Não canse a phantasia
D'estar em si pintando
O gesto delicado,
Emquanto traz ao pasto o manso gado
Esse pastor, que lá só vem fallando.
Callar-me-hei sómente;
Que o meu mal nem ouvir se me consente.

AGRARIO

Formosa manhã clara e deleitosa,
Que, como fresca rosa na verdura,
Te mostras bella e pura, marchetando
As Nymphas, espalhando teus cabellos
Nos verdes montes bellos; tu só fazes,
Quando a sombra desfazes triste e escura,
Formosa a espessura e a clara fonte,
Formoso o alto monte e o rochedo,
Formoso o arvoredo e deleitoso,
E emfim tudo formoso co'o teu rosto
D'ouro e rosas composto e claridade;
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando em um momento o rôxo dia,
Com a doce harmonia nos cantares
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andam buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos que mantém.
Oh grande e summo bem da natureza!
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza em hum'hora de mil côres
O céo, a terra, as flôres, monte e prado!
Oh tempo já passado! quão presente
Te vejo abertamente na vontade!
Quão grande saudade tenho agora

Do tempo que a pastora minha amava,
E de quanto prezava a minha dôr!
Então tinha o amor maior poder,
Quando em hum só querer nos igualava;
Porque quando hum amava a quem queria,
Logo ecco respondia d'affeição
No brando coração da doce imiga.
N'esta amorosa liga concertavam
Os tempos, que passavam com prazeres.
Mostrava a flava Ceres por as eiras
Das brancas sementeiras ledo fruto,
Pagando seu tributo aos lavradores;
E enchia os pastores todo o prado
Pales do manso gado guardadora.
Hiam Zéphiro e Flora passeando,
Os campos esmaltando de boninas;
Nas fontes cristallinas triste estava
Narciso, qu'inda olhava n'agua pura
Sua linda figura e delicada:
Mas Ecco, namorada de tal gesto,
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro accento lamentava.
Alli tambem se achava o sangue tinto
Do purpureo Jacinto; e o destrôço
De Adonis bello moço: morte fêa
Da bella Cytherêa tão chorada;
Toda a terra esmaltada d'estas rosas.
Hiam Nymphas formosas por os prados;
E os Faunos namorados apoz ellas,
Mostrando-lhes capellas de mil côres,
Ordenadas das flôres que colhiam:
As Nymphas lhe fugiam espantadas,
As faldas levantadas por os montes.
Via-se a agua das fontes espalhar-se;
Vertumno transformar-se alli se via;

Pomona, que trazia os doce fruitos:
Alli pastores muitos, que tangiam
As gaitas que traziam, e cantando
Estavam enganando as suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.
Ouvia-se Salicio lamentar-se;
Da mudança queixar se crua e fêa
Da dura Galathêa tão formosa:
E da morte invejosa Nemoroso
Ao monte cavernoso se querella,
Que a sua Elisa bella em pouco espaço
Cortou inda em agraço. Ah dura sorte!
Oh immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem jámais perdoas!
Mas tu, tempo, que voas apressado,
Hum deleitoso estado quão asinha
N'esta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, e a lembrança
Nos deixas por herança do que levas!
Assim que se nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no melhor.
Cada vez em peor te vás mudando:
Quanto vens inventando, qu'hoje approvas,
Logo ámanhã reprovas com instancia.
Oh perversa inconstancia e tão profana
De toda cousa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo!
Mas eu de que me queixo? ou eu que digo?
Vive o tempo commigo? ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser divino?
Elle usa de contino seu officio,
Que já por exercicio lhe he devido:
Dá-nos fructo colhido na sazão

Do formoso verão; e no inverno,
Com o seu humor eterno congelado,
Do vapor levantado co'a quentura
Do sol, a terra dura lhe dá alento,
Para que o mantimento produzindo,
Estê sempre cumprindo seu costume.
Assi que não consumme de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo:
Antes sempre está quedo no devido,
Porqu'este he seu partido e sua usança;
E n'elle esta mudança he mais firmeza.
Mas quem a Lei despreza, e pouco estima,
De quem de lá de cima está movendo
O céo sublime e horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro e firme estado
Do tempo, não mudado de verdade.
Não foi n'aquella idade d'ouro claro
O firme tempo caro e excellente?
Vivia então a gente moderada;
Sem ser a terra arada dava pão;
Sem ser cavado o chão as fructas dava;
Nem aguas desejava, nem quentura;
Suppria então natura o necessario.
Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou, qu'em dura pena, desterrado,
Fosse do céo lançado, onde vivia;
Porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal: e assi descendo
Nos veiu, emfim, trazendo a este estado.
Mas eu, desatinado, aonde vou?
Para onde me levou a phantasia?
Qu'estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando

Ao Tejo claro e brando; porque achar
No mundo qu'emendar, não he d'agora:
Basta que a vida fóra d'elle tenho:
Com meu gado me avenho, e estou contente.
Porém, se me não mente a vista, eu vejo
N'esta praia do Tejo estar deitado
Almeno, que enlevado em pensamentos,
As horas e os momentos vae gastando:
Vou-me a elle chegando, só por vêr
Se poderei fazer que o mal que sente,
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

ALMENO

Oh doce pensamento! oh doce gloria!
São estes por ventura os olhos bellos,
Que têm de meus sentidos a victoria?
São estas, nympha, as tranças dos cabellos,
Que fazem do seu preço o ouro alheio,
Como a mi de mi mesmo só com vêl-os?
He esta a alva columna, o lindo esteio,
Sustentador das obras mais que humanas,
Qu'eu n'estes braços tenho, e não o creio?
Ah falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a bôcca onde não devo,
Com palavras de doudo, ou quasi insanas!
Como a alçar-te tão alto assi me atrevo?
Taes azas dou-t'as eu, ou tu m'as dás?
Levas-me tu a mi, ou eu te levo?
Não poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir não posso onde tu fôres,
Quando fôres não tornes onde estás.

AGRARIO

Oh que triste successo foi de amores,
O que a este pastor aconteceu,
Segundo ouvi contar a outros pastores!
Tanto emfim, por seu damno se perdeu,
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino Amor lh'o converteu.
Oh forçoso vigor do pensamento,
Que póde em outra cousa estar mudando
A fórma, a vida, o siso, o entendimento!
Está-se hum triste amante transformando
Na vontade d'aquella, que tanto ama,
De si a propria essencia transportando.
E nenhum'outra cousa mais desama,
Que a si, se vê qu'em si ha algum sentido,
Que d'este fogo insano não se inflamma.
Almeno que aqui 'stá tão influido
No phantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido,
Está-se-lhe pintando, de enlevado,
Que tem já da phantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estava agora
Fallando como em sonho, mas achando
Ser vento o que sonhava, grita e chora.
D'est'arte andavam sonhos enganando
O pastor somnolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando;
D'est'arte a nuvem falsa, em fórma humana,
O vão pae dos Centauros enganava:
(Que Amor quando contenta, sempre engana).
Como este, que comsigo só fallava,
Cuidando que fallava, de enleado,
Com quem lhe o pensamento figurava.

Não póde quem quer muito, ser culpado
Em nenhum êrro, quando vem a ser
Este amor em doudice transformado,
Amor não será amor, se não vier
Com doudices, deshonras, dissenções,
Pazes, guerras, prazer e desprazer;
Perigos, linguas más, murmurações
Ciumes, arruidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições.
Estas são verdadeiras penitencias
De quem põe o desejo onde não deve,
De quem engana alheias innocencias.
Mas isto têm o amor, que não se escreve
Senão donde he illicito e custoso;
E donde he mais o risco, mais se atreve.
Passava o tempo alegre e deleitoso
O troiano pastor, em quanto andava
Sem ter alto desejo e perigoso.
Seus furiosos touros coroava,
E nos álamos altos escrevia
Teu nome (Enone) quando a ti só amava.
Os álamos cresciam, e crescia
O amor que elle te tinha: sem perigo,
E sem temor, contente te servia.
Mas despois que deixou entrar comsigo
Illicito desejo e pensamento,
De sua quietação tão inimigo;
A toda a patria poz em detrimento
Com mortes de parentes e de irmãos,
Com crú incendio, e grande perdimento.
N'isto fenecem pensamentos vãos;
Tristes serviços mal galardoados,
Cuja gloria se passa d'entre as mãos.

Lagrimas e suspiros arrancados
D'alma, todos se pagam com enganos:
E oxalá foram muitos enganados!
Andam com seu tormento tão ufanos,
Que gastam na doçura d'hum cuidado
Apoz huma esperança muitos annos.
E tal ha tão perdido namorado,
Tão contente co'o pouco, que daria
Por hum só volver d'olhos todo o gado.
Em todo povoado e companhia,
Sendo ausentes de si, se vêm presentes
Com quem lhes pinta sempre a phantasia.
Co'hum certo não sei que andam contentes,
E logo hum nada os torna, ao contrario,
De todo ser humano differentes.
Oh tyrannico Amor, oh caso vario,
Que obrigas a hum querer que sempre seja
De si continuo e aspero adversario!
E que outr'ora nenhuma alegre esteja,
Senão quando do seu despôjo amado
Sua inimiga estar triumphando veja.
Quero fallar com este, que enredado
N'esta cegueira está sem nenhum tento.
Acorda já, pastor, desacordado.

ALMENO

Oh porque me tiraste hum pensamento,
Que agora estava aos olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento?

AGRARIO

N'esta imaginação estás gastando
O tempo e vida, Almeno? Perda grande!
Não vês quão mal os dias vás passando?

ALMENO

Formosos olhos, ande a gente e ande;
Que nunca vos ireis d'est'alma minha,
Por mais que o tempo corra, a morte o mande.

AGRARIO

Quem poderá cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita e justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno meu, não he por certo aviso;
He só doudice grande, grande engano.

ALMENO

Ó Agrario meu, que vendo o doce riso,
E o rosto tão formoso, como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso.
E não entendo, desque sou captivo,
Outra cousa de mi, senão que mouro:
Nem isto entendo bem, pois inda vivo.
Á sombra d'este umbroso e verde louro
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.
Se perguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consumme,
Revolvendo memorias magoadas;
Desque perdi da vida o claro lume,
E perdi a esperança e causa d'ella,
Não choro por razão, mas por costume.
Jámais pude co'o fado ter cautella;
Nem houve nunca em mi contentamento,
Que não fosse trocado em dura estrella.

Que bem livre vivia e bem isento,
Sem que ao jugo me visse submettido
De nenhum amoroso pensamento!

Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido
Tão fóra d'amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.

De várias côres sempre me vestia;
De boninas a fronte coroava;
Nenhum pastor cantando me vencia.

A barba então nas faces me apontava;
Na luta, na carreira, em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha idade tenra, em tudo estranha,
Vendo (como acontece) affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio e da montanha;

Com palavras mimosas e forjadas,
De solta liberdade e livre peito,
As trazia contentes e enganadas.

Mas não querendo Amor, que d'este geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tão puro affeito;

Pouco a pouco me foi de mi levando
Dissimuladamente ás mãos de quem
Toda esta injuria agora está vingando.

AGRARIO

D'este teu caso, Almeno, eu sei mui bem
O principio e o fim; que Nemoroso
Contado tudo isto, e mais, me tem.

Mas (quero-te dizer) se este enganoso
Amor he tão usado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso;

Já que n'elle estes casos são tão certos,
Porque os estranhas tanto, que de mágoa
Te choram valles, montes e desertos?
Vejo te estar gastando em viva fragoa,
E juntamente em lagrimas; vencendo
A grã Sicilia em fogo, o Nilo em agua.
Vejo que as tuas cabras, não querendo
Gostar as verdes hervas, se emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos, que co'o tempo reverdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo, parece, se entristecem.
De todos teus amigos e parentes,
Que lá da serra vêm por consolar-te,
Sentindo na alma a pena, que tu sentes.
Se querem de teus males apartar-te,
Deixando a choça e gado vás fugindo,
Como cervo ferido, a outra parte.
Não vês que Amor, as vidas consummindo,
Vive só de vontades enlevadas
No falso parecer d'hum gesto lindo?
Nem as hervas das aguas desejadas
Se fartam; nem de flôres as abelhas;
Nem este Amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Phebo de Daphne as esquivanças,
Regando as flôres brancas e vermelhas?
Quantas vezes as asperas mudanças
O namorado Gallo têm chorado
De quem o tinha envolto em esperanças?
Estava o triste amante recostado,
Chorando ao pé d'hum freixo o triste caso,
Que o falso Amor lhe tinha destinado

Por elle o sacro Pindo e o grã Parnaso,
Na fonte de Aganippe destillando,
Se faziam de lagrimas hum vaso.

O intonso Apollo o vinha alli culpando,
A sobeja tristeza perigosa
Com asperas palavras reprovando.

Gallo, porque endoudeces? que a formosa
Nympha, que tanto amaste, descobrindo
Por falsa a fé, que dava, e mentirosa;

Por as alpinas neves vae seguindo
Outro bem, outro amor, outro desejo;
Como inimiga, emfim, de ti fugindo.

Mas o misero amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fé vergonha ou pejo;

Da falsífica Nympha não sentia
Senão que o frio do gelado Rheno
Os delicados pés lhe offenderia.

Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
Que d'Amor os desastres são de sorte,
Que para matar basta o mais pequeno,

Porque não pões um freio a mal tão forte,
Qu'em estado te põe, que sendo vivo,
Já não se entende em ti vida nem morte?

ALMENO

Agrario; se do gesto fugitivo,
Por caso de fortuna desastrado,
Algum'hora deixar de ser captivo;

Ou sendo para as Ursas degradado,
Adonde Boreas tem o Oceano
Co'os frios Hyperboreos congelado;

Ou d'onde o filho de Climene insano,
Mudando a côr das gentes totalmente,
As terras apartou do trato humano;

Ou se já por qualquer outro accidente
Deixar este cuidado tão ditoso,
Por quem sou de ser triste tão contente;

Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para traz, irá negando
A' natureza o curso pressuroso.

As cabras por o mar irão buscando
Seu pasto; e andar-se-hão por a espessura
Das hervas os delfins apascentando.

Ora se tu vês, n'alma quão segura
D'este amor tenho a fé, para qu'insistes
N'esse conselho e prática tão dura?

Se de tua porfia não desistes,
Vae repastar teu gado a outra parte;
Qu'he dura a companhia para os tristes.

Huma só cousa quero encommendar-te,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo, emfim, de mi te aparte:

Que s'esta fera, qu'anda em traje humano,
Por a montanha vires ir vagando,
De meu despôjo rica e de meu dano,

Com os vivos espiritos inflammando
O ár, o monte e a serra, que comsigo
Continuamente leva namorando;

Se queres contentar-me, como amigo,
Passando, lhe dirás: Gentil pastora,
Não ha no mundo vicio sem castigo.

Tornada em puro marmore não fôra
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algum'hora.

Foi bem justo o castigo rigoroso:
Porém quem te ama (Nympha) não queria
Nódoa tão feia em gesto tão formoso.

AGRARIO

Tudo farei, Almeno, e mais faria
Por algum dia vêr-te descansado,
Se s'acabam trabalhos algum dia.
Mas bem vês como Phebo já empinado
Me manda que da calma iniqua e crua
Recolha em algum valle o manso gado,
Tu n'essa phantasia falsa e nua,
Para engano maior de teu perigo,
Não queres companhia mais que a sua.
Vou-me d'aqui, e fique Deos comtigo;
E ficarás melhor acompanhado.

ALMENO

Elle comtigo vá, como commigo
Me fica acompanhando o meu cuidado.

EGLOGA III

(Continuação da passada)

INTERLOCUTORES

ALMENO *e* BELISA

Passado já algum tempo que os amores
D'Almeno, por seu mal, eram passados,
Porque nunca Amor cumpre o que promette;
Entr'huns verdes ulmeiros apartado,
Regando por o campo as brancas flôres,

Em lagrímas cansadas se derrete:
Quando a linda pastora, que compete
Co'o monte em aspereza,
Co'o prado em gentileza,
Por quem o pastor triste endoudecia,
Por a praia do Tejo discorria
A lavar a beatilha e o trançado:
O sol já consentia
Que sahisse da sombra o manso gado.
  Já acordado d'aquelle pensamento
Que tão desacordado sempre o teve,
Viu por acêrto o bem, que incerto tinha.
E porque d'onde amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Não lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que á aprazada briga vinha,
A quem de fóra engana
A confiança humana,
E depois, vendo o rosto a quem resiste,
Treme, e teme o perigo e não insiste;
Já se arrepende, a audacia lhe fallece:
D'est'arte o pastor triste
Ousa, receia, esforça e enfraquece.
  E tendo assi já attonito o sentido,
Commetteu com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coração.
Comettimento foi desesperado:
Qu'huma só salvação têm hum perdido,
Perder toda a esperança á salvação.
As mágoas, que passaram, se dirão:
Mas as que ella dizia,
Lembrando-lhe que via
As aguas murmurar do Tejo amenas,
Remetto a vós, ó tagides Camenas;
Qu'eu, de mágoa, não posso dizer tanto;

Porqu'em tamanhas penas
Me cansa a penna, e a dôr m'impede o canto.

BELISA

Que alegre campo e praia deleitosa!
Quão saudosa faz esta espessura
A formosura angelica e serena
Da tarde amena! Quão saudosamente
A sesta ardente abranda, suspirando,
De quando em quando o vento alegre e frio!
No fundo rio os mudos peixes saltam;
Os céos se esmaltam todos d'ouro e verde,
E Phebo perde a fôrça da quentura.
Por a espessura levam, passeando,
O gado brando ao som das çanfoninas,
Pizando as finas e formosas flôres,
Os guardadores, que cantando o gesto
Formoso e honesto das pastoras qu'amam,
Por o ár derramam mil suspiros vãos.
Hum louva as mãos, louva outro os raios bellos,
Outro os cabellos d'ouro, em som suave:
E a amorosa ave leva o contraponto.
Mas oh que conto e saudosa historia
Que na maioria aqui se m'offerece!
Se não m'esquece, já d'este lugar
Ouvi soar os valles algum dia,
E respondia o ecco o nome em vão
N'hum coração, *Belisa* retumbando.
Estou cuidando como o tempo passa,
E quão escassa he toda alegre vida;
E quão comprida, quando he triste e dura.
N'esta 'spessura longo tempo amei:
Se m'enganei com quem do peito amava,
Não me pezava de ser enganada.

Fui salteada, emfim, d'um pensamento,
Que hum movimento tinha casto e são.
Conversação foi fonte d'este engano
Que, por meu dano, entrou com falsa côr.
Porque o amor na Nympha, que he segura,
Entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta agora dar desculpa?
Pois se houve culpa, foi do firme amor
Só, n'hum pastor, que nunca sol nem lua,
Ou serra alguma, desde o Ibero ao Indo,
Outro tão lindo viram, tão manhoso.
N'est'amoroso estado, e fé que tinha
N'est'alma minha tão secretamente,
Vivi contente, amando e encobrindo.
Elle fingindo mentirosos danos,
Que são enganos que não custam nada;
Tendo alcançada já no entendimento
A fé e intento meu só n'elle posto;
(Que logo o rosto mostra os corações,
E as affeições co'os olhos se praticam
Que mais publicam muito, que palavras)
Com suas cabras sempre á parte vinha,
Ond'eu mantinha os olhos do desejo.
Tu, manso Tejo, e tu, florído prado,
Do mais passado, emfim, que aqui não digo,
Sereis, m'obrigo, testimunho certo;
Pois descoberto vos foi tudo e claro.
Oh tempo avaro! oh sorte nunca igual!
Quão grande mal quereis á humana gente!
Porque hum contente estado assi trocastes?
Vós me tirastes do meu peito isento
O pensamento honesto e repousado,
Já dedicado ao côro de Diana;
Vós n'uma ufana vida me puzestes,
E alli quizestes que gozasse o dano

Do doce engano, que se chama amor,
Com cujo error passava o tempo ledo:
E vós tão cedo me tiraes hum bem,
Que Amor já tem impresso n'alma minha,
Despois que a tinha envolta em esperanças;
E com lembranças tristes me deixaes?
Mal me pagaes a fé que sempre tive.
Mas assi vive quem sem dita nace.
Mas já a face alegra o sol esconde;
E não responde alguem a tantas mágoas,
Senão as aguas, que dos olhos sahem.
As sombras cahem; vão-se as alimarias,
Fartas das várias hervas, seu caminho;
Buscam seu ninho os passaros sem dono:
Já por o somno esquecem o comer.
Quero esquecer tambem tão doce historia,
Pois he memoria que traz mór cuidado.
Isto he passado; e se me deu paixão,
Os dias vão gastando o mal e o bem;
E não convém querer-me magoar
Do qu'emendar não posso já com mágoas.
Nas claras aguas d'este rio brando,
Que vão regando o valle matizado,
Este trançado lavar quero emfim;
Que já de mim m'esqueço co'a lembrança
D'esta mudança, qu'esquecer não sei:
Bem qu'eu verei mudar a opinião,
Pois homens são, a quem o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

ALMENO

Se a vista não m'engana a phantasia,
Como já m'enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me soffria;

Parece-me, que vejo estar lavando
Huma Nympha algum véo no claro Tejo,
Que se m'está Belisa figurando.
Não póde ser verdade isto que vejo;
Que facilmente aos olhos se figura
Aquillo que se pinta no desejo.
Oh acontecimento, qu'a ventura
Me dá para mór damno! Esta he, certo;
Que não he d'outrem tanta formosura.
Se poderei fallar-lhe de mais perto?
Mas fugir-me-ha. Não póde ser; que o rio
Para acolá não tem caminho aberto.
Oh temor grande! oh grande desvario,
Qu'a voz m'impede, e a lingua negligente
Assim m'está tornando, e o peito frio!
De quanto me sobeja, estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta quando estou presente.
Oh aspecto suave e peregrino!
Pois como? tão asinha assi s'esquece
Huma fé verdadeira, hum amor fino?

BELISA

Oh altas semideas! pois padece
Em vosso rio a sombra delicada
De quem tamanha força não merece:
Ou seja por vós, Nymphas, preservada;
Ou em arvore alguma, ou pedra dura
Me deixae velozmente transformada.

ALMENO

Ah Nympha! não te mudes a figura:
Nem vós, deosas, queiraes qu'eu seja parte
De se mudar tão rara formosura.

Porqu'a quem falta a voz para fallar-te,
E a quem falta o despejo da ousadia,
Tambem faltarão mãos para tocar-te.

BELISA

Que me queres, Almeno, ou que porfia
Foi a tua tão áspera commigo?
Minha vontade não t'o merecia.
Se com amor o fazes, eu te digo,
Qu'amor, que tanto mal me faz em tudo,
Não póde ser amor, mas inimigo.
Não és tu de saber tão falto e rudo,
Que tão sem sizo amasses, como amaste.

ALMENO

Onde viste tu, Nympha, amor sizudo?
Porque já não te lembra que folgaste
Com meus tormentos tristes, e algum'hora
Com teus formosos olhos já m'olhaste?
Como já t'esquece já (gentil pastora)
Que folgavas de lêr nos freixos verdes
O que de ti 'screvia cada hora?
Porqu'a memoria tão á pressa perdes
Do amor que me mostravas, qu'eu não digo,
Se o vós, ó altos montes, não disserdes?
E como te não lembras do perigo,
A que só por m'ouvir t'aventuravas,
Buscando horas de sesta, horas d'abrigo?
Co'a maçã da discordia me tiravas;
Qu'a Venus, qu'a ganhou por formosura,
Tu, como mais formosa, lh'a ganhavas.

E escondendo-te logo na 'spessura,
Hias fugindo, como vergonhosa
Da namorada e doce travessura.
Não era esta a maçã d'ouro formosa
Com qu'encoberta assi d'astucia tanta
Cydippe s'enganou por cubiçosa,
Nem a que o curso teve d'Atalanta;
Mas era aquella, com que Galathêa
O pastor captivou, como elle canta.
Se más tenções puzeram nodoa fêa
Em nosso firme amor, d'inveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhêa?
Quem d'esta fé, quem d'est'amor não cura,
Nunca teve sujeito o coração;
Que o firme amor com a alma eterna dura.

BELISA

Mal conheces, Almeno, huma affeição;
Que s'eu d'esse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados t'o dirão.
Mas teu sobejo e livre atrevimento,
E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa d'este longo apartamento.
Vês a Nymphas do Tejo, que mudando
Me vão já pouco a pouco, o claro gesto
N'outra mais dura fórma traspassando.
Hum só segredo meu te manifesto:
Que te quiz muito em quanto Deos queria;
Mas de pura affeição, d'amor honesto.
E pois de teus descuidos e ousadia
Nasceu tão dura e aspera mudança,
Folgo; que muitas vezes t'o dizia.

Fica-te embora, e perde a confiança
De vêr-me nunca mais, como já viste:
Que assi se desengana huma esperança.

ALMENO

Oh duro apartamento! oh vida triste!
Oh nunca acontecida desventura!
Pois como, Nympha? assi te despediste?
Assi s'ha d'ir tornando (ah sorte dura!)
N'esta sylvestre e aspera rudeza
Tão branda e excellente formosura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros assi se transformaram,
Negando-se-lhe a propria natureza?
D'est'arte os teus cabellos se tornaram
(Deixando já seu preço ao ouro fino)
Em folhas, que a côr têm do que negaram?
Se este consentimento foi divino,
Consinta-me tambem que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.
Pois se a fortuna sempre embravecida
Em meu tormento tanto se desmede,
Não viva mais huma alma tão perdida.
E vós, feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartae já de meu sangue vossa sêde.
E vós, pastores rudos d'este outeiro,
Porque a todos, emfim se manifeste
Que cousa he amor puro e verdadeiro;
A' sombra d'este funebre cypreste
Me fareis hum sepulcro sem arrêo
De boninas que o prado ameno veste.

As desusadas musicas de Orphêo
Aqui me cantareis; e d'esta sorte
Não haverei inveja ao mausolêo.
E porque a minha cinza se conforte,
Em vossos metros doces e suaves
As exequias direis de minha morte.
Alli responderão as altas aves,
Não modulas no canto nem lascivas,
Mas de dôr ora roucas, ora graves.
Não correrão as aguas fugitivas,
Alegres por aqui, mas saudosas,
Que pareça que vem dos olhos vivas.
Nascerão por as praias deleitosas
Os asperos abrolhos em logar
Dos rôxos lirios, das pudicas rosas.
Não trarão as ovelhas a pastar
De redor do sepulcro os guardadores;
Pois nada comcriam de pezar.
Virão os Faunos, guarda dos pastores,
Se morri por amores, perguntando;
Responderão os eccos: *por amores.*
Dos que por aqui forem caminhando,
Um epitaphio triste se lerá,
Que esteja minha morte declarando.
E no tronco de huma arvore estará,
N'huma rude cortiça pendurado
Escripto co'huma fouce e assi dirá:
Almeno fui, pastor de manso gado,
Em quanto o consentiu minha ventura,
De Nymphas e pastores celebrado.
Se algum dia, por caso, na 'spessura
Se perder o amor e a affeição,
Tirem a pedra d'esta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.

EGLOGA IV

(A uma dama)

INTERLOCUTORES

FRONDOSO *e* DURIANO

Cantando por hum valle docemente
Desciam dous pastores, quando Phebo
No reino neptunino se escondia:
De idade cada qual era mancebo;
Mas o velho no cuidado, e descontente
Do que lh'elle causava parecia.
O que cada hum dizia
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Não sou eu tão ousado,
Que o pretenda cantar sem vossa ajuda:
Porque se a minha ruda
Frauta d'este favor vosso fôr dina,
Posso escutar a fonte Caballina.
Em vós tenho Helicon, tenho Pegáso;
Em vós tenho Calliope e Thalia;
E as outras sete Irmãs, co'o fero Marte;
Em vós deixou Minerva sua valia;
Em vós estão os sonhos do Parnaso;
Das Piérides em vós s'encerra a arte.
Com qualquer pouca parte,
Senhora, que me deis d'ajuda vossa
Podeis fazer qu'eu possa
Escurecer ao sol resplandecente:
Podeis fazer que a gente
Em mi do grão poder vosso s'espante;
E que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que cresça d'hora em hora
O nome Lusitano, e faça inveja
A Esmirna, que d'Homero s'engrandece.
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na rude frauta o que a sonora
Cithara mantuana só merece.
Já agora me parece,
Que podem começar os meus pastores
A cantar seus amores.
Porqu'inda que presentes não estejam
As qu'elles vêr desejam,
Mudança de logar, menos d'estado,
Não muda hum coração do seu cuidado.
Já deixava dos montes a altura,
E nas salgadas ondas s'escondia
O sol, quando Frondoso e Duriano,
Ao longo d'hum ribeiro, que corria
Por a mais fresca parte da verdura
Claro, suave e manso, todo o anno,
Lamentando seu damno,
Vinham já recolhendo o manso gado.
Hum estava callado,
Em quanto hum pouco o outro se queixava;
Apoz elle tornava
A dizer de seu mal o que sentia;
E em quanto este fallava, aquelle ouvia.
Vinham-se assi queixando aos penedos,
Aos sylvestres montes e á aspereza,
Que quasi de seus males se doiam.
Alli as pedras perdiam a dureza;
Alli correntes rios estar quedos,
Promptos ás suas queixas, pareciam.
Sómente as que podiam
Estes males curar, pois os causavam,
O ouvido lhes negavam,

Por perderem de todo a esperança:
Mas elles, que mudança
D'amor com tantos damnos não faziam,
Com ellas fallando inda, assi diziam:

FRONDOSO

Isto he o que aquella verdadeira
Fé com que t'amei sempre, merecia,
Sem nunca te deixar hum só momento?
Como (cruel Belisa) t'esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto o seu assento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fé com que t'amava?
Porque não t'abrandava
Est'amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas pois já me deixaste
Co'a esperança de ti toda perdida,
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Se os males que por ti tenho soffrido
(Oh Silvana, em meus males tão constante!)
Quizesses que algum'hora te dissera:
Inda que, qual durissimo diamante,
Fôra o teu cruel peito endurecido,
Creio que a piedade te movêra.
Já agora em branda cêra
Os montes são tornados e os penedos;
E os rios, qu'estão quedos,
Sentiram meus suspiros, minhas queixas.
Tu só, cruel, me deixas,
Qu'es mais, que montes e penedos, dura,
E fugitiva mais qu'a fonte pura.

FRONDOSO

Ond'está aquella falla, que sohia
Só com seu doce tom, que me chegava,
Avivar-me os espiritos cansados?
Onde está o olhar brando, que cegava
O sol resplandecente ao meio dia?
Ond'estão os cabellos delicados,
Que ao vento espalhados
Escureciam o ouro, a mi matavam;
E a quantos os olhavam,
Causavam tambem novos accidentes?
Porque, cruel, consentes
Que outro goze da gloria a mi devida?
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Nenhum bem vejo, que a meu mal espere,
Se não fosse esperar que morte dura
Me venha emfim a dar a saudade.
Vejo faltar-me a tua formosura;
A vontade me diz que desespere,
Contradiz-me a razão esta vontade.
Diz que em huma beldade,
Em quem mostrou o cabo a natureza,
Não ha tanta crueza,
Que hum tão constante amor desprezar queira,
E fé tão verdadeira;
Mas tu que de razão jamais curaste,
Porque era dar-me a vida, m'a tiraste.

FRONDOSO

A quem, Belisa ingrata, t'entregaste?
A quem déste, cruel, a formosura,

Que a meu tormento só, só se devia?
Porque huma fé deixaste, firme e pura?
Porque tão sem respeito me trocaste
Por quem só nem olhar-te merecia?
O bem que t'eu queria,
E que não perderei se não por morte,
Não he de maior sorte,
Que quanto a cega gente estima e preza?
Só a tua crueza
Foi n'isto contra mi endurecida.
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Levaste-me o meu bem n'hum só momento:
Levaste-me com elle juntamente
De cobral-o jámais a confiança:
Deixaste-me em logar d'elle sómente
Huma continua dôr, hum grão tormento,
Hum mal, de que não pode haver mudança.
Tu, que eras a esperança
Dos males que, crul, tu me causaste,
De todo te trocaste,
Com Amor conjurada em minha morte.
Porém se a minha sorte
Consente que por ti seja causada,
Morte não foi mais bemaventurada.

FRONDOSO

Não nasceste d'alguma pedra dura;
Não te gerou alguma tigre hyrcana.
Não te criaste, não, entre a rudeza,
A quem, cruel, sahiste deshumana?
No céo formada foi tal formosura,

Onde a mesma brandura he natureza.
Pois, logo, essa dureza
D'onde teve principio, ou a tomaste?
Porque, dura, engeitaste
De hum verdadeiro amor, que tu bem vias,
A fé, que conhecias,
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Vae-se co'o seu pastor o manso gado,
Porque d'amor entende aquella parte,
Qu'a natureza irracional lh'ensina.
O rustico leão sem algum'arte,
Do natural instincto só ensinado,
Aonde sente amor, logo se inclina.
E tu, que de divina
Não tens menos que Venus e Cupido,
Porque sequer co'o ouvido
Hum amor verdadeiro não soccorres?
Ah! porque te não corres
De que o leão te vença em piedade,
Se não te vence Venus na beldade?

FRONDOSO

A mi não me faltava o que se preza
Entre os celestes deoses, que formaram
A tua mais que humana formosura:
Em mi os voluntarios céos faltaram;
Em mi se preverteu a natureza
D'uma cruel formosa creatura.
Mas, pois, Belisa dura,
Que do mais alto céo a nós vieste,
E em teu peito celeste

Hum tal contrario pôde aposentar-se,
Não he contrário achar-se
Tamanha fé tão mal agradecida.
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Por ti a noite escura me contenta;
Por ti o claro dia m'aborrece;
Abrolhos me parecem frescas flôres;
A doce philomela m'entristece:
Todo contentamento m'atormenta
Com a contemplação de teus amores;
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza.
Em mi tua crueza
Faz que o mal cada hora vá dobrando.
Oh cruel! até quando
Ha de durar em ti tal pensamento,
E a vida em mi, que soffre tal tormento?

FRONDOSO

Fugiste d'um amor tão conhecido,
Fugiste d'huma fé tão clara e firme;
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugir-me;
Pois bem vês, quanto eu tinha merecido
Esse amor que tu a outro concedeste.
A mim me não fizeste
Alguma semrazão; que bem conheço
Que tanto não mereço:
Fizeste-a áquelle bem firme e sincero
Que sabes que te quero,
Em lhe tirar a gloria merecida.
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Cresce cad'hora em mi mais o cuidado,
E vejo qu'em ti cresce juntamente
Cad'hora mais de mi o esquecimento.
Oh Silvana cruel! porque consente
Esse peito formoso e delicado
Que s'esqueça hum tão áspero tormento?
Tal aborrecimento
Merece hum capital teu inimigo:
Mas eu, que só comtigo
Estou contente, e nada mais desejo,
Se algum'hora te vejo.
Tu és hum só meu bem, huma só gloria,
Que nunca se m'aparta da memoria.

FRONDOSO

Olhos, que viram tua formosura;
Vida, que só de vêr-te se sostinha;
Vontade, que em ti estava transformada;
Alma, que essa alma tua em si só tinha,
Tão unida comsigo, quanto a pura
Alma co'o debil corpo está liada;
E que agora apartada
Te vê de si com tal apartamento,
Qual será seu tormento?
Qual será aquelle mal que têm presente?
Maior he que o que sente
O triste corpo em última partida.
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Regendo em outro tempo o manso gado,
Tangendo a minha frauta n'estes vales,

Passava a doce vida alegremente:
Não sentia o tormento d'estes males;
Menos sentia o mal d'este cuidado;
Que tudo então em mi era contente.
Agora não sómente
D'esta via suave me apartaste,
Mas outra me deixaste,
Que ao duro mal que sinto cá no peito,
Me têm já tão affeito,
Que sinto já por gloria a minha pena,
Por natureza o mal, que me condena.

FRONDOSO

Juntamente viver compridos annos,
Os fados te concedam, que quizeram
Ajuntar-te com tal contentamento.
Pois os bens para ti todos nascêram,
Nasceram para mim todos os danos,
Logra tu tua gloria, eu meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar de amar-te;
Porque em nenhuma parte
Poderás nunca estar sem mi hum'hora.
Consente pois agora,
Qu'em pago d'esta fé tão conhecida,
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Veja-t'eu, crua, amar quem te desame,
Porque saibas que cousa he ser amada
De quem tanto aborreces e desprezas.
Veja te eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas,

Sintas tuas durezas,
E quanto pode o seu cruel effeito
N'hum coração sujeito.
Porque em sentido o mal, qu'eu sinto agora,
Espero que algum'hora
Faça o teu proprio mal de mi lembrar te,
Já que não pôde o meu nunca abrandar-te.

FRONDOSO

Mil annos de tormento me parece
Cad'hora que sem ti, sem esperança
Vivo de poder mais tornar a vêr-te,
A vida só me dá tua lembrança;
A vida sôbre tudo m'entristece;
A vida antes perdêra, que perder-te.
Mas eu se, por querer-te
Hum bem qu'em ti só tem seu firme assento,
Padeço tal tormento,
Qu'esperará de ti quem te desama,
Ou quem ao menos te ama
Com algum falso amor, ou fé fingida?
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Então, cruel, verás se to merece
Com tamanho desprêzo ser tratada
Hum'alma, que d'amar-te só se preza.
Mas como poderás ser desprezada,
Se o menos que em ti fóra se parece,
Pode abrandar dos montes a aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate pôz da formosura,
Qual será a pedra dura,

Que a teu valor resista brandamente?
Que fará a fraca gente,
Se ao humano parecer não se defende,
E a mesma Venus deosa ao teu se rende?

FRONDOSO

E pois fé verdadeira, amor perfeito,
Tormento desigual e vida triste,
Junta com hum contino soffrimento,
E hum mal, em que o mal todo, emfim, consiste,
Não puderam mover teu duro peito
A mostrares sequer contentamento
De vêr o meu tormento;
Antes tudo, soberba, desprezaste,
E a outrem te entregaste
Por nada me ficar em que esperasse,
Senão quando acabasse
A vida, a pezar meu, já tão comprida,
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

DURIANO

Longo curso de tempo, e apartado
Logar a um coração, que vive entregue,
Não podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Não vês que teu fugir he escusado,
Pois sem mim não estás hum só momento?
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se m'aparte
Poderá já ausentar-te
D'est'alma triste, que continuamente
Em si te tem presente.

Torna, cruel; não fujas a quem te ama:
Vem a dar a vida, ou a morte a quem te chama.
A noite escura, triste e tenebrosa,
Que já tinha estendido o negro manto,
De escuridade a terra toda enchendo,
Fez pôr a estes Pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa
Vinham seu manso gado recolhendo.
Se aquillo que eu pretendo
D'este trabalho haver, que he todo vosso,
Senhora, alcançar posso;
Não será muito haver tambem a gloria
E o louro da victoria,
Que Virgilio procura e haver pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vós se rende.

EGLOGA V

(Proseguindo a passada)

A D. Antonio de Noronha

Falla hum só pastor

A quem darei queixumes namorados
Do meu Pastor queixoso e namorado?
A branda voz, suspiros magoados,
A causa porque n'alma he magoado?
De quem serão seus males consolados?
Quem lhe fará devido gasalhado?
Só vós, Senhor famoso, e excellente,
Especial em graças entre a gente.
Por partes mil lançando a phantasia,
Busquei na terra estrella, que guiasse

Meu rudo verso; em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente e clara, como a luz do dia,
Que o rudo engenho meu me allumiasse;
E em vossas perfeições, grão Senhor, vejo
Ainda além cumprido o meu desejo.
   A vós se dão, a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho e arte,
D'hum esprito divino acompanhado.
Dos sobrehumanos hum em toda parte:
Em vós as graças todas se hão juntado;
De vós em outras partes se reparte.
Sois claro raio, sois ardente chamma;
Gloria e louvor do tempo, azas da fama.
   Em quanto eu apparelho hum novo esprito,
E voz de cysne tal, que o mundo espante,
Com que de vós, Senhor, em alto grito
Louvores mil em toda parte cante;
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vaccas e gado petulante:
Que quando tempo fôr, em melhor modo
Ha de m'ouvir por vós o mundo todo.
   As vãs querellas, brandas e amorosas,
Sejam de vós tratadas brandamente;
Verdades d'alma pouco venturosas,
Sahidas com suspiro vivo e ardente:
Em vossas mãos s'entregam valerosas,
Porqu'ao futuro vivam entre a gente,
Chorando sempre a antigua crueldade,
Para mover as almas a piedade.
   Já declinava o sol contra o Oriente,
E o mais do dia já era passado,
Quando o pastor co'o grave mal que sente,
Por dar allivio em parte a seu cuidado,
Se queixa da pastora docente,

Cuidando de ninguem ser escutado.
Eu que o escutei, n'uma árvore escrevia
As mágoas que cantou; e assi dizia:
  Ou tu do monte Pindaso és nascida,
Ou marmor te pariu formosa e dura:
Não póde ser que fosse concebida
Dureza tal de humana creatura:
Ou quiçá que és em pedra convertida,
Ou tens da natureza tal ventura;
Porém não fez em ti boa impressão,
Só de marmor tornar-te o coração.
  Já, já com minha voz rouca e chorosa
A gente mais austera moveria;
E com esta corrente lagrimosa
Os tigres em Hyrcania amansaria.
Se não fosses cruel, quanto formosa,
Meu longo suspirar te abrandaria:
Mas suspirar por ti, mas bem querer-te,
Que fazem senão mais endurecer-te?
  Se deixáras vencer a crueldade
De tua tão perfeita formosura;
Hum pouco víras bem minha vontade,
E víras a fé minha, limpa e pura,
Por ventura, que houveras já pidade,
E tivera eu quicá melhor ventura:
Mas nunca achou igual tua belleza,
Se não se foi em ti tua dureza.
  Já hum peito abrandára, que não sente,
Este meu grave mal, seguedo he forte;
Se descêra do inferno ao Polo ardente,
A piedade movêra a propria morte.
Pois se huma gotta de água brandamente
Torna brando hum penedo, duro e forte,
Tantas lagrimas minhas não farão
Hum pequeno sinal n'hum coração?

Na testa fonte viva tenho d'agua,
Que por meus olhos tristes se derrama;
E no peito de fogo viva fragoa,
Que tudo em si converte, tudo inflamma:
Amor em de redor, por maior mágoa,
Voando mais accende a ardente chamma.
Se queres vêr se ardentes são seus tiros,
Olha se são ardentes meus suspiros.
Quando grita e rumor grande se sente,
Porque fogo se ateia em casa, ou torre,
De pura compaixão vai toda a gente,
Agua ao fogo, gritando; e cada hum corre.
D'est'arte anda o meu peito em chamma ardente,
E com a água dos olhos se soccorre;
Que quem me abraza, outra água me defende,
Porque com esta o fogo mais se accende.
Quando vêmos que sae lá no Oriente
O sol, seu curso, antigo começando,
Formoso, intenso, puro, refulgente,
O monte, o campo, o mar, tudo alegrando;
Quando de nós s'esconde no Ponente,
E em outras terras sae, allumiando,
Sempre, em quanto vae dando ao mundo giro,
Choram por ti meus olhos, e eu suspiro.
Caminha o dia todo o caminhante,
E, emfim, lhe chega a noite, em que descança;
Trabalha na tormenta o navegante,
Traz-lhe a clara manhã feliz bonança;
Recolha o fructo fertil e abundante
Da terra o lavrador, se n'ella cança:
Mas eu de meu cuidado e mal tão forte
Tormento espero só, só crua morte.
De ouvir meu damno as rosas matutinas,
Condoidas se cerram, s'emmurchecem;
Com meu suspiro ardente as côres finas

Perdem o cravo, o lyrio, e não florecem.
Co'a rôxa aurora as pallidas boninas,
Em vez de se alegrarem, s'entristecem:
Deixam seu canto Progne e Philomena;
Que mais lhes doe, que a sua, a minha pena.
 Responde o monte concavo a meus ais,
E tu como aspid, cerras-lhe o ouvido;
Os indomitos feros animaes,
Sem humano sentir, mostram sentido:
Mas em ti minhas dôres desiguaes
Nunca movem o peito endurecido:
Por muito que te chame, não respondes;
E quanto mais te busco, mais te escondes.
 N'aquella parte d'onde costumavas
Apascentar meus olhos e teu gado;
Alli d'onde mil vezes me mostravas,
Que era o pastor de ti mais desejado,
Vezes mil te busquei, por vêr se davas
Algum breve descanço a meu cuidado.
Busco te em vão no valle, em vão no monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.
 Este logar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias já folgaste,
Agora triste, escuro he já tornado;
Que todo o bem comtigo nos levaste.
Eras tu nosso sol mais desejado;
Não temos luz, depois que nos deixaste.
Torna, meu claro sol; torna, meu bem:
Qual he o Josué que te detém?
 Depois que d'este valle te apartaste,
Não pasce já algum gado, com seccura;
Seccou-se o campo, des que lhe negaste
Dos teus formosos olhos a luz pura;
Seccou-se a fonte, d'onde já te olhaste,
Quando menos, que agora, áspera e dura;

Nega sem ti a terra, ouvindo gritos,
Ás cabras pasto e leite a os cabritos.
Sem ti, doce, cruel minha inimiga,
A clara luz, escura me parece:
Este ribeiro, quando a dôr m'obriga,
Com meu chorar por ti contino crece.
Não ha fera, a que a fome não persiga;
Algum prado sem ti já não florece:
Cegos estão meus olhos; nada vêm,
Porque não podem vêr seu claro bem.
O campo, como d'antes, não se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas;
Falta água ao pasto, e sentem d'água a falta
As candidas, pacíficas ovelhas:
Bem conhecem tambem que o céo lhes falta
As doces e solícitas abelhas:
Com lagrimas, que manam dos meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos.
Torna pois já, pastora, ao nosso prado,
Se restituir-lhe queres a alegria:
Alegrarás o valle, o campo, o gado,
E aquelle espelho teu da fonte fria.
Torna, torna, meu sol tão desejado,
Farás a noite escura claro dia;
E alegra já esta vida magoada,
Em que só tua ausencia he Parca irada.
Vem, como quando o raio transparente
D'este nosso horisonte, que escondido,
Deixa hum certo temor á mortal gente,
Causado de vêr o orbe escurecido;
E quando torna a vir claro e luzente,
Alegra o mundo todo entristecido:
Que assi he para mi tua luz pura
Claro sol, como a ausencia noite escura.

Mas tu esquecida já do bem passado,
E do primeiro amor, que me mostraste,
Teu coração de mi tens apartado,
Não menos que do valle te apartaste.
Não te quero eu a ti mais que a meu gado?
Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?
Onde o meu êrro viste, ou desvario,
Que pôde merecer-te hum tal desvio?
Bem vês que por Amor se move tudo,
E que d'elle não ha quem seja isento;
O mais simples animal, mais baixo e rudo.
O de mais levantado pensamento:
Debaixo d'agua fria o peixe mudo
Tambem la tem d'ardor seu movimento.
Pois as aves, que no ár cantando vôam,
Não menos humas d'outras se affeiçôam.
A musica do leve passarinho
Que sem concêrto algum sólta e derrama,
De hum raminho saltando a outro raminho,
Mostra que por amor suspira e chama;
Em quanto no secreto amado ninho
Não acha aquelle, que só busca e ama,
No canto, a nós alegre, triste chora,
Porque teme perder a quem namora.
A fera, que he mais fera, e o leão,
Sempre acha outro leão, sempre outra fera
Em quem possa empregar huma affeição,
Que o conversar no peito seu lhe gera:
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, desespera;
Accna, salta, brada, ferve e geme;
E não temendo a nada, a Amor só teme.
O cervo, que escondido e emboscado,
Temendo ao cobiçoso caçador,
Está na selva, monte, bosque ou prado,

Alli donde anda e vive, vive amor.
De temor d'amor acompanhado,
Com justa causa amor tem e temor:
Temor a quem para feril-o vinha,
Amor a quem já, já ferido o tinha.
  Pois se a fera insensivel, que não sente,
Tambem sente d'Amor a frecha dura,
Porque a ti não te abranda hum fogo ardente,
Que proceda da tua formosura?
Porque escondes a luz do sol á gente,
Que n'esses olhos trazes bella e pura?
Mais pura, mais suave, mais formosa,
Que lyrio, que jasmim, que cravo e rosa.
  Pode ser, se me visses, que sentiras
Vêr liquidar hum peito em triste pranto;
E bem pouco fizeras, se me víras,
Pois eu só por te vêr suspiro tanto:
As mágoas, os suspiros, que me ouviras
Te puderam mover a grande espanto,
A dôr, a piedade, a sentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.
  Os pensamentos vãos, que o vento leve;
O suspirar em vão tambem ao vento;
Hum esperar á calma, á chuva, á neve,
E nunca poder vêr-te hum só momento;
Tormento he, que sómente a ti se deve.
E se póde inda haver maior tormento,
Quem te viu, e se vê de ti ausente,
Muito mais passará mais levemente.
  Faz mossa a pedra dura em sua dureza
Com a agua que lhe toca brandamente;
Abranda o ferro forte a fortaleza,
Se lhe toca tambem o fogo ardente:
Em ti só desconheço a natureza;
Que, a ser de pedra ou ferro totalmente,

Já teu peito cruel fôra desfeito
Das aguas e das chamas do meu peito.
Quando a formosa Aurora mostra a fronte,
Alegra toda a terra, vendo o dia;
Quando Phebo apparece no horisonte,
Manifesta tambem grande alegria;
Contente pasce o gado ao pé do monte,
Conte a beber vae na fonte fria:
Está tudo contente, alegre tudo;
Eu só, só pensativo, triste e mudo.
Se já d'alma e do corpo tens a palma,
E do corpo sem alma não tens dó,
Ha dó do corpo só, que está sem alma,
Pois sem alma não vive o corpo só.
Nas chamas e no ardor, no fogo e calma,
Na affeição, no querer eu sou hum só:
Não acharás vontade tão captiva;
Nem outra como a tua tão esquiva.
Se te apartas por não ouvir meu rôgo,
Onde estiveres te hei de importunar:
Postoque vás por agua, ferro ou fogo,
Comtigo em toda parte me has de achar:
Que o fogo em que ardo, e a agua em que m'affogo
Emquanto eu vivo fôr, hão de durar;
Pois o nó, que me enlaçá, he de tal sorte,
Que não se ha de soltar em vida, ou morte.
N'este meu coração sempre estarás,
Emquanto a alma estiver com elle unida:
Tambem o meu esprito possuirás,
Despois que a alma do corpo fôr partida.
Por mais e mais que faças, não farás
Que deixe o amar-te n'esta e essa outra vida:
Impossivel será que eternamente
Ausente estês de mim, estando ausente.

Cá m'acompanhará vossa memoria,
Se o rio, que se diz do esquecimento,
Da minha não borrar tão longa historia,
Tão grave mal, tão duro apartamento.
Até quando vos veja entrar na gloria,
Viverei n'hum contino sentimento:
E ainda então vereis (se isto ser possa)
Esta minha alma lá servir a vossa.

Aqui com grave dôr, com triste accento,
Deu o triste pastor fim a seu canto:
Co'o rosto baixo e alto o pensamento,
Seus olhos começaram novo pranto:
Mil vezes parar fez no ár o vento,
E apiedou no céo o côro santo:
As circumstantes sylvas s'inclinaram,
Condoidas das maguas qu'escutaram.

Com huma mão na face, reclinado,
Tão enlevado em sua dôr estava,
Que, como em grave somno sepultado,
Não via que já o sol no mar entrava.
Berrando andava em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava:
Nas covas as rapozas, e em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Já sobre um secco ramo estava posto
O mocho com funesto e triste canto:
Ao som d'elle o pastor ergueu o rosto,
E viu a terra envolta em negro manto.
Quebrando então o fio de seu gosto,
E o fio não quebrando de seu pranto,
Por não se descuidar de seu cuidado,
Levou para os curraes o manso gado.

EGLOGA VI

Ao Duque de Aveiro

INTERLOCUTORES

AGRARIO *(pastor)* — ALICUTO *(pescador)*

A rustica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques, das areias,
De seus rudos cultores modulada;
A cujo som attonitas e alheias
Do monte as brancas vaccas estiveram,
E do rio as saxatiles lampreias;
Desejo de cantar. Que se moveram
Os troncos ás avenas dos pastores,
E já sylvestres brutos suspenderam:
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do fundo pégo,
E fez ouvir os mudos nadadores.
E se por sustentar se o moço Cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflamma,
O que he mais proprio no ocio e no socego;
Mais maravilhas dando á voz da fama,
No mesmo mar undoso e vento frio
Brazas rôxas accende a roxa flamma.
Vós, ó ramo d'um tronco alto e sombrio,
Cuja frondente cóma já cobriu
De Luso todo o gado e senhorio;
E cujo são madeiro já sahiu
A lançar a forçosa e larga rêde
No mais remoto mar que o mundo viu;
E vós, cujo valor tão alto excede,
Que, a cantal-o com voz alta e divina,
A fonte do Parnaso move a sêde;

Ouvi da minha humilde çanfonina
A harmonia, que vós já levantaes
Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.
Mas se agora que affabil m'escutaes,
Não ouvirdes cantar com alta tuba
O que vos deve o mundo, que douraes;
E se os Reis avós vossos, que de Juba
Os reinos debellaram, não ouvis
Que nas azas do excelso verso suba;
Se não sabem as frautas pastorís
Pintar de Toro os campos semeados
D'armas e corpos fortes e gentís;
Por hum moço animoso sustentados,
Contra o indomito rei de toda Hespanha,
Contra a fortuna vã e injustos fados:
Hum Moço, cujo esfôrço, brio e manha,
Do Olympo fez descer o duro Marte,
E dar-lhe a quinta esphera, que acompanha;
Se não sabem cantar a menor parte
Do sapiente peito e grão conselho,
Que pôde, ó reino illustre, descançar-te;
Peito, que ao douto Apollo faz, vermelho,
Deixar o sacro Monte e as nove Irmãs,
Porque a elle se affeitem como a espelho;
Saberão bem cantar, em nada vãs,
D'Alicuto as contendas e d'Agrario;
Hum d'escamas coberto, outro de lãs.
Vereis, Duque sereno, o estylo vário,
A nós novo, mas n'outro mar cantado
De hum, que só foi das Musas secretario:
O pescador Sincero, que amansado
Têm o pégo de Prochyta c'o canto
Por as sonoras ondas compassado.

D'este seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estylo, novo espanto.
Partíra-se do monte Agrario insano
Para onde a fôrça só do pensamento
Lh'encaminhava o lasso pêzo humano.
Embebido em um longo esquecimento
De si, e do seu gado e pobre fato,
Apoz hum doce sonho e fingimento,
Rompendo as sylvas horridas do mato,
Vae por cima d'outeiros e penedos,
Fugindo, emfim, de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos ledos
Da branca Dinamene, que enverdece
Só co'o meneo valles e rochedos.
Ora se ri comsigo, quando tece
Da phantasia algum prazer fingido;
Ora falla; ora mudo s'entristece.
Qual a tenra novilha, que corrido
Têm montanhas fragosas e espessuras,
Por buscar o cornigero marido;
E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longe d'hum ribeiro,
Já quando as sombras vêm cahindo escuras;
E nem co'a noite ao valle seu primeiro
Se lembra de tornar, como sohia,
Perdida por o bruto companheiro:
Tal Agrario chegado, emfim, se via
Onde o grão pégo horrisono suspira
N'huma praia arenosa, humida e fria.
Tanto que ao mar estranho os olhos víra,
Tornando em si, de longe ouviu tocar-se
De douta mão não vista e nova lyra.

Fez-lhe o som desusado desviar-se
Para onde mais soava, desejando
D'ouvir e conversar, e de provar-se.
Muito não tinha proseguido, quando
Em a concavidade d'hum penedo,
Que pouco a pouco fôra o mar cavando,
Topou hum pescador, que prompto e quedo,
N'huma pedra assentado, brandamente
Tangendo, faz o mar sereno e ledo.
Mancebo era d'idade florecente,
Pescador grande do alto, conhecido
Por o nome de toda humida gente:
Alicuto se chama: que perdido
Era por a formosa Lemnoria;
Nympha que tem o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noite e dia;
Por ella as ondas tumidas despreza;
Por ella soffre o sol e a chuva fria.
C'o seu nome mil vezes a braveza
D'irados ventos amansou co'o verso,
Que remove das rochas a dureza.
E agora em som de voz, suave e terso,
Está seu nome aos eccos ensinando
Por estylo do agreste som diverso.
Ouvindo Agrario, attonito, affroxando
Da phantasia hum pouco seu cuidado,
Suspenso esteve os numeros notando.
Mas Alicuto, vendo-se estorvado
Por hum pastor da musica divina,
O rosto levantou bem socegado,
E disse assi: Vaqueiro da campina,
Que vens buscar ás arenosas praias,
Onde a bella Amphritrite só domina?

Que razão ha, pastor, para que saias
A este nosso escamoso e vil terreno
Dos teus floridos myrtos e altas faias?

Pois s'agora o mar vês brando e sereno,
E estender-se estas ondas por a areia,
Amansadas das mágoas, com que peno,

Logo verás o como desenfreia
Eolo o vento por o mar undoso,
De sorte que Neptuno se receia.

Responde Agrario: Oh musico e amoroso
Pescador! eu não venho a vêr o lago
Bravo e quieto, ou vento brando e iroso;

Mas o meu pensamento, com que apago
As flammas ao desejo, me trazia
Sem ouvir e sem vêr, suspenso e vago:

Até que a tua angelica harmonia
M'acordou, vendo o som, com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.

Mas se de vêr-me cá no mar t'espantas,
Eu m'espanto tambem do estylo novo
Com que as ondas horrisonas quebrantas.

Porém se com verdade o louvo e approvo,
Desejo de o provar contra o sylvestre
Antigo pastoril, qu'eu mal renóvo.

E tu, que no tocar pareces mestre,
Bem julgarás se ha clara differença
Entr'o o canto maritimo e o campestre.

Não ha (disse Alicuto) em mi detença:
Alvorôço antes ha, por mais que veja
Que a tua confiança só me vença.

Mas, porque saibas que nenhuma inveja
Os pescadores temos aos pastores
Do som que pelo mundo se deseja,

Toma a lyra na mão, que os moradores
Do vitreo fundo vendo estou juntar-se
Para ouvir nossos rusticos amores.
Bem vês por essa praia presentar-se
Nas conchas vária côr á vista humana;
E o mar vir por entr'ellas e tornar-se.
Socegada do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio,
Que seu licor aqui mistura e dana.
Este penedo concavo e sombrio,
Que de cangrejos vês estar coberto,
Nos dá abrigo do sol, quieto e frio.
Tudo nos mostra, emfim, repouso certo,
E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes sahem ouvindo ao ar aberto.
Assi se desafiam estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes;
Nos enganos porém subtis e agudos.
Eis já mil companheiros circumstantes
Estavam para ouvir, e apparelhavam
Ao vencedor os premios semelhantes.
As bem sonantes lyras se tocavam;
Agrario começava, e da harmonia
Os pescadores todos s'admiravam;
E d'est'arte Alicuto respondia.

AGRARIO

Vós semicapros deoses do alto monte,
Faunos longevos, Satyros, Sylvanos;
E vós, deosas do bosque e clara fonte,
E dos troncos que vivem largos annos;
Se tendes prompta hum pouco a sacra fonte
A nossos versos rusticos e humanos,
Ou me dae já a capella de loureiro,
Ou penda a minha lyra d'um pinheiro.

ALICUTO

Vós humidas deidades d'este pégo,
Tritões ceruleos, Proteo, com Palermo;
Vós, Nereidas do sal em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo;
Se ás vossas sacras aras nunca nego
O congro nadador na pá do remo,
Não consintaes, que a musica marinha
Vencida seja aqui na lyra minha.

AGRARIO

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do sol as carretas move e guia;
Ouviu o rio Amphriso a lyra d'ouro,
Que o seu claro inventor alli tangia.
Io foi vacca; Jupiter foi touro:
Mansas ovelhas junto d'agua fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em bezerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO

Pescador já foi Glauco, e deos agora
He do mar; e Protêo Phocas guarda.
Nasceu no pégo a deosa, que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda.
Se foi bezerro o deos, que cá se adora,
Tambem já foi delfim. Se se resguarda,
Ve-se que os moços pescadores eram,
Que o escuro enygma ao primo Vate deram.

AGRARIO

Formosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei

A' doce Philomela ; e dos murtinhos
Para ti (fera !) as flôres apanhei ;
E se os crespos madronhos nos raminhos
Com tanto gôsto já te presentei,
Porque não dás a Agrario desditoso
Hum só revolver d'olhos piedoso ?

ALICUTO

Para quem trago d'agua em vaso cavo
Os curvos camarões vivos saltando ?
Para quem as conchinhas ruivas cavo
Na praia, os brancos buzios apanhando ?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral vou arrancando,
Senão para a formosa Lemnoría,
Que co'hum só riso a vida me daria ?

AGRARIO

Quem viu o desgrenhado e crespo inverno
D'altas nuvens vestido, horrido e feio,
Ennegrecendo á vista o céo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheio ;
Raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
Que ao mundo mostra um pallido receio :
Tal o amor he cioso, a quem suspeita
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO

Se alguem vê, se alguem ouve o sibilante
Furor lançando flammas e bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos :

A braços derribando o já nutante
Mundo, co'os elementos destruidos:
Assi me representa a phantasia
A desesperação de vêr hum dia.

AGRARIO

Minha alva Dinamene, a primavera,
Que os deleitosos campos pinta e veste,
E rindo-se huma côr aos olhos gera,
Qu'em terra lhes faz vêr o arco celeste;
As aves, as boninas, a verde hera,
E toda a formosura amena, agreste
Não he para os meus olhos tão formosa,
Como a tua que abate o lirio e rosa.

ALICUTO

As conchinhas da praia, que presentam
A côr das nuvens, quando nasce o dia;
O canto das Sirenas, que adormentam;
A tinta, que no múrice se cria;
O navegar por ondas, que se assentam
Co'o brando fado, com que o sol s'enfria,
Não podem, Nympha minha, assi aprazer-me,
Como o ver-te, se em tanto chego a vêr-me.

AGRARIO

A deosa, que na Lybica lagôa
Em fórma virginal appareceu,
Cujo nome tomou, que tanto sôa,
Os olhos bellos tem da côr do céo:
Garços os tem; mas huma, que a corôa
Das formosas do campo mereceu,

Da côr do campo os mostra graciosos.
Quem diz, que não são estes os formosos?

ALICUTO

Perdoem-me as deidades; mas tu, diva,
Que no liquido marmore és gerada,
A luz dos olhos teus, celeste e viva,
Tens por vício amoroso atravessada:
Nós petos lhe chamâmos; mas quem priva
De luz o dia, baixa e socegada
Traz a dos seus nos meus, qu'eu o não nego;
E com toda esta luz sempre estou cego.
Assi cantavam ambos os cultores
Do monte e praia, quando os atalharam
A hum pastores, a outro pescadores.
E quaesquer a seu Vate coroaram
De capellas idoneas e formosas,
Que as Nymphas lhes teceram e ordenaram:
A Agrario de murtinhos e de rosas;
A Alicuto d'hum fio de torcidos
Buzios e conchas ruivas e lustrosas.
Estavam n'agua os peixes embebidos
Com as cabeças fóra; e quasi em terra
Os musicos delfins estão perdidos.
Julgavam os pastores que na serra
O cume e preço está no antigo canto;
Que quem o nega, contra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
Tem na sonora frauta, quanto teve
O monte pastoril da antigua Manto.
Mas já o pastor d'Admeto o carro leve
Molhava n'agua amara, e compellia
A recolher a rôxa tarde e breve:
E foi fim da contenda o fim do dia.

EGLOGA VII

OS FAUNOS.—Dirigida a D. Antonio de Noronha

INTERLOCUTORES

SATYRO I — SATYRO II

As doces cantilenas, que cantavam
Os semicapros deoses, amadores
Das Napêas, que os montes habitavam,
Cantando escreverei: que se os amores
As sylvestres deidades maltrataram,
Já ficam desculpados os pastores.
Vós, senhor Dom Antonio, aonde acharam
O claro Apollo e Marthe hum ser perfeito,
Em quem suas altas mentes assinaram;
Se o meu engenho é rudo, ou imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo effeito.
Em vós minha fraqueza se defende;
Em vós instilla a fonte do Pegáso,
O que o meu canto por o mundo estende.
Vêdes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomando-me das mãos tão alto caso.
Vêdes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, e escurece
O que a vosso louvor meu canto aspira.
Ou por me haver inveja me fallece,
Ou por não vêr soar na frauta ruda
O que a sonora cithara merece.
Pois sei dizer, senhor, que a lingua muda,
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co'o pranto ajuda;

E em quanto Galatea ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz assento;
E em quanto flôr aos campos não falleça,
(Se não recebeis isto por affronta)
Fará que o Douro e o Ganges vos conheça.
E já que a lingua n'isto fica promta,
Consenti que a minha Egloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
No cume do Parnaso, duro monte,
De sylvestre arvoredo rodeado,
Nasce huma crystallina e clara fonte;
D'onde hum manso ribeiro derivado,
Por cima d'alvas pedras mansamente
Vae correndo suave e socegado.
O murmurar das ondas excellente
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente.
Tão claras vão as aguas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem, humas e humas, estar contando.
Não se verão em derredor pizadas
De fera ou de pastor, que alli chegasse,
Porque de espesso monte são vedadas.
Herva se não verá, que alli creasse,
O monte ameno, triste ou venenosa,
Senão que lá no centro as igualasse.
O rôxo lirio a par da branca rosa,
A cecêm pura, a flôr que dos amantes
A côr tem magoada e saudosa;
Alli se vêm os myrtos circumstantes
Que a crystallina Venus encobriram,
Escondendo-a dos Faunos petulantes.

Hortelã, mangerona, alli respiram,
Onde nem frio inverno, ou quente estio,
As murcharam jamais, ou sêccas viram.
D'est'arte vae seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado e o deserto
Sempre com verdes árvores sombrio.
Aqui huma linda Nympha, por acêrto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este logar era encoberto;
Cansada já da caça vindo hum dia,
Quiz descançar á sombra da floresta,
E tirar nas mãos alvas d'água fria.
A novidade vendo manifesta
Do sítio, e como as árvores co'o vento
As calmas defendiam da alta sesta;
Das aves o lascivo movimento,
Qu'em seus modulos versos occupadas
As azas dão ao doce pensamento;
Tendo notado tudo, já passadas
As horas da grã sesta, se tornou
A buscar as irmãs, no centro, amadas,
Despois que largamente lhes contou
Do não visto logar, que perto estava
E tanto por extremo a namorou,
Que ao outro dia fossem, lhes rogava,
A levar-se em aquella fonte amena,
Que tão formosas aguas destillava.
Já tinha dado um giro a luz serena
Do grão pastor d'Admeto, e já nascia
Aos ditosos amantes nova pena,
Quando as formosas Nymphas em porfia
Para o logar do monte caminhavam,
Rompendo a manhã rôxa, alegre e fria.

D'huma os louros cabellos s'espalhavam
Por o formoso collo sem concêrto,
E com mil nós suaves s'enlaçavam;
Outra, levando o collo descoberto.
Por mais despejo em tranças os atára,
Havendo por pezado o desconcêrto.
Dinamene e Ephyre, a quem topára
Nuas Phebo em hum rio, e encobriram
Seus delicados corpos n'água clara;
Syrinx e Nyse, que das mãos fugiram
Do Tegêo Pan; Amanta e mais Elisa,
Destras nos arcos mais que quantas tiram;
A linda Daliana, com Belisa
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhuma tão formosa as hervas pisa:
Todas estas angelicas donzellas,
Por o viçoso monte alegres hiam,
Quaes no céo largo as nitidas estrellas.
Mas dous sylvestres deoses, que traziam
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe mais que a si queriam,
Não lhes ficava monte, valle ou prado,
Nem árvore, por onde quer que andavam,
Que não soubesse d'elle seu cuidado.
Quantas vezes os rios, que passavam,
Detiveram seu curso ouvindo os danos,
Que aos proprios duros montes magoavam!
Quantas vezes amor de tantos annos
Abrandára qualquer vontade isenta,
Se em Nymphas corações houvesse humanos!
Mas quem de seu cuidado se contenta,
Offereça de longe a paciencia;
Que amor d'alegres mágoas se sustenta.

Que o moço Idalio quiz n'esta sciencia
Que se compadecessem dous contrarios
Diga-o quem tiver d'elle experiencia.

Indo os deoses, emfim, por montes varios
Exercitando os olhos saudosos,
Ao crystallino rio tributarios;

Toparam dos pés alvos e mimosos
As pizadas na terra conhecidas,
As quaes foram seguindo pressurosos.

Mas, encontrando as Nymphas que despidas
Na clara fonte estavam, não cuidando
Que d'alguem fossem vistas ou sentidas,

Deixaram-se estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
Que vissem, sem ser vistos, espreitando.

Porém a espessa mata, mensageira
Da cilada de dous, com o rugido
Dos raminhos d'huma áspera aveleira,

Manifestando claro e escondido,
Todas huma alta grita levantaram,
Que o monte pareceu ser destruido.

Assi despidas logo se lançaram
Por a espessura tão ligeiramente,
Que mais que o proprio vento então voaram.

Qual o bando das pombas, quando sente
A rapida aguia, cuja vista pura
Não obedece ao sol resplandecente;

Empresta-lhe o temor da morte dura
Nas azas novo alento; e, não parando,
Veloz rompendo o ár fugir procura:

D'est'arte as deosas timidas, deixando
De seu despôjo os ramos carregados,
Nuas por entre as sylvas vão voando.

Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar, emfim, se viam
Nada dos pés caprinos ajudados;
Com amorosos brados as seguiam.
Hum só (que o outro ainda não tomava
Fôlego algum da pressa que traziam)
D'esta sorte sentido se queixava:

SATYRO PRIMEIRO

Ah Nymphas fugitivas,
Que só por não usar humanidade
Os perigos dos matos não temeis!
Para que sois esquivas?
Qu'inda de nós não peço piedade,
Mas d'essas alvas carnes, que offendeis.
Ah Nymphas! não vereis
Que Eurydice, fugindo d'essa sorte,
Fugiu do amante, e não da fera morte?
Tambem assi Eperie foi mordida
Da vibora escondida.
Olhae a serpe occulta na herva verde.
Quem o rigor não perde, perde a vida.
Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera venenosa,
Ou que inimigo, emfim, vos vae seguindo?
D'hum brando coração,
Que preso d'essa vista rigorosa
De si para vós foge, andaes fugindo?
Olhae que em gesto lindo
Não se consente peito tão disforme;
Se não quereis que tudo se conforme.
Postoque bellas n'água vos vejaes,
A' fonte não creaes,
Que vos traz enganados por vingança
D'esta nossa esperança, que enganaes.

Mas ah! que não consinto
Que nem palavra minha vos offenda,
Postoque me desculpe a mágoa pura.
Digo, Nymphas, que minto:
Pois mal póde haver nunca quem pretenda
Negar-vos essa rara formosura.
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem merece,
Não estranheis, minh'alma se endoudece:
Que se doudices falla de improviso
Sem tento e sem aviso,
Queira Deos, que dureza tão crescida
Me não prive da vida além do siso.
Cousas grandes e estranhas
Por o mundo tem feito e faz natura,
Que a quem vos não viu, Nymphas, muito espantam.
Nas Libycas montanhas
As Scitales são feras, de pintura
Tão singular, que só co'a vista encantam.
As hienas levantam
A voz tão natural á voz humana,
Que a quem as houve, facilmente engana.
E vós, ó gentis feras, cujo aspeito
O mundo tem sujeito,
Tendes de natureza juntamente
A vista e voz de gente, e fero o peito.
Das amorosas leis,
Com que liga natura os corações,
Andaes fugindo, ó Nymphas, na espessura?
Como? E não vos correis
D'haver em vós tão duras condições,
Que possam mais que a próvida natura?
Se vossa formosura
He sobrenatural, não he forçado
Que assi tenha tambem o peito irado:

Antes ao puro Amor, em cuja mão
Os corações estão,
Por vossa gentileza tão formosa
Lhe deveis amorosa condição.
   Amor he hum brando affeito,
Que Deos no mundo pôz e a natureza,
Para augmentar as cousas que creou.
De Amor está sugeito
Tudo quanto possue a redondeza:
Nada sem este affecto se gerou.
Por elle conservou
A causa principal o mundo amado,
D'onde o pae famulento foi deitado.
As cousas elle as ata e as conforma
Com o mundo, e reforma
A materia. Quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre fórma.
   Entre as plantas do prado
Não ha machos e femias conhecidas,
Que junto huma da outra permanece?
Não estão carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Não vêdes que padece
Tanta tristeza a rôla por a morte
Da sua amada e unica consorte?
Pois lá no Olympo, a quantos captivou
Cupido e maltratou?
Melhor qu'eu o dirá a subtil donzella,
Que já na sua téla o debuxou.
   Ah caso grande e grave!
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis absolutos naturaes!
Aquelle amor suave,
Aquelle poder alto, que forçados

Os deoses obedecem, desprezaes?
Pois quero que saibaes,
Que contra o fero Amor nunca houve escudo
Costume he seu tomar vingança em tudo.
Eu vos verei lançar em hum momento
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas, triste pranto e nova dôr
Por quem tenha outro amor no pensamento.
  Mais quizera dizer
O desditoso amante, que ajudado
Se via então da mágoa e da tristeza;
Mas foi lh'o defender
O outro companheiro, como irado
Com tão disforme e áspera dureza.
Aquillo que a rudeza
D'huma sciencia agreste lhe ensinára,
Disse, qual se em tal ponto despertára
D'horrendo sonho com pezado grito.
O mais que alli foi dito,
Vós, montes, o direis, e vós penedos;
Que em vossos arvoredos anda escrito.

SATYRO SEGUNDO

  Nem vós nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,
Mas de alguma disforme fera Hyrcana;
Lá no Caucaso horrendo vos criastes;
D'aqui trouxestes a aspereza insana;
D'aqui os calidos peitos congelastes.
Sois Esphinges nos gestos naturaes,
Que de humanas os rostos só mostraes.
  Se vós fostes criadas na espessura,
Onde não houve cousa que se achasse,
Agua, pedra, arbor, flôr, ave, alma dura,

Que em seu passado tempo não amasse,
Nem a quem a affeição suave e pura
N'essa presente fórma não mudasse;
Porque não deixareis tambem memoria
De vós em namorada e longa historia?
 Olhae como, na Arcadia soterrando
O namorado Alpheo sua agua clara,
Lá na ardente Sicilia vae buscando
Por debaixo do mar a Nympha cara.
Assi tambem vereis passar nadando
Atys, que Galatêa tanto amára,
Por onde do Cyclope a grande mágoa
Converteu do mancebo o sangue em agoa.
 Virae os olhos, Nymphas, á Erycina
Espessura; vereis alli mudar-se
Egeria, e em fonte clara e crystallina
Por a morte de Numa distillar-se.
Olhae que a triste Biblis vos ensina,
Com perder-se de todo e transformar se
Em lagrimas, que emfim puderam tanto,
Que accrescentaram sempre o verde manto.
 E se entre as claras aguas houve amores,
Os penedos tambem foram perdidos.
Olhae os dous conformes amadores
 Lá no monte Ida em pedra convertidos:
Lathêa, por cahir em vãos errores
De sua formosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por escusar a pena a quem amava.
 Tomae exemplo, e vêde em Cypro aquella
Por quem Iphis no laço poz a vida;
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Juno consummida,
E, se qneixar-se quer de sua estrella,
A voz extrema só lhe he concedida.

E tu tambem, ó Daphnis, que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste!
Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga, emfim, se foi tornando:
Porque outra Nympha extranha já o sogiga,
Suas magicas hervas vae buscando.
Olhae a quanto a crua dôr obriga?
Por vingar-se, assi irada transformando
O foi em pedra. Oh dura confusão!
Despois lhe pezaria; mas em vão.
Olhae, Nymphas, as arvores alçadas,
A cuja sombra andaes colhendo flores,
Como em seu tempo foram namoradas;
Do que inda agora o tronco sente as dores.
Vereis, entre as de fructo matizadas,
Como a côr das amoras he de amores:
O sangue dos amantes na verdura
Testimunha de Tisbe a sepultura.
E lá por a odorifera Sabêa
Não vêdes que de lagrimas d'aquella,
Que com seu pae se junta e se recrêa,
Arabia s'enriquece, e vive d'ella?
Lembrae-vos da verde arvore Penêa,
Que foi já n'outro tempo Nympha bella,
E Cyparisso angelico mancebo;
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.
De Phrygia vêde o moço delicado
No mais alto arvoredo convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado;
Galardão de seus erros merecido:
Pois, da alta Berecynthia sendo amado,
Por huma Nympha baixa foi perdido;
E a deosa, a quem perdeu do pensamento,
Quiz que tambem perdesse o entendimento.

O subito furor lhe figurava
Que as arvores e os montes se cahiam;
Já dos pudicos membros se privava,
Que os horrores a tanto o constrangiam;
Já indignado no monte se lançava:
De sua morte as feras se doiam.
D'est'arte perdeu Atys na espessura,
Despois de tantas perdas, a figura.

Lembre-vos quando as gentes celebravam
Em Grecia as grandes festas de Liêo,
Onde as formosas Nymphas se juntavam,
E os sacros moradores do Licêo.
Todos em doce somno se occupavam
Por o monte, despois que anoiteceu;
Mas o deos do Hellesponto não dormia;
Que hum novo amor o somno lh'impedia.

Mas ella emfim, os braços estendendo,
Em ramos se lhe foram transformando;
Em raizes os pés se vão torcendo;
E o nome Loto só lhe vae ficando.
Vêde, Napêas, este caso horrendo,
Que vos está de longe ameaçando.
Assi tambem d'aquella, a quem seguia
O sacro Pan, a fórma se perdia.

Que vos direi de Filis, pois perdida
Da saudosa dôr com que vivia,
A' desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida
Atava ao collo a cinta que trazia.
Mas o tronco sem fôlha por o monte
Rhodope abraça o lento Demophonte.

Nas boninas, tambem vereis Jacinto,
Por quem Phebo de si se queixa em vão;
Vereis o monte Idalio em sangue tinto

Do neto de seu pae, da mãe irmão.
Chora Venus a dôr do moço extinto,
Maldiz o céo e a terra, com razão;
A terra, porque logo não se abriu;
O céo, porque tal morte permittiu.
E tu, constante Clycie, a quem fallece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti s'esquece,
S'esquecem os teus olhos saudosos.
Nenhum alegre estado permanece;
Que são do mundo os gostos mentirosos;
E á tua clara luz, por quem suspiras,
Ainda agora em herva os olhos víras.
Trago-vos estas cousas á lembrança,
Porque s'estranhe mais vossa crueza
Com vêr que a criação e longa usança
Vos não perverte e muda a natureza.
Dou as lagrimas minhas em fiança,
Qu'em tudo quanto está na redondeza,
Cousa d'Amor isenta, se attentaes,
Em quanto vos não virdes, não vejaes.
Já disse, que d'Amor sempre tiveram
As cousas insensiveis pena e gloria;
Vêde as sensiveis como se perderam.
E dir-vos-hei das aves larga historia:
As penas, qu'em su'alma se soffreram,
Nas azas lhes ficaram por memoria;
E aquelle altivo e leve movimento
Lhes ficou do voar do pensamento.
O doce rouxinol e a andorinha,
D'onde lhes veiu o ir-se transformando,
Senão do puro amor que o Thracio tinha,
Qu'em poupa ainda a amada vae chamando?
Clama sem culpa a misera avezinha,
Que n'areia de Phasis habitando,

Do rio toma o nome; e quando clama,
Cruel á mãe, ao pae injusto chama.

Vêde a que engeitou Pallas por fallar,
(Que dos amores he maior defeito)
E aquella, que succede em seu logar,
Ambas aves; de amor usado effeito;
Huma, porque fugia ao deos do mar;
Outra, porque tentára o patrio leito:
E Scylla, que a seu pae pôz em perigo,
Só por ser muito amiga do inimigo.

E Pico, a quem ficaram inda as côres
Da purpura real, que antes vestia;
Esaco, que o seguir de seus amores
O trouxe a vêr tão cedo o extremo dia:
Ou vêde os dous tão firmes amadores,
Que amor aves tornou na praia fria.
Do rei dos ventos era genro o triste;
Mas contra o fado, emfim, nada resiste.

Estava a triste Halcyone, esperando
Com longos olhos o marido ausente;
Mas os ventos indomitos soprando,
Nas águas o affogaram tristemente.
Em sonhos se lh'está representando;
Que o coração preságo nunca mente:
Só do bem as suspeitas mentirão,
Mas as do mal futuro certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaia;
Buscando o mar com elles hia e vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praia;
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha
Ó Nereidas do Egêo, consolae-a,
Pois este pio officio vos convinha.
Consolae a; sahi das vossas aguas;
Se consolação ha em grandes mágoas.

Mas oh nescio de mi! que estou fallando
Das avesinhas mansas e amorosas?
Pois tambem teve Amor natural mando
Entre as feras montezes venenosas.
O leão e a leoa, como, ou quando
Taes fórmas alcançaram temerosas?
Sabe-o da deosa Dindymene o templo,
E a que a Adonis o dava por exemplo.
Quem fosse a mansa vacca dil-o-hia;
Mas o grão Nilo o diga, pois a adora.
Que fórma, teve a Ursa, saber-se-hia
Do Pólo Boreal, onde ella mora.
O caso d'Acteon tambem diria
Em cervo transformado; e melhor fôra
Se dos olhos perdera a vista pura,
Que em seus galgos achar a sepultura.
Tudo isto Acteon viu na fonte clara,
Onde a si de improviso em cervo viu:
Que quem assi d'est'arte alli o topára,
Que se mudasse em cervo permittiu.
Mas, como o triste principe em si achára
A desusada fórma, se partiu.
Os seus, desconhecendo-o, o vão chamando;
E, tendo-o alli presente, o vão buscando.
Co'os olhos e co'o gesto lhes fallava;
Que a voz humana já perdida tinha.
Qualquer d'elles por elle então chamava,
E a multidão dos cães contra elle vinha.
Hum cervo acude a vêr (qualquer gritava)
Acteon, d'onde estás? acude asinha.
Que tardar tanto he este? (repetia)
He este, he este, o ecco respondia.
Quantas cousas em vão estou fallando
(Oh Napêas esquivas!) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando

De quem meu damno tanto só deseja.
Pois, por mais que de mi andaes tirando,
E por mais longa emfim que a vida seja,
Nunca em mi se verá tamanha dôr,
Que Amor a não converta em mais amor.

Aqui (formosas Nymphas) vos pintei
Todo d'amores hum jardim suave;
D'aguas, de pedras, d'arvores contei,
De flôres, d'almas, feras, de huma, outra ave.
Se este amor, que no peito aposentei,
Que dos contentamentos têm a chave,
Por dita em tempo algum determinasse
Que de tão longos damnos vos pezasse,

Quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga historia e não alheia?
E com quanta mais agua regaria,
Que o rio, de contente, a branca areia?
Novo contentamento me seria
Formar de meu cuidado a nova ideia:
E vós, gostando d'este estado ufano,
Zombarieis então de vosso engano.

Mas com quem fallo já? que estou gritando,
Pois não ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
A quem as digo, corre mais que o vento.
A voz e a vida a dôr me está tirando,
E o tempo não me tira o pensamento.
Direi, emfim, ás duras esquivanças
Que só na morte tenho as esperanças.

Aqui, sendo, o Satyro acabou,
Com huns soluços que a alma lhe arrancavam,
Os montes insensiveis, que abalou,
Nas ultimas respostas o ajudavam.
Então Phebo nas aguas se encerrou

Co'os animaes que o mundo allumiavam,
E co'o luzente gado appareceu
A candida pastora por o céo.

EGLOGA VIII

Piscatoria

SERENO

Arde por Galatêa branca e loura
Sereno pescador pobre, forçado
D'uma estrella, que quer á mingua moura.
Os outros pescadores têm lançado
No Tejo as redes; elle só fazia
Este queixume ao vento descuidado:
Quando virá, formosa Nympha, hum dia,
Em que te possa dar a conta estreita
D'esta doudice triste e vã porfia?
Não vês, que me foge a alma e que m'engeita,
Buscando em hum só riso d'essa boca,
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Se ao teu esprito alguma mágoa toca,
Se d'amor fica n'elle huma pégada,
Que te vae, Galatêa, n'esta troca?
Dar-te-hei minh'alma: lá m'a tens roubado:
Não t'a demandarei: dá-me por ella
Huma só volta d'olhos descuidada.
Se muito te parece, a minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as azas do Amor perdidas n'ella.
Que mais te posso dar, Nympha formosa,
Inda que o mar d'aljofar me cobrira
Toda esta praia leda e graciosa?

Amansam-se ondas, quebra o vento a ira:
Minha tormenta só nunca socega;
O meu peito arde em vão, em vão suspira.

Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quando o solar raio lhes não chega.

Eu, vendo apparecer outros formosos
Raios, que a graça e côr ao céo roubaram,
Se os olhos cegos vi, vejo saudosos

Quantas vezes as ondas se encresparam
Com meus suspiros! quantas com meu pranto
As fiz parar de mágoa e me escutaram!

Se na fôrça da dôr a voz levanto,
E ao som do remo, que agua vae ferindo,
Perante a lua meu cuidado canto;

Os maviosos delfins me estão ouvindo;
A noite socegada; o mar callado:
Tu só foges d'ouvir-me, e te vás rindo.

Estranhas, por ventura, o mar cercado
Da fraca rede; a barca ao vento solta;
E hum pobre pescador aqui lançado?

Antes que o sol no céo cerre huma volta
Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede, n'agua envolta.

Igual preço não he da formosura
D'outro a areia, que o rico Tejo espraia,
Mas hum amor, que para sempre dura.

Vejam teus olhos (bella Nympha) a praia;
Verás teu nome na mimosa areia.
Nunca sobre elle o mar com furia saia!

Vento algum atégora o não salteia:
Tres dias ha que escripto aqui o deixou
Amor, e o veda a toda força alheia.

Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando
Que o sol para ti só as matisou.
Hum ramo te colhi de coral brando:
Antes que o ár lhe desse, parecia
O que de tua boca estou cuidando.
Ditoso se o soubesse inda algum dia!

EGLOGA IX

Recolhidas pelo padre Thomaz José de Aquino dos ineditos de Manoel de Faria e Sousa, e publicadas em 1779

Piscatoria

PALEMO

Despois que o leve barco ao duro remo,
Onde menos das ondas se temia,
Atou o pescador pobre Palemo;
Em quanto as negras redes estendia
Seu companheiro Alcão na branca arêa,
E Lico as longas cordas envolvia;
De cima d'huma rocha, a qual rodêa
Omar quebrando n'ella de contino,
Começou a chamar por Galatêa.
Deixa o molle licôr e crystallino,
(Dizia) ó Nympha, já, que o sol deseja
Enxugar teu cabello d'ouro fino.
Inda que tem de ti tão grande inveja,
Não temas que te queime o rosto brando:
Basta para abrandar se que te veja.
Não te detenhas mais, vem já cortando
Com teu candido peito as brancas ondas,
Escumas menos brancas levantando.

Dar te-hei (com condição que não t'escondas
De mi lá n'essas humidas moradas,
E que algum'hora, branda me respondas)

Mil conchas n'hum cordão verde enfiadas,
Todas d'huma feição; não d'huma côr,
Pois d'ellas são azues, d'ellas rosadas.

Indaque seja pobre pescador,
Não sei se em desprezar-me muito acertas,
Pois rico do amor teu me fez Amor.

Para ti n'outras praias mais desertas
Irei pescar por entre pedras duras,
Que sempre verde musgo tem cobertas,

As pardas ostras, onde gottas puras
De fresco orvalho, dentro endurecidas,
Não podem da cubiça estar seguras.

Porque deixas de vir? porque duvidas?
Por ventura de algum meu companheiro?
Inda as rêdes ao sol tem estendidas.

Toda a noite pescaram, e primeiro
Querem dormir a sésta n'esta praia,
Que o barco polo mar levem ligeiro.

Eu, vigiando aqui como atalaia,
Te chamarei, até que cansado
Hum dia d'esta rocha abaixo caia,

Deixando este logar tão infamado
Com minha morte, que dos marinheiros
Com o dedo de lá será mostrado.

Dirão os naturaes e os estrangeiros:
Alli morreu Pallemo. Ai triste historia!
Guardae a náo de alli, ventos ligeiros.

Antes que tal succeda, vê que gloria
Alcanças com deixar aos navegantes
Da tua ingratidão esta memoria.

Da nossa differença não te espantes:
Tu Nympha, eu pescador: Glauco, deos vosso,
Qual eu agora sou, tal era d'antes.

Tambem eu entre as hervas achar posso
Aquella, a quem o céo deu tal virtude,
Que muda n'outro sêr este sêr nosso.

Mas este amor, qu'eu cá mudar não pude,
Inda que vá a morar lá n'essas águas,
Não temas que a mudança em mi o mude.

Serão as vivas ondas vivas frágoas,
Em que estarei ardendo noite e dia,
Se não tiveres dó de tantas mágoas.

As horas naturaes da pescaria
Não vês que vão passando? Como as passas?
Quem d'este passatempo te desvia?

Ah rigorosa Nympha! ah! não me faças
Dar em vão tantos gritos: vem; iremos
Ambos a levantar as verdes naças.

Ambos os anzoes curvos cobriremos
De mentirosas iscas, com que os peixes
A todo prazer nosso prenderemos.

Assi d'Amor cruel nunca te queixes,
E d'essa formosura as mais formosas
Nymphas do mar azul vencidas deixes;

Que venhas (pois por ti com saudosas
Lagrimas vou gastando a vida e alma)
A tirar-me esperanças duvidosas.

A praia está callada, o mar em calma,
Por cima d'esta rocha brandamente
Zephyro respirando a desencalma.

Aqui não sinto cousa certamente
Porque deixes de vir, como sohias,
Senão, que não és tu d'isso contente.

Se desgostas das grossas pescarias,
Marisco appetitoso aqui não falta,
Já sejam luas cheias, já vazias,

Polos pés d'esta rocha dura e alta
Irei eu despegando huns como pés
D'um pequeno animal, que n'ella salta.

E vivos te darei (se d'elles és
Amiga) mil cangrejos vagarosos,
Que verás ir andando de revés.

Não te darei ouriços espinhosos,
Porque te quero tanto, que receio
Qu'esses teus dedos piquem tão mimosos.

Faz d'aqui perto o mar hum largo seio,
Onde de ameijoas lisas, sem trabalho,
Podemos apanhar hum cesto cheio.

Mas além de tudo isto hum crespo galho
De vermelho coral te darei logo,
Que por dita arrastou o meu tresmalho.

Mas ai! qu'em vão te chamo, em vão te rógo;
Que nem tu a meus rogos tens respeito,
Nem eu, por mais que grite, desaffógo.

Hum coração em lagrimas desfeito
Como já não te abranda? quem encerra
Crueza tal em tão formoso peito?

Não reina Amor no mar como na terra?
Bem sabes que mil vezes já venceu
A Neptuno teu rei em clara guerra.

Sua formosa mãe onde nasceu,
Senão no proprio mar em que te banhas?
Onde Thetis por Péleo em fogo ardeu?

Se das pedras nascesses nas montanhas,
Se com leite de tigres te creáras,
Mais duras não tiveras as entranhas.

Apparecêras tu, e então tornáras
Logo a esconder-te, logo, se quizeras
Nas ondas, que de ti me são avaras.

Com huma mostra só que de ti deras,
A vida, que me foge em não te vendo,
Co'os teus formosos olhos detiveras.

Então víras os meus, d'onde correndo
De lagrimas se vêm dous largos rios,
Que o mar tambem em si vae recolhendo.

Ah! nescio pescador! que desvarios
Me deixo aqui dizer! a quem os digo!
As surdas ondas já, já a ventos frios.

Elles e ellas já crescem: já em p'rigo
O barco vejo: ai! ei-lo combatido.
Ellas e elles o levam já comsigo.

Olhos, que lá me tendes o sentido,
A culpa he vossa só, que me não vêdes.
Mas, pois o pescador anda perdido,

Perca-se o barco seu, percam-se as rêdes.

EGLOGA X

Piscatoria

MELISO

Encheu do mar azul a branca praia
Meliso pescador de mil querellas;
Meliso, que por Lilia arde e desmaia.

Despois que á luz da lua e das estrellas,
Sobre dura fatexa o barco pôsto,
As redes recolheu, remos e velas:

Que gosto, ó Lilia, (disse) ou que desgosto
Te move a me negar, vendo qual ando,
Teus olhos côr do céo, teu alvo rosto?

Se tu queres que pene desejando,
Se queres que no mar em fogo viva;
Ardendo sempre estê, sempre penando.

Mas olha, ó branda Lilia, (antes esquiva)
Que não merece ser tão mal tratada
Hum'alma d'esses olhos tão captiva.

Vives dos meus cuidados descuidada:
Coitado de quem traz a duvidosa
Vida no mar e terra aventurada!

Bem pódes com razão ser piedosa
Com quem não quer mór bem, que bem querer-te,
Não sendo tão cruel como és formosa.

Ora deixa já, ingrata, deixa ver-te
A meus cansádos olhos, que de tantas
Lagrimas são movidos, sem mover-te.

Se tu me vences, e se tu m'encantas
Com tua doce falla, doce riso,
Porque foges de mi? porque te espantas?

Lembre-te a formosura de Narciso,
E qual pago lhe deu seu desamor:
Olha que com amor d'isto te aviso.

Mas quando essa crueza tanta for,
Que mereça do céo novo castigo,
Qual herva será digna de tal flor?

Amor que me persegue, Amor que sigo,
Me faz d'hum grave mal andar temendo;
D'hum mal qu'eu sinto na alma e que não digo.

Quanto mais ledo já te estive vendo
Aqui as mansas ondas esperando,
Que por chegar a ti vinham correndo,

E da molhada areia despegando
Com a candida mão roxas conchinhas,
A fórma de teu pé n'ella deixando?

D'aquellas, de que tu mais gosto tinhas,
Muitas te trago aqui, postoque temo
Que menos o terás por serem minhas.

Hum temor tal me chega a tal extremo,
Que, vencido d,hum triste esquecimento,
No mar me cahe da mão o duro remo.

E quando a branca vela solto ao vento,
Tão descuidado vou do fiel leme,
Que me leva a perder meu pouco tento.

Mas quem arde por ti, quem por ti treme,
Os seus maiores riscos não receia,
Os teus que sente mais, muito mais teme.

Despois que te não vi, (não sei que creia
D'esta tardança tua e morte minha)
Sendo a lua vazia, he quasi cheia.

O tempo, que nos gostos passa asinha,
Detem-se n'este mal da saudade,
Por me dobrar a dôr que d'antes tinha.

Não desprezes, ó Lilia, huma vontade,
Que por te contentar tudo despreza,
Tudo julga, sem ti, por pouquidade.

Se pretendes amor, já tens certeza
Que não pódes ser nunca mais amada
Dos que vencidos traz tua belleza.

Se por ventura estás affeiçoada
A gentil parecer, a bom engenho,
A ninguem n'estas partes devo nada.

Se fazes caso d'honra, olha que venho
De geração d'honra los pescadores;
Se de riqueza, barco e redes tenho.

Por erros julgarás estes louvores;
E oxalá não os julgues por doudice!
Mas quem siso quer ter não tenha amores.

E mais tudo foi pouco quanto disse,
Pondo os olhos no muito que meu fado
Nos teus, que vêr desejo, quiz que visse.

Aconteceu-me hum caso desusado,
(Inda que d'huma cousa n'outra salto)
Digno, por ser de amor de ser contado.

Pescando hontem á tarde no mar alto,
Suspenso n'essa rara formosura,
A quem com mil lembranças nunca falto,

Comecei a cantar: Lilia, mais dura
Que a mais inculta rocha rodeada
Do mar, de cujo encontro está segura;

Mais alva que jasmins, e mais córada
Que purpureas cerejas polo Maio;
Mais loura que manhã desentrançada;

Não vês .. dizer queria que desmaio,
Quando (cousa que mal me será crida)
No mar, vencido d'hum, do barco caio?

Alli tivera fim a triste vida,
Se d'hum brando delfim, que me escuitava,
Não fôra, por ser tua, soccorrida.

Parece que tambem vencido estava
Do mal, de que me via andar vencido,
Quem em tamanho risco me ajudava.

Trouxe-me sobre si adormecido,
Nadando ao som das ondas mansamente,
Até que me sentiu em meu sentido.

Livre d'este mortal, bravo accidente,
Tal foi o espanto meu, tal meu temor,
Que d'outro me livrei escassamente.

Mas logo o amoroso nadador
Me pôz junto do barco, que tão perto
Esteve de ficar sem pescador.

O sol era de todo já coberto,
Quando eu, entrando n'elle, sahi fóra
Do perigo, onde tive o fim tão certo.

Porém outro maior me causa agora,
De que mal sahirei, se te não vir
Amanhecer aqui co'a nova aurora.

Não póde ella tardar em descobrir
As suas louras tranças desatadas,
Das quaes as tuas bem se podem rir.

Pois por cima das ondas, acordadas,
As Halcyoneas ouço lamentar-se,
Do seu antigo damno inda lembradas.

E sinto o fresco orvalho derramar-se
Mais congelado e frio ; e Venus bella
Polo Oriente já vejo levantar-se.

Bem pódes, Lilia, competir com ella,
E com Pallas e Juno em gentileza ;
Em amor não, pois elle nasceu d'ella :

Desterrou o de ti tua aspereza,
Que desterra de mi prazer e vida,
Deixando em seu logar mágoa e tristeza.

No silencio da noite, que convida
A descanso commum, tanto me cança,
Que não sei se remedio ou morte pida.

Se tu quizesses dar-me huma esperança
De te servir de mi ou tarde, ou cedo,
Nunca me negaria o mar bonança.

Pelas inchadas ondas, que põe medo,
Eu só, sem mais ajuda, levaria
Sempre á força de braço o barco quedo.

Tão seguro por ellas andaria,
Como pelo seu campo o lavrador
No mais quieto, claro e bello dia.

Ólha que não ha destro pescador,
Que mais manhoso as redes desencolha,
Nem os tortos anzoes isque melhor.

Os peixes deixarei em tua escolha:
Aquelles de que fêres mais amiga,
Nunca te faltarão de fôlha a fôlha.

Não sei, Lilia formosa, que mais diga,
Que mova amor em ti, que mova mágoa;
Sei que mágoa, e que amor a mais obriga.

Mas antes que o sol dê n'aquella frágoa,
Onde meus ais dilata a triste Ecco,
Vou-me segurar mais o barco na agua,

Porque de baixamar não fique em sêcco.

EGLOGA XI

INTERLOCUTORES

ANZINO *e* LIMIANO

Parece-me, pastor, se mal não vejo,
Que já te vi mais ledo andar outr'hora
Nos largos campos do famoso Tejo?

LIMIANO

Podia ser; que muito tempo fóra
Andei d'esta ribeira, patria minha,
Onde triste me vês andar agora.

Tinha lá para mi, que a vida tinha
Mais socegada cá e màis segura,
Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.

Foi d'outro parecer minha ventura:
Discordias sós achei, e achei dureza,
Em logar de socego, e de brandura.

Achei as boas leis da natureza
Vencidas do interesse; e a gente cega,
Tanto, que mais que o sangue, o gado préza.

Dizem que quando o mar bonança nega,
Correndo vae aquella náo mór p'rigo,
Que á desejada terra mais se chega.

Assi m'aconteceu a mi commigo;
Seguro sempre ao longe, sempre ledo;
Triste ao perto, e tratado como imigo.

ANZINO

Sempre (pódes-me crêr este segredo)
Desejei de te vêr; mas com desgôsto,
Inda te não quizera vêr tão cedo.

Prestando para cousas de teu gôsto,
Como camalião não mudo côres;
Qual he meu coração, tal é meu rosto.

LIMIANO

Não são logo assi, não, outros pastores,
Que de promessas vãs te fazem rico,
E nunca fructo dão: tudo são flôres.

Mas desejo saber com quem pratíco,
Porque não caia em falta, e porque entenda
A quem tamanho amor devendo fico.

ANZINO

Antes que tempo n'isso se dispenda,
Busquemos hum logar mais fresco e frio,
Que da calma que cahe, bem nos defenda.

LIMIANO

Vamos alli, que alli bosque sombrio
Nos dará fresco abrigo, assento o prado,
Formosa vista o valle, o monte, o rio:

O rio, que verás tão socegado,
Que te parecerá que se arrepende
De levar agua doce ao mar salgado.

Nem cabra, nem ovelha alli offende
Herva, folha, nem flôr, ou ferro duro:
A planta polo ar livre se estende.

Verás cahindo em gottas crystal puro
No vão d'uma caverna carcomida,
Por entre o musgo molle, verde-escuro.

ANZINO

Quem traz á saudade a alma rendida,
A saudade busca, onde descansa;
Mas o descanso d'ella encurta a vida.

Com tudo, quem do céo na terra alcansa
Poder gozar-se d'esta liberdade,
Que mais deseja ter? que mais o cansa?

Affirmo te de mi esta verdade,
Que muitos valles vi, muitas ribeiras;
Mas esta me dobrou a saudade.

Oh que viçosas murtas! que oliveiras!
Que freixos! como estão d'hera cingidos!
Quantas voltas lhes dá de mil maneiras!

Os lirios junto d'agua bem nascidos
Quanta graça que têm entre as boninas,
Sem ordem, com mais graça entremetidos!

Vem encrespando as águas crystallinas
A branda viração; a folha treme;
O movimento apenas determinas.

A rôla seu amor suspira e geme;
Escondida se queixa Philomela:
Parece que do campo inda se teme.

Espanta a quem se atreve, vêr aquella
Rocha por cima d'água pendurada
Como já se não deixa cahir n'ella.

Ó ribeira do Lima, celebrada
De mil brandos espritos sempre sejas,
Sempre de brandas Nymphas povoada.

Fujam longe de ti duras invejàs;
Peçonha de pastores, morte sua:
Tudo sintas amor, tudo amor vejas.

De dia o claro sol, de noite a lua,
Em teu favor inspirem de maneira,
Que sempre fertil seja a praia tua.

Tornando, emfim, á prática primeira,
Por dar-te, como queres, de mi conta,
Larga t'a quero dar e verdadeira.

Apartar-te do gado leva em conta;
Que, pois com elle fica o pegureiro,
Que te detenha hum pouco, pouco monta.

O meu nome he Anzino: fui vaqueiro
Na grã Serra da Estrella, que não tive;
Não sei se natural, ou se estrangeiro.

Hum pastor me criou, que já não vive;
De todos por seu filho era julgado;
E eu tambem n'este engano hum tempo estive.

Até que d'elle soube ser achado
Em huma anzina envolto em pobres panos;
E d'aqui veiu, que Anzino fui chamado.

N'este meu desengano outros enganos
Fundou de novo a pouca dita minha,
Com que o vim a servir mais de sete annos.

Tinha muito de seu e mais não tinha
De filhos, que huma filha bem formosa,
Á qual por morte d'elle tudo vinha.

Conversação doméstica e damnosa,
Na livre formosura e tenra idade,
Em ambos accendeu chamma amorosa.

Como ella de mi soube esta verdade,
Com outro amor, com outros exercicios,
N'ella ganhei de novo outra vontade.

Amor mestre me fez de mil officios
Para meio do fim que desejava;
E d'elle sinal davam mil indicios.

Tecia alvos cestinhos, quando andava
Com as vaccas no prado: á noite hum cheio
De fructa, outro de flôres lhe levava.

Nas mangas muitas vezes e no seio
As nozes lhe levei com as castanhas,
Quer do souto do pae, quer d'outro alheio.

Nos intrincados bosques, nas montanhas,
Por seu amor as feras perseguia,
Fôrças agora usando, agora manhas.

Vivos os mansos cervos lhe trazia;
Vivas medrosas lebres fugitivas:
Ligeireza de pés não lhes valia.

Mas, se lhe dava as mansas feras vivas,
Mortas lhe dava as que por natureza,
Sem domar-se, são bravas, ou esquivas.

Certo dia achei eu n'huma aspereza,
Sem mãe, hum cervo branco e pequenino;
Trouxe-lh'o; ella o creou; inda hoje o préza.

Ou já creação seja, ou já destino,
Tanto que não o vê, geme e suspira.
Como menos fará o triste Anzino?

Tangia mal na frauta, mal na lyra;
Despois tão bem tangia, qu'era espanto
A quem antes d'amor tanger m'ouvíra.

Ouvia celebrar sempre em meu canto
Ulina a sua rara formosura:
(Tal nome tem aquella, a que amo tanto.)

Contava lhe meus males por figura:
Ficava eu, de medroso, frio e mudo;
Ficava ella suspensa; a historia escura.

Assi com tal temor, com tal estudo,
Amor fui grangeando longamente,
Á conta d'este amor perdendo tudo.

Ella, dos meus desejos innocente,
O mesmo amor me tinha, tanto, digo;
Que no ser era tudo differente.

Praticava seus gostos só commigo;
Seus desgostos tambem, seus pensamentos,
Com rara graça e com saber antigo.

Outras vezes, confusa nos intentos,
Os modos me notava, e me dizia:
Entre irmãos de que servem comprimentos?

Eu quizera, Senhora, (respondia)
Que soubesses de mi, que irmão não sendo,
Não com menos amor te serviria.

Tornou-me: Essa resposta não entendo:
O que não quiz o céo, queres que seja?
Que castellos no vento andas fazendo?

Se me queres vêr leda, não te veja
Soltar essas palavras ociosas:
Materia mais honesta nos sobeja.

Dizendo assi, nasciam-lhe outras rosas
N'aquellas proprias suas, sobre a neve
Das suas faces mais que o sol formosas.

D'estas quebras commigo algumas teve;
Cujas fôrças amor quebrava logo
N'outra conversação mais branda e leve.

Cresceu d'esta maneira o vivo fogo
Que ardendo dentro na alma encurta a vida;
Cujo princípio foi um brinco, ou jôgo.

Mas ella n'este tempo era pedida
De muitos a seu pae em casamento;
Nova dôr para mi, mortal ferida!

Elle lhe nomeava mais de cento:
D'elles paternamente lhe rogava
Hum escolhesse a seu contentamento.

Com mil razões fingidas s'escusava,
Sendo só a razão, não ser contente;
Com que desgôsto ao pae, gôsto a mi dava.

Estando nós por huma sesta ardente
A' sombra d'huns madronhos repousando,
Affastados da casa e mais da gente,

Já d'huma e d'outra cousa praticando;
Soltou com um suspiro estas palabras:
Desde hontem para cá em mi não ando.

Logo que nosso pae tornou das labras,
Me disse que assentára de casar-me
Com Tityro, pastor de muitas cabras.

Que não buscasse causas d'escusar-me,
Como por muitas vezes já fizera,
Pois tinha muitas mais de contentar-me.

Que afóra esta tenção, que a sua era,
O mesmo seus parentes lhe diziam,
A quem de seus intentos conta dera.

As águas, que dos olhos me corriam,
Em quanto elle me disse o que te digo,
Por mi, que fiquei muda, respondiam.

Com seu chôro abrandou ao pae amigo;
Qu'emfim, deixando-a menos magoada,
Lhe disse que fallasse isto commigo.

Assi me disse; e que determinada
Estava a qualquer mal que lhe viesse,
Antes que ser com Tityro casada.

Que por mais de mil cabras que tivesse,
Jámais esta vontade mudaria;
Que buscava saber, não interesse.

E que de melhor mente casaria
Com hum qualquer pastor, pobre de gado,
Se n'elle as partes visse que em mi via.

Por extremo de mi lhe foi louvado
O pensamento seu; e sem detença
Tal resposta lhe dei acautelado:

Se a dar meu parecer me dás licença,
Hum pastor te darei de qualidade,
Que em nada de mi tenha differença;

Nem de menos saber, nem mais idade;
Nas manhas outro tal, e em corpo e gesto:
Da fazenda não sei a quantidade.

Se esse me fazes bom, d'aqui protesto
De não receber outro por marido:
Me respondia com semblante honesto.

Pois sabe (respondi) que já admittido
Me tens com gôsto teu por teu esposo;
Que com dar-te-me dou o promettido.

Não pude dizer mais, de vergonhoso,
Nem ella me deixou com ouvir tal,
Suspeitando de mi amor vicioso.

Logo me respondeu: Ah desleal!
Ah deshonesto irmão! isso pretendes?
Mas não, irmão; imigo capital.

O céo, que com injusto amor offendes,
Tome, cruel, de ti justa vingança,
Antes que de tamanho error t'emendes.

Andavas-me enganando na esperança
Com esses falsos e indevidos meios
Ao sangue nosso e minha confiança?

Fizestes verdadeiros os receios,
A que confusamente me levavas
De sombras enganosas com rodeios.

Desejo no teu peito agasalhavas
Tão torpe, tão infame, tão alheio
Do puro amor, a que obrigado estavas?

Não te desculpes, não; que já não creio
Lagrimas, nem palavras, nem desculpas
De quem imaginou caso tão feio.

Timido respondi: De que me culpas?
Se ouvido me não dás, não tens razão;
Acaba de me ouvir o fim das culpas.

Tem-me, Ulina, por teu, não por irmão:
Se me não queres crêr esta verdade,
De teu pae saberás se minto, ou não.

Por filho me criou: a flôr da idade
Gastei em o servir por teu respeito:
Olha o que te merece esta vontade.

Se com ser isto assi tenho êrro feito
Em grangear-te, que a ti só desejo,
Eis este ferro aqui, eis este peito.

Isto ouvindo, mostrou hum ledo pejo,
Pondo os olhos no chão, formosa e branda;
E cuido que inda assi nos meus a vejo.
Disse-me: Em que revoltas o amor anda!
No bem, como no mal, tambem me enleia:
Inda agora o senti, já reina e manda.
Como queres, Anzino, que eu te creia
Cousa que nem sonhada foi tégora?
Não sabes de quem ama, o que receia?
Fallarei com meu pae: fica-te embora:
No desengano seu teu bem consiste;
Da palavra que dei não estou fóra.
Com isto me deixou alegre e triste.
O comêço já ouviste de meu dano,
Amigo Limiano: o fim amargo,
Em que não serei largo, escuita agora.
Fulgencia, outra pastora, que visinha
Era da amada minha e grande amiga,
(Não sei como isto diga que não moura)
Pastora branca e loura, que na serra
Era a segunda guerra dos pastores,
Por mal dos meus amores me quiz bem.
Fundava-se porém em casamento;
E d'este fundamento lhe nascia,
Que, como me não via, o valle, o monte,
O bosque, o rio, a fonte rodeava.
Em busca minha andava aquella sesta;
Entrou pola floresta, onde nos viu;
E tudo nos ouviu quanto fallamos,
Entre huns espessos ramos escondida.
Cruelmente ferida dos ciumes,
Foi-se a fazer queixumes (descobrindo
Mais do que esteve ouvindo) ao pae d'Ulina.
Eis logo desatina o triste velho;
Eis que sem mais conselho a filha entrega,

Que com chôro se nega e com palabras,
Ao simples guarda cabras, por esposa.
Ah hora desditosa! ah sorte dura!
D'aquella formosura desusada,
De tantos desejada, e de mi tanto
Servida com espanto e puro amor,
Quizeste, por mais dôr, enriquecer
Quem não sabe entender o preço d'ella?
O tu, Serra d'Estrella, que tal viste,
Como te não abriste; e no teu centro
Me não cerraste dentro, estando vivo,
Porque mal tão esquivo não sentíra?
Oh cega, oh cruel ira! oh pae fingido!
Para me vêr perdido me criaste?
Porque me não deixaste no deserto?
Menos crueza, certo, então usáras,
Inda que me deixáras (não te aggraves)
A's cruas feras e aves da montanha.
Não vês que o céo estranha isso que tratas?
Não vês que a ti te matas cobiçoso?
Na porta o novo esposo tropeçou;
Na casa não entrou co'o pé direito:
Gritou sobolo teito a noite inteira
A ave, que he mensageira de fins tristes.
O mesmo vós sentistes, cães da aldeia,
Quando por má estreia, juntos todos,
Com differentes modos huiviastes.
Serranas, que esperastes n'estas vodas
Cantar alegres todas Hymeneos,
Dos vossos alvos seios, alvas flôres,
Em logar dos licôres mais custosos,
Por cima dos esposos derramando;
Ou vendo estar bailando, estando quedas,
Ao som das gaitas ledas no terreiro
O moço tão ligeiro á maravilha,

Que quasi o pé não trilha o junco molle;
Qual será que console a triste amiga,
A quem a força obriga do pae duro,
A quem o Amor puro obriga tanto,
Que n'hum contino pranto se consumme?
Assi do grande cume da esperança
Com subita mudança derribado,
Me poz em tal estado a triste nova,
Como sabe por prova quem bem ama.
Levou a leve fama a minha dor
A Sincero pastor, meu grande amigo,
Que com rogos comsigo me levou,
Do monte, onde me achou, já noite escura,
Chorando a desventura em que me via.
As vaccas, vindo o dia, derramadas,
De mi desamparadas, vem bramando,
Sinal n'aldeia dando em seu bramido
De que era já perdido o pastor seu.
Tamanha pena deu á bella Ulina
(Bella, porém mofina) a pena minha,
Sôbre quantas já tinha no seu peito,
Que mais do triste leito não se ergueu.
Seu pae adoeceu tambem de nojo:
Da morte foi despojo ao dia quinto,
A dôr que d'aqui sinto he sem medida.
Pois me apartou da vida, a vida acabe,
Ou n'alma, onde não cabe, faça pausa.
Fulgencia, que foi causa d'estes males,
Des que montes e valles descobriu,
Despois que me não viu em toda a serra,
Deixou, deixando a terra, magoa aos pais,
Que d'ella nunca mais novas souberam.
Emfim, tal fim tiveram meus amores,
Choraram os pastores juntamente
De Ulina descontente a triste sorte,

Do pae a breve morte, e de Fulgencia
A vingadoura ausencia de seu êrro;
De mi este destêrro em que me pôz.

Mas mais chorastes vós, meus olhos tristes,
Quando de vossa luz, sem a do dia,
Por terras tão estranhas vos partistes.

Cuido que meia noite então seria;
Cantando os gallos já na triste aldeia,
Chorava só quem d'ella se partia.

Casa de meus suspiros sempre cheia,
(Disse eu, quando passei pela de Ulina)
Tal fructo colhe quem amor semeia!

Fortuna, a mi cruel, sempre benina
Em tudo seja áquella que em ti mora,
Indaque em outros braços se reclina.

Fica-te aqui, minha alma, fica embora,
Que, pois assi o quiz fado inimigo,
Jámais te não verei dia nem hora.

D'alli nos ricos campos dei commigo,
Que das aguas do Tejo são regados;
Onde te vi mais ledo, como digo.

Por vêr se posso agora a meus cuidados
Achar algum repouso, algum socêgo,
Atravessando vou montes e prados.

Passei as claras aguas do Mondego,
Das Lusitanas Musas caro ninho;
As do Douro despois em turvo pégo.

D'aqui continuando meu caminho,
Espero vêr a casa aos céos acceita,
Na terra que da nossa aparta o Minho.

Onde vou visitar na urna estreita
Os santos ossos do Varão divino,
Que pretendeu do Mestre a mão direita.

Assi, d'hum logar n'outro de contino,
O bem que já cantei, chorando venho;
Tornei-me de vaqueiro, peregrino:
Tal habito me vês, tal vida tenho.
Anzino, he breve o dia
Para poder contar
O que sinto de tua desventura.
E sei bem que erraria,
Se quizesse louvar
O grave estylo teu, tua brandura.
Aquella formosura,
Por quem alegre fôras;
Que tu ledo cantaste,
E que despois choraste
Tão triste, que inda agora triste choras;
Vivendo eterna n'ella,
Será magua commum e louvor d'ella.
As maguas deixo emfim;
Tambem louvores deixo,
Por grandes ellas, elles por pequenos,
Tu, por amor de mim,
(Dir-te-hei de que me queixo)
Repousa hoje commigo, quando menos:
Assi vejas serenos
Esses teus tristes lumes.
Abranda a dura magua,
Que tira fontes de agua
Do fogo em que chorando te consummes;
Dar-te-hei conta mais larga
Da vida que aqui passo tão amarga.
E mais saber desejo
Se a fama nos engana,
Que diz, que o grão Pastor dos Lusitanos,
Com todos os do Tejo,
E com fato e cabana,

Reside já nos campos africanos;
Onde mil soberanos
Triumphos, d'elle dinos,
Lhe ordena a fatal sorte,
Com grande estrago e morte
Dos brutos mal nascidos Sarracinos,
Que de si despejados
Os curraes deixam já cheios de gados.

Que sendo assi, te digo
Que não espero mais
N'esta para mi sempre ingrata terra.
Quem traz guerra comsigo
Entre seus naturaes,
Não deve d'estranhar extranha guerra.
Sem mi de serra a serra
(O céo assi o queira)
Logrem meus inimigos
Os valles e pacigos
D'esta, donde nasci, fresca ribeira;
Na qual (se não me engano)
Inda será chorado Limiano,

ANZINO

Limiano, já bem tenho entendido
Quanto sentes meu mal; mas eu te digo
Que o teu mal he de mi menos sentido.

A'cerca de ficar hoje comtigo,
Farei pois (já que assi nos detivemos)
Tudo o que tu quizeres, como amigo.

E, pois o dia já passado temos,
Vamos-nos mais chegando para o gado;
E lá nas outras cousas fallaremos.

Todavia de funda e de cajado
Te vae apercebendo o som de guerra ;
Que não foi tal pastor cá do céo dado,
Para não dar ao céo tão larga terra.

EGLOGA XII

INTERLOCUTORES

DELIO, ALCIDO, GALASIO

DELIO

Agora, Alcido, em quanto o nosso gado
Pasce diante nós manso e seguro,
Sentemos-nos aqui n'este abrigado.

Logremos este sol sereno e puro,
Que livre se nos dá, antes que venha
A noite fria com seu manto escuro.

O rico com seu ouro lá se avenha ;
Não se farta a cobiça co'a riqueza :
Mais arde o fogo quando têm mais lenha.

Com pouco se contenta a natureza.
Quem isto bem olhasse, certifico
Que não fugisse tanto da pobreza.

O sol tambem me aquenta, como ao rico ;
A fonte agua me dá, fructos a terra :
Com pouco mantimento farto fico.

Ah ! que a má vaidade nos faz guerra !
(Para que gasto tempo em mais palabras ?)
Os olhos de razão esta nos cerra.

Alcido, tens ovelhas, e tens cabras,
De que tiras da lã, tiras do leite;
E não te faltam campos em que labras.

Inda tu queres mais? Amigo (eu hei-te
De fallar claro e sem lisongerias:
Não hajas medo tu, que eu as affeite)

Tu cantavas amor, amor tangias;
Fallava a tua frauta; agora he muda:
Que mal te mudou tanto em poucos dias?

ALCIDO

Muda-se a idade, Delio; e se se muda
Com ella a condição, nada me espanto;
O gôsto me ajudou, já não me ajuda.

Se já cantei amor, se amor não canto,
Culpas do tempo são, que vae mudando
O meu cantar alegre em triste pranto.

O tempo, que tão leve vae voando,
Delio, não torna mais; e assi fugindo,
Mil claros desenganos nos vae dando.

Pouco a pouco se veiu descobrindo
O mal d'uma esperança vã e incerta,
Que me deixou chorando, e foi-se rindo.

Quem nasce sem ventura, ou quem acerta
De fazer fundamento em peito alheio,
De mil contas que faz nenhuma he certa.

DELIO

Pois se isso entendes tu, d'onde te veiu
Sentir tão de verdade as sem razões,
Não sendo d'outra cousa o mundo cheio?

ALCIDO

Não queres tu que sintam corações
Obrigados com dôr á sentimento,
Vendo a razão vencida d'affeições?

DELIO

Emfim, todas as cousas querem tento:
Encobre a dôr, e guarda-te d'extremos;
Que sempre trazem arrependimento.

Ao nosso doce canto nos tornemos:
Das nossas Nymphas, bellas inimigas,
Crueza e formosura celebremos.

ALCIDO

Como cantarei eu novas cantigas
Em terra tão esteril, cheia de ira,
Que nega flôres, e que nega espigas?

Pendurei n'um salgueiro a minha lyra:
Ouvil-a ao som do vento he huma mágoa:
Em logar de tanger, geme e suspira.

A Amarilia pintei, pintada trago-a
Aqui n'este meu seio, e tambem chora:
Seus olhos me dão fogo, os meus dão-lhe água.

Mas vejo vir Galasio.

DELIO

Venha embora.
Galasio, queres tu cantar commigo?

GALASIO

Eu nunca me roguei: menos agora.

DELIO

Cantaremos d'Amor cruel imigo,
Ou brando e amoroso, em razão pôsto,
Tyranno e cego, e cego até comsigo?

GALASIO

Cada qual cante do que fôr seu gôsto;
Quer mimos, quer rigores d'Amor fero;
Ou d'olhos verdes cante, ou d'alvo rosto.

ALCIDO

Em quanto vós cantaes, recolher quero
O gado, que são horas de ordenhar:
A' noite na malhada vos espero.

GALASIO

Isso não: has de ouvir para julgar
Qual de nós melhor canta e melhor sente.

DELIO

Eu já não cantarei, sem apostar.
Aposto o meu rafeiro, que Valente
Se chama, e com razão; que o lobo affasta,
Se não cantar mais branda e docemente.

GALASIO

Hum cervo manso aposto.

DELIO

Isso não basta;
Põe mais um par de cabras.

GALASIO

Deus me guarde;
Porque, Delio, este gado he de madrasta.

ALCIDO

Fazeis-me vós juiz? Quereis que aguarde?
Ora cantae sem preço e sem inveja;
E seja logo, porque já he tarde.

DELIO

Learda minha, branca mais que a neve,
E muito mais corada que a grã fina;
Se inda Amor a vencer-te não se atreve,
Que fará quem de amor por ti se fina?
Eu morro; e tu meu mal julgas por leve?
Não vês tu como já me desatina?
Ai triste! que vêm valles e montes,
Regados de meus olhos feitos fontes.

GALASIO

Marfida, branca mais que o branco leite;
Vermelha muito mais que a rosa pura;
Assi descuido em ti nunca suspeite,
Assi me trates inda com brandura;
Que a cabana, que a vida e a alma engeite
Por ti, quando tu mais que marmor dura:
Testimunhas serão montes e valles,
A quem dou larga conta de meus males

DELIO

Quando a minha Learda desencolhe
Os seus cabellos de ouro, longo, ondado,

O sol, de pura inveja, se recolhe,
Corrido de se vêr menos dourado.
Livre pastor não ha, que bem os olhe,
Sem se achar logo n'elles enlaçado.
Ai! não soltes, Learda, os teus cabellos,
Pois tanto prendem quantos ousam vêl-os.

GALASIO

Os tristes corações se tornam ledos,
Ouvindo de Marfida o doce canto;
Os furiosos ventos estão quedos;
Não guia o claro sol seu carro em tanto.
Converte-se a dureza dos penedos
Em brando amor: Amor desfaz-se em pranto,
Vencido d'essa voz, doce Marfida;
Mas tu nunca d'Amor foste vencida.

DELIO

O campo de verdura vejo pobre;
O céo chuivoso sempre, e turvo o rio;
Da sua leve folha a terra cobre
O bosque, que foi já verde e sombrio.
Mas se Learda o rosto seu descobre,
Logo desapparece o tempo frio:
Comsigo a primavera traz Learda.
Ai quem a visse já! Ai quanto tarda!

GALASIO

A triste Progne já despareceu;
A toda flôr o frio foi imigo;
A doce Philomela emmudeceu,
Rouca de lamentar seu mal antigo.
Mas venha por aqui quem me venceu
Com hum só volver d'olhos; qu'eu m'obrigo,

Que as aves tornem logo a seus amores,
E os campos se matizem de mil flôres.

DELIO

A viva chamma, aquelle vivo ardor,
Que brando sinto já pelo costume,
De noite dá de si tal resplandor,
Que os pastores vêm d'elle a tomar lume.
Pasmados ficam, vendo em mi de amor
O fogo, que me queima e não consumme:
E tu, por quem eu ardo noite e dia,
Quando vês tal ardor ficas mais fria!

GALASIO

Eu sempre chóro, e tanto já chorei,
Vencido da grã dôr que n'alma tinha,
Que mil vezes de lagrimas fartei
Meu gado quando a fonte a buscar vinha.
Chorando as duras pedras abrandei;
Mas nunca a ti, cruel imiga minha,
Que, vendo que por ti m'estillo em água,
Nenhuma mágoa tens de minha mágoa.

DELIO

Quando vires, Learda, o nosso Lima,
Que lá vae de meu chôro acompanhado,
Tornar com suas águas para cima,
De seu curso esquecido, costumado;
Então embora julga, então estima
Que tenho n'outra parte o meu cuidado.
Mas deixarão os rios de correr,
Primeiro que deixe eu de te querer.

GALASIO

Estas serras, Marfida, por certeza
De minha firme fé só quero dar-te:
Quando com espantosa ligeireza
D'aqui correr as vires a outra parte,
Então cuida que falta em mi firmeza,
Qu'então deixarei eu, meu bem, de amar-te.
Mas mudar-se d'aqui bem podem ellas,
E eu não mudar-de mi graças tão bellas.

ALCIDO

Se esta vontade minha não deseja
A vossos versos dar justos louvores,
Hora nunca na vida alegre veja.

Acceitae meu desejo, meus pastores:
Mais vos não póde dar quem traz o esprito
De todo entregue a damnos, mágoas, dôres.

Mas porque dê de vós público grito
A leve fama, como vêdes, deixo
O vosso canto e o meu juizo escrito

No liso tronco d'este verde freixo.
Delio n'este logar doce cantou
Com Galasio, que doce respondia:
Hum Learda, Marfida outro louvou,
Com inveja de qual melhor diria.
Alcido, que o seu canto bem notou
Por vêr quem a victoria levaria,
Como livre juiz, deu por sentença,
Que não havia entre elles differença.

EGLOGA XIII

PHYLLIS

Pascei, minhas ovelhas: eu, em quanto
Aquelle passarinho canta ou chora,
Chamarei Corydon com triste pranto.

Se entre vós, bellas plantas, amor mora
(Plantas, já vós amastes) tende mágoa
De mi, pois que m'ouvis queixar agora.

Ai cruel Corydon! cruel a frágoa
Em que vivo por ti! Não tens piedade
De vêr meu peito fogo, os olhos água?

Já não amas a Phyllis? Ah crueldade!
Ai triste! E que farei? Em poucos dias
Mudaste tu de mi tua vontade.

A Phyllis já deixaste, a quem trazias
No formoso verão formosas fruitas,
Sinal do grande bem que me querias?

Sabes, cruel, que tenho causas muitas
Para te convencer, de que queixar-me;
Por isso vás fugindo e não me escuitas.

Puderão os teus rogos abrandar-me:
Os meus (triste de mi!) mais te endurecem.
Já não acho em que possa confiar-me.

Aquelles doces versos já t'esquecem,
Que tu nos lisos álamos cortavas,
Onde com teus enganos inda crescem?

Arder por meu amor n'elles mostravas:
Eu, crendo que era assi, não entendia
Quanto fingiste amar, quão pouco amavas.

Tristes meus fados foram, triste o dia
Em que nasci: coitada de mi triste,
Que em mágoa se tornou minha alegria!

Logo que a tua Galatêa viste,
Vi eu d'este meu mal grandes agouros;
E tu da parte esquerda um corvo ouviste.

E não tem Galatêa mais thesouros,
Nem tem mais formosura, inda que seja
Ou d'alvo rosto, ou de cabellos louros.

A' negra violeta tem inveja
O branco lyrio, porque tal não tem
O cheiro, que vencido não se veja.

Tityro arde por mi; Tityro, a quem
Mil Nymphas dão capellas de mil flôres;
Mas elle a mi só chama, a mi quer bem.

Eu desprézo por ti muitos pastores,
E tu por Galatêa me desprezas!
Tal pago dás, cruel, a meus amores?

Em que te mereci tantas cruezas,
Quantas usas commigo? Por ventura
Usei comtigo de ira, ou de asperezas?

Prouvera a Deos que tão isenta e dura
Me víras para ti, que nunca víras
Em mi sinal d'amor, ou de brandura!

S'eu fugíra de ti, tu me seguíras;
Por mi ardêras, não por huma ingrata,
Por quem choras em vão, em vão suspiras.

Bem me vinga de ti pois te maltrata:
Mas eu te quero tanto, que desamo
(Por mais que tu me mates) quem te mata.

Respondem-me estes montes, quando chamo
Por ti com triste voz; Ecco responde
Das lagrimas, movida, que derramo.

E tu não me respondes, nem sei onde
Te leva esse desejo ; mas bem sei
Que amor e desamor de mi te esconde.

Ai triste Phyllis, triste ! Onde acharei
Remedio a tanto mal ? O fogo puro
Em que m'abrazo, com que abrandarei ?

Já fugíra d'aqui por mais que duro
Fosse o deixar o ninho em que nasci :
Mas não ha contra Amor logar seguro.

A morte só (mil vezes isto ouvi
A' nossa Celia) por remedio espere
Aquelle que a Amor fez senhor de si.

Então, porque de todo desespere,
Este cego, a quem cegos nós seguimos,
A mi por ti, e a ti por outra fere.

S'eu morrêra no ponto em que nos vimos,
Não víra tanto mal. Mas que da sua
Sorte fugisse alguem, nós nunca ouvimos.

Eu me queixo de ti, e tu da tua
Galatêa te queixas ; e não vês
Que mais piedosa te he, quando mais crua.

Sendo tu tão cruel, (tão cego és !)
Queres achar piedade ? Como queres
Que te creiam teu mal, se o meu não crês ?

Que eu viva com pezar, tu com prazeres,
Não quer o justo céo. Ou ambos tristes,
Ou ledos ambos, si : mais não esperes.

Selvas, que n'outro tempo nos cobristes
Com frescas sombras lá do ardor de cima,
Dizei, se a Corydon dizer ouvistes :

Primeiro ha de tornar o brando Lima
As águas de crystal á fonte clara,
Que no meu peito novo amor se imprima

Primeiro que eu te deixe, Phyllis cara,
Me ha de deixar a mi a propria vida.
Mas quem, por não deixar-te, a não deixára?

Pois tu, Phyllis, m'a dás, eu off'recida
A tenho a teu querer; tu d'ella ordena
Como, doce amor meu, fôres servida.

Por ti me será branda a dura pena:
Por ti suave a dôr, leve o tormento,
A que m'inclina o fado, ou me condemna.

Ah falso Corydon! teu pensamento
Era enganar-me: dada a fé me tinhas;
E a fé co'as palavras leva o vento.

Mas (ai triste de mi!) tambem as minhas
O vento vae levando. O sol he pôsto.
Porque, ligeira luz, te não detinhas,
Em quanto em meu queixume achava gôsto?

EGLOGA XIV

INTERLOCUTORES

ERGASTO, DELIO *e* LAURENO

Agora, já que o Tejo nos rodeia,
N'este penedo, donde mansamente
Murmurando se quebra a branda veia;

Espera, Delio, até que do Occidente
D'azul deixe a ribeira matizada
O sol, levando o dia a outra gente.

Entretanto d'aqui verás pintada
A praia de conchinhas d'ouro e prata,
E a agua dos mansos sôpros encrespada.

Verás como do monte se desata
A vagarosa fonte por penedos,
Que pouco a pouco cava e desbarata;

E como move os frescos arvoredos
Favonio, que de flôres pinta o prado;
E como se estão rindo os campos ledos.

Ditoso o que do céo foi tão amado,
Que no campo alcançou passar a vida,
Livre de pena, livre de cuidado.

O rouxinol na vara, que vestida
De verdes folhas, sombra faz ao rio,
Lhe canta o doce verso sem medida.

Agora ao pé d'hum alamo sombrio
Vê como dous carneiros se offerecem,
Os cornos inclinando, a desafio.

Como ao que vence todos obedecem
E folgam de o vêr fóra de perigo;
E outros com face esquiva o aborrecem.

Ditoso aquelle, que co'o ferro antigo
Lavra os campos do pae, e se contenta,
Nos seus mólhos atando o louro trigo!

Este a furia do mar não exp'rimenta,
Nem corre, por achar a pedra rica,
A extranha praia, que outro sol aquenta.

Onde, quando a esperança o fortifica
Em adquirir mais ouro e mais riqueza,
Ouro, esperança, e vida a muitos fica.

Este vive quieto na pobreza;
E d'este confiarei que a anteponha
A quanto o mundo mais procura e presa.

Comendo em mesa vil, não se envergonha:
Antes bebe nas mãos a fonte pura,
Que em precioso metal cruel peçonha.

Oh feliz tempo d'ouro! Inda aqui dura,
Inda conversa aqui com os humanos
A Justiça, fugindo á gente impura!

Quem visse bem tão claros desenganos,
E quanto mal nos vicios se apparelha,
No campo gastaria bem os annos.

Ao dia a nossa vida se assemelha,
Porque quando no mar o sol se banha
Se costuma tingir de côr vermelha.

Assi, se olharmos bem, sempre se ganha
Lá no occaso da mal gastada vida
Rubicunda vergonha em magoa estranha.

DELIO

A gloria, Ergasto meu, que he possuida;
Nunca sabe de nós ser tida em preço:
Só despois que se perde he conhecida.

E d'esta vida os bens, que eu não mereço,
Quando os perco e o mal d'outra já me espera,
Com grandes maguas d'alma os reconheço.

Oh se em ditosa sorte me coubera
Por favor ou destino das estrellas,
Que entre pastores, eu pastor vivêra!

Muitas vezes te ouvira as luzes bellas
Cantar da linda Nise, nas quaes arde
Teu peito, sempre ufano de arder n'ellas.

Buscae pastor, ovelhas, que vos guarde:
Que o céo não quer que eu mais vos guarde e conte,
E despois vos recolha, sobre a tarde.

Não vos verei saltar junto da fonte,
Cabras minhas, já meu querido gado,
Nem da rocha pender no verde monte.

ERGASTO

Consente agora, ó Delio, que chorado
Em triste verso seja apartamento,
Que assi me deixa triste e magoado.

DELIO

Não: que se dobrará meu sentimento.
Mas se queres, Ergasto, que me esqueça
Partida, que lembrada he só tormento,

Canta aquelle Soneto, que começa:
Quantas vezes do fuso se esquecia.
Que digas hum dos teus, não sei se o peça.

ERGASTO

Se com me ouvir, a dôr se te allivia,
Eu o direi. Mas eis cá vem Laureno,
Que a cantar mil vezes me desafia.

Cantando venceu já Tityro e Almeno:
E eu, inda que sei certo ser vencido,
Apostar a cantar com elle ordeno.

LAURENO

Ergasto, pois o tempo se ha offrecido,
Celebremos amor e formosura,
Em quanto o gado á sombra está acolhido.

ERGASTO

Postoque já a victoria tens segura,
Não cantarei sem preço, porque saia
Mais ledo quem cantar com mais brandura.

LAURENO

Eu hum vaso porei de lisa faia,
Divina obra de Alceo, que celebrado
Será sempre por claro n'esta praia.

A vide, de que em roda está cercado,
Os roxos cachos cobre; e primor teve
Em pôr no meio a dama e Pan cansado.

Parece que a beijal-a o deos se atreve,
E que ainda dos beijos mal soffridos
Inclinado lhe foge o tronco leve.

ERGASTO

Outro vaso porei d'hera cingido,
No qual Orpheu das aves esquecidas
E dos suspensos bosques he seguido.

Não cuido que de faia são sahidas
De tal arte, lavor de tal maneira:
Tambem obra he d'Alceo, das mais polidas.

Esta, das que me deu, foi a primeira;
Que a dar-m'a o velho Alcido emfim s'abranda,
Ouvindo-me cantar n'esta ribeira.

Ouviu-me então estando d'esta banda;
E dando-m'a, dizia-me: Este seja
O premio, Ergasto, d'essa Musa branda.

LAURENO

Delio o nosso cantar pondere e veja
Qual dos dous a voz dá mais docemente;
Que huma tal causa tal juiz deseja.

DELIO

Se o meu juizo cada qual consente,
Tu, Ergasto, ao doce canto dá comêço;
Tu responde, Laureno, juntamente:
E eu fico que nenhum perca o seu preço.

ERGASTO

Alcida, que na côr o leite puro,
E a rosa da manhã deixas vencida,
Culpa he dos olhos teus, n'elles o juro,
Este amor de que estás tão offendida.
Castiga-os com me vêrem; que eu seguro
Que a vingança será d'elles sentida:
Nem temas tu dos meus alegres serem,
Vendo tristes taes olhos por me vêrem.

LAURENO

Violante minha, cuja côr iguala,
Mas antes vence os cravos, vence a neve;
D'esta dôr, que atéqui minha alma cala,
Teu amoroso riso a culpa teve.
Se só por viver d'ella e por amál-a,
Julgas que algum castigo se me deve,
A vêr-te sempre rindo me condena,
Pois crescendo o amor mais, mais cresce a pena.

ERGASTO

Com a mãe, que maçãs colhendo andava,
Inda pequena, a bella Alcida vinha:
Eu os ramos da terra já tocava,
Já facil para amar o tempo tinha.

Não sei que fogo ou neve se passava
D'aquelles olhos seus a esta alma minha,
Que me deixaram pôsto em tal extremo,
Que até de cuidar n'elles ardo e tremo.

LAURENO

No bosque a Violante vi hum dia,
Doce principio d'estas doces dôres;
A flôr cahia n'ella, e parecia
Dizer cahindo: Aqui reinam amores.
Humilde em tanta gloria ella se ria.
E errando hiam sôbre ella as várias flôres:
Eu, que vencido fui de hum error cego,
A'quelle honesto riso est'alma entrego.

ERGASTO

Pastores d'este bosque, que buscaes,
Anoitecendo, o lume por costume;
Chegae a mi; que eu fico, se chegaes,
Que d'estes meus suspiros leveis lume.
Accesos sahem d'alma os doces ais
No ardor, que pouco a pouco me consumme;
Mas nem as chammas, que em suspiros deito,
Accenderam jámais hum frio peito.

LAURENO

Pastores, que buscaes na sombra amada
A fonte, por fugir o ardor do estio,
Vinde a mi, porque d'água destillada
Por meus olhos, se sólta hum largo rio;
Tal, que a sede d'Amor nunca apagada,
Fartál-a já de lagrimas confio.
Mas com chôro de tanta quantidade
Não movo aquelles olhos a piedade.

ERGASTO

Se quando a minha Alcida esta alma visse
Nos meus olhos, d'Amor tão maltratada;
Se quando a grave dôr fóra sahisse
Entre suspiros mil rôta e quebrada,
Sequer com brandos olhos m'admittisse,
Ficando de vergonha mais córada;
Ditoso fôra, vendo-a juntamente
Com ser mais bella, d'este amor contente.

LAURENO

Se á vista de Violante derramadas
As lagrimas de amor, que vive n'ellas,
Tal fôrça lhe fizessem, que orvalhadas
Lhe ficassem de dôr ambas estrellas,
E as rosas entre a neve semeadas,
Co'o piedoso orvalho, inda mais bellas;
Ditoso me fizera. Hora ditosa,
Se a víra ser mais bella e ser piedosa!

ERGASTO

Claros olhos, que ao sol fazeis inveja,
Que brandos vos mostreis já vos não peço;
Mas que poder-vos vêr paga me seja,
Se por tamanho amor tanto mereço:
Armados de esquivança então vos veja
Cheios de um não sei que, com que pereço;
Que doce me será tal esquivança.
Dôce o morrer, que em olhos taes se alcança

LAURENO

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Que traz vós todo o mundo ides levando,

Eu não sei se tomaes do céo luzente
O movimento seu, se lh'o estaes dando:
Sei certo (e não me engano,) sei sómente
Que a vós de mi minha alma ides passando:
Mas não posso entender como deixaes
Ao descuido o que vós em vós levaes.

ERGASTO

Por mais que a minha soberana Alcida
(Minha não, porque só sua belleza
Vem a ser minha em ser de mi querida)
Me trate vezes mil com aspereza;
Huma só vez que d'ella acho admittida
Minha pequena vista na grandeza
Da luz do rosto seu, sinto tal gloria,
Que de todo o penar perco a memoria.

LAURENO

Quando a minha mais que unica Violante
(Se minha póde ser a que he tão sua)
Aquella santa luz hum breve instante
Me deixa vêr, por mais que a vêja crua;
A vista tanto em mi vejo a diante,
Que não he muito, não, que me attribua
A soberba de ser huma aguia nova,
Que do céo no ôlho claro a vista prova.

DELIO

Pastores, que alcançar pudestes tanto
Com vossa branda Musa, que já n'esta
Idade renovaes o antigo canto;
Para vosso louvor, que verso presta?
Que hera digna será? que louro dino
Que em premio a cada qual adorne a testa?

Em parte paga Amor, se de contino
Por dentro a cada hum gasta os espritos,
Pois co'o divino canto o faz divino.
Nós veremos por annos infinitos
Nos altos troncos d'estas faias bellas
Os nomes vossos por memoria escriptos.
De unicas flôres mereceis capellas:
Têm Alcida e Violante sós taes flôres;
E, pois ellas as têm, dêm vol-as ellas.
Os vossos premios recolhei, pastores:
Cada qual igualmente o seu merece;
E ambos d'Apollo os mereceis maiores.
Recolhamos o gado; que anoitece.

EGLOGA XV

A' morte de D. Catharina de Athayde, Dama da Rainha

INTERLOCUTORES

SOLISO *e* SYLVANO

De quanto alento e gôsto me causava
A vista da manhã resplandecente,
Com que toda a tristeza se alegrava;
Que quando vinha o sol claro e luzente,
Bem claro então em mi se conhecia
Huma nova alegria differente;
Tanto agora me offende o novo dia,
Vendo que me não mostra a formosura,
De que só me mantinha e só vivia.
E não me quiz deixar triste ventura
Esperanças de mais tornar a vel-a!
Oh destino cruel! oh sorte dura!

Oh querida Natercia! oh Nympha bella,
Em quem emfim mostrou a natureza
O mais que se podia esperar d'ella!

Se lá no assento da maior alteza
Te lembras de quem viste cá na terra,
Para te magoar sua tristeza;

Lembre-te de contino a cruel guerra,
Que contínua me faz tua lembrança,
Esquecído do gado, valle e serra.

Lembre-te que perdi a confiança
De vêr os olhos teus, e juntamente
De todo o bem d'Amor toda a esperança.

Lembre-te que por ti de mi ausente
A crystallina fonte me he nojosa,
Com que já n'outro tempo fui contente.

Que por ti a manhã clara e formosa
Males cada momento me accrescenta;
Sendo-me em outros dias deleitosa.

Por ti o puro sol me descontenta;
Com seu canto m'offende a Philomella:
Mas, porque n'elle chora, me contenta.

Por ti, Natercia pura, Nympha bella,
Na verdura suave d'este prado
Os males multiplico só com vel a.

Por ti não curo já do manso gado:
Com o mesmo que então meu bem crescia,
Agora vae crescendo o meu cuidado.

Não sou já, já não sou quem ser sohia;
Mudou-se-me a vontade co'a ventura;
Mudou-se co'os tormentos a alegria;

Tornou-se o claro dia em noite escura:
Nem he muito que tudo se mudasse,
Pois se mudou a tua formosura.

Não via outro reparo, que cuidasse
Poder aproveitar ao meu tormento,
Nem outra glória alguma em que esperasse,

Senão em quanto o triste pensamento
Se punha a contemplar tua beldade,
Sem lhe lembrar tão longo apartamento.

Agora que me falta a claridade,
Que de vêr-te a minha alma recebia,
Ficando me só d'ella a saudade;

Qual ficará huma alma, que sabia
Sómente d'esta glória contentar-se?
Glória de que gozar não merecia!

Qual poderá ficar quem com lembrar-se
Mortalmente do bem que he já passado,
Só tem por melhor vida á morte dar-se?

E qual se póde vêr quem hum cuidado
Sostem, que he só da dôr certa morada,
E n'elle vive só desesperado?

Qual ha de vêr-se, ó Nympha delicada,
Huma alma que te via; e em te vendo
O fio lhe cortou a Parca irada?

A causa d'este mal eu não a entendo:
Só entendo que, perdida essa luz pura,
Por perdida a não vêr, vivo morrendo.

Vejo que me roubou fortuna escura
Hum bem por quem meu mal me contentava
Lembra-te tu de tanta desventura.

Lembra-te tu, que só de ti 'sperava
Remedio aos males meus; e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.

Lembre-te adonde estou, adonde estás,
E que tudo sem ti cá me aborrece:
D'est'arte o estado meu entenderás.

SYLVANO

Não sei por que razão nos amanhece
Este dia dos outros differente,
Com que toda a alegria se entristece,

O manso gado vejo, que contente
Buscando hia nos campos a verdura,
E dos rios a limpida corrente:

Agora triste errar pela espessura,
Alheio de herva verde e de água fria;
Sinal d'alguma grande desventura.

Suspensa está das aves a harmonia
E em certo modo mostra que lá chora
A mesma sequidão da penedia.

A candida, rosada, bella aurora,
Que sempre os altos montes vem dourando,
Com hum pallor mortal se mostra agora.

Está-se n'estas hervas enxergando
Tão triste côr, que d'ella se conhece
Que algum mal se nos vae apparelhando.

Emfim, vejo que tudo se entristece;
A causa ignoro. O céo piedoso queira
Que menos seja o mal, do que parece.

Porque, desde que habíto esta ribeira,
Não me acórdo de a vêr tão carregada,
Nem de a ouvir murmurar d'esta maneira.

Não me acórdo que visse outra alvorada
Tão confusa sahir, como esta vejo,
De profunda tristeza acompanhada.

Agora aqui tomára quem sem pejo
A causa, se a soubesse, me ensinasse,
Para satisfazer a meu desejo.

Porque não posso eu crêr que resultasse
De alguma baixa causa hum tal effeito,
Que até nos duros montes se enxergasse,

O coração cá dentro no meu peito
Me assegura, que tanta novidade
Não traz a origem de commum respeito.

Mas, por entre a confusa claridade,
Lá vejo vir Soliso com seu gado:
D'elle espero entender toda a verdade.

Mas não posso cuidar n'este cuidado,
Que nos olhos não mostre onde me chega
A dôr de o vêr de dôres traspassado.

Mas aquelle, que a Amor cruel se entrega,
Não he muito que passe hum tal tormento
Porque todo mal dá, todo bem nega.

Em quanto este pastor o pensamento
Logrou, sem que em amores o empregasse,
Senão só em buscar contentamento;

Festa não se fazia em que faltasse
A sua frauta, que elle em si tangia,
Que outra nunca se ouviu que lhe igualasse.

Já agora não he aquelle que sohia;
Vejo-o na condição todo mudado;
Mudada tambem d'elle está a alegria.

Não cura já do seu querido gado;
Aborrecem-lhe as plantas, hervas, flôres;
Aborrece-lhe a gente e o povoado.

Não lhe lembram as festas dos pastores
Apartando se vae pola espessura,
Enlevado sómente em seus amores.

Contenta-se da noite triste e escura;
Odio tem com o sol puro e luzente.
Quem viu nunca tamanha desventnra?

Com esta vae passando tão contente,
Que diz que, quando o mal mais o atormenta,
Se gôsto sentir póde, então o sente.

N'este bosque huma Nympha se aposenta,
Por quem elle na vida anda morrendo;
E he causa d'esta dôr que lhe contenta.

E segundo o que d'elle agora entendo,
Se a vista não me engana o pensamento,
Ou de vã phantasia estou pendendo;

Quando fôra maior o grão tormento,
Que Soliso padece, não pudera
Igualar-se com seu merecimento

Quero chegar-me a elle, em quanto espera
Que vá descendo o vagaroso gado:
Saberei d'elle o que saber quizera.

Venho, Soliso, a ti com hum cuidado,
Que todo me entristece; e com grão medo
De grão mal sôbre nós inopinado.

Vês tu como está agora este arvoredo
Triste e pesado, lugubre e sombrio?
Como o vento parece que está quedo?

Vês a commum corrente d'este rio
Que ora tanto se pára, ora anda tanto,
Deixando de seu curso o certo fio?

Vês como a Philomella deixa o canto,
Com que incita os pastores namorados,
E multiplica Progne o triste pranto?

E vês, emfim, por todos esses prados
Desmaiadas as hervas, que sohiam
Viçoso pasto dar aos nossos gados?

Todos estes sinaes, que não se viam
Nas Auroras a esta antecedentes,
Algum damno mortal nos annunciam.

Eu não sinto o que seja: se tu o sentes,
Não te seja o dizer-m'o mui penoso;
E entenderei por ti taes accidentes.

SOLISO

N'outro tempo me fôra deleitoso
Por extremo, Sylvano, gôsto dar-te;
Mas todo gôsto agora me he nojoso.

Bem quizera poder communicar-te
A causa d'este horror; mas antes quero
Anojar-me a mi proprio, que anojar-te.

Porém já sinto o fado tão severo,
Que quanto mais me ponho a declaral-o,
Mais então de entendel-o desespero.

E se acaso o entender para contal-o,
Se quero começar, quer a ventura
A' força de soluços atalhal-o.

Que despois que me falta a formosura
D'aquella illustre Nympha, que contente
Pudera bem fazer a noite escura,

Foi-me faltando o esprito juntamente:
Em suspirar só gasto a noite e dia,
Sem me fartar de vêr-me descontente.

SYLVANO

Novidade maior em mi seria
O espantar-me de vêr-te estar queixando,
Que o vêr em ti desejos de alegria.

Responde-me ao que te hia perguntando
Da causa d'esta singular tristeza:
Não gastes todo o tempo lamentando.

SOLISO

Sempre em ti conheci huma dureza,
E austera inclinação, que bem declara
Quão conforme he teu nome á natureza.

Porque se o meu tormento te alcançára,
O mór bem para ti o mór mal fôra;
E todo o mal maior te contentára.

Deixa que chore quem com gosto chora:
Deixa-me lamentar meu triste fado;
Que a um triste a hora de chôro he melhor hora.

Tu não trazes agora outro cuidado
Mais que buscar no valle a sombra fria,
Quando te offende o sol mais empinado.

Coitado de quem passa a noite e dia
Porfiando em morrer, e a sorte dura
Em fugir-lhe co'a morte só porfia!

Oh formosa Natercia! a excelsa altura
Do glorioso Olympo andas pizando;
E eu ausente da tua formosura!

SYLVANA

Que he isso, que do céo estás fallando?
Parece-me que já não és Soliso,
Ou de puro amor vás delirando.

SOLISO

Quem já perdeu aquelle doce riso,
Que siso produzia e dava vida,
Não he muito que perca a vida e siso.

SYLVANO

Declara-me que cousa tens perdida,
De que tanto te queixas; que ao que sento,
Natercia d'estes valles he partida.

SOLISO

Quão livre falla aquelle que o tormento
Alheio vê de fóra, mas não sente
Onde chega tamanho sentimento!

A gloria que eu perdi não me consente
Palavras naturaes, razões expertas,
Que possam declarar a dôr presente.

Mas n'esse teu error vejo que acertas;
Porque como nenhum mal deve turbar-se
Quem só d'elle esperanças logra certas

SYLVANO

A quem, Soliso meu, de declarar-se
Com outro em casos taes falta vontade,
Nunca faltam razões para escusar se.

Não sei d'onde te vem tal novidade;
Pois negando me agora o que te peço,
Suspeito que me negas a amisade.

Se pola que te guardo te aborreço,
Sabe que só hum cego entendimento
A's amisades faz perder o preço.

Eu te deixarei só com teu tormento;
Mas não sem dôr de vêr quo tanto a peito
Tomes hum tão damnoso pensamento.

SOLISO

Outra he, certo, a razão, outro o respeito
Que negar-te me fez o que pedias:
Não creias que de ti tão mal suspeito.

Bem sei que o meu descanso pretendias;
E a mesma confiança faz negar-te
O que d'estes sinaes saber querias.

SYLVANO

Não queiras mais, Soliso, prolongar-te;
Pois pende o gôsto meu da tua vida:
Se corre rísco, dá-me d'elle parte.

SOLISO

De todo a sinto já desfallecida
Nas lembranças d'aquella breve historia,
Que foi para meus males tão comprida.

Já me vence a tristissima memoria
Da gloria que presente me animava.
Quem pudera voar traz tanta gloria!

Natercia que estes montes alegrava,
E que á casta Diana fez inveja,
E que com sua vista o sol cegava;

Aquella a quem render-se só deseja
Aquelle que de bella mãe presume,
E a quem as armas dá com que peleja;

Natercia que no mundo foi hum lume,
Onde a belleza de maior estado
Incendios aprendia por costume;

Natercia, por quem ando acompanhado
De mágoa tal, que só da morte dura
Espero o feliz fim de meu cuidado;

Ao céo se foi com aquella formosura,
Que era mostra do céo, gloria da terra;
Que era o sugeito mór da mór ventura.

Já não fará no prado ás almas guerra
Com a vista, senão com a lembrança;
Guerra em que o damno mais cruel se encerra.

Já de vêl-a não tenhas esperança;
Que esta vida trocou de mal cercada
Por outra, em que do bem não ha mudança.

E a causa vês aqui de que a alvorada
Visses d'esta manhã tão differente
De outra qualquer, de ti mais ponderada.

Dizer-te o mais não posso, porque sente
Esta alma no que disse tal tormento,
Que esta memoria apenas me consente.

O espirito já debil, sem alento,
No pouco que te tenho referido,
Nas azas se sostem do pensamento.

Oh mundo! qual he aquelle tão perdido,
Que em ti crê, qual aquelle tão insano,
Vendo-te todo em damno instituido?

Deixas passar hum gôsto de anno em anno,
Porque, com nosso opprobrio e tua gloria,
Nos faças mais patente o teu engano.

Sempre assi vai comtigo a mór victoria,
Deixando-nos sómente por herança
De hum possuido bem triste memoria.

Quem faz de ti alguma confiança,
Sabendo já que quem de ti confia,
De hum engano penoso emfim se alcança?

Aquelle da belleza novo dia
Cegaste, quando mais resplandecente
Triumphos mil d'Amor nos promettia.

De qual tigre cruel peito inclemente
Não se rompe de mágoa, morta aquella,
Que a tristeza mil vezes fez contente?

Quem, que vê eclipsada a vista bella,
Despois de visto haver sua beldade,
E não sabe morrer por hir traz ella?

Como não te applacou tão tenra idade
Ao cortar do seu fio, ó Parca dura,
Que agora o mundo matas de saudade?

Deixae, deixae, pastores a verdura;
As frautas deixae já, e os mansos gados;
E chorae todos vossa desventura.

E vós, sylvestres Faunos namorados,
Tambem chorar podeis, pois já perderam
O objecto mais gentil vossos cuidados.

Nymphas, a quem os deuses concederam
D'estes sagrados bosques a morada,
E em quem tamanhas graças esconderam;

Se aquella piedade costumada,
De que mais vos prezaes não esquecestes,
Que sempre foi de vós tão venerada;

Se já d'alheio dano vos doestes
Do vosso proprio vos doei agora,
Pois com Natercia todo o bem perdestes,

Oh Náiades! das aguas sai fóra!
E de vós, agua saia em mal tão forte,
Pois de vel o tambem o monte chora.

Oh Napêas! chorae a triste sorte
Dos miseros pastores, a quem nega
O fado por mais pena o mortal córte.

Oh Dryas! vós a quem Amor se entrega,
Tomae todo o cuidado d'este pranto,
Pois sabeis onde a causa d'elle chega,

Deixae, oh Amadryas, entretanto
As plantas que guardaes, por ajudar-me,
Pois deixa a Philomella o doce canto.

E vós, ó vida minha, pois curar-me
Já não podeis, deixae-me juntamente
Porque lembranças taes possam deixar-me.
Mas se d'ellas morreis, morro contente.

OUTAVAS

I

A Dom Antonio de Noronha, sobre o desconcerto do mundo

Quem póde ser no mundo tão quieto,
Ou quem terá tão livre o pensamento,
Quem tão exprimentado, ou tão discreto,
Tão fóra, emfim, de humano entendimento,
Que ou com público effeito, ou com secreto,
Lhe não revolva e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Vêr e notar do mundo o desconcêrto?

Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpétua pena, immensos vituperios,
Se a Fortuna em contrário o leva e guia,
Mostrando, emfim, que tudo são mysterios,
Em alteza d'estados triumphante,
Que por livre que seja não s'espante?

Quem ha que veja aquelle, que tão clara
Teve a vida, qu'em tudo por perfeito
O proprio Mômo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito,
Se a má Fortuna, ao bom sómente avara,
O reprime e lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais e mais que seja exprimentado?

Democrito dos deosos proferia
Que eram sós dous: a Pena e o Beneficio.
Segredo algum será da phantasia,
De qu'eu achar não posso claro indicio.

Que se ambos vem por não cuidada via
A quem os não merece, he grande vicio
Em deoses sem justiça e sem razão.
Mas Democrito o disse, e Paulo não.
  Dir-me-heis, que s'este estranho desconcêrto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse e mui experto,
Não era d'espantar se m'espantasse.
Mas que se ja de Socrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Exemplo tome d'elle, e não m'espante.

  Parece a razão boa; mas eu digo
D'este uso da Fortuna tão damnado
Que quanto he mais usado e mais antigo,
Tanto he mais estranhado e blasphemado.
Porque, se o Céo, das gentes tão amigo,
Não dá á Fortuna tempo limitado,
Não he para causar muí grande espanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto?

  Outro espanto maior aqui m'enleia,
Que com quanto Fortuna tão profana
Com estes desconcêrtos senhoreia,
A nenhuma pessoa desengana.
Não ha ninguem, que assente, nem que creia
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem qu'entenda,
Que algum pouco do mundo não pretenda.

  Diogenes pisava de Platão
Com seus sordidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção
Em desprezar o fausto tão prezado.
Diogenes, não vês que extremos são
Esses que segues, de mais alto estado?

Pois se de desprezar te prezas muito,
Já pretendes do mundo fama fruito.

Deixo agora reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sêde cubiçosa
De querer dominar e mandar tudo,
Com fama larga e pompa sumptuosa.
Deixo aquelles que tomam por escudo
De seus vicios e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que são peores.

Aquelle deixo, a quem do somno esperta
O gram favor do rei que serve e adora,
E se mantem d'est'aura falsa e incerta,
Que de corações tanto he senhora.
Deixo aquelles qu'estão co'a boca aberta
Por s'encher de thesouros de hora em hora,
Doentes d'esta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem de outra cousa alguma he governado,
Que d'uma opinião e usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencêl-as, que alcançou?

Cesar dirá: Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios e esforçados,
Fui Monarcha do mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.
He verdade; mas essa mando e glória,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto e Cassio dirão que, se venceste,
Emfim, emfim, ás mãos dos teus morreste.

Dirá Platão: Por vêr o Etna e o Nilo
Fui a Sicilia, a Egypto e outras partes,
Só por vêr e escrever em alto estilo
Da natural sciencia em muitas artes.
O tempo he breve, e queres consummil-o,
Platão, todo em trabalhos? e repartes
Tão mal de teu estudo as breves horas,
Que, emfim do falso Phebo o filho adoras?

Pois quanto des que vive já apartada
A alma d'esta prisão terreste e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da fama, que fica, nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada,
O Cynico dirá se por ventura
No campo, onde lançado morto estava,
De si os cães, ou as aves enxotava.

Quem tão baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em móres cousas a metesse,
Qu'em só levar seu gado á fonte fria,
E mumgir-lhe do leite que bebesse!
Quão bem aventurado que sería,
Que por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena,
Que pezar-lhe de a vida ser pequena.

Veria erguer do sol a rôxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no horisonte,
Tangendo a frauta d'onde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte:
Em Deos creria simples e quieto,
Sem mais especular algum secreto.

D'hum certo Trasiláo se lê e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade,

Que perdido grão tempo o sizo teve
Por causa d'huma grave enfermidade;
E em quanto, de si fóra, d'onde esteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,
Qu'eram suas, das náos que navegavam,
Quantas no porto Píreo ancoravam.

Por hum senhor mui grande se teria,
(Além da vida alegre que passava)
Pois nas que se perdiam não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
A' terra chega; e vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

Aos medicos o entrega, e com aviso
O faz estar estar á cura refusada.
Triste! que por tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada.
As hervas apollineas d'improviso
O tornam á saude já passada.
Sisudo Trasiláo, ao caro irmão
Agradece a vontade, a obra não.

Porque despois de ver-se no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava,
E despois de não vêr o estado antigo,
Que a louca presumpção lhe apresentava:
Oh inimigo irmão, com côr de amigo!
Para que me tiraste (suspirava)
Da mais quieta vida e livre em tudo,
Que nunca póde ter nenhum sisudo?

Por qual senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum rei de mais grandeza?
Que me dava que o mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza?

Agora me he penosa a vida cara;
Sei que cousa he trabalho, e que tristeza.
Torna me a meu estado; que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.

Vêdes aqui, Senhor, bem claramente
Como a Fortuna em todos tem poder,
Senão só no que menos sabe e sente;
Em quem nenhum desejo póde haver.
Este se póde rir da cega gente;
N'este não póde nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor máo, da perfida esperança.

Mas se o sereno céo me concedêra
Qualquer quieto, humilde e doce estado,
Onde com minhas Musas só vivêra,
Sem vêr-me em terra alheia degradado;
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem eu conhecêra outro mais honrado,
Senão a vós, tambem como eu contente;
Que bem sei que o serieis facilmente:

E ao longo d'huma clara e pura fonte,
Qu'em borbulhas nascendo, convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte
Quem da cara consorte o apartasse;
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando ao juizo ao dôce estudo,
Mais certo manjar d'alma, emfim, que tudo.

Cantára-nos aquelle, que tão claro
O fez o fogo da arvore phebêa,
A qual elle em estylo grande e raro
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa:
Tangêra-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa;

Passára celebrando o Tejo ufano
O brando e doce Lasso castelhano.

E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro gesto
N'alma sómente vejo, porque n'ella
Está em essencia puro e manifesto;
Por alta influição de minha estrella
Mitigando o rigor do peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o sol em vel os;

E em quanto por verão flôres colhesse,
Ou no inverno ao fogo accommodado,
O que de mi sentíra nos dissesse,
De puro amor o peito salteado;
Não pedira então eu, que Amor me désse
Do insano Trasildo o doudo estado;
Mas que alli me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas por onde me leva a phantasia?
Porqu'imagino em bem-aventuranças,
Se tão longe a Fortuna me desvia,
Qu'inda me não consente as esperanças?
Se hum novo pensamento Amor me cria
Onde o logar, o tempo, as esquivanças
Do bem me fazem tão desamparado,
Que não póde ser mais qu'imaginado?

Fortuna, emfim, co'o Amor se conjurou
Contra mi, porque mais me maguasse:
Amor a hum vão desejo me obrigou,
Só para que a Fortuna m'o negasse.
O tempo a tal estado me chegou;
E n'elle quiz que a vida se acabasse;
Se ha em mim acabar se, o qu'eu não creio;
Que até da muita vida me receio.

II

A D. Constantino, Viso-Rei na India

Como nos vossos hombros tão constantes
Principe illustre e raro) sustenteis
Tantos negocios arduos e importantes,
Dignos do largo imperio, que regeis:
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar e a terra segureis
Do pirata insolente, e do tyrano
Jugo do potentissimo Othomano;

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheio,
A' desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhaes o duro freio;
Se com minha escriptura longa e vária
Vos occupasse o tempo, certo creio
Que com vagante e ociosa phantasia
Contra o commum proveito peccaria.

E não menos sería reputado
Por doce adulador, sagaz e agudo,
Que contra meu tão baixo e triste estado
Busco favor em vós que podeis tudo;
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde e rudo,
Dirão, que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

Porém, porque a verdade póde tanto
No livre arbitrio, (como disse bem
Ao rei Dario o moço sabio e santo,
Que foi reedificar Hierusalem)

Esta m'obriga a qu'em humilde canto,
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos não alcança;
E não de premio algum vil esperança.

Romulo, Baccho e outros que alcançaram
Nomes de semideoses soberanos,
Em quanto por o mundo exercitaram
Altos feitos, e quasi mais que humanos,
Com justissima causa se queixaram
Que não lhes responderam os mundanos
Favores do rumor justos e iguaes
A seus merecimentos immortaes.

Aquelle, que nos braços poderosos
Tirou a vida ao tingitano Anteo,
E a quem os seus trabalhos tão famosos
Fizeram cidadão do claro céo;
Achou que a má tenção dos invejosos
Não se doma, senão despois que o véo
Se rompe corporal: porque na vida
Ninguem alcança a glória merecida.

Pois logo, se Barões tão excellentes
Foram do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudes gentes,
He louvor dos reaes, e sublimados.
Quem no lume dos vossos Ascendentes
Poderá pôr os olhos, que abalados
Lhes não fiquem da luz, vendo os maiores
Vossos passados, reis e imperadores?

Quem verá aquelle Pae da Patria sua,
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo só, co'a espada nua,
Removeu do pescoço Lusitano,
Que não diga: O' grão Nuno, a eterna tua
Memoria causará, se não m'engano,

Que qualquer teu menor tanto s'estime
Que nunca possa ser senão sublime?

N'isto não fallo mais, porque conheço
Que da materia se me baixa o engenho.
Mas, pois a dizer tudo m'offereço,
E dias ha que no desejo o tenho,
Sendo vós de tão alto e illustre preço,
A vida fostes pôr n'um fraco lenho,
Por largo mar e undosa tempestade,
Só por servir á regia magestade.

E despois de tomar a redea dura
Na mão, do povo indomito qu'estava
Costumado a larguezas, e á soltura
Do pezado governo que acabava;
Quem não terá por santa e justa cura,
Qual do nosso conceito s'esperava,
A tão dasenfreada enfermidade
Applicar-lhe contrária qualidade?

Não he muito, Senhor, se o moderado
Governo se blasphema e se desama;
Porque o povo á largueza costumado,
A' lei serena e justa, dura chama.
Pois o zelo em virtude só fundado
De salvar almas da tartarea flamma
Com a agua salutifera de Christo
Poderá por ventura ser malquisto?

Quem quizesse negar tão grã verdade,
Qual he o seu effeito santo e pio;
Negue tambem ao sol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio.
Se o successo he contrário da vontade
Nas obras que são boas, e ha desvio;
Está nas mãos dos homens commettel-as,
E nas de Deos está o successo d'ellas.

Sei eu, e sabem todos que os futuros
Verão por vós o Estado accrescentado,
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Damão bem sustentado:
Da ruina mortal serão seguros,
Tendo todo o alicerce seu fundado
Sôbre orfãs amparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.

Quãmanha infamia ao Principe he perder-se
Pouco do Estado seu, que inteiro herdou,
Tanto por glória grande deve ter-se
Se accrescentado e próspero o deixou.
Nunca consentiu Roma ennobrecer-se
Com triumphos alguem, se não ganhou
Provincia com que o Imperio s'augmentasse,
Por maiores victorias qu'alcançasse.

Póde tomar o vosso nome dino
Damão, por honra sua clara e pura,
Como já do primeiro Constantino
Tomou Byzancio aquelle qu'inda dura
E tu, Rei, que no reino neptunino,
Lá no seio gangetico a Natura
Te aposentou, de ser tão inimigo
D'este Estado não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes aves
Cortar a espumosa agua navegando;
Ouviste o som das tubas, não suaves,
Mas com temor horrifero soando;
Sentiste os golpes asperos e graves
Do Lusitano braço nunca brando.
Não soffreste o grão brado penetrante,
Que os trovões imitava do Tonante.

Mas antes dando as costas e a victoria
Á bragancez ventura não corrido,

Déste bem a entender quão grande glória
He de tal vencedor o ser vencido.
Quem faz obras tão dignas de memoria
Sempre será famoso e conhecido,
Onde os altos juizos o estimarem,
Qu'estes sós têm poder de fama darem.

Não vos temaes, Senhor, do povo ignaro,
Tão ingrato a quem tanto faz por elle;
Mas sabei qu'he signal de serdes claro
O ser agora tão malquisto d'elle.
Themistocles, da patria sua amparo,
O forte e liberal Cimon, e aquelle
Que Leis ao povo deu d'Esparta antigo
Testimunhas serão de quanto digo.

Pois ao justo Aristídes hum robusto,
Votando no ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi: Porque era justo
Desejava que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto
Calumnioso, dando no Senado
Conta de Lesbos, qu'elle já mandára,
Se tirou co'o seu ferro a vida cara.

Demosthenes, lançado das tormentas
Populares: Ó Pallas! foi dizendo,
Que de tres monstros grandes te contentas,
Do drago e moucho, e do vil povo horrendo!
Que glórias immortaes houve, qu'isentas
Do veneno vulgar fossem, vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vós tambem sois hum dos Lusitanos.

III

Sobre a setta que o Santo Padre mandou a El Rey Dom Sebastião, no anno do Senhor de 1575

Muito alto Rei, a quem os céos em sorte
Deram o nome augusto e sublimado
D'aquelle cavalleiro que na morte,
Por Christo, foi de settas mil passado;
Pois d'elle o fiel peito, casto e forte,
Co'o nome imperial tendes tomado,
Tomae tambem a setta veneranda
Que a vós o Successor de Pedro manda.

Já por ordem do céo, que o consentiu,
Tendes o braço seu, reliquia cara,
Defensor contra o gladio que feriu
O povo que David contar mandára.
No qual, pois tudo em vós se permittiu,
Presagio temos, e em esperança clara,
Que sereis braço forte e soberano
Contra o soberbo gladio mauritano.

E o que hum presagio tal agora encerra,
Nos faz ter por mais certo e verdadeiro
A setta, que vos dá quem he na terra
Dos celestes thesouros dispenseiro:
Que as vossas settas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro
(Cahindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do rei.

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortissimo com gloria
Por as praias de Persia, e alcançava
De nações tão remotas a victoria;

As settas embebidas, que tirava
O arco armusiano (he larga historia)
Nos ares, Deos querendo, se viravam,
Pregando se nos peitos que as tiravam.

O querido de Deos, por quem peleja,
O ar tambem e o vento conjurado
Ao atambor lhe acodem, porque veja
Que o que a Deos ama, he de Deos amado:
Os contrarios revéis á Madre Igreja
Atroaram co'o tom do céo irado,
Que assi deu já favor maior que humano
A Josué hebreo, Theodosio hispano.

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas são,
Que farão, Rei, as vossas que têm liga
Com a que já tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coração,
Crendo bem que as que vós despedireis,
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio, (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rei do imperio, despois tão conhecido,
De Roma, e só reliquia do Troiano,
Vingou com setta e animo atrevido
As soberbas palavras de Numano;
E logo foi d'alli remunerado
Com louvores de Apollo, e celebrado.

Assi vós, Rei, que fostes segurança
De nossa liberdade, e que nos daes
De grandes bens certissima esperança;
Nos costumes, e aspecto que mostraes,
Concebemos segura confiança
Que Deos, a quem servis e veneraes,

Vos fará vingador dos seus revéis,
E os premios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
São d'estes vossos reinos com verdade,
Recebei com benigna e real mão,
Pois he devida a reis a benignidade.
Tenham (se não merecem galardão)
Favor sequer da regia magestade:
Assi tenhaes de quem já tendes tanto,
Com o nome e reliquia, favor santo.

IV

Petição feita ao Regedor, de huma nobre moça, presa no Limoeiro da cidade de Lisboa, por se dizer, que fizera adulterio a seu marido, que era da India

'Sprito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere e accrescente,
Regendo o fiel reino descansado,
Com vida felicissima, e contente:
A vós, em quem o humil necessitado,
Acha sempre favor e amor ardente,
Peço queiraes ouvir, que na verdade,
Zelo, e amor de Deus me persuade.

Não vos seja pesado o atrever-me
A querer emprender sujeito alheio,
Porque fizeram lagrimas mover-me
Vir ante vós ousado e sem receio.
E se por tal quizerdes conhecer-me,
Servindo-vos de mim, por algum meio,
O nome, o braço, a Musa, e quanto posso,
Ha já muito, Senhor, que tudo he vosso.

Quem vos isto offerece dirá quanto
Desejo muito ha já ser-vos acceito,
Porque com vosso zelo, o favor santo,
Faça meu rude verso algum proveito:
Que cobrindo-me vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito,
Sei que posso ganhar, o que não tenho,
Pois me não faltam forças, nem engenho.

Porém isto, Senhor, deixando á parte,
Que razão he devida, a que me guia,
A vós venho com força, engenho e arte,
Por influxo do céo, que a vós me envia:
A vós, a quem têm dado Apollo e Marte
De seus thesouros parte e melhoria,
Venho cantar com voz rouca e chorosa,
Por huma encarcerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
Do vosso nome pondo meu sentido,
Que quem em vós confia, tudo alcança,
Sendo cousa, de que Deos he servido;
E pois elle vos deu justa balança,
Para pesar justiça, e dar ouvido,
Ouvi a petição da miseravel,
Com quem Fortuna foi tão pouco affavel.

Ouvi da pobre Dona Catharina
O grande desamparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou permitte seu duro e cruel fado;
Que se na tenra idade foi mofina,
Sua vida entregando ao vão cuidado,
Haja n'isso castigo com brandura,
Porque o medo a fará viver segura.

Haja, Senhor, cuidar, que he moça pobre,
Que pobreza não têm nenhum respeito,

E mais não tendo idade, que lhe sobre,
Para saber fugir do que he mal feito:
Haja tambem cuidar, que he sangue nobre,
E ao jugo da igreja inda sugeito,
E que póde nascer de tal processo
Hum grande e cruelissimo successo.

Certo que com razão urgente e clara
Têm alguma razão a infelice,
Que se ninguem recolhe, nem ampara
A triste orfã na flôr da meninice,
A Fortuna cruel, em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice,
Lhe entrega a honra, e pura castidade
Nas mãos de huma vital necessidade.

Bem sei, que de ter culpa não carece,
Só por não ser do sangue seu lembrada,
Mas dê-se-lhe o castigo que merece,
E não para tão longe desterrada:
Que se para lá fôr, bem se conhece,
Quão vilmente será vituperada,
Dando motivo ao rude marinheiro,
Que seja incontinenti carniceiro.

Vêde, Senhor, o risco, a que se obriga
A desditosa e fragil mocidade,
Se honra não vae buscar, ou parte amiga,
Que lhe defenda sua honestidade.
Não queiraes não, Senhor, que o mundo diga:
Ah, que grande rigor e crueldade!
Como já vae dizendo e murmurando,
Sua grande ignorancia desculpando.

Eu certo não duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheiro, o Capitão,
Usem do costumado vicio roto
Com todas, as que em seus poderes vão:

Dae-me vós, Senhor, hum, que estê remoto
De tal delicia, n'esta occasião;
E eu direi ser falso o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.

Já não ha hi João posto em deserto,
Que seja ao céo, por casto, tão acceito,
Nem ha quem não commetta desconcerto,
N'essa torpeza bruta, e vil sujeito:
Já não ha hi Hieronymo tão certo,
Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
Da carne 'stimulado, assi lhe diga:
Não te chegues a mim, carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,
Que, vendo-a sem amparo e sem abrigo,
Em tempo, que os mais ricos e esforçados,
Temendo a Deos, fugiam seu castigo:
Huns para seus jardins determinados,
Outros por onde o céo lhes fosse amigo,
A deixaram tão só n'esta cidade,
Batalhando co'a vil necessidade.

Pois, quem houvera ahi que não cahira,
Vendo-se em tal estremo, em tal miseria,
Qual Arthemisa aqui não consentira,
Qual romana Sofronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fôra que isto vira,
Que não rendera o jugo á vil materia?
Qual thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulisses se negara?

Qual fôra, a que se vira em tão nefasta
Batalha, turbulenta e espantosa,
Exercitando a morte rija e mesta,
Seu duro officio, brava e rigorosa.
Que Nympha houvera ahi, que deosa Vesta,
Em virginal estado poderosa,

Que não rendêra a tudo o casto nome,
Por não morrer nas mãos da dura fome?

Ah, valeroso 'sprito, caso he isto
Para se dar perdão á fraca ovelha,
Não seja o perdão seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar-nos aconselha:
Assi nos altos céos sejaes bemquisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, Senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pobres pae e amigo claro.

Por isso olhae, Senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque não se cortando, abre-se porta,
Do lascivo desejo ao nauta rudo.
E se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leis do claro estudo,
Será grandeza vossa mui subida,
D'essa real prosapia produzida.

Olhae que têm, Senhor, huma menina
Do ausente consorte, e filha sua,
Muito desamparada e pequenina,
Fóra do natural, despida e nua.
Sêde vós, Senhor, agua da Piscina,
A vosso zelo tudo se attribua,
Que, movendo-vos elle, não duvido
Que tudo a ella seja concedido.

V

Despois que a clara Aurora a noite escura
Com novo resplandor foi desfazendo,
E Phebo por os montes e espessura
Os seus dourados raios estendendo;
Se buscava nos valles a verdura
O manso gado a luz serena vendo,
Quanto a férvida sésta já abrazava,
Todo animal da calma repousava.

Já por fugir do sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vão buscando;
Os tenros cabritinhos juntamente
Apoz as mansas mães hiam saltando;
Tangendo as suas frautas docemente
Os pastores, estavam enganando
A grã chamma solar qu'então ardia;
Só liso o ardor d'ella não sentia.

Tristes lembranças tanto o traspassavam,
Que a dura sésta n'elles só passava;
O tempo qu'em prazer outros gastavam,
Em celebrar seu mal elle o gastava!
As festas que com jogos celebravam,
Elle com suspirar as celebrava:
Nada buscava mais, mais não queria
Que o repouso do fogo em qu'elle ardia.

Os repetidos jogos dos pastores,
As lutas entre a rama repetidas,
Em nada lhe divertem suas dores;
Mas antes n'alegria as vê crescidas.
Como o repouso roubam os amores
A's almas que para elles são nascidas,

Elle, todo o repouso qu'esperava,
Consistia na Nympha que buscava.

Com o chôro, que já corria em fio
Por o pallido rosto, augmenta as fontes,
Que levam agua estranha ao claro rio
Que os valles vae regando entre altos montes.
Com suspiros a quem o ecco pio
Responde de apartados horizontes,
Os ventos parecia qu'enfreava,
Os montes parecia que abalava.

Que ás queixas de seus doces pensamentos
Se movessem os montes mais eonstantes,
Se parassem os mais veloces ventos,
Qu'estavam, que corriam circumstantes,
Bem se devia á dôr de seus tormentos,
E inda que fosse em peitos de diamantes;
Que hum peito de diamante abrandaria
O triste som das mágoas que dizia.

Porém elle a dizia a outro peito,
Mais, que diamante, inexpugnavel, duro:
A fé lh'encarecia, a que sujeito
O tinha em pena eterna o amor puro;
Mostrava-lhe este n'alma mais perfeito,
Quanto mais offendido, mais seguro:
A Nympha mais segura tudo ouvia,
Mas nada o duro peito commovia.

As lástimas aqui tanto crescêram,
Que s'em montes de Hircania s'escuitaram,
Tigres nos seios seus mover puderam,
E as pedras nos seus comes abrandaram.
Mas se no peito as tristes vozes deram
D'aquella fera humana que buscaram,
Elle d'as admittir se retirava;
Que na vontade de outro pôsto estava.

Desenganado já da triste sorte,
De que mal fino amor se desengana,
Com a desperança só de sua morte
Aquellas penas últimas engana.
Deixando na espessura o claro Norte,
Para elle de outra luz mais soberana,
A hum valle aberto então sahir procura,
Cansado já de andar por a espessura.

Deixando as suas cabras que pascessem
N'aquelle verde prado as frescas flores;
Porque os Satyros leves o soubessem,
E os sylvestres Faunos amadores;
Tambem porque os pastores o entendessem,
Todo o processo e fim de seu amores
Escreveu (sem em nada haver mudança)
No tronco d'huma faia por lembrança.

Por lembrança no tronco d'uma faia,
Que vae sahindo ao céo de puro altiva
Na verde, prateada e aurea praia,
Por onde o claro Tejo se deriva;
Porque tambem ao céo sua dôr saia
Sôbre aquella corrente fugitiva,
Escrita no papel da natureza;
Escreve estas palavras de tristeza:

Natercia, Nympha bella, por quem vivo
Em tal tormento, tempo algum me olhou;
Mas des qu'em mi sentiu qu'era captivo
D'aquelle brando olhar que m'enganou,
O amor tornava em desamor esquivo;
E d'hum tormento tal a outro passou,
Em cousas tão sujeitas a mudança
Nunca ponha ninguem sua esperança.

Para dar proveitosos desenganos
Dos enganos que são de Amor effeitos,

E dos dous sexos publicar, humanos,
A origem das mudanças de seus peitos;
Estas letras aqui por longos annos
Digam a corações a amar sujeitos
Em peito varonil, que de ventura,
Em peito femenil, que de natura...

Faltou-lhe aqui o alento, e já cansado
Cahio ao pé da faia em qu'escrevia,
Não podendo seguir o começado,
Porque a alma já do corpo lhe sahia.
Tres vezes, com accento mal formado,
Para exemplo futuro repetia:
Amantes, entendei que a mór belleza
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

VI

Cá n'esta Babylonia adonde mana
Hypocrisia, engano e falsidade;
Cá d'onde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive da vontade;
Cá d'onde enrouqueceu da Lusitana
Musa o furor heroico e suavidade;
Cá d'onde se produz por cega via
Materia a quanto mal o mundo cria;

Cá d'onde o puro Amor não tem valia,
Porque Baccho o tem hoje desterrado;
Cá d'onde a frecha d'ouro não feria,
Senão cabello preto e alfenado;
Cá d'onde a loura trança não se via,
Nem o rosto de sangue matizado;

Cá d'onde nada val a gloria humana,
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

Cá d'onde o mal se affina, o bem se dana,
Se algum a terra em si quer produzir;
Cá d'onde a falsa gente mahometana
A gloria toda funda em adquirir;
Cá d'onde multiplica a mão tyranna,
Professa em mais crescer, matar, mentir;
Cá d'onde o fazer bem he vilania,
E póde mais que a honra a tyrannia;

Cá d'onde a errada e cega Monarchia
De fabulosas leis está vivendo,
E á fôrça d'hum amor engrandecia
O nefando Alcorão em qu'está crendo;
Cá d'onde nada val a Poesia,
E s'está da lei d'ella escarnecendo;
Cá d'onde a fidalguia mahometana
Cuida q'hum nome vão a Deos engana.

Cá n'esta Babylonia, onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeu;
E do grão Sebastião toda a grandeza
Irreparavelmente se abateu;
Cá d'onde algum mentir não he baixeza,
E os meritos esmola (assi cresceu
Da cobiça mortal a semrazão)
Co'o esfôrço e saber, pedindo vão.

A's portas da cobiça e da vileza
Estes netos de Agar estão sentados
Em bancos de torpissima riqueza,
Todos de tyrannia marchetados.
He de feio Alcorão summa a largueza
Que tem para que sejam perdoados
De quantos erros commettendo estão
Cá n'este escuro cáos de confusão.

Cumprindo o curso estou da natureza,
Illustre Dama, n'este labyrintho ;
Mas quem usa commigo mais crueza,
He tua condição, que n'alma sinto.
Acabe-se algum dia tal tristeza,
E este sentido mal qu'em versos pinto :
E pois n'alma he sentido e coração,
Vê se m'esquecerei de ti, Sião.

VII

Senhora s'encobrir por alguma arte
Pudera esta occasião do meu tormento,
Não creias que chegara a declarar te
Este meu perigoso pensamento,
Mas por mais que te offenda não sou parte
No crime de tamanho atrevimento ;
Elle he d'amor ; e d'elle fui forçado
A que te declarasse o meu cuidado.

Se merece castigo a confiança
Com que descubro agora o que padeço,
Aqui prompto me tens , toma a vingança
Que por tão grave culpa te mereço.
Bem me pódes negar toda esperança,
Mas eu não desistir d'este comêço ;
Porque tempo e Fortuna não são parte
Para deixar hum'hora só de amar-te.

Já que vêr-te os meus olhos alcançaram,
Descansem n'este bem com alegria,
Pois ja com vêr os teus tanto ganharam,
Quanto, estando sem vêl-os, se perdia.
Que glória querem mais, se a vêr chegaram
Aquella pura luz que vence ao dia ?

Qual mór bem ha no mundo que querer-te,
Se não ha mais que vêr despois de vêr-te?

Minhas dôres mortaes, bella Senhora,
Tiraram a virtude ao soffrimento;
E fazendo-se mais em qualquer hora,
Levando vão traz ti meu pensamento:
Porém soberbos vejo desde agora,
Por a causa gentil de seu tormento,
Minha alma, meu desejo, meu sentido,
Porque á tua belleza se hão rendido.

A par de tua rara formosura
Se desconhece o mór merecimento;
A tua claridade torna escura
Do sol a clara luz em hum momento.
Se Zeuxis ao formar bella figura,
A vista em ti pudera pôr attento,
Mais alto original houvera achado
Para admirar o mundo co'o traslado.

Aquelles que escrevêram mil louvores
De formosura, graça e gentileza,
Todos foram, Senhora, huns borradores
De tua perfeitissíma belleza.
Agora se vê claro em teus primores
Qu'em ti s'esmerou mais a natureza;
E qu'eram os seus cantos prophecias
Do que havias de ser em nossos dias.

Vê, pois, se vinha a ser culpavel falta
Em mi o não render-te amante a vida,
E se deixar d'amar glória tão alta
Era digno de pena mais crescida.
Emfim, eu te amarei; que Amor m'exalta
Co'o castigo de culpa assi atrevida:
E quando d'ella caia, maior gloria
Terá o Tejo, que o Pó, com sua historia.

VIII

A Santa Ursula

D'huma formosa Virgem desposada,
Que d'outras onze mil, tambem formosas,
Entrou no claro Olympo acompanhada,
Com corôas de lyrios e de rosas;
De Christo, esposo seu tão namorada,
Que d'elle as quiz fazer todas esposas;
Amor, vida e martyrio cantar quero,
Fiado no favor que d'ella espero.

Alcança, Ursula bella, (que diante
De tão bello esquadrão foste por guia)
De teu suave Amor, que de ti canto,
O seu amor que no teu peito ardia.
Meu verso para ti mais se levante,
O' Christifera, ó heroica companhia;
Tanto se mostre aqui mais soberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.

E vós, unica mãe e Virgem pura,
Pois sois das que tal ordem escolheram,
Que fostes, sois, sereis guarda segura
Da pureza que a Deos offereceram;
N'este canto me dae melhor ventura
Do que atégora as Musas vãs me deram:
Vossas servas serão de mi servidas,
Cantadas suas mortes, suas vidas.

Serenissima Infante, produzida
Do grão tronco real, sublime planta;
No titulo, nas obras e na vida,
Retrato natural de Ursula Santa,

D'esta Virgem, tambem de reis nascida,
Ouvi com ledo rosto o que se canta;
Dae o sentido hum pouco a tal sogeito:
Não lhe tire seu preço o meu defeito.

No tempo que Ciriáco se sentava
Na Cadeira de Pedro pescador,
De que com sã doutrina apascentava
As Ovelhas de Christo, Bom Pastor;
Teve Bretanha hum Rei, que professava
A Lei que deu no mundo o Redemptor,
Justa e temente ao céo, pio e devoto,
Chamado Mauro d'huns, e d'outros Noto.

De virtudes um novo exemplo e raro,
Em idade e belleza florecia
Ursula por quem Noto era mais claro,
Que por todo o poder que possuia;
Com quem em nada o céo quiz ser avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honesta e docta a maravilha,
De tão ditoso pae ditosa filha.

Aquella que por o ár com ligeireza
As pennas de mil azas abre e cerra,
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pés corre por terra;
Aquella, que de sua natureza
Não cuida em quanto diz se acerta ou erra,
E d'huma em outra bocca se derrama:
Aquella, emfim, a quem chamamos Fama;

Hia por todo o mundo divulgando
Extremos d'esta virgem soberana,
Aquella formosura celebrando
Com que Amor cego a tanta vista engana:
Mais hia d'alma sua publicando,
Porqu'era mais divina do que humana:

Já d'uma, e d'outra já dizia tanto,
Qu'em huns criava amor, n'outros espanto.

Ouvidos seus louvores, muitas vezes
Desejou d'esta virgem fazer nora
Hum Rei que o sceptro tinha dos Inglezes,
Idolatras então, cegos agora.
Ó povo cego e leve! as torpes fezes
Aparta do ouro puro e lança fóra,
Torna-te ao teu pastor, perdido gado!
Olha que vás sem elle mal guiado.

Hum filho d'este Rei (de quem dizia
Que ser de Ursula sogro desejava)
Movido do rumor que d'ella ouvia,
Já dentro no seu peito a namorava.
Alli seu amor, d'elle, lhe offerecia;
Alli por o amor d'ella suspirava.
Suspira elle por ella; ella suspira
Tambem por outro amor que nunca víra

Mandou o rei inglez embaixadores
Com pompa regia e lustre sumptuoso,
(Do grande reino seus grandes senhores)
A Noto, rei não tanto poderoso.
Pediu-lhe a bella filha (qu'em amores
Ardia toda do celeste Esposo)
Para esposa do filho, que sabía
Que já d'amores d'ella todo ardia.

O rei bretão se achava descontente
Com a nova embaixada de Inglaterra:
Receia que se n'ella não consente,
O gentio lhe mova cruel guerra:
Porque sendo mais rico e mais potente,
Assi no largo mar, como na terra,
Quando desprezos visse de seu sôgro,
Podia pôr Bretanha a ferro e fogo.

Sôbre este não errado pensamento
Do medo de perder seu senhorio,
Novo discurso tinha e novo intento,
Com que se achava mais medroso e frio.
Extranhava o fazer ajuntamento
Da catholica filha co'hum gentio;
Pois nem a lei de Christo o permittia,
Nem Ursula fiel o admittiria.

Estando o pae em tal angústia pôsto,
Divinamente a filha já inspirada,
Lhe assegurava com sereno rosto
Que consentir podia na embaixada;
Dizendo que se o Inglez levava gôsto
D'ella com seu herdeiro ser casada,
Primeiro lhe mandasse dez donzellas,
Do reino as mais illustres, as mais bellas.

Que mil daria a cada virgem d'estas,
E que a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro sangue, e em vista honestas.
(Dest'arte a conta de onze mil fazia)
Que por tres annos dilação nas festas,
Além do já pedido, lhe pedia;
E náos e mantimentos, porque todas
Fossem com ella a Roma antes das bodas.

Alli sua pureza e virgindade
Queria com solemne e sacro voto
Consagrar á divina Potestade,
Que o céo e a terra fez do proprio moto.
E que deixasse a vã gentilidade
Seu filho, para genro ser de Noto,
Para que n'este espaço doutrinado
Fosse na fé de Christo, e baptisado

Com estas condições Ursula disse
Ao caro pae, que, a ser d'ellas contente,

Podia responder ; e despedisse
A proposta d'aquelle rei potente :
Ou porque ouvindo-as elle desistisse,
Podendo-se acceitar difficilmente ;
Ou porque, quando as virgens concedesse,
Comsigo a seu senhor onze mil désse. .

Oh divino saber, quão soberano
Conselho he sempre o teu ! quão remontado !
Oh quanto o mór saber te cede humano,
Por mais que de razões vá mais ornado !
Já dos idolos deixa o cego engano
O principe, da virgem namorado ;
Já terno pede ao pae quanto ella pede ;
Já o pae quanto lhe roga lhe concede.

Já para ti, ó virgem bella e branda,
Com uma singular velocidade,
Juntar se via d'uma e d'outra banda
De feminil nobreza tenra idade.
As náos apparelhar o rei já manda ;
Já n'ellas se recolhe a virgindade ;
Já dão para Bretanha ao vento vellas.
O coração do noivo vae com ellas.

Já vem a tomar porto onde esperava
Ursula alvoroçada em grã maneira ;
Que para as receber alli se achava,
Como senhora não, mas companheira.
Quão falsa era a Lei d'ellas lhe mostrava,
A de Christo quão pura e verdadeira.
Já se baptisa huma e outra dama ;
Damas Ursula já do céo lhes chama.

A Fama, que não sabe repousar,
Voôu de reino em reino, d'ilha em ilha ;
A gente que concorre nao têm par,
Por ver a nunca vista maravilha.

Outros vem por servir e acompanhar
A Virgem de rei nora, de rei filha.
Movem-se muitos bispos de Bretanha;
Pantalo em vida e morte os acompanha.

Por ti, deixando o reino, co'a familia
E quatro filhas suas, s'embarcou,
Juliana, Victoria, Aurea, Babilia;
(Hum filho tinha mais que mais levou)
Gerasina, rainha da Sicilia,
E com devido amor te acompanhou;
Qu'he justo que comtigo vão rainhas,
Quando tu para o rei dos reis caminhas.

Já se partem as bellas peregrinas,
As mãos ao claro empyreo levantadas;
Já rompem, já, por ondas crystallinas
As náos de formosura carregadas.
Quando, dizei, ó aguas neptuminas,
Fostes de tal belleza navegadas?
Nunca, despois que a terra descobristes,
A tal frota por vós caminho abristes.

Com vento sempre igual, com mar bonança,
Sem perigos alguns, sem algum pejo,
Ceyla foram tomar, porto de França,
Onde pouca demora fazer vejo.
O coração da Virgem não descança,
Saudosa do fim de seu desejo;
Manda que levem ferro, soltem linho
Que leve por o mar o negro pinho.

O vento nova posse vae tomando
Das virgens que lhes são encommendadas:
Com tal prosperidade vão voando,
Que já deixam atraz ondas salgadas:
Já nas doces do Rheno estão entrando,
Onde têm suas vidas limitadas:

Huma cidade vem á mingua da agua,
Que de vel-as morrer não teve magua.

Ah Colonia cruel, que não t'encobres
A tão formosos olhos, que seguros
As altas torres viam que descobres,
Lustrosos edificios, fortes muros!
Permitte o largo Céo que fama cobres
De ser tão dura mãe de peitos duros?
Duros peitos, que a tantos, limpos de êrro
Viram abrir sem dôr com impio ferro?

Estando n'este porto a bella Armada
Tomando o necessario mantimento,
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceira vez o treu ao vento;
Sendo parte da noite já passada,
A Virgem lá no seu retrahimento,
Quando estava dormindo toda a frota,
A Christo orou assi, branda e devota:

Amor, divino Amor, Amor suave,
Amor, que amando vou toda rendida;
Com quem não ha na vida pena grave,
Sem quem gloria real não ha na vida;
Amor, que do meu peito tens a chave,
Amor, de cujo amor ando ferida,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não desejo?

Amor, que d'amor cheio e de brandura,
D'amor enches est'alma saudosa;
Amor, sem cujo amor e formosura,
Não póde nunca haver cousa formosa;
Amor, com cujo amor anda segura
Huma vida tão fraca e duvidosa,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que por amor te dispuzeste
A restaurar o mundo errado e triste;
Amor, que por amor do céo desceste;
Amor, que por amor á Cruz subiste;
Amor, que por amor a vida déste;
Amor, que por amor a gloria abriste,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que mais e mais sempre te augmentas
No coração que lá comtigo trazes;
Amor, que d'amor puro te sustentas
No fogo em que tu mesmo arder me fazes;
Amor, que sem amor não te contentas,
De tudo com amor te satisfazes,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que com amor me captivaste;
(Se livre póde ser quem não captivas)
Amor, qu'em taes prisões m'asseguraste
As esperanças d'antes fugitivas:
Amor, que suspirando m'ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Quando verei hum dia em que offereça
Por ti ao cruel ferro o peito forte,
E cercada de virgens appareça
Na tua soberana e eterna côrte;
Onde lá cada uma te mereça,
Cá passando commigo a propria morte;
E todas dando o sangue juntas, todas
Celebremos comtigo eternas bodas?

Faze-me já, Senhor, esta vontade
Que tenho de te vêr, que sempre tive,

Des que me deu lugar a tenra idade,
E lume de razão n'esta alma vive.
Não queiras, meu Amor, que a saudade
Sem tal bem a mi só da vida prive;
Que se muito se alarga este destêrro,
Por ella irei a ti, não por o ferro.

Desata o meu espirito saudoso,
Do nó mortal em que se vae detendo,
Primeiro que tres vezes pressuroso
O sol os doze signos vá correndo.
Espaço he que tomei, meu doce Esposo,
Para outro esposo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de ti creio
Que acabes com a vida o meu receio.

Inda n'este fervente e justo rôgo
Ursula suspirando procedia,
Quando d'hum resplandor como de fogo
Divina voz ouviu, que assi dizia:
O' virgem, que soubeste fazer jôgo
Do que no mundo têm maior valia,
Entende que da volta que fizeres,
Aqui quero que seja o que tu queres.»

Tanto que tal resposta do céo teve,
Não quiz do que esperava perder hora:
Já lhe parece larga a noite breve,
E que já tarda muito a bella aurora.
Em descobrindo Apollo o carro leve,
Do porto de Colonia sahiu fóra.
Já Basilêa em breve tempo toma:
E a pé d'alli partiram para Roma.

O Pastor summo, Ciriáco santo,
As sahe a receber, e as acompanha
Com gôzo espiritual, com grande espanto
De ver em tal idade fé tamanha,

Dizer se póde mal, mal cuidar quanto
Se goza o real sangue de Bretanha,
Os veneraveis templos visitando
D'aquelles que tambem foi imitando.

Na propria noite d'este proprio dia
Que Roma vêr as virgens mereceu,
A quem de Pedro a Barca então regía
Revelou o que rege a terra e céo
Que martyrio tambem receberia
Onde Ursula co'as mais o recebeu:
Deixa contente o grão pontificado,
Desejoso de ser martyrisado.

Por mais que todo o clero soffre mal
Mover-se por aquellas estrangeiras,
Movido da vontade divinal
O bom pastor se vae com as cordeiras.
Hum arcebispo leva, hum cardeal:
Tres bispos deixam vagas tres cadeiras,
De Luca, Ravicana e de Ravenna:
Mauricio me ficava já na penna.

Despois de n'agua entrar, d'onde sahiram,
Com tão formoso sol tantas estrellas,
Já as ancoras debaixo acima tiram,
E de cima já abaixo soltam vellas.
Estas náos lá adiante outras náos viram,
Que fazendo se vêm na volta d'ellas;
Conheceram-se logo as duas frotas:
Ambas d'hum reino são, ambas devotas.

Alli, já rei erguido d'Inglaterra,
Vinha de Ursula bella o bello esposo,
Que reinar não queria já na terra,
Do céo já namorado e saudoso.
Do seu primeiro amor venceu a guerra
A força d'outro amor mais poderoso:

Amando já em seu Deos a esposa bella,
Para o poder achar, buscava a ella.

A mãe, já convertida, traz comsigo;
O pae, já christão feito, fallecêra,
Com que soube evitar o grão castigo
Que, morrendo gentio, não soubera.
Amor celeste, como aqui não digo
O teu sublime obrar? (Ah quem pudera!)
Por meio d'uma virgem foste meio
Com que gente copiosa a Christo veio.

Vinha mais n'esta nova companhia
Florencia, irmã do Rei, da mãe cuidado;
Florencia, qu'em belleza florecia,
Como flôr em jardim bem cultivado.
Tambem a frota bispos dous trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado:
O primeiro já em Grecia bago teve;
Do segundo o bispado não s'escreve.

Outra virgem viuva alli mais vinha,
Que desposada sendo em tenra idade,
Antes das bodas enviuvado tinha,
E promettida a Christo a castidade.
Esta do mesmo rei era sobrinha,
Filha da imperatriz da grã cidade,
Onde por culpa nossa, ou pouca dita,
Seu throno agora têm o fero Scita.

Estes, que adverte repetida historia
Deixaram só por Deos altos estados,
Com outros, de que he menos a memoria,
Foram divinamente amoestados
Que todos, para entrar juntos na glória,
Ao côro virginal fossem juntados,
Com quem na terra Martyres seriam,
E no céo para sempre reinariam.

Sería estranho o gôzo que sentiram
Aquellas bem nascidas almas santas,
Quando juntas alli todas se viram
De partes tão remotas, e de tantas.
Sem estorvos, que d'antes o impediram,
As duas, mais que todas, bellas plantas
Alli abraços se dão sem algum pejo,
Ambas conformes já n'hum só desejo.

Alli faria o rei acatamento
A quem deixou da Barca o grão governo;
E elle, conforme a seu merecimento,
Responderia com amor paterno.
Não faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos estados differentes,
Todos seriam huns em ser contentes.

O vento as brancas velas não enchia,
Corria o frio Rheno então mais quedo;
Antes para Colonia não corria,
Porque as virgens não fossem lá tão cedo.
Parece que já claro conhecia
(Oh côro virginal, sereno e ledo!)
Que lá vos esperava a impia morte.
Agora, ó Musa, conta de que sorte.

Aquelle que na fórma de serpente
Deixou aos dous primeiros enganados,
Invejoso de vêr que tanta gente
Se convertia á Lei dos baptizados;
No coração entrou manhosamente
De dous gentios principes damnados,
Da soberba romã cavaleria,
Por encurtar a Fé que s'estendia.

A Fama os assegura com certeza
Que a virgem a Colonia já voltava,

Com toda a casta juvenil belleza
Que por amor do céo peregrinava.
Fizeram avisar com grã presteza
A um parente, que Julio se chamava,
Soberbo capitão dos Hunnos feros;
Que todos para todas foram Neros.

Eis logo o cego principe gentio,
Com gente innumeravel de seu mando,
A praia a tomar vem do mesmo rio
Por onde as virgens vinham navegando.
Já descobrem aquelle, este navio
Os qu'estão do mais alto atalaiando:
Ás armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no sangue novo.

Vindo a frota a surgir junto do muro,
Onde lhe parecia estar segura,
(Oh virgens que buscaes? logar seguro
Adonde vos espera a sepultura!)
Entra com mão armada o povo duro
Por esta peregrina formosura:
Já começa a provar os aços fortes;
Eis tudo sangue já, eis tudo mortes.

Já nu todas as virgens offreciam
O delicado collo, o tenro peito:
Era para caber quantas cahiam,
Todo largo logar logar estreito.
Do puro sangue os rios que corriam,
Outro vermelho mar já tinham feito.
Tu só, Córdula, á morte t'escondestes;
Mas despois a buscaste e recebeste.

Ciriáco o primeiro, bem constante,
A vida ao ferro offerece sem espanto:
O moço rei inglez cahiu diante
D'aquelles castos olhos que amou tanto.

Espera, brando esposo, hum breve instante;
Espera a tua doce esposa, em tanto
Que outro Amor outro golpe lhe prepara;
E juntos entrareis na patria cara.

Em qual terra, ó crueis, em qual cidade,
Entre quaes gentes mais a furor dadas,
Se não usou d'amor e de piedade
Com formosas donzellas desarmadas?
Como belleza tanta e tal idade
Vos deixou arrancar vossas espadas?
Ah lobos carniceiros, tigres bravos,
Filhos da crueldade, d'ira escravos!

De quantos animaes sustenta a terra
Nunca tanta crueza foi usada;
Inda que tenham uns com outros guerra,
Nunca do macho a fema he lastimada:
Anda a cerva co'o cervo por a serra,
A novilha do touro acompanhada,
A' leoneza o leão defender preza:
Vós sós quebraes as leis da natureza?

Puderam outros olhos por ventura
De lagrimas divinas escusar-se,
Vendo, cuberta já de névoa escura,
A luz de tantos bellos apagar-se?
Vendo a purpurea rosa, a cecem pura
Em tão formosas faces descorar-se?
As tranças d'ouro vendo, espedaçadas,
Por debaixo dos pés andar pizadas?

Na fôrça d'esta furia accesa e brava
O tyranno cruel a vista ergueu
A' virgem, qu'invencivel animava
As almas que juntára para o céo.
Assi já envolta em sangue como andava,
Da sua formusura se venceu;

E com doces razões, que Amor ensina,
A vencêl-a d'amor se determina.

Fingindo se arrepende do passado,
(E de fingil-o se arrepende azinha)
Sua vida lhe offerece e seu estado,
Sem vêr qu'estado e vida a perder vinha.
O seu amor lhe pede confiado;
O seu amor que dado a seu Deos tinha:
Pede-lhe o seu amor; antes não seu,
Porque já dado o havia a quem lh'o deu.

Usa de mil lisonjas, mil enganos,
Por conseguir o seu desejo bruto:
«A flôr logra (dizia) de teus annos,
Colhe d'essa belleza o doce fruto:
Não dês materia nova a novos damnos,
Não pagues verde á morte o seu tributo:
Olha que tens em mi (não são cautellas)
Outro reino, outro esposo, outras donzellas.

Não faças mentirosa a natureza
Que dá d'amor em ti grande esperança.
Que se póde alcançar d'essa belleza,
Se já piedade d'ella não s'alcança?
Aos tigres, aos leões deixa a braveza,
E deixa aos meus soldados a vingança.
Se por vêr-me cruel queres ser crua,
Já te vingas de mi em cousa tua.

Volve esses olhos já com mais brandura;
Esses olhos, d'amor doce morada:
D'elles não faça em mi a formosura,
O qu'em tantos já fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura,
Que d'elles estar vejo pendurada,
Acabarei de vêr quão pouco tenho,
Pois d'onde a matar vim a morrer venho.

Como do rôgo meu não te aproveitas,
Quando o teu risco a me rogar te obriga?
Ou não conheces bem a quem engeitas,
Ou m'engeitas por mais que seja e diga.
Em que cuidas, Senhora? ou que suspeitas?
Mais proprio era chamar-te dura imiga.
Mas não consente amor nome tão duro
Em parecer tão brando e tão seguro.

Os raios d'esses olhos já serenos
Enxuguem d'esse rosto as puras rosas;
O triste suspirar já sôe menos
N'essas concavidades saudosas.
Não façam grande mal males pequenos;
Que não soffre esperanças vagarosas
Quem anda costumado em seus amores
A medir por seu gôsto seus favores.

Que gôsto pódes ter de maltratar-me,
Vendo-me do passado arrependido?
Attenta que mais ganhas em ganhar-me,
Do que n'este destrôço tens perdido.
Se queres insistir em desprezar,
Vêr-me-has, sobre amoroso, enfurecido.
Não me declaro mais, porque não quero
Que o medo faça o que d'amor espero.»

— Ah perfido amador! deixa o teu êrro.
Não vês quanto enganado e cego andas?
Aquella a quem não vence o duro ferro,
Como a podem vencer palavras brandas?
Manda a sua alma já d'este destêrro,
Com essas que a seu doce Esposo mandas.
Não a detenhas mais em teus amores,
Se dobrar-lhe não queres suas dores. —

Vendo o cruel, emfim, que o que dizia,
Tomava a bella virgem por affronta,

E que quanto d'amor mais se accendia,
Ella d'elle fazia menos conta ;
No concavo arco que na mão trazia,
Huma setta embebeu d'aguda ponta,
E o peito lhe passou de banda a banda.
Assi rendeu o esprito a virgem branda.

Vae-te, Esprito gentil, d'esta baixeza ;
As azas abre já, já a luz derrama ;
Vôa com desusada ligeireza
Onde o teu bem t'espera, onde te chama.
Verás baixa do mundo a mór alteza ;
Verás qu'engana mais a quem mais ama ;
E lá do teu Amor, cá suspirado,
O fructo colherás tão desejado.

Em paz te vae, ó alma pura e bella,
Mais bella inda no sangue que verteste ;
Vae-te alegre a gozar, vae já d'aquella
Formosa região, alta e celeste.
Coroada de glória immortal, n'ella
Com Christo lograrás, a quem te déste
Com tantas e tão bem nascidas almas,
(Formosura do céo) onze mil palmas.

Estancia a S. João

Quem ousará soltar seu baixo canto
Após teu alto vôo, aguia divina ?
Se tu alem do sol subiste tanto,
Que vêr outro mais claro foste dina ?
Encheste no seu raio puro e santo
Olhos de nova luz d'alta doutrina,
Teu casto e brando peito então encheste
Quando no do Senhor adormeceste.

FIM DO I.º TOMO

INDICE